ANO 38.º SÁBADO, 20 DE SETEMBRO DE 1958 N.º 12.855

Diario de Lisbôa

FUNDADOR — JOAQUIM MANSO DIRECTOR — NORBERTO LOPES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155 REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
ENDEREÇO TELEGRAFICO: DIBOA RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

Encalhou em Santa Maria o navio "Arnel"

que seguia com passageiros para Ponta Delgada

Das 158 pessoas que seguiam a bordo, morreram 10 e desapareceram 17

(Serviço especial do correspondente do «Diário de Lisboa», das agências A. N. I. e Lusitania).

PONTA DELGADA, 20 — Na madrugada de anteontem para ontem, a cidade foi despertada pela notícia de um grave sinistro marítimo, cuja verdadeira extensão não se podia ainda calcular, mas que determinou imediatas providências, tanto aqui, como noutras ilhas do Arquipelago, numa ampla mobilização de recursos de salvamento.

O navio-motor «Arnel», pequeno paquete de mil toneladas, utilizado no transporte de passageiros entre as ilhas, encalhara junto á costa de Santa Maria e tinha a bordo 158 pessoas, que precisavam de socorro.

Eram 4 horas da madrugada. O «Arnel» partira horas antes de Santa Maria e dirigia-se a Ponta Delgada, onde devia chegar de manhã. Seguindo a sua rota habitual, sulcava, portanto, águas conhecidas. Transportava 133 passageiros e 25 tripulantes. Um choque abalou o navio com tal violência que provocou um princípio de pânico. O capitão José Rodrigues Bernardo tentou serenar os ânimos. O «Arnel» colidira com os rochedos, a 300 metros da costa Norte de Santa Maria, próximo da Ponta dos Anjos. A rádio de bordo lançou um primeiro S. O. S.

Os primeiros socorros

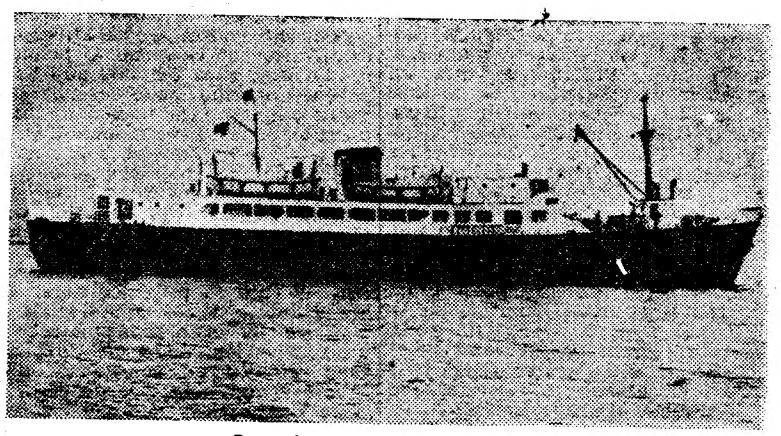
Acorreram imediatamente ao local cinco helicópteros e aviões da secção de busca e salvamento da Base das Lajes, onde os aviões entraram de prevenção. Para colaborar nas operações de salvamento dos passageiros e dos tripulantes e para tentar safar o navio saíram também do porto de Ponta Delgada, com bom tempo, o rebocador «Gazela», o salva-vidas «Almirante Castilho», as traineiras «Ilheu» e «Raquel» e o iate «Ribeira Quente». Da Horta saíram o navio-patrulha «Principe» e o rebocador «Klin». Da ilha Graciosa foi mandado seguir para o local do naufrágio o navio-vedor «Cedros», gémeo do barco sinistrado. A notícia do desastre espalhou-se rápidamente e causou a maior consternação em Santa Maria.

Quando amanheceu, o «Arnel» era batido por vagas fortes.

Voltou-se a primeira lancha com naufragos e morreram alguns

No navio tentou-se o salvamento dos passageiros nas lanchas. Arriou-se uma, que transportava cerca de trinta passageiros, na maioria mulheres e crianças. O mar açoitou-a, furiosamente, e da amurada seguiu-se a manobra com angustia. A lancha voltou-se. Entre os que tomaram lugar nela encontrava-se o padre Artur Medeiros Brandão, de 35 anos, capelão do aeroporto de Santa Maria. O padre lutou com as ondas e tentou salvar uma mulher que trazia uma criança nos braços. Era um bom nadador. Mas

(Continua na página central)



O navio-motor «Arnel»

Nota do dia

Compreender

Encerrou-se ontem um curso destinado a professores do ensino primário que funcionou na Escola de Regentes Agrícolas de Coimbra. Perguntar-se-á: que interessa ao mestre-escola o conhecimento dos assuntos agrícolas? Mais do que se pode supor. No Brasil — e noutros países —, pelo menos em centros de colonização racional e nos asilos e casas de assistência infantil e de formação profissional, o ensino agrícola elementar é ministrado a todos os alunos, seja qual for a profissão a que se destinem. Junto das escolas há terrenos divididos em canteiros onde as crianças, individualmente ou em grupos, se familiarizam com os fenómenos da terra e os problemas sociais que lhes são inerentes. Depois das aulas, lá vão tratar das suas flores e aprender — o que é tão util aos meninos da cidade — noções de agricultura elementar. Na Inglaterra, funcionam há anos, com um êxito que excedeu toda a expectativa, as «Comprehensive schools», onde os alunos, nas horas de recreio, recebem lições de coisas em contacto com a Natureza. Os bichos, as plantas, as flores, tudo quanto atrai a sua atenção ou solicita a sua curiosidade, são-lhes explicados em termos sugestivos e compreensíveis. Compreender é o primeiro passo para se poder aprender. O ensino tem de se revestir cada vez mais de um sentido prático, de modo a prender a imaginação da criança, criando-lhe o gosto dos conhecimentos, em vez de lhe produzir a saturação e o enjoo da ciência infusa. Despertando nos espíritos infantis a atracção pelos fenómenos rurais, talvez se chegue a um resultado util: fabricar menos doutores e mais técnicos agrícolas, reduzir as mangas de alpaca e aumentar as calças de serrubeco. O País só teria a lucrar com isso — e os meninos também.

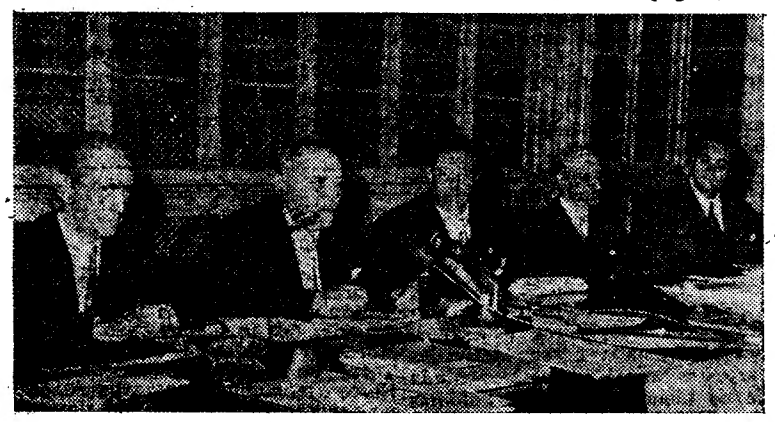
Vai efectuar-se em Lisboa

de 6 a 31 de Outubro

uma Conferência Diplomática sobre Propriedade Industrial

Efectuou-se hoje de manhã, na «Sala da Imprensa» do Secretariado Nacional da Informação, uma reunião, para ser feita uma comunicação, acerca da Conferência Diplomática de Lisboa sobre Propriedade Industrial, pelo dr. Afonso Marchueta director-geral do Comércio do Ministério da Economia e presidente da sua comissão organizadora, em conjunto com o sr. Charles Magnin, do «Bureau International pour protection de la pro-

(Continua na 11.ª página)



O dr. Afonso Marchueta, presidindo á reunião de hoje, entre o sr. Charles Magnin e os restantes componentes da comissão organizadora da conferência

A REFORMA CONSTITUCIONAL EM FRANÇA—(4)

Em que termos se propõe

o projecto de Constituição solucionar a crise do regime parlamentar?

Por ALBERTO XAVIER

Pelo que deixei esboçado nos meus artigos anteriores podem determinar-se características essenciais do regime parlamentar tais como resultam da teoria e da prática. Ei-las em síntese: — a igualdade política dos dois órgãos de representação da soberania nacional. O Governo e o Parlamento; a colaboração íntima destes dois órgãos nas funções do Estado; a ampla discussão dos actos governamentais pelo Parlamento; a responsabilidade política e solidária dos ministros perante a assembleia legislativa, que se traduz na obrigação, para o Governo, de se demitir no caso de serem desaprovados os seus actos; a faculdade, por parte do Chefe do Estado, de dissolver a Camara dos Deputados a fim de suscitar a consulta ao sufrágio popular.

Do exame atento do texto da nova Constituição que o Governo francês vai submeter, no dia 28, ao referendo do povo, pode concluir-

(Continua na página seguinte)

1.716 pérolas

numa só ostra

TÓQUIO, 20. — Dois pescadores chineses apanharam uma ostra contendo 1.716 pérolas, ao largo da costa de Kwantung, na China Continental—anuncia hoje a agência «Nova China». A ostra tinha o tamanho da palma da mão de um homem, e das pérolas que continha, 12 são do tamanho de ervilhas. — (A. N. I.).

Adenauer aprecia a proposta russa para o desarmamento

KIEL, 20. — «A não ser que o programa soviético dos nove pontos seja sincero, não é possível contar com progressos no domínio do desarmamento» — declarou o chanceler Adenauer numa entrevista. «Este primeiro passo da U. R. S. S. em presença das teses ocidentais pode ter grande importancia, mas só se houver acordo sobre a forma e a eficácia de uma fiscalização internacional aplicada a todos os armamentos» — acrescentou.

O dr. Adenauer lamentou, por outro lado, que na sua ultima nota enviada ao Governo de Bonn, a U. R. S. S. tenha «oficialmente e pela primeira vez rejeitado a responsabilidade das quatro potências quanto á reunificação da Alemanha», e prosseguiu: «O objectivo da Russia é desassociar as questões da reunificação e do tratado de paz com a Alemanha». — (F. P.).

ESTA SEMANA, DIZ O MÉDICO...

Gás de mostarda e irradiações

pelo DR. AUGUSTO D'ESAGUY

AS mostardas nitrogenadas constituíram mais uma grande esperança no tratamento dos linfomas, das leucemias e doenças afins.

Análogos ao temível gás de mostarda, os compostos nitrogenados alinharam junto do uretano e da estilbamidina.

Conhecia-se desde há muito tempo a acção tóxica destes compostos sobre os tecidos e órgãos vivos. Sofriam, em particular, o tecido linfóide do timo, os nódulos linfáticos, o baço, a medula óssea e a mucosa intestinal. De uma maneira geral, são afectados todos ou quase todos

(Continua na página seguinte)

Diario de Lisbôa
PUBLICA HOJE
32 páginas
nas quais se inclui
MAGAZINE

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

A reforma constitucional em França

(Continuação da página anterior)

-se que nela se adopta o regime parlamentar. Com efeito, o Presidente da Republica, pelo seu modo de eleição e pelo acréscimo de poderes próprios, positivos, que lhe são conferidos, é investido de uma autoridade igual á do Parlamento.

Atribuia-se á carência dessa autoridade política e de poderes efectivos a dificuldade do regular funcionamento do regime parlamentar em França. Pretendia-se que, na vigência das Constituições de 1875 e de 1946, o Presidente da Republica, eleito sómente pelos membros do Senado e da Camara dos Deputados, em sessão conjunta, ficava em situação de inferioridade em face do Parlamento eleito por sufrágio universal. Por outro lado, observava-se que os poderes atribuídos ao Presidente da Republica por aquelas Constituições eram aparentes porque, sendo ele politicamente irresponsável, tais poderes eram de facto exercidos pelos ministros. Desta sorte, o papel do Chefe do Estado parecia limitado á presidência das solenidades nacionais.

Na vigência da 3.ª Republica, alguns presidentes, não se conformando com semelhante papel, pediram a demissão antes de expirar o período legal das funções. Um deles, Casimir Périer, quando renunciou ao mandato, em 15 de Janeiro de 1895, escreveu: «Não me resigno a comparar o peso das responsabilidades morais que recaem sobre mim e a impotência á qual sou condenado».

Na nova reforma constitucional organiza-se um sistema quanto possível equilibrado e robusto. O Presidente da Republica será, de futuro, eleito não apenas pelos deputados e senadores, mas ainda pelos representantes dos Conselhos Gerais, das assembleias territoriais do ultramar, das Camaras Municipais. E' o Presidente que nomeia o primeiro-ministro sem quaisquer prévias formalidades. Sob proposta deste, o Presidente nomeia os outros membros do Governo e põe termo ás suas funções. O Presidente, em regra, não demite o primeiro-ministro. Aceita o pedido de demissão dele quando a Assembleia Nacional vota uma moção de censura.

O Presidente preside o Conselho de Ministros. Desta situação resulta a consequência lógica de mudança de tratamento do Chefe do Governo. Já não se chama Presidente do Conselho, mas sim Primeiro-Ministro. A presidência do Conselho de Ministros é uma prerrogativa do Chefe do Estado tão normal e tão exclusiva que só em caso excepcional ela pode ser assumida pelo primeiro-ministro, em virtude de delegação expressa e com uma ordem do dia determinada.

As forças armadas têm por chefe o Presidente da Republica, que nesta qualidade preside os Conselhos superiores de defesa nacional. Muitas nomeações para altos cargos civis e militares só podem ser feitas em Conselho de Ministros. O Presidente assina os regulamentos e os decretos deliberados em Conselho. Os actos do Presidente são referendados pelo primeiro-ministro ou pelos ministros responsáveis, com excepção, por exemplo, dos seguintes: — a nomeação do primeiro-ministro, os actos pelos quais o Presidente submete ao referendo do povo certos projectos de lei, dissolve a Assembleia Nacional, assume os poderes excepcionais previstos na Constituição nalgumas hipóteses graves, comunica com as duas assembleias parlamentares por meio de mensagens que não podem ser objecto de debate.

O Governo determina e conduz a política da Nação. Dispõe da administração e da força armada. E' responsável diante do Parlamento. O primeiro-ministro dirige a acção do Governo. Tem a responsabilidade da defesa nacional e assegura a execução das leis. Exerce o poder regulamentar. Nomeia os funcionários civis e militares. Pode delegar certos dos seus poderes aos ministros. Os actos do primeiro-ministro são referendados pelos ministros encarregados da sua execução.

Os ministros têm ingresso nas assembleias parlamentares com direito a usarem da palavra quando o pedirem. Podem ser assistidos de comissários do Governo. O primeiro-ministro, após ter sido autorizado em Conselho, pode suscitar perante a Assembleia Nacional a responsabilidade governamental sobre o seu programa ou sobre uma declaração de política geral. A Assembleia põe em causa a responsabilidade pelo voto de uma moção de censura, que não terá andamento se não for assinada pelo menos por um décimo dos membros dela. O voto só pode ter lugar 48 horas depois de ser apresentada a moção e por maioria absoluta.

A responsabilidade do Governo pode também ser suscitada sobre o voto de um texto. Neste caso, o texto considera-se adoptado, salvo se uma moção de censura, formulada nas 24 horas seguintes, for votada segundo o processo e os tramites estatuídos para a censura sobre política geral.

Quando a Assembleia Nacional vota uma moção de censura ou desaprova o programa ou uma declaração de política geral do Governo, o primeiro-ministro deve pedir a demissão ao Presidente da Republica.

Os partidos e grupos políticos podem exercer livremente as suas actividades, devendo respeitar os princípios de soberania nacional e de democracia. Reconhece-se assim na Constituição que não há liberdade política sem partidos, e ela consiste na participação de todos os cidadãos na vida governativa.

*

Tais são, de modo geral e sucinto, alguns principais preceitos da vasta organização dos poderes publicos e das atribuições dos seus titulares estabelecida na nova Constituição francesa. Já agora, não se poderá dizer que o Presidente da Republica é uma figura decorativa, com funções limitadas na prática, á presidência das solenidades nacionais. A sua autoridade política é igual á do Parlamento. Os seus poderes são extensos e efectivos. Alguns deles podem ser exercidos autónomamente, sem que os respectivos actos careçam de ser referendados pelo primeiro-ministro. O Parlamento tem a ampla faculdade de fiscalizar e discutir os actos governamentais. A responsabilidade política é solidária é efectivada pelo voto de uma moção de censura que obrigará o primeiro-ministro a demitir-se. Diversos outros preceitos asseguram os meios de acção recíproca dos dois órgãos, o Governo e o Parlamento, um sobre o outro. O direito que o Presidente tem de se comunicar com as assembleias parlamentares por meio de mensagens é um desses meios de acção.

Se o Parlamento tem a faculdade de discutir a política governamental e de provocar a demissão do ministério, por seu turno o Presidente da Republica pode dissolver, sem embaraços, a Assembleia Nacional, para tentar restabelecer o equilíbrio político por uma consulta eleitoral ao país. As Constituições de 1875 e de 1946 instituiam o direito de dissolução da Camara dos Deputados. Mas o uso deste direito dependia de condições, o que dificultava o seu exercício efectivo.

Muitos Franceses viam no direito de dissolução uma sobrevivência do despotismo real. Pelo contrário, esse direito é a condição indispensável do regime parlamentar, a garantia mais eficaz do corpo eleitoral contra os excessos de poder e contra as tendências tiranicas do Parlamento.

Um eminente político francês, Waldeck-Rousseau, insuspeito pelas suas doutrinas radicais, que, em vida, gozou de muito respeito e foi um notável presidente do conselho, pronunciou, em 9 de Julho de 1896, um discurso que continha o seguinte passo: — «*A faculdade de dissolução* — dizia ele — *inscrita na Constituição, não é para o sufrágio universal uma ameaça, mas uma salvaguarda. Tal faculdade é o contrapeso essencial aos excessos do parlamentarismo, e é por ela que se afirma o carácter democrático das instituições*».

Em resumo: a nova Constituição francesa, nos capítulos sobre a organização dos poderes publicos, estabelece uma série de preceitos essenciais, próprios do regime parlamentar. Vê-se que o pensamento dos seus autores é tornar este sistema capaz de funcionar com regularidade e eficácia. Regulando, por outro lado, o processo das moções de censura e seus tramites, os mesmos autores procuram dificultar as crises ministeriais e conseguir a estabilidade na governação.

Com o presente artigo, o quarto da série, dou por findas as considerações que achei oportuno fazer a propósito e sobre a nova Constituição francesa, sómente na parte em que são organizados os poderes publicos, com o intuito de determinar o sistema de Governo nela estabelecido.

ESCOLA DE ENFERMAGEM
DO HOSPITAL DE S.TA MARIA

UMA ESCOLA MODERNA NO MAIS MODERNO HOSPITAL DE PORTUGAL

Matrículas abertas até 30 de Setembro

Avenida 28 de Maio - Lote 3 - Telefone 77 40 22

Criança afogada

numa barragem

PENHAS DOURADAS, 20.—(Pelo telefone). — Vieram hoje ás Penhas Douradas, passar o dia, acompanhados de dois filhos, o sr. Manuel Massano e a esposa. A certa altura, foram visitar a barragem do Vale do Roussim, onde o filho mais velho, de nome Fernando, com 14 anos, caiu á água e morreu afogado. O corpo ainda não apareceu.

Diz o médico...

(Continuação da página anterior)

os elementos do sistema hematopoiético.

Provou-se, mais tarde, no decorrer de sucessivas investigações, que doses maciças provocavam a aplasia da medula óssea.

Os efeitos, em muitos aspectos, são idênticos aos dos Raios X.

E a verificação deste facto motivou o seu emprego no tratamento de determinados processos neoplásicos, muito em particular os do sistema linfóide.

Nos anos de 1942-43, em New Haven, foram tratados vários doentes, portadores de neoplasias, por meio de injecções intravenosas desse produto. No primeiro ano das investigações, passada a fase experimental, foi tratado um doente com um linfossarcoma radioresistente (Yale).

Dez doses diárias consecutivas ocasionaram uma rápida regressão e um apagamento dos principais sintomas. Mas, passado um mês, o doente piorou, reactivando-se as massas tumorais dispersas. A actuação do novo medicamento sobre a medula óssea, neste caso particular, foi deveras grave. A história da ciência soma muitos casos iguais a este.

Esta primeira experiência, apesar do resultado obtido, não desencorajou, antes estimulou novos e repetidos ensaios clínicos, em especial nos casos averiguados de linfomas e de leucemias.

Pouco tempo decorrido sobre os casos relatados por Gilman e colaboradores, fizeram-se outras experiências em Chicago. Os investigadores daquela cidade norte-americana, conhecido centro de estudos cancerológicos, foram os primeiros a empregar mostardas nitrogenadas no decorrer do tratamento de ataque da doença de Hodgkin. Seguiram-se, mais tarde, noutras cidades da América do Norte, novos ensaios, e chegou-se á conclusão, na presença dos dados colhidos, que os últimos compostos químicos teriam de contribuir não só para o alívio daquela doença e resolução, mas também das massas tumorais e dos infiltrados pulmonares. Desta vez os doentes escolhidos foram seleccionados entre os refractários aos Raios X. Estava-se, pois, diante de um novo e importante instrumento paleativo, possívelmente indicado no tratamento da doença de Hodgkin e de outros processos, entre eles a leucemia.

Mais tarde, em 1946, os derivados do gás de mostarda passaram a ser utilizados no tratamento de rotina destas doenças, quando os Raios X se mostravam ineficazes ou, ainda, quando o médico assistente hesitava na repetição daquela terapêutica agressiva e contundente.

Lutou-se a princípio com os efeitos tóxicos locais e gerais. A dor local, tumefacção, endurecimento e rubor, pequeno trombo no sítio da injecção, não impediram o emprego e uso da droga. As náuseas, as ânsias e os vómitos acalmam gradualmente, desaparecendo no dia imediato. Estão descritos e bibliográficamente arquivados casos de púrpura, provocada por injecções repetidas de mostarda nitrogenada.

Os efeitos sobre o sistema hematopoiético são apreciáveis, em especial quanto ao número de glóbulos brancos. Em alguns doentes — verificou-se em mais de um caso — a queda da hemoglobina é muito rápida, sucedendo o mesmo ás plaquetas sanguíneas. Devido a este e a outros inconvenientes, exige-se aos doentes em tratamento uma fórmula leucocitária completa, diária, e a determinação da hemoglobina durante o ataque e nas semanas imediatas.

Os processos leucémicos e linfomatosos, caprichosos na sua evolução, não permitiram, de início, o traçado de um esquema seguro de ataque e consolidação.

Parece que o tratamento de certas doenças neoplásicas pela mostarda nitrogenada e seus derivados (compostos afins) se justifica ainda hoje no bloqueamento dos linfomas e de certas leucemias.

Os casos publicados, relativos ao tratamento da doença de Hodgkin (Thomas Hodgkin, 1797-1866), do linfossarcoma (pouco generalizado e menos agressivo), da leucemia linfática, da leucemia mielogena e da micose fungóide, de 1942 a 1957, não permitem admitir a possibilidade de cura das enfermidades neoplásicas ou de qualquer forma de linfoma ou de leucemia.

Em alguns doentes, a roentgenterapia é eficaz e as remissões mais longas.

Só as doses agressivas da droga e compostos afins podem ocasionar remissões duradoiras, ainda que á custa de situações hematológicas desagradáveis.

As mostardas, na opinião da maioria dos investigadores, constituem um elemento terapêutico adicional, sempre vantajoso de ensaiar.

* * *

A terapêutica de irradiações externa e interna pelos Raios X e pelos isótopos radioactivos tem feito, como é natural, grandes progressos nos tratamentos do linfoma e da leucemia.

Têm sido utilizados o rádio-sódio, o rádio-fósforo e o rádio-manganês no caso especial das doenças acima referidas.

O mais largamente usado tem sido o fósforo radioactivo. A vida breve e fugaz dos isótopos condiciona o seu emprego, tendo uns de ser aplicados em clínicas muito próximas dos centros de produção.

Atingem perto de um milhar os isótopos radioactivos fabricados pelo ciclotrão e duas centenas os provenientes da pilha de urânio.

O P32 é fornecido por Oak Ridge. Este isótopo é assim designado para indicar que o átomo de fósforo, em vez de ter uma massa de 31, adquiriu uma massa de 32 pela adição de um neutrão ao seu núcleo, «apesar deste ter ainda o mesmo número de protões ou cargas positivas e á roda dele estar ainda gravitando o mesmo número de electrões».

O P32 é químicamente idêntico ao fósforo ordinário P 31 e as células, em seu ciclo metabólico, aceitam fácilmente tanto o P32 como o P31.

O P32 utiliza-se no tratamento da policitemia, leucemia mielóide crónica, leucemia linfática crónica e linfossarcoma radiossensível.

Quanto ás irradiações externas, existe hoje em dia maior precisão no seu manuseamento, maior segurança no assalto agressivo nos casos precoces e a possibilidade de irradiação total do corpo do paciente com a adição de uma pequena dose.

O campo de aplicação dos radioisótopos é muito vasto, e todos os dias se descobrem novos caminhos, que o mesmo é dizer outras e seguras vias de esperança.

Nas doenças neoplásicas do sangue, radioisótopos, cortisona, similares e seus derivados fizeram brecha apreciável na grande muralha de desânimo que circundava a humanidade doente.

Existe hoje, graças aos investigadores norte-americanos e ás somas fabulosas investidas em Oak Ridge e noutros centros de investigação nuclear, a possibilidade de descobertas de novos agentes terapêuticos dotados de acção específica, apesar de nos encontrarmos ainda distantes do sonho de Ehrlich: «Therapia sterilisans magna».

Caminha-se, porém, a passos apressados para debelar e dominar mais um grupo de doenças que tanto aflige a Humanidade e tantas, tantas horas de repouso tem roubado a algumas centenas de investigadores, entre eles os que lutam pela descoberta de novos antibióticos.

A. d'E.

NOVOS CELEIROS

para trigo nacional

A Federação Nacional dos Produtores de Trigo abriu concurso para a construção dos novos celeiros para 500 toneladas cada um, de Morais (Macedo de Cavaleiros) e Torre de D. Chama (Mirandela). Neste momento, encontram-se em preparação os projectos de um celeiro para mil toneladas, a construir em Ervidel, e da ampliação do nucleo de armazenagem que possui em Reguengos de Monsaraz.

A operação "Tornado"

começa no dia 23

SANTA MARGARIDA, 20 *(Pelo telefone)*.—Efectuou-se na sala de Operações do Quartel General da Direcção de Manobras que, para efeitos operacionais, funciona igualmente como Quartel General do I Corpo de Exército Nacional, a primeira das reuniões de comandos necessárias á montagem e execução do Exército Divisionário, com o qual terminarão as presentes manobras. Os elementos básicos fornecidos nesta reunião pelo comando do I. C. E. aos seus grandes subordinados, permitirão que estes iniciem o seu planeamento parcelar, concorrentemente com o I. C. E., com vista á concretização e particularização do plano de manobra agora esboçado nas suas linhas gerais.

Para efeitos de segurança e contra-informação, a operação que se planeia passará a ser conhecida unicamente pelo nome de código de «Tornado». Debaixo deste nome, a partir desta data, será designado pelos elementos que intervêm no seu planeamento, uma operação de ataque coordenada do I. C. E. Nacional a uma posição inimiga, devidamente organizada a cavaleiro da Riba de Sor, cuja rotura será conseguida, em parte, com base em armas atómicas tácticas.

Seguidamente, nas várias Repartições da Direcção de Manobras, num nível mais técnico e especializado, foram analisados e discutidos problemas de detalhe relativos á operação «Tornado» que se inicia no próximo dia 23 do corrente.

VENDA DE PEIXE

na lota de Santos

Na lota de Santos, foram esta manhã vendidas 132 toneladas de peixe. Vindo de Cabo Branco, e Lagos o «Ilha de S. Vicente» pescou 92 toneladas, entre as quais 55 toneladas de marmota. O «Alfeite» vendeu 240 caixas, com 97 toneladas que renderam 530.532$00.

Um sábio especialista

de endocrinologia do bócio fala de Portugal e das recentes aplicações do iodo-radioactivo

O dr. Earle M. Chapman foi o primeiro médico americano que aplicou, isoladamente, o iodo radioactivo nas doenças da tiroideia. E' um dos nomes mais conhecidos da Medicina mundial — em especial, no que respeita a doenças da tiroide — cujo nome anda á cabeça em congressos da sua especialidade. Nas suas andanças pelo Mundo, o dr. Earle M. Chapman passou agora por Lisboa, de regresso de Bruxelas, onde tomou parte na Conferência Internacional sobre a Terapia do Iodo Radioactivo, presidida pelo prof. L. Brull. Ele próprio professor da Universidade de Harvard, forma, com os professores Means e Stainbury um trio famoso na endocrinologia do bocio. A' Thiroid Clinic, de Boston, acorrem anualmente, milhares de doentes de todo o Mundo e médicos que ali vão esclarecer-se e especializar-se.

Foi, por isso, que aproveitando a sua presença em Portugal, lhe fizemos algumas perguntas, de interesse para médicos e doentes.

Perguntando-lhe quais foram os resultados colhidos agora na reunião de Bruxelas, o prof. Earle M. Chapman disse-nos que há que ter em conta, em primeiro lugar, ficar demonstrado que no total dos cem mil doentes tratados nas organizações dos participantes com iodo radioactivo e padecendo de bócio, se obtiveram bons resultados em 90 por cento. Isto, sem efeitos perniciosos a distancia nem genéticos cancerosos ou de qualquer outra natureza. Outro resultado, foi o geral acordo sobre a modificação das doses.

Perguntámos-lhe, depois, o que pensava da influência da Medicina nuclear no progresso da terapêutica e da invesitgação e o prof. Chapman respondeu-nos:

— O progresso acentua-se largamente de dia para dia, sendo já larga a sua aplicação nos mais variados sectores da Medicina. Mas as suas perspectivas são infinitas no campo de investigação médica, onde o recrlutamento de pessoal é intensivamente progressivo.

— E os isótopos não são perigosos num hospital?

— Não, senhor, o perigo é o mesmo que o dos raios-X ou qualquer droga da farmacologia administrado por leigos o curandeiros, mas não por médicos adestrados. Fantásias.

Uma pergunta era fundamental e de interesse para o nosso meio: que pensaria o sábio endocrinologista acerca da localização de laboratórios, de isótopos, num hospital? Devem situar-se num laboratório central para ali convergirem todas as necessidades dos outros hospitais; num serviço em cada hospital ou, ainda, em vários serviços nas várias clinicas de cada hospital?

E o dr. Earle Chapman atalhou, rápidamente:

— A primeira hipótese é utopia e ignorancia do assunto. Aliás, não é adoptada em qualquer parte do Mundo. Sigo o critério e exemplo de todos os hospitais americanos, isto é: cada serviço tem as suas necessidades de investigação e terapeutica, do seu caso particular especializado, cuja observação, estudo e solução têm de resolver por si, num pequeno, modesto e económico laboratório, trabalho que nunca pode ser entregue a um serviço central, que para tal teria de ser enciclopédicamente especializado em todos os sectores e viver as necessidades quotidianas de todos os serviços. Puro absurdo.

— E que sabe do cancro da tiroideia tratado com iodo radioactivo?

— Que, infelizmente, se obtiveram apenas 10 a 15 % de bons resultados.

— Visto que a Thiroid Clinic é paredes-meias com o Serviço de Cardiologia, do prof. White, médico do Presidente Eisenhower, quer dizer-nos qual é o resultado da aplicação dos isotopos na cardiologia?

— Muito satisfatório na angina de peito e na insuficiência cardíaca congestiva. Foi esse o tema do meu trabalho na conferência realizada na Bélgica com os resultados obtidos em 100 doentes. Estou muito contente.

— Quantos doentes de bócio passam anualmente pela Thiroid Clinic?

— Não posso precisar, mas anda por alguns milhares.

— Quantas publicações tem sobre o iodo radioactivo?

— A' volta de uma centena.

— Na Thiroid Clinic de Boston, trabalha também com o concurso de médicos estrangeiros?

— Claro que trabalho. Acorrem ali médicos, Sul, Norte-Americanos e da maior parte dos países europeus incluindo Portugal. Lá esteve a trabalhar comigo o dr. Francisco Santos Pereira, apreciado colaborador, espírito investigador, homem de acção a cuja iniciativa e actividade se ficou devendo nos Estados Unidos a Fundação da Sociedade Mundial de Medicina Nuclear, valor reconhecido pela Public Health Service que lhe concedeu um diploma médico, como especialista em Medicina Nuclear.

PROF. EARLE CHAPMAN

— Quais as suas impressões sobre Portugal?

— Um país encantador, limpo, arrumado, com sol acolhedor.

— Já tinha vindo ao nosso País?

— Não, estive para vir em 1950 com uma equipa de colaboradores, para montar um laboratório de isótopos que o dr. Santos Pereira pensou em oferecer aos Hospitais Civis de Lisboa. Eu próprio intervim, pessoalmente, nas diligências para obter o patrocinio cientifico da Ford Foundation na aquisição do equipamento e deslocação de pessoal á instrução facultativa aos médicos que estivessem interessados no assunto. Boa vontade não faltou...

— Apesar de tudo, pensa em voltar?

— Penso. Mas, primeiro, aguardo a visita do dr. Santos Pereira aos Estados Unidos, para um trabalho de colaboração comum em curso. Passarei, possivelmente em 1960, a caminho de Londres.

Cena sangrenta

em Camarate

O agente Nazaré, da Polícia Judiciária, foi encarregado de esclarecer as circunstancias em que decorreu uma sangrenta desordem verificada na passada terça-feira numa das barracas da Quinta das Arpalas, em Camarate, concelho de Loures, em que se envolveram vários habitantes do local e na qual sofreu fractura do cranio e várias lesões Bernardo Joaquim Duarte, operário de 26 anos, natural de Tarouca, actualmente internado no Hospital de Arroios.

A investigação inicial esteve a cargo do posto da G. N. R. de Sacavém, que não pôde prender os agressores por se terem posto em fuga. Trata-se, segundo depois se averigou, dos irmãos António e Joaquim Duarte e ainda da mulher deste ultimo, Mabília Duarte. Os três ao que parece, munidos de trancas iniciaram uma verdadeira batalha campal. As circunstancias e os motivos que deram origem á zaragata ainda não foram esclarecidos, apesar de António Duarte, ter sido detido, no dia seguinte.

O agente Nazaré procura agora capturar o Joaquim Duarte e a mulher, ao que parece os dois maiores responsáveis, admitindo o investigador que os dois se encontrem ainda no concelho de Loures. Assim qualquer pessoa que dê pela sua presença deve comunicá-lo para qualquer dos postos da área da G. N. R. ou para o piquete da P. J. de Lisboa.

O Joaquim Duarte, que conta 34 anos, é operário e natural da freguesia do Castelo, Lamego. A mulher tem igualmente 34 anos e é natural de Magueja (Lamego). O agente Nazará, sabe que, na mesma refrega, ficou ferido um vendedor ambulante, de nome Simão da Costa, que ao tentar apaziguar os animos foi agredido sem dó nem piedade.

Em MOURA é o «Diário de Lisboa» vendido pelo sr. José Jorge Benites.

Tágide

Mais um verdadeiro e excepcional programa de grande Music-Hall

Jackie Molho
Paul Roby
Georges Blanès
Helena Tavares
Barbara Doumer
Rey & Montesan
Patricia
Tony & Idalecia

Adultos (Maiores de 17 anos)

Palm-Beach

FRUTA VENDIDA

com 224 por cento de lucro...

Os Serviços de Fiscalização da Intendência Geral dos Abastecimentos verificaram vários abusos praticados com os preços da fruta nos restaurantes e casas de pasto. A margem de lucro chegava a ser em relação ás maçãs, de 140%, outras espécies de maçãs e bananas, 100%; uvas, 138%; laranjas, 140%; melão de 180 a 224%.

Noutros estabelecimentos as margens de lucros situam-se em 80 e 90%, pelo que foram intimados a baixar os preços. Em Arroios e na Estefania, verificaram-se também casos graves de especulação. A Fiscalização, por nosso intermédio, chama a atenção dos interessados para a obrigação de disporem de elementos convenientes a uma rápida verificação das margens de lucro de cada lote.

JOQUEI CAMISEIROS

RUA NOVA DO ALMADA, 60

ENTRE, ESCOLHA E COMPRE POR

50 ESCUDOS

QUALQUER PEÇA OU LOTE DOS ARTIGOS QUE RESTAM

PREÇO ÚNICO

VANTAGEM INÉDITA OFERECIDA

SÓ ATÉ AO FIM DO MÊS

PARA A

LIQUIDAÇÃO FINAL

DE TODOS OS RESTOS

SOFRE DO FIGADO?

Pois então recorra aos Sais Kruschen. Dar-lhe-ão rápidos alívios visto estimularem o fígado no cumprimento das suas funções eliminatórias, fazendo com que o organismo se liberte de resíduos e impurezas, causas de muitos males. Kruschen, combinação excelente de sais minerais possui efeitos tónicos que estimulam todo o organismo ao bom desempenho das suas várias funções. Não deixe que achaques e dores lhe estraguem a vida.

Creia no que lhe digo — se tomar, diàriamente, a pequena dose de Kruschen sentir-se-á outro.

Tome KRUSCHEN

Teatros e Cinemas

Felix Bermudes

reeleito presidente da Federação Internacional das Sociedades de Homens de Letras

Felix Bermudes, cujos oitenta anos foram festivamente celebrados em data que se perde em perenes Primaveras, continua jovem de corpo e de espírito, provando-o a sua intensa actividade, como presidente do conselho director da Sociedade de Escritores e Compositores Teatrais Portugueses e presidente da Federação Internacional das Sociedades de Homens de Letras. O seu mandato devia ter findado agora. Mas, fazendo justiça ao seu exemplo de juventude espiritual, de trabalho e de inteligência, aquela Federação acaba de o reeleger seu presidente, para prestígio das letras portuguesas. O País e a Sociedade de Escritores e Compositores Teatrais não podem deixar de receber como honroso o testemunho de apreço de que foi alvo um dos nossos mais activos e consagrados autores teatrais.

Atrás do reposteiro

A distribuição das figuras da comédia «Camões do Rossio», original de Inácio Feijó, e que vai ser apresentada na TV Portuguesa, no próximo dia 30, é a seguinte: «Baltasar», José Viana; «Hermenegarda», Josefina Silva; «Zenóbia», Maria Emília Baptista; «Lucas», Gustavo Fontoura; «Alírio», Paulo Rodrigues; «Malaquias», Fernando Isidro; «Goguinhas», Pisani Burnay; «Irene», Candida Leal; «Vesta», Beatriz de Almeida; «Ulisses», Andrade e Silva; «Castro Forte» Oscar Acurcio; «Noronha», Mendes Rosa; «Sancho», Herberto de Aguiar. Direcção de Artur Ramos.

— A cantora Cristina Maria, subsidiada pela Fundação Calouste Gulbenkian, vai seguir para Itália, a fim de se aperfeiçoar na Arte do belo canto.

— A actriz Mirita Casimiro só em Novembro regressará a Portugal, por estar a actuar na TV do Rio de Janeiro.

— Notícias do Brasil, dão conta do êxito obtido pelo acordeonista António Mestre, que está a actuar na revista «Encosta a cabecinha» em cena no Teatro Republica do Rio de Janeiro.

— Está a actuar em Espinho o ilusionista português Max Lossafan.

— Chegou ontem a Lisboa a artista Pérola Cristal que participará como atracção na revista «Por causa delas», em ensaios no Teatro Maria Vitória.

— O Grande Circo Mariano estreia-se esta noite no Montijo.

— O grupo cénico da Sociedade de Instrução Joaquim António de Aguiar de Evora, vai brevemente representar em Beja, o original de Joracy Camargo «Deus lhe pague».

— A uma parçaria teatral de que faz parte o escritor José Galhardo foi encomendada uma nova revista para subir á cena na próxima temporada, num teatro popular de Lisboa.

— O Grande Circo Alegria, apresenta-se hoje em Vendas Novas.

Primeiras exibições

«Jovens maridos», no Condes

Numa cidade bela, como há muitas em Itália, um grupo de rapazes, amigos e inseparáveis, goza a vida alegremente até á altura de surgir o problema do casamento, com todas as suas consequências: revelação do egoísmo, perda da liberdade, etc. Problema é também para as raparigas da terra, bonitas e feias, pobres e ricas, simples ou complicadas até á leitura da Sagan, e do ajustamento resultam curiosas reacções.

Emanuele Cassuto realizou com espírito e bem servido pelos dois grupos, o feminino com Isabelle Corey, Antonelle Lusidi e Silvia Koscina; e o masculino com António Cifariélo, Franco Interlenghi, Raf Mattioli e Gerard Blaim. Cada qual com seu carácter e seus complexos, todos representando com naturalidade e convicção.

O filme tem realmente interesse e encontra fácil compreensão, não assim um documentário da obra de Chagal, para a qual o publico em geral não está preparado, pelo que surgem estariamos confrangedores e palmas de troça que o pintor não merece. Entre os complementos há um documentário das actividades corporativas, especialmente a do linho. — *Visor 68.*

«Incidente no Iangtsé», no Eden

A Inglaterra tem uma sólida tradição documentarista. Há realmente, nos próprios filmes de fundo, um tom de documentário, pela objectividade, sobriedade e construção. «Incidente no Iangtsé» está dentro deste tipo de filmes e narra o drama da tripulação do «Amethyst» num ritmo de reportagem. Se não fosse a caricatura do coronel chinês, demasiado «comunista-subversivo», o filme teria um equilíbrio muito notável.

O «Amethyst» sulcava as águas do Iangtsée, em 1949, quando da guerra civil chinesa. Atacado pela artilharia comunista, foi imobilizado até que, num golpe arrojado, conseguiu fugir para o mar.

Michael Anderson, realizador de «A volta ao Mundo em 80 dias», mostra-nos neste filme as suas possibilidades que são razoáveis. O filme tem autenticidade, as trucagens são em numero mínimo e notamos uma amplidão onde não está presente o cenário do estudio. O bombardeamento do navio é duro e impressionante.

Richard Todd é sóbrio e correcto na interpretação da figura do comandante do navio. Akim Tamiroff está excessivamente «vilão» no seu coronel Peng. O clima de tensão, de expectativa de «suspense» é dado com agudeza, para o que concorre a musica de fundo.

No programa um desenho animado sobre a História do Cinema, de uma sã modernidade, na simplificação do desenho e na mancha de cor. O desenho, que é uma «charge», tem situações suculentas de comicidade, como a cena dos monges e a caricatura do censor.—*Visor 100.*

«A Serpente», no Avis

Desta vez, é mais do que a simples piada mitológica de que as mulheres são umas víboras; desta vez, temos a mulher que se transforma em cobra, e a cobra que se metamorfoseia em mulher.

Bom! Não é bem um numero de Luna Parque..e apesar das misteriosas aparências espectaculares, talvez importadas de qualquer Indias longinqua, estamos frente a um filme americano verdadeiramente delirante, para lá da ficção científica e das conversas com marcianos.

«A Serpente» (the cult of cobra), o filme ontem estreado no Avis, é uma realização de Francis D. Lyon,

(Continua na 13.ª página)

ABC
EMP. TEATRAL ABC, LDA.
Telef. 366783
ADULTOS (MAIORES DE 17 ANOS)
TODAS AS NOITES ★ AS 20 E 45 E 22 E 45
UM FORMIDAVEL ELENCO
GLORIA MAY
A. BAPTISTA
A. MONTES
DEOLINDA RODRIGUES
A. PEREIRA
C. NEVES
Os bailarinos LINDA e GONÇALVES
M. DE FÁTIMA BRAVO
E LINDAS RAPARIGAS

ÊXITO CLAMOROSO
DA ENGRAÇADISSIMA REVISTA
VIRA o DISCO
AMANHA, MATINÉE AS 16 H.

UM ELENCO DE ALTA CLASSE DE QUE TODA A GENTE FALA
HOJE
NOITE SENSACIONAL DE REUNIÃO MUNDANA
APRESENTAÇÃO DE
Casapoga
BALLET MILOS RISTIC
UM CONJUNTO ADMIRAVEL EM ARTE — BELEZA E FANTASIA
CHIQUI NOURI
O notável ballet
LUISA PERICET
VIBTORIA PASTOR
Em bailados maravilhosos
MUSICA DE BAILE POR
SÉRGIO E SUA ORQUESTRA
4 RAINHAS DE BELEZA DA FRANÇA NUMA MARAVILHOSA EMBAIXADA DA «MODA PARISIENSE»
MISS FRANÇA 1958
MISS PARIS — MISS ELEGANCIA
MISS CÔTE BASQUES
num desfile de fatos de banho e conjuntos de praia, vestidos de noite de «cocktail»
TELEF. 23584
AV. LIBERDADE, 137
(ADULTOS M. DE 17 ANOS)

NO COLISEU
EM 2 SESSÕES ás 20.30 e 22.45 h.
GIUSEPPE BASTOS APRESENTA
AI, MEXE... E REMEXE!

NEYDE
O magnifico triunfo da Companhia Brasileira de Revistas
Preços populares
GERAL 7$50
AMANHÃ Domingo ás 16 h.
Espectáculo á tarde
Esp. p.ª 17 anos

SPINA

BERTA

O grande espectáculo do amor e da alegria, nos cinemas
São Luz e Alvalade
a linda, escultural e endiabrada
SILVIA PINAL
numa riquissima comédia com toneladas de espirito, apaixonante, frenética e luxuosa
Escola para casadas
Um filme excepcional com muita pimenta, música e amor.
Um filme de sonho. Um espectáculo que é um monumento de graça e encanto

ADULTOS
MAIORES DE 17 ANOS

HOJE, ás 22 h. e ás 23 horas, a preços reduzidos
SOM E LUZ no Claustro do Mosteiro dos Jerónimos
«NOITE DO TEJO»
(Maiores de 12 anos — Sábados, maiores de 6 anos)

ODEON 2.ª FEIRA 22
Estreia sensacional
às 21, 30
Para 12 anos
A RAINHA DO CUPLÉ
(Em Eastmancolor)
com
LILIAN DE CÉLIS
Um filme musical que o publico jamais esquecerá.
A formosa LILIAN DE CELIS apresentar-se-á ao publico no palco do Odeon.
Um grande exclusivo
IMPERIAL FILMES

SOLAR DA HERMINIA
Largo Trindade Coelho—Tel. 26164
BANQUETES
Jantares e Ceias
Fados e Guitarradas
com
HERMINIA SILVA
e o seu elenco privativo
(Maiores de 17 anos)

PENSÃO MONUMENTAL
COMPLETAMENTE REMODELADA
Casa recomendada serviço de bom hotel
R. da Glória, 21 — Tel. P. B. X. 29807

Leiam o «SEMPRE FIXE»

HOJE, às 21,30

IMPÉRIO

Adultos (maiores de 17 anos)

e Sonoro Filme

PARA FECHO DA TEMPORADA, APRESENTAM EM

5.ª SEMANA a gloriosa produção de FELLINI com GIULIETTA MASINA

AS NOITES DE CABIRIA

Uma obra-prima inesquecivel, que, como exclusivo do Império, não voltou a ser exibido noutro cinema do Continente

A PREÇOS NORMAIS

Às 15,15 e 18,15 (Adultos — M/ de 17 anos) (Preços reduzidos)—Despedida de **ATAQUE!**

MAXIME Dancing

ADULTOS — MAIORES 17 ANOS

HOJE EM REAPARIÇÃO

O MAGO DA ILUSÃO! O HOMEM DO IMPOSSIVEL!

SILVAN

QUE VOLTA A EXIBIR A SUA EXCEPCIONAL CLASSE

EM PLENO TRIUNFO:

A BRILHANTE VEDETA GREGA

REGINA ROMA

MAGNIFICA INTÉRPRETE DE CANÇÕES ESPANHOLAS, GREGAS, ITALIANAS E FRANCESAS

E AINDA

A ADMIRÁVEL PARELHA DE BAILE PORTUGUESA

JOSETTE y MARIO SANTIAGO

EM DANÇAS CLÁSSICAS, MODERNAS E REGIONAIS

MUSICA DE BAILE POR DUAS NOTÁVEIS ORQUESTRAS

3.ª FEIRA

UMA ESTREIA SENSACIONAL

● TEATRO ●

MONUMENTAL

EMP. LAURA ALVES — Tel. 55133

ADULTOS M. 17 ANOS

Hoje, ás 21,45 h.

12.ª SEMANA TRIUNFAL

A PEÇA EM QUE A PUBLICIDADE É FEITA PELO PUBLICO

Laura Alves

em

A Rainha do Ferro-Velho

Assis Pacheco

MARIA HELENA-ARTUR SEMEDO

Amanhã, esp. á tarde ás 16 h.

PREÇOS DE VERÃO DESDE 5$00

Suspensas as entradas de favor

CAVALHEIRO

V. Ex.ª encontra: Doçaria caseira, Café de Timor em balão — Inconfundivel —

UMA PEGA 6$50 no

BAR RIBATEJO — Praça do Areeiro, 11-D.

RITZ CLUB

Adultos — Maiores de 17 anos

MUSICA DE BAILE POR

VILAÇA E SUA ORQUESTRA

NO SALÃO TIPICO:

NOTAVEL SERVIÇO DE CEIAS COM FADOS E GUITARRADAS

O «DANCING» DAS MULTIDÕES SEMPRE NA VANGUARDA DOS MAIORES EXITOS

HOJE

A sensacional parelha de baile

ADORACION Y JOSÉ LUIZ

em criações que arrebatam o publico

A notável atracção escultural

BALLET ROSALIN ROY

8 PRÉMIOS DE BELEZA! 8 ESTÁTUAS DE CARNE!

Em novos ritmos modernos

NA PRÓXIMA SEMANA: **6 GRANDES ESTREIAS**

TRIO BRISAS

HERMANOS SACROMONTE

CAMPO PEQUENO

A PREÇOS MUITO BARATOS

Vai realizar-se na 5.ª-Feira, 25, às 22 horas

a grande corrida em favor do Fundo de Assistência do Sindicato dos Toureiros, com a assistência de Sua Ex.ª o Ministro das Corporações e Previdência Social

9 TOIROS DE CASTA ESPANHOLA DE PAULINO DA CUNHA E SILVA PARA OS GRANDES E CONSAGRADOS ARTISTAS

DR. FERNANDO SALGUEIRO, D. FRANCISCO DE MASCARENHAS, MANUEL CONDE, DAVID RIBEIRO TELES, ANTÓNIO DOS SANTOS, FRANCISCO MENDES, JOAQUIM MARQUES, ARMANDO SOARES e JOSÉ JÚLIO

2 GRUPOS DE FORCADOS, DE LISBOA E TOMAR, RESPECTIVAMENTE DE ADELINO DE CARVALHO E MANUEL FAIA

A bilheteira dos Restauradores, 7, abre na 2.ª-feira, 22, ás 11 horas

MAIORES DE 12 ANOS

CALIPSO

PRAÇA DA ALEGRIA, 56

Telef. 34120

(Adultos-Maiores 17 anos)

HOJE DE NOVO EM LISBOA

«O GRANDE EXITO DO ANO»

WILBERT BRADLEY DANCERS

NO RESTAURANT **FADOS e GUITARRADAS**

Cartaz dos Cinemas

SÃO LUIZ TEL. 27171

15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/17 anos) Para reconquistar o marido estava disposta a tudo, pois foi ao terreno da rival combatê-la com armas iguais

ESCOLA PARA CASADAS

com **Silvia, Pinal, Cristina Martel e Carlos Baena**

em Mexiscope e Eastmancolor

EDEN TEL. 20768

15.30 - 18.30 e 21.30 (M/12 anos) O empolgante filme

INCIDENTE NO YANGTSÉ

com **Richard Todd** e **Akim Tamiroff**

A aventura de um navio de guerra britanico nos mares da china

CONDES TEL. 22523

15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/17 anos) o filme premiado com o 1.º prémio do Festival de Cannes

JOVENS MARIDOS

c/ **Sylva Koscina** e **António Cipariello**

ALVALADE Telefone 763080

15.45 (p. r.) e 21.45 (M/17 anos) Uma comédia mexicana desenrolada na famosa praia cosmopolita de Acapulco

ESCOLA PARA CASADAS

com **Silvia Pinal, Cristina Martel e Emilio Tuero**

em **Mexiscope e Eastmancolor**

AVIS Telefone 67163

15.30 (p. r.) e 21.45 (M/17 anos) O filme de aventuras estranhas, num ambiente de permanente mistério

A SERPENTE

com **Faith Domergue** e **Richard Long**

TIVOLI TEL. 50595

A's 3 e 6.15 da tarde e 9.30 da noite (M/17 anos)

ORSON WELLES, Paul Newman e Joanne Woodward

no assombroso filme em Cinemascope Cor De Luxe

PAIXÕES QUE ESCALDAM

Extraido de uma novela de Faulkner

POLITEAMA TEL. 26301

15.15 - 18.15 e 21.30

Vibrante êxito

com o filme de acção brutal, feroz e selvagem

O HOMEM QUE NÃO QUERIA MATAR

com **Don Murray** e **Diana Varsi**

Cinemascope — (Adultos—M. 17 anos)

ROMA Telefone 727778

A's 15.30 (p. r.) e 21.45 (M/12 anos)

2.ª SEMANA

A hilariante aventura de um médico em luta com um curandeiro em Cinemascope

O MÉDICO E O CHARLATÃO

com **Vittorio de Sica** e **Marisa Merlini**

CAPITÓLIO TEL. 27493

21.15 (M/17 anos)

Colorido

No Salão **CORAÇÃO SELVAGEM**

A máscara do desejo

No Terraço — (M/12 anos)

UM GRITO NA NOITE

ESPLANADA PORTUGÁLIA Telefone 56145

21.30 (M/17 anos)

AO PRINCIPIO FOI PECADO

Technicolor

A bela Otero

CINEMA IDEAL Telefone 24194

A's 21 (M/12 anos)

Superscope

O SOL NASCE AMANHÃ

Falsa justiça

IMPÉRIO tel.: 55134-5

21.30 (M/17 anos) REPOSIÇÃO em 5.ª semana da gloriosa obra de **Fellini** com **Giuleta Masina**

AS NOITES DE CABÍRIA

A preços normais

A's 18.15 — Despedida de **ATAQUE**

SÃO JORGE BALCÃO 54154 PLATEIA 54153

15.15 - 18.15 e 21.30 (M/17 anos) Um filme que relata um misterioso caso de assassínio!

Lilli Palmer e Peter van Eyck

A TORRE DE VIDRO

Temperatura amena — Ar condicionado

MONUMENTAL TEL. 55131

15.15 - 18.15 e 21.30 (M/12 anos) A epopeia dos homens que se sacrificaram para impor a lei e a ordem no Texas

LEGIÃO DE ATIRADORES

com **Fred Mac Murray, Jean Parker e Jack Oakie**

LIDO TEL. 48560

A's 21 (M/17 anos)

GUENDALINA

Cinemascope

Os 18 anos

PAVILHÃO PORTUGUÊS (Parque Mayer) Tel. 366783

21.15 (M/17 anos) Cinemascope col.

IRENE E O MORDOMO

O homem da colina

RESTELO Telefone 610375

21.15 (M/17 anos) Cinemascope

COMO MATAR UM TIO RICO

com **Niggel Patrick**

TERRASSE TEL. 20917

A's 21 (M/17 anos)

A CASA DOS HOMENS MARCADOS

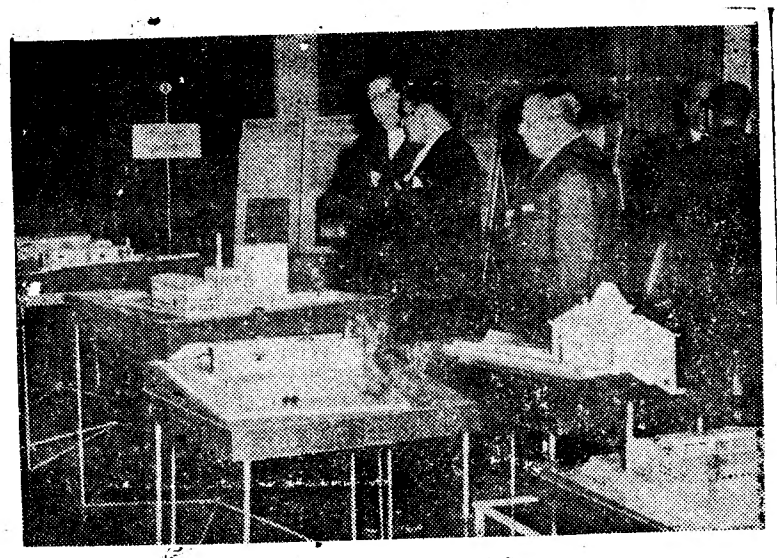
A coroa e a espada

CASINO ESTORIL

21.30 (M/17 anos)

ONDE ESTÁ O CARLOS?

com **Ray Bolger**



Um aspecto da exposição

Uma exposição de propaganda
da produção e consumo de lacticinios

Nas salas do andar superior do S. N. I. fica hoje patente uma exposição da actividade geral dos Serviços Agrícolas, no campo dos lacticínios. Trata-se duma bem documentada exposição, que será itinerante e patenteia os resultados obtidos, na campanha que decorreu de 1945 a 1956, pela actividade da Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas e que mostra a evolução do movimento associativo da lavoura no sector relacionado com o leite. A exposição estará patente ao público no Palácio Foz todos os dias das 15 ás 20 horas.

Numa visita pre-inaugural, o sr. prof. dr. António de Almeida Goes, director-geral da Estação de Lacticínios, deu aos jornalistas lucidas e pormenorizadas explicações que dificilmente caberiam nas dimensões do jornal mas que se revestem de um grande interesse para o público que procuraremos condensá-las.

Assim, a exposição que teve a colaboração artistica de Abilio Leal Matos e Silva, consta principalmente de gráficos demonstrativos da obra de ligação dos produtores, das cooperativas, da União e da Federação, aos primeiros dos quais foram pagos, em 1956, 155 mil contos, com um super-lucro de 16.500 contos.

No centro das salas vêem-se «maquettes» da fábrica já em laboração na Ilha Terceira, da futura do Funchal; da de S. Miguel, já a receber materiais; da do Faial e das metropolitanas de Évora, a funcionar em plena, como as de Sanfins e de Oeiras. E, ainda expoentes de trabalhos de colheitas de amostras para apuramentos de higiene e de fraude, e assistência técnica formação de pessoal e divulgação, gráficos, poligrafias e painéis.

No que se refere á capital, verifica-se a existência de 8.200 produtores, com 236 postos de recolha e 7 de concentração.

Além de mostrar como funciona a organização, trata-se da ideia geral da forma de produzir melhor leite e de fazer a sua propaganda para uma população dificiente de proteinas, seguindo o exemplo da Suécia, onde o consumo é de um litro por pessoa, e da Inglaterra, onde o leite é distribuido gratuitamente nas escolas. Bastará dizer que um litro de leite tem o poder alimentício de oito ovos, de 397 gramas de carne de vaca ou de galinha, e 798 de peixe.

Para propaganda, foi também inaugurado hoje um «milk-bar» de divulgação de magníficos produtos de leite simples ou com cacau, de yogurt e de batidos apetitosos, tudo de modo a desterrar a troça feita pelos Marialvas aos que bebem leite, para não morrerem tuberculosos, como eles. No «Milk-Bar» encontram-se também expostas embalagens de manteigas e queijos; os que mais se consomem — de bola e da ilha — bem como das imitações de Rockfort que não encontraram consumo e dos que aos Serviços Agrícolas de Lacticínios estão a merecer particular atenção, como os belos queijos alentejanos de ovelha.

Amanhã, ás 9 horas, far-se-á, numa sala anexa da exposição, uma reunião de interessados nos lacticínios, para troca de impressões e informação da organização do abastecimento de leite a Lisboa, seguida duma visita ás instalações da U. C. A. L. e cooperativas associadas.

No intervalo das visitas, será servido um almoço num restaurante dos arredores. No dia 22, a reunião incidirá sobre a evolução do movimento cooperativo, Federação Nacional, actividades comerciais e problemas de crédito e, no dia 23, sobre apoio técnico e administrativo, e relações com a organização cooperativa e com as organizações corporativas estrangeiras, com jantar de despedida ás 21 horas.

Cura pelo hipnotismo
através do telefone

LONDRES, 20. — Pela primeira vez na Inglaterra, foi autorizado oficialmente um serviço telefonico de cura pelo hipnotismo. O hipnotizador, Henry Blythe, de 60 anos, poderá, assim, exercer a sua profissão a longas distancias, recebendo três guinéus — ou sejam: 250 escudos — por sessão de seis minutos.

Blythe, explicando o seu método de trabalho, declara que enviará aos seus «pacientes» uma fotografia sua — «um estudo penetrante feito expressamente para o efeito» — que deverá ser colocada ao lado do telefone. Durante as sessões, o paciente deve conservar os olhos fixos nos olhos da fotografia.

«Bastarão as minhas fortes e positivas sugestões, em três sessões de seis minutos, para que os fumadores deixem de fumar, os gordos principiem uma dieta ou os nervosos deixem de roer as unhas» — afirma. Acha, porém, que o mais difícil é persuadir os gordos a encetarem um programa de emagrecimento. — (A. N. I.).

Jornalistas alemães
em Lisboa

No avião da T. A. P., chegaram a Lisboa os srs. Thomas Curran, vice-presidente da «United Press international» e director-geral da mesma agência para a Europa; S. M. Iankovitch, director-gerente, para Portugal e outros países e também da U. P. I.; dr. Weymen, director-geral da agência noticiosa alemã «D. P. A.»; Alfred Bragard, director dos noticiários da «D. P. A.» para o estrangeiro; e Karsunky, correspondente da «D. P. A.» na Peninsula Ibérica. Aguardavam-nos, além dos directores da agência «A. N. I.», o dr. Tavares de Almeida, do S. N. I.; e G. Dohms, adido de Imprensa á embaixada da Alemanha em Lisboa.

O plano do sr. «H»
vai ser posto em prática na Jordânia

NAÇÕES UNIDAS (Nova York), 20. — O Secretariado das Nações Unidas informa que o secretário-geral, Dag Hammarskjold, vai enviar á Jordania, na próxima semana, um representante oficial incumbido de providenciar quanto ás «medidas práticas» ajustadas com o Governo jordano durante a sua recente visita ao Médio-Oriente.

Não foram divulgadas as «medidas» a adoptar. Todavia, os observadores pensam que se relacionam com a «presença» das Nações Unidas na Jordania com prelúdio para a retirada das tropas britanicas daquele país.

O comunicado acrescenta: «O secretário-geral apresentará, antes do fim do mês, um relatório acerca das medidas adoptadas ou previstas, relativamente á Jordania e ao Líbano». — (A. N. I.).

«A frota mercante nacional
necessita de ser compreendida, auxiliada e utilizada como o exige o interesse nacional»
segundo a Junta Nacional da Marinha Mercante

Ocupando-se da posição dos armadores nacionais ante o porto de Lisboa, o boletim da Junta Nacional da Marinha Mercante, no seu numero agora publicado, salienta que ele é o mais importante, bastando saber-se que é através dele que se efectua a maior parte do comércio externo metropolitano (62 % do comércio especial de 1956). Nesse ano, a um total de 6.430.817 toneladas que constituiram o comércio externo da metrópole, correspondeu um movimento de 4.006.414 toneladas no porto de Lisboa. E acentua que, nesse ano, o segundo porto, em importancia — o de Leixões — apenas movimentou 19 por cento do total.

Insere aquele boletim interessantes elementos sobre a actividade da nossa frota mercante no porto nacional mais frequentado, nos anos de 1952 a 1956, publicando diversos quadros. Pela análise dos numeros contidos no que se refere á carga transportada de e para Lisboa, pelos navios registados nos tráfegos de longo curso, da cabotagem e da navegação costeira, ou seja com exclusão dos que apenas efectuam tráfego local, verifica-se que os totais anuais oscilaram á média de 732.081 toneladas, registando-se um mínimo da ordem das seiscentas mil toneladas em 1953 e um máximo, em 1956, de 863.484.

Como é natural, as frotas dos principais armadores foram também aquelas que mais carga embarcaram em Lisboa.

A' frente de todas, vem a Sociedade Geral, com a média anual de 151.899 toneladas, seguida da Companhia Colonial de Navegação, com 136.954, e da Companhia Nacional de Navegação, com 136.230.

E' justamente pela mesma ordem que as coisas se passam, no que diz respeito a numero de navios e respectivos «deadweights» desses três armadores.

Quanto aos outros inscritos no quadro merecem salientar-se ainda os transportes efectuados pelas frotas da Empresa Insulana de Navegação, com a média anual de 80.367 toneladas, a da Companhia Shell (depois Shell Portuguesa), com 78.478 toneladas, a da Soponata, com 64.107 toneladas e ainda a da Companhia de Navegação Carregadores Açorianos com 27.747 toneladas.

Os restantes não atingiram a média de vinte mil toneladas anuais, mas mesmo assim, não devem deixar de se apontar, como mais próximas dessa bitola, as frotas da Empresa de Transportes do Funchal, Ld.ª, e da Empresa de Navegação Madeirense, Ld.ª.

A média anual do total das cargas embarcadas em Lisboa naqueles cinco anos, foi de 1.536.819 toneladas, do que resulta uma percentagem de 48 % para a participação da marinha mercante nacional, ao passo que em 1956 essa percentagem foi de 51 %.

Comenta-se: «A evolução verificaad nesses cinco anos permite-nos concluir que o contributo dos navios nacionais está em franco progresso, pois, com excepção da diminuição havida, de 1952 para 1953, nos anos seguintes aquela evolução é representada pelas percentagens de 41, 46, 48 e 51 %, respectivamente para os anos de 1953, 1954, 1955 e 1956».

Naqueles 5 anos, o numero de armadores nacionais registados no comércio marítimo foi, respectivamente, de 77, 73, 71, 67 e 63, e o daqueles cujas frotas carregaram em Lisboa foi, respectivamente, de 45, 35, 37, 33 e 36.

Explicação: «Se á primeira vista nos pode causar surpresa o reduzido numero de armadores cujas frotas carregaram em Lisboa, não devemos esquecer que alguns deles, embora registados no comércio marítimo, não possuiam navios e que outros não frequentaram o porto de Lisboa, limitando-se a comerciar nas proximidades dos portos de registo».

Num quadro relativo á carga desembarcada no porto de Lisboa pelos armadores nacionais, naqueles cinco anos, pode verificar-se um ritmo mais certo do que o observado no correspondente ás cargas embarcadas. De facto, se não fosse a quebra sofrida pelas descargas de 1956, podia assinalar-se um aumento crescente e apreciável, das mercadorias trazidas para Lisboa pelos navios mercantes nacionais. Mesmo assim, o numero atingido em 1956 é superior em cerca de cem mil toneladas ao observado em 1952, o que é importante.

A média dos cinco anos alcançou 1.586.333 toneladas, numero de apreciável valor, se tivermos presente que o total da carga transportada por ano pelos navios nacionais, em todas as carreiras, atinge actualmente um numero da ordem dos quatro milhões de toneladas.

Quando se apreciaram os numeros contidos no primeiro quadro, disse-se que os três armadores que mais carga tinham transportado se apresentavam, em relação ao numero de navios e respectivos «deadweights», pela mesma ordem que estávamos a verificar em relação á tonelagem carregada no porto de Lisboa.

Neste terceiro quadro, o aspecto é diferente, e não pode verificar-se qualquer correspondência.

No primeiro quadro, a Soponata, que aparecia num modesto penultimo lugar, absolutamente natural, dada a espécie de transportes que os seus navios são chamados a efectuar, surge agora á testa da lista dos armadores que mais carga descarregaram em Lisboa, com a média anual de 597.159 toneladas. A seguir, e por ordem decrescente de carga transportada, notamos a Sociedade Geral, com 487 683 toneladas, a Companhia Colonial de Navegação, com 125.402, a Companhia Nacional de Navegação, com 116.828, a Companhia de Navegação Carregadores Açorianos, com 73.134, a Sofamar, com 45.420, a Secil, com 31.854 e a Empresa Insulana de Navegação, com 26.912.

E' de salientar o facto de figurarem entre os grandes armadores a «Sofamar» e a «Secil», cujos transportes para Lisboa procedem, unicamente, dos outros portos do Continente.

A respeito dos restantes armadores incluidos no quadro, nada de especial há a assinalar, pois nenhum deles atingiu, em qualquer dos anos o nivel de 20.000 toneladas estabelecido quando se analisou o primeiro quadro.

Vejamos agora qual a relação entre o movimento efectuado pelos armadores nacionais e o total descarregado em Lisboa: A média anual do total das cargas transportadas para Lisboa nos cinco anos em estudo atingiu 2.902.719 toneladas. A quantidade média desembarcada pela marinha mercante nacional, que foi de 1.586.333 toneladas, corresponderá, pois, a 55 % de todos os desembarques verificados em Lisboa. No ano de 1956, em que os navios nacionais transportaram 1.631.036 (49 %), o movimento total verificado no porto foi de 3.338.540 toneladas.

No ano de 1952, em que o total desembarcado em Lisboa havia atingido 2.616.321 toneladas, a marinha mercante nacional contribuiu com 1.527.630 toneladas, correspondentes a 58 % daquele total.

Nos outros anos o contributo da marinha mercante foi de 59 %, 55 % e 54 %, respectivamente, em 1953, 1954 e 1955.

«E' claro — observa-se — que se a frota mercante nacional fosse utilizada por todos os carregadores com aquele espírito patriótico que os devia animar, os numeros que agora verificamos apresentariam outro aspecto. Sempre que haja navios nacionais para ocorrer ás necessidades do nosso comércio externo, por que se não utilizam, em vez de deixarmos sair para o estrangeiro cambiais que poderiamos arrecadar? Por que não se segue o exemplo dos Estados Unidos, da Inglaterra e da Noruega, para não falar de outros, onde os carregadores dão nítida preferência á sua bandeira? Como se dizia no relatório da presidência da Junta relativo ao ano de 1957, não se quer com isto sugerir discriminações de bandeira, «mas um país que faz o seu movimento de comércio externo 99 % por mar, não pode recear que o acusem de processos discriminatórios enquanto o tráfego nacional dos seus próprios navios for na totalidade bastante inferior a 50 %. Assim isto fosse compreendido por todos os nossos carregadores!».

Noutro quadro, estabelece-se a comparação entre os armadores inscritos e o daqueles que descarregaram em Lisboa: respectivamente, nos cinco anos: 77, 73, 71, 67 e 63; e 51, 46, 44, 40 e 37.

Comenta o boletim:

«Se bem que os numeros apresentem neste caso melhor aspecto do que no quadro n.º 2, as considerações feitas anteriormente são também de aplicar aqui. Ao terminar estes breves apontamentos, diremos que, achando-se a frota mercante nacional em progressão constante, não é demasiado prever, e desejar, que ela concorra cada vez mais para erguer o tráfego no porto de Lisboa ao nivel dos grandes portos mundiais. Para tanto muito contribuirá, estamos certos, o próximo Plano de Fomento, não só no que respeita á construção de novas unidades mercantes mas também á criação do grande estaleiro naval. Embora já seja quase um lugar-comum dizer-se que da prosperidade da marinha de comércio depende a da Nação, nem assim será demasiado insistir em que a frota mercante nacional necessita ser compreendida, auxiliada e utilizada como o exige o interesse nacional».

O CASO DO AVIÃO
norte-americano abatido na Rússia

WASHINGTON, 20 — Numa nota enviada á Secretaria do Estado, o Ministério dos Negócios Estrangeiros soviético informou que os corpos dos seis aviadores, mortos no acidente de aviação de 2 de Setembro, perto da fronteira turca, serão entregues ás autoridades americanas.

A nota, porém, não dá nenhuma indicação sobre a sorte dos outros 11 aviadores que se encontravam no avião e que crê estão vivos. Moscovo nega que tenha tido qualquer responsabilidade no caso e diz simplesmente que os destroços do aparelho foram encontrados em território soviético.

A nota russa não dá os nomes dos seis mortos nem especifica o modo como será feita entrega dos corpos. — (F. P. e A. N. I.).

Peter Townsend
a caminho do Sahará

ARGEL, 20. — Peter Townsend, que chegou ontem a esta cidade, procedente de Paris, tenciona partir hoje em direcção ao Sahará, acompanhado da sua caravana cinematográfica, devendo instalar-se amanhã na orla do deserto, na região desolada de Ouargla, próximo da fronteira com o Marrocos. Ali iniciará as filmagens da parte relativa ao Norte da Africa, do documentário que está a preparar sobre a sua viagem á volta do Mundo, no ano passado.

Aos jornalistas, Townsend revelou que filmará também em Benarés, na India, em Tóquio, em Eukla, na Austrália e em Lima. — (A. N. I.).

A mala roubada
continha uma cobra venenosa

LOS ANGELES, 20. — O ladrão que ontem roubou uma elegante mala azul colocada junto de uma paragem de autocarro, deve ter tido uma surpresa algo desagradável, ao abri-la. A mala pertencia a um herpetologista, que a pôs no chão, por um momento, enquanto perguntava o caminho para o Jardim Zoológico. Dentro dela havia uma garrafa de água quente e uma cobra muito venenosa. A água quente destinava-se a manter o animal aquecido e bem disposto. — (A. N. I.).

AS TEMPERATURAS DE HOJE

Temperaturas extremas registadas hoje em Lisboa, até ás 16 horas, máxima, 25°.4; minima, 16°.7. No mesmo dia do ano passado: máxima, 22°.8; minima, 17°.1.

DESPORTOS

«Nacional» da 1.ª Divisão de Futebol

Benfica, Belenenses e Porto têm três saídas difíceis

mas os restantes jogos também preocupam

A segunda jornada já tem algo que se lhe diga, visto que, no passado domingo, se verificaram, não de modo positivo, as possibilidades dos concorrentes. Mas o que se viu terá denunciado um mínimo de circunstancias que levam a admitir que este ou aquele quadro estão fadados para destinos diferentes.

A ronda n.º 1 forneceu esta nota sintomática — muitos golos! Isto no fundo, traduz o estado de espírito dos contendores, decididos, cada qual, a ganhar a vantagem inicial que mais tarde será confortável quando a fuga aos ultimos quatro lugares passar a ser um pesadelo. Por enquanto, pensa-se, salvo uma ou outra excepção, que as exageradas tácticas defensivas não têm razão de ser, visto que elas podem, quanto muito, proporcionar resultados enganadores, deixando na duvida a capacidade de se marcar ou não os golos, desde que os mesmos sejam, lá mais para diante, indispensáveis.

Por conseguinte, cremos que este campeonato é capacíssimo, mercê da inovação regulamentar, de obrigar os nossos avançados a rematar consideravelmente ás balizas.

Os jogos do calendário marcam para amanhã os seguintes jogos (todos ás 16 horas):

V. Setubal-Torriense
Lusitano-F. C. do Porto
Sporting-Sp. Braga
C. U. F.-Barreirense
Guimarães-Belenenses
Caldas-Benfica
Académica-Covilhã

Cinco visitados de amanhã, perderam no passado domingo (o Sporting ganhou e o Vitória empatou, ambos fora de casa). E' natural prever-se que cada um procure recuperar ou ganhar terreno.

Analisemos as possibilidades dos sete desafios...

Os Setubalenses parecem indicados para o triunfo, desde que não se tenham deslumbrado com o empate das Antas; mas o seu equilibrio de sectores é vantajoso a considerar. No entanto, o Torriense melhorou o seu quinteto ofensivo, devendo apresentar o ex-Belenenses Bezerra.

Prováveis formações:

VITÓRIA—Libanio; Soares e Manuel Joaquim; Polido, Vaz e Casaca; Inácio, Jacinto, Miguel, Fernandes e Serra.

TORRIENSE—Montero; Aníbal e Bernardes; Helder, António Manuel e Vítor; Mário, Isidro, Azevedo, Saldanha e Bezerra.

A forma dos Eborenses não deve ser suficiente para contrabalançar o poderio dos Nortenhos, cujo ataque reune condições suficientes para marcar golos, mesmo que actue fora de casa. A estreia do brasileiro Luís Roberto é aguardada com muita confiança, segundo declarações de Otto Bumbel.

Constituição das duas equipas: LUSITANO — Vital; Teotónio e Paixão; Garcia, Falé e Vicente; Fialho, Flora, Marciano, José Fedro e Batalha.

F. C. PORTO—Pinho; Virgílio e Barbosa; Luís Roberto (ex-Flamengo), Miguel Arcanjo e Monteiro da Costa; Carlos Duarte, Gastão, Noé, Teixeira e Hernani.

Os campeões nacionais jogam em

casa e talvez isso seja propício a que o rendimento contraste, para melhor, com o que foi patenteado no Barreiro. Independentemente, desta circunstancia, acredita-se na superior capacidade dos Lisboetas.

Prováveis formações:

SPORTING—Carvalho; Caldeira e Lino; Mendes, Galaz e Pacheco; Vasques, Travaços, Ivson, Diego e Morais.

SP. DE BRAGA—Cesário; Armando e José Maria 1.º; Passos, Calheiros e Pinto Vieira; Rafael, Ferreira, Teixeira, Mendonça e José Maria 2.º.

* * *

No campo de Santa Bárbara realiza-se o «derby» da Outra Banda,

(Continua na 10.ª página)

Campeonato Nacional da 2.ª Divisão

Em Matosinhos e em Evora

Jogam-se os mais importantes desafios

O Campeonato Nacional da 2.ª Divisão tem amanhã a sua 3.ª jornada, depois de em cada campo se ter realizado um desafio, ao longo das duas «rondas» anteriores.

Os desafios de amanhã prestam-se, portanto, a fornecer aos adeptos dos clubes visitados a primeira revisão das possibilidades das equipas e nisso reside grande parte do seu interesse.

O programa da zona Norte inclui os seguintes encontros:

Viancense (2)-Gil Vicente (1)
Espinho (1)-Boavista (2)
Vila Real (2)-Oliveirense (4)
Sanjoanense (2)-Chaves (4)
Salgueiros (0)-Tirsense (2)
Portalegrense (0)-Peniche (0)
Leixões (4)-Marinhense (4)

Entre parêntesis indicam-se os pontos que cada equipa tem presentemente, para a classificação.

A jornada tem fartos motivos de interesse, mormente no que respeita á arrumação das equipas nos primeiros e nos ultimos lugares da tabela, pois pode acontecer que se desfaça o quarteto dos primeiros e teceto dos ultimos.

Os desafios de Matosinhos e Portalegre — unicos em que se defrontam equipas com igual pontuação — são, evidentemente os de maior interesse. Mas o despique entre equipas trasmontanas e do distrito de Aveiro, também, é motivo de curiosidade.

Na zona Sul disputar-se-ão os seguintes desafios:

Serpa (2)-Coruchense (2)
Juventude (2)-Oriental (1)
Portimonense (3)-Farense (0)
Olhanense (4)-Arroios (0)
Estoril (4)-Sacavenense (2)
Montijo (2)-Almada (2)
Atlético (2)- Desp. Beja (2)

Não há nenhuma equipa visitada que esteja em desvantagem de pontuação com a que amanhã defronta sucedendo haver igualdade em relação aos jogos de Serpa, Montijo e Atlético, o que pode fazer incidir sobre estas pugnas maiores atenções.

As duas equipas de Lisboa que se deslocam — Oriental e Arroios — têm deslocações assás difíceis.

Os vaticínios não são fáceis, mormente em relação aos desafios de Portimão e Estoril.

Os encontros da A. F. L.

As duas competições que a A. F. L. tem presentemente em curso fornecem amanhã os encontros das suas segundas jornadas. Como há oito dias, estão previstos 18 desafios, que colocarão em acção perto de quatrocentos jogadores.

A contar para o *campeonato distrital da 1.ª Divisão*, disputar-se-ão os desafios seguintes:

Casa Pia-Alhandra, em «Pina Manique»; S. L. Olivais-Futebol Benfica, no campo «Alvaro Gaspar»; Operário-Vitória C. L., no campo «Armínio de Carvalho»; Desportivo dos Olivais-Sintrense, no campo «A. Marques Augusto»; Alverca-Vilafranquense, em Alverca — todos ás 14 e ás 16 horas, respectivamente, em «reservas» e «honra».

O campeonato de juniores da 1 Divisão, oferece-nos os seguintes encontros:

Série A — Unidos de Algés-Sporting, em Algés; Arroios-Belenenses, no campo «A. M. Augusto»; Palmense-Atlético, em Palma; Estoril-Cascalheira, na Amoreira — todos ás 10 e 30 horas.

Série B — Oriental-Vialonga, em Marvila; Benfica-Charneca, no Campo Grande; Povoense-Torriense, na Póvoa; S. L. Olivais-Alhandra, nos Olivais — todos ás 10 e 30 horas.

HÓQUEI EM PATINS

Tarefa difícil do Paço de Arcos ante um Futebol Benfica moralizado

O Paço de Arcos encontrou no Futebol Benfica adversário bem mais difícil do que terá pensado. Por motivos diversos, ambas as equipas tinham necessidade de chamar a si o triunfo, o que não podia deixar de se espelhar no animo dos jogadores. Consequentemente, nem sempre na pista da Costa do Sol se viu hóquei patinado de boa urdidura. Essa circunstancia não invalida que a partida despertasse o maior interesse pois foi disputada palmo a palmo. Os «encarnados e pretos», procurando esquematizar os seus lances, isto é, galgando o cimento conduzindo a bola de uns para os outros, tornaram-se presa difícil para os comandantes. E ao intervalo, o marcador registava a igualdade a uma bola, expressão que traduz, com clareza, o notório equilíbrio existente entre os dois quadros. Anote-se até, que os forasteiros foram os primeiros a marcar (Jaime Figueiredo, aos 2 minutos) e que só quando restavam trinta segundos de jogo, Correia dos Santos logrou o empate. Isto é: mediou entre um e o outro golo 17 minutos sem que o Paço de Arcos lograsse igualar...

No recomeço, o Futebol Benfica, prosseguindo na sua toada «pensada» voltou a colocar-se em vencedor (Belarmino, aos 3 minutos). A equipa de Correia dos Santos reagiu e, dois minutos depois, este jogador igualou, para alcançar o golo do triunfo aos 10 minutos, sendo este muito contestado pelos lisboetas, mas que o árbitro não atendeu. Foi um momento de infortunio para os «encarnados e pretos», pois, com efeito, teve-se a sensação que o esférico não chegou a ultrapasar a linha de golo ao contrário do que o juiz de baliza afirmou e confirmou...

Em reservas, o Paço de Arcos venceu por 6-3.

*

Na Parede, a equipa local foi desfeiteada, surpreendentemente, pela Mundet, por 4-2, em primeiras; e por 3-1, em reservas.

A classificação actual é a seguinte:

	J.	V.	E.	D.	G.	P.
P. Arcos	16	13	1	2	87-38	43
Sintra	15	12	1	2	95-51	40
Cascais	15	10	3	2	58-37	38
Benfica	16	9	2	5	75-50	36
Oeiras	17	6	1	10	54-73	30
C. Ourique...	12	7	—	5	43-35	26
Sporting	17	4	1	12	45-79	26
Parede	16	4	1	11	48-61	25
F. Benfica...	16	2	5	9	37-68	25
Mundet	16	3	1	12	42-92	23

Várias provas de amanhã

AUTOMOBILISMO

Está marcada para amanhã a 7.ª Grande Gincana de Automóveis de Alenquer numa organização do Sporting local. O certame está integrado no «Critério de gincanas de automóveis» e principia ás 15 horas, no campo daquele clube.

CICLISMO

A Associação de Ciclismo do Sul faz disputar amanhã, na pista do Estádio «José Alvalade», com início ás 9 horas, os campeonatos regionais de velocidade, para corredores das categorias «independentes» e «iniciados». Estão inscritos representantes do Sporting e Belenenses.

HANDEBOL DE SETE

Os campeonatos nacionais de handebol de sete prosseguem amanhã, com os encontros da 3.ª jornada.

Em Campo de Ourique jogam os juniores do Benfica contra os do C. D. U. P. e os do Campo de Ourique contra os do F. C. Porto, respectivamente, ás 15 e ás 16 horas.

Os seniores exibem-se no Porto (Constituição), com os encontros Salgueiros-Belenenses, ás 14 horas, e F. C. Porto-Sporting, ás 15 e 30 horas.

HOQUEI EM PATINS

Para conclusão do programa da antepenultima «ronda» do campeonato regional do Sul (1.ª Divisão), disputa-se amanhã o encontro Sintra-Parede. As reservas defrontam-se ás 17 horas e as categorias de honra, ás 18 horas.

NATAÇÃO

A tradicional «Travessia do Tejo a nado» tem amanhã mais uma «edição», que, como as anteriores, é aguardada com o maior interesse. A corrida será disputada por homens e senhoras, das categorias de juniores e seniores, havendo classificações individuais e colectivas.

As partidas serão dadas junto ao pontão da Trafaria (lado esquerdo) ás 10 horas para as senhoras e ás 10 e 15 para os homens. A meta está instalada junto ao posto náutico do Algés e Dafundo, na praia de Algés.

PESCA DESPORTIVA

O Clube Amadores de Pesca de Tomar promove amanhã o seu 1.º Concurso de Pesca Desportiva, no rio Nabão (Zona de Pesca Desportiva).

O certame tem a participação de pescadores espanhois, fazendo-se a concentração dos concorrentes ás 7 horas, junto aos terrenos anexos ao Mercado Municipal.

TÉNIS

Nos «courts» do Estoril realiza-se amanhã a final da prova de singulares-homens dos campeonatos internacionais do Estoril, jogando ás 15 horas, Patricio Rodriguez contra Daniel Achondo. Completa a jornada uma exibição de pares-homens, entre jogadores de 1.ª categoria e os dois campeões chilenos.

TIRO AOS PRATOS

A Associação dos Bombeiros Voluntários de Linda-a-Pastora organiza amanhã um torneio de tiro aos pratos, cujo produto é a favor da construção do seu quartel.

As provas disputam-se nos terrenos anexos ao Estádio Nacional, ás 10 e ás 14 horas.

VOLEIBOL

A primeira jornada de propaganda de voleibol — uma iniciativa da Associação de Voleibol de Lisboa — decorrerá amanhã, ás 10 horas, na Costa da Caparica, cuja Comissão Municipal de Turismo presta a sua colaboração, tendo oferecido uma taça que será disputada entre as categorias de honra do Sporting e do Lisboa Ginásio.

TAUROMAQUIA

Em Tomar

Em Tomar lidam amanhã, domingo, ás 17 horas, touros de Oliveira Irmãos, os cavaleiros Simão da Veiga e D. José Ataíde, o matador de touros António dos Santos e o novilheiro Manuel de Oliveira.

Os que vão á cabeça

MADRID, 20. — A cabeça dos matadores de touros figuram Gregório Sanchez, com 73 corridas; «Chamaco», com 68 e António Ordoñez, com 63. E, dos novilheiros, António Gonzalez, com 58; Diego Puerta, com 47, e José Trincheira, com 38. Este tomará alternativa no próximo dia 28, em Caceres, das mãos de Gregório Sanchez, o que mais corridas soma. — (Efe).

Cavalhadas, na Amadora

Amanhã, pelas 17 horas, efectuam-se, na Porcalhota, Amadora, cavalhadas, á antiga portuguesa. Tomam parte nesta competição os melhores cavaleiros dos arredores.

VELA

A regata do Oriental

Em Belém, ás 14 horas, começou a regata de pequeno cruzeiro, da classe «V», organizado pela secção de vela do Clube Oriental de Lisboa, prova a contar para o campeonato nacional. Alinharam, á partida, seis barcos do Oriental, dois do Algés e um do Clube Naval. A chegada a Vila Franca de Xira deve verificar-se ao fim da tarde.

Ajudalto, L.da
PRONTO SOCORRO
de automóveis de qualquer parte do País
TODOS OS DIAS E A TODA A HORA
INCLUINDO DOMINGOS
R. Damião de Góis, 18-B a 18-E a Algés — T. 610051

VOLEIBOL

A Federação em situação periclitante

A primeira conclusão a tirar da reunião de delegados, que ontem á noite se efectuou na Associação de Voleibol de Lisboa, preparatória das eleições federativas, é a de que a maioria dos clubes praticantes e bem assim, o nóvel elenco associativo estão na firme disposição de traçar novos rumos para a modalidade.

Com efeito, depois do vice-presidente da associação ter informado os delegados presentes de que o sr. brigadeiro Carlos Chaby só aceitaria a sua reeleição desde que, como se verificara das eleições anteriores lhe fossem dados plenos poderes para escolher os restantes directores, os delegados do Lisboa Ginásio, Sporting, Belenenses, Atlético e F. C. de Lisboa, embora considerando os altos serviços prestados por aquele dirigente, entenderam que ao organismo regional não deveria ser retirado o direito de indicar os seus representantes.

Não deixou nessa altura de ser ventilada a hipótese da recusa do presidente da Federação em face da atitude de interesse manifestada pelos clubes mas, mesmo nesse caso, a maioria com excepção do Benfica e do Universitário resolveu manter o seu ponto de vista.

Do exposto conclui-se que se pretende ver o sr. brigadeiro Carlos Chaby rodeado de elementos de maior acção efectiva.

De ontem para hoje

PEQUENO MUNDO

OS Continentes cada vez menos têm fronteiras. A Terra é tambem cada vez menos tamanha que a não abranja o coração de todos. Determinantes do pensamento e do interesse comum, enquanto por um lado o expansionismo económico e politico parece não ter medidas para a sua ambição, por outro lado, paradoxalmente, descem-se barreiras e os homens, de mãos dadas, lá vão construindo um Mundo de soberania afectiva aqui e alem sem vistos nos passaportes, agora, como se anuncia, sem outras dificuldades de transito que não seja a aquisição de um «Eurailpass». Custa 125 dólares e circulara, a partir de 1 de Março, nos comboios de treze países europeus, incluindo Portugal. Vê-los-emos, aos Americanos, turistas das duas Américas, deambular em Lisboa e percorrer o País e a Europa, a troco desses prestigiosos e sortílegos dólares, por um periodo equivalente a dois meses e numa rede ferroviária equivalente a 160 mil quilómetros. Nunca, na verdade, o grande Mundo dos homens há-de ter parecido tão tão pequeno às aves migratórias.

FEIXE DE IMAGENS

DA admiravel região dos vinhos do Douro (para o caso Juncal) dizem que as uvas não serão muitas mas de bom rendimento. O lavrador, sabendo dos altos preços das uvas de mesa nas cidades, negou-se a dá-las quase de graça ao intermediário. Pois, que a defesa sirva de exemplo aos gananciosos. E que nunca pela lição, doam as mãos aos vinhateiros durienses.

✱ A gente de Furadouro exulta. A sua praia, segundo informa o presidente da Camara de Ovar, vai ser protegida das investidas do mar. A Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos foi encarregada de proceder a estudos e pensa-se que muito em breve começarão as obras de emergência.

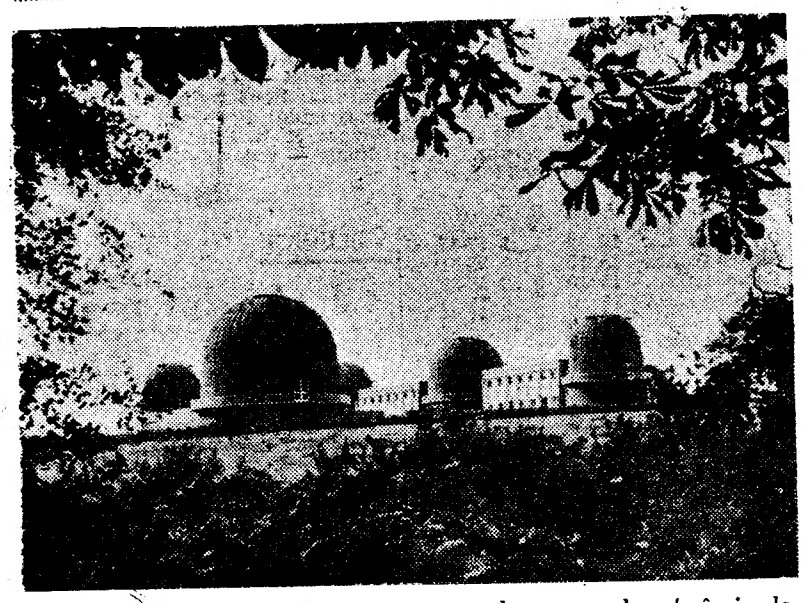
✱ Agrava-se a situação da Lavoura no Faial. O vulcão dos Capelinhos entrou em nova e violenta fase erruptiva e as cinzas, cobrindo os prados, destruiram pastos, matando à fome os rebanhos. Sem milho, por sua vez, o homem, chora o seu pão.

✱ Três mil carpas foram lançadas ao rio Vouga, pela Junta do Turismo de S. Pedro do Sul. E' o segundo repovoamento do rio, pois, outras 27 mil trutas e alevins haviam sido lançados ao Vouga. Mas, de que vale este repovoamento, se a lei da sua preservação não foi publicada e falta quem fiscalize os pescadores criminosos?

✱ Dois afogados, um em Goa, onde morreu o furriel miliciano Jacinto Rodrigues, natural de Lisboa: outro nas Penhas Douradas, onde morreu Fernando Marçano, de 14 anos. Viera há pouco de Angola e passeava com os pais e os irmãos, junto da barragem do Vale do Rossim.

JORNAL PEQUENO

O Chefe do Governo recebeu o dr. Moreira Baptista, general Carlos da Costa Macedo e dr. António Fernandes Machado; no seu livro de cumprimentos inscreveram-se o comodoro Fernando de Quintanilha e Mendonça Dias e prof. dr. Joaquim Fontes. ✱ O Presidente do Conselho recebeu o cardeal Spellman arcebispo de Nova York; dr. Eduardo Leitão, embaixador de Portugal em Bruxelas; e tenente-coronel Salvação Barreto, presidente da Camara Municipal de Lisboa. ✱ Cento e vinte e um trabalhadores espanhóis, sócios da Educacion y Descanso, instalaram-se na colónia de férias «Um Lugar ao Sol». ✱ Quarenta anos de labor das Oficinas Gerais de Material Aeronáutico vão ser celebrados, em Alverca, onde em 1922 começou o fabrico de aviões. ✱ Os colonos madeirenses de visita ao Continente, foram festivamente recebidos na Casa da Madeira. ✱ O prof. Eduardo Coelho fez uma comunicação no III Congresso Mundial de Cardiologia (Bruxelas), com ele apresentando os cardiologistas drs. Olivaira e Sousa Borges, resultados de experiências muito curiosas no campo da sua especialidade. ✱ Morreu em S. José o jornaleiro João Antunes Catarino que fora esfaqueado em Vendas Novas. ✱ Uma criança de 4 anos que em Colares veraneava com os pais (Horácio Aleluia e D. Custódia Aleluia) foi mortalmente atropelada.



O meridiano de Greenwich é um dos grandes pontos de referência do Globo terrestre. Dá-lhe o nome o Observatório Real de Greenwich. Acontece que o observatório foi deslocado para Heritmonceux, no Sussex, onde se erguem estas novas instalações, de um estranho perfil, que nos dá uma ideia de um mundo futuro. Mas os Ingleses, para manterem este meridiano prestigioso e não provocarem uma revolução nos mapas de todo o Globo, continuam a fazer todos os cálculos tomando como base a situação do antigo observatório

Pensionato de velhos

destruido por um incêndio

RICHMOND (Indiana), 20. — Um incêndio destruiu um pensionato para pessoas idosas, matando alguns dos internados e deixando muitos outros bloqueados pelas chamas, sem poderem sair do edifício.

As autoridades declararam que foram retirados das ruínas cinco corpos e que algumas pessoas continuam ainda presas entre os escombros. — (A. N. I.).

Nas operações de salvamento do «Arnel»

que decorreram com grandes dificuldades

participaram intensamente aviões e helicópteros da Base das Lajes

(Continuação da 1.ª página)

a tentativa falhou. O mar agitou-se e abateu-se sobre os trinta náufragos. Apenas três conseguiram atingir a terra. Recolheram-se os primeiros oito cadáveres.

As operações de salvamento decorreram com grande dificuldade

Os aviões voavam em volta do navio, pairavam no ar helicópteros. Os barcos de socorro tentaram aproximar-se.

Era um quadro de tragédia a desenhar-se na madrugada. Sob a orientação do director do aeroporto, sr. Alexandre Negrão, organizaram-se os socorros.

Um dos aviões, que partiu da Ponta Delgada ás 12 horas conseguiu estabelecer contacto com o barco. Montou-se um cabo vai-vem do Instituto de Socorros a Náufragos, operação arriscada levada a efeito por um grupo de 15 bombeiros voluntários de Angra do Heroismo. Ao mesmo tempo era colocado em terra um sistema de altofalantes e era estabelecida uma ligação telefónica com o «Arnel». As embarcações que já se encontram próximo do navio encalhado começaram a receber passageiros, lutando com as máximas dificuldades.

Os passageiros foram descidos por cordas para um pequeno barco que os transportou depois para os barcos maiores situados ao largo.

A aviação desenvolveu preciosa colaboração

Os aviões da Base Aérea das Lajes lançaram no mar barcos de borracha e boias. Os helicópteros começaram a transportar os passageiros do «Arnel» para terra. Aqui, um posto de serviços clínicos rápida e eficientemente montado, prestou socorros aos feridos. Era apenas ministrada assistência a pequenos casos de esgotamento físico e nervoso. O Sol ardia sobre o desastre, um vasto quadro espectacular e dramático, com o navio ferido nos rochedos e batido pelas vagas.

O capitão e o imediato abandonaram o navio perdido

Ás 15 e 30, o capitão José Rodrigues Bernardo e o seu imediato, Fernando Simões França, abandonaram o navio, considerado perdido.

Procedeu-se ainda ás buscas dos dezassete desaparecidos.

A' sala da Morgue do hospital de Vila do Porto recolheram os cadáveres de dez passageiros. Eram eles o padre Artur Medeiros Brandão, de 35 anos, da Povoação de S. Miguel; Carlos Costa Dutra, de 4 anos, de Vila do Porto; Maria Cesaltina Costa Galego, de 21 anos, de Lagoa, S. Miguel; Angelina Augusta Cabral, de 42 anos, de S. Espirito, Santa Maria; Maria da Encarnação Barros, de 24 anos, de S. Bárbara, de Santa Maria; Cidália Maria Paiva Melo, de 13 anos, doa Povoação, S. Miguel; Maria Encarnação Chaves, de 48 anos, de S. Espirito; Maria da Conceição Barros, de 24 anos, de S. Bárbara, ilha de Santa Maria; Joaquim Soares Melo, de 58 anos, de Almagreira, Santa Maria e José Manuel Soares, de oito meses, de Vila do Porto. Havia ainda um décimo-primeiro morto, ainda não identificado.

Mas, faltam mais dezassete náufragos, dos quais só um é tripulante, o guincheiro José Joaquim. Os restantes eram passageiros.

Ainda não estão apreciadas as causas do sinistro

As causas do desastre ainda não foram apuradas, mas juga-se ter havido erro de cálculo. Sabe-se que o capitão do navio, José Rodrigues Bernardo, é um marinheiro experimentado e profundo conhecedor da rota que o «Arnel» seguia. Não há possibilidade de salvar o navio, dada a posição em que se encontra.

Características do navio

O «Arnel» era um barco da classe navio-motor da Empresa Insulana de Navegação. Construido pelos Estaleiros Navais de Viana do Castelo e entregue em Maio de 1955, tinha uma tonelágem bruta de 1.025 toneladas, uma tonelagem liquida de 551,16, o comprimento de 59,57 metros. a boca com 10,02 metros, a velocidade máxima de 13 nós, uma capacidade para carga de 305 m3 e podia transportar 144 passageiros, dos quais 102 em salão. O «Arnel», que custou cerca de 14.000 contos, como o «Cedros», seu gémeo, foram construidos por despacho do então ministro da Marinha almirante Américo Tomás, que os visitou, para servir as carreiras entre as várias ilhas do arquipélago dos Açores, antes servidas por palhabotes.

Um cão

matou a tiro um caçador

KANSAS CITY, 20. — Um cão matou um caçador a tiro. Um grupo de caçadores, entre os quais Robert Drake, descobriu uma lebre. Drake levou a espingarda á cara e estava a seguir o animal pela mira, preparando-se para disparar, quando um dos cães saltou contra ele e fez cair a espingarda; assustado, o animal tocou no gatilho com uma pata, disparando a arma. O caçador teve morte imediata. — (A. N. I.).

Fogo suspeito

destruiu uma camioneta e um barracão

Esta madrugada, foram chamados os Bombeiros Voluntários de Sacavém, para combater o fogo que se declarara, violentamente, num barracão pertencente ao sr. Carlos Pina e no qual estava arrecadada uma camioneta também sua propriedade. Quando os bombeiros chegaram, porém, os seus esforços foram práticamente baldados, pois, o fogo tudo devorara. Dois bombeiros, entretanto, bastante queimados, foram conduzidos ao Hospital de S. José. Trata-se de António Aires Figueiredo e Arnaldo da Conceição Rodrigues que, depois de tratados, recolheram a casa.

Entretanto, o sr. Armando Pina, irmão do proprietário da camioneta, ausente de Sacavém, com sua família, apresentava queixa ás autoridades, por suspeitar de que o fogo fora posto.

Visita ministerial

ao Colégio Militar e Instituto de Odivelas

Os ministros das Obras Publicas e do Exército e o subsecretário desta pasta visitaram hoje os edifícios do Colégio militar e do Instituto de Odivelas.

As principais disposições dos regimentos das Corporações da Lavoura, de Transportes e Turismo, de Crédito e Seguros e de Pesca e Conservas

Ao abrigo e nos termos do disposto na base XIII da lei n.º 2.086 de 22 de Agosto de 1956, o ministro das Corporações e Previdência Social aprovou os regimentos de quatro Corporações, as primeiras que foram recentemente constituídas: a da Lavoura, a de Transportes e Turismo, a de Crédito e Seguros e a de Pesca e Conservas.

Do regimento da Corporação da Lavoura — que, embora com as necessárias adaptações, é concebido em termos idênticos ao das outras — vamos dar as principais disposições, visto que a sua extensão não nos permite publicá-lo na íntegra:

Constituição, fins e atribuições

A Corporação da Lavoura, instituída pelo decreto n.º 41.287, de 23 de Setembro de 1957, nos termos da lei n.º 2.086, de 22 de Agosto de 1956, constitui a organização integral das actividades agrícolas e é formada pelas federações dos grémios da lavoura, pelas federações das Casas do Povo e por outros organismos corporativos que representem os interesses da produção e do trabalho agrícolas. Estes organismos são, presentemente, a Federação Nacional dos Produtores de Trigo, a Federação dos Vinicultores da Região do Douro (Casa do Douro), a Federação dos Vinicultores do Dão, o Grémio dos Produtores de Fruta da Região de Vila Franca de Xira e os grémios da lavoura e as Casas do Povo ainda não federados.

A Corporação da Lavoura é pessoa colectiva de direito publico, tem sede em Lisboa e pode exercer todos os direitos respeitantes aos legítimos interesses do seu instituto. Tem por fim coordenar, representar e defender os interesses das actividades que nela se integram, para a realização do bem comum, devendo a sua acção desenvolver-se, em colaboração com o Estado e demais corporações, no respeito absoluto pelas superiores conveniências nacionais, em espirito de estreita cooperação social e com repudio do predomínio de quaisquer grupos ou classes. Em caso algum a Corporação poderá

el»

des

magrei-
Manuel
Vila do
mo-pri-
dentifi-

ezassete
é tri-
é Joa-
passa-

iadas

o

da não
-se ter
-se que
drigues
o expe-
necedor
ia. Não
navio,
contra.

vio

a classe
nsulana
elos Es-
Castelo
5, tinha
25 tonela-
da de
0,57 me-
etros, a
ós, uma
05 m3 e
ageiros,
«Arnel»,
contos,
, foram
o então
mirante
tou, pa-
e as vá-
los Aço-
habotes.

O estado em que ficou o carro que se voltou na auto-estrada

ACIDENTES DE VIAÇÃO

Na auto-estrada

um automóvel ficou destruido

mas o condutor pouco sofreu

Esta manhã, na auto-estrada, perto do Viaduto Duarte Pacheco, um automóvel conduzido pelo sr. Mário Pereira Nunes, de 43 anos, residente no Lagoal, Caxias, derrapou, despistou-se e embateu com as árvores que existem á beira da estrada, virou-se sobre si próprio e acabou por ficar transformado num autentico monte de sucata.

Apesar das consequências materiais do desastre e do seu aspecto espectacular, o condutor do veículo apenas sofreu ligeiros ferimentos.

O desastre de automóvel

perto de Alcobaça

em que morreu uma criança

ALCOBAÇA, 20. — (Pelo telefone). — Os jornais noticiaram o desastre ocorrido ontem, quando um automóvel, ao fazer uma curva, se despistou e foi cair a uma vala cheia de água, junto da central eléctrica de Fervença. O condutor, Alfredo Dias de Sousa, casado, de 42 anos, comerciante e residente em Leça da Palmeira, viera do Norte, com sua filha, Maria Emília Ferreira Dias de Sousa, de 15 anos, Manuel Ferreira da Silva de 27 anos, operário fabril, e Maria Manuela Ferreira da Silva, de 14 anos, de visita ao sr. Orlando Ferreira Marques, casado, de 38 anos, empregado comercial, residente na Fervença e que, de automóvel com os amigos, se dirigia a um café desta vila. Acompanhava-o sua filha, Maria Elisabette Ferreira Marques, de 13 anos.

O carro, ao cair na vala, segundo parece, porque o condutor perdeu a direcção, afocinhou na água com as rodas voltadas para o ar, deixando os seus ocupantes na mais perigosa situação.

Os feridos foram conduzidos ao hospital, onde esta madrugada, cerca das 5 horas, faleceu a pequena Maria Emília. O Orlando Ferreira está também internado em estado muito grave e os restantes feridos, depois de tratados, recolheram a casa.

A propósito, lembra-se que este é o terceiro acidente ocorrido no local, em cerca de um mês, e isto porque, naquela curva, falta sinalização que previna do perigo e resguardos que evitem o mesmo.

Chama-se, por isso, a atenção das entidades competentes, reclamando as medidas necessárias.

Um motorista "surdo"

e dois larápios

em corridas rocambolescas pelas ruas de Lisboa

Um caso rocambolesco com dois larápios em fuga num «táxi» deu origem a uma perseguição emocionante, que, na madrugada de 29 para 30 do mês findo, transformou a Avenida Almirante Reis numa pista de automóveis, enquanto, na sua cola um outro automóvel de praça com o guarda-nocturno Manuel Barata Mendes tentava opor-se ás suas correrias. A história rocambolesca teve o seu início ás duas horas da madrugada, quando o cívico verificou a saída precipitada de dois indivíduos de uma escada do prédio n.º 264 da Rua da Palma que aflitivamente transportavam pesadas malas. O guarda-nocturno correu áquele prédio, verificando que as instalações da firma «Lusoplásticos» Ltd.ª haviam sido assaltadas. Voltando á rua, correu para o «táxi» com a matrícula E B 18-00, no qual estavam a ser carregadas as referidas malas. Intimou o motorista a não seguir viagem mas este não lhe obedeceu e arrancou a toda a velocidade enquanto um guarda da P. S. P., que se encontrava próximo e que se apercebera dos factos, apitava chamando a atenção de outros colegas. O carro, porém, seguiu perdendo-se na noite, o que não impediu que o motorista do «táxi» não fosse preso nessa mesma noite, na sua casa da Amadora. Tratava-se de Francisco Resio que, detido, acabou por indicar onde deixara os passageiros daquela madrugada. Eram eles Fernando Serra e Vítor José Guerreiro, dois cadastrados que, dias antes tinham abandonado a prisão, onde haviam cumprido penas por crimes de furto.

Na Polícia Judiciária, interrogados pelo agente Morim, confessaram o roubo, no valor de 12.72'$10, que foi inteiramente apreendido.

Mas o caso com o motorista Resio foi muito mais complicado, pois, para se libertar de responsabilidades, fingiu que sofria de surdez, fazendo «ouvidos de mercador» aos interrogatórios, alegando:

— Sr. agente, desculpe, mas não oiço nada. Estou metido nesta aventura para que nada concorri. A minha surdez é cada vez maior».

Levado, porém, á presença do inspector para a pronuncia e confirmação da prisão quis ensaiar a mesma «fita», mas uma ligeira alteração de voz e uma observação oportunissima levou-o a desmascarar-se. A perspectiva de ficar sem carta, pois os surdos não podem guiar, acabou por confessar que, tentado por uma boa gratificação se prestara á «fita rocambolesca» que vai ter agora o seu desfecho no Tribunal Criminal da Boa-Hora.

Ao Resio foi arbitrada uma fiança de 10.000$00 que não prestou.

Seis feridos

dois dos quais graves num acidente

perto de Loulé

FARO, 20 *(Pelo telefone)* — Cerca das 9 horas de hoje, no sitio denominado Fonte Souto, do caminho de Loulé, um automóvel conduzido pelo seu proprietário, sr. António Dias de Sousa Correia, industrial de cortiça em S. Brás de Alportel, para evitar o atropelamento dum peão, embateu contra uma barreira. Daí resultou ficar o condutor do carro gravemente ferido e em estado desesperado a sr.ª D. Maria da Conceição Costa Carrusca, viuva de 59 anos, moradora no Largo das Mouras Velhas, desta cidade.

No referido carro seguiam, ainda, a esposa do condutor do carro, sr.ª D. Maria da Luz Carrusca, uma sua filhinha e uma outra senhora, as quais sofreram ligeiros ferimentos pelo que, depois de tratadas, no Hospital, recolheram a casa.

Os dois primeiros feridos, cujo estado é de maior gravidade foram conduzidos ao Hospital de Loulé e como ali não houvesse cirurgião, foram transportados ao Hospital de Faro, onde ficaram internados.

Eng. Saraiva e Sousa

Esteve na redacção do nosso jornal a apresentar cumprimentos, o sr. eng. Alberto Saraiva e Sousa, subsecretário de Estado das Obras Publicas. Agradecemos a amável deferência.

A questão fundamental — (6)

Até que ponto deve considerar-se válida e fundamentada a afirmação frequentemente feita pelos dirigentes americanos — o ultimo em data a fazê-la foi o secretário da Defesa, Mc Elroy — de que a Aviação Estratégica de Bombardeamento, dos Estados Unidos, conserva a sua superioridade em relação á soviética, e de que a capacidade de represália que ela representa mantém intacto o seu valor, o que basta para funcionar eficazmente como «disuasor» da agressão? O senador Kennedy e o jornalista Joseph Alsop desmentem-na e invocam, para justificar o desmentido, factos e numeros que nunca foram oficialmente contestados.

Eis o que no «Herald Tribune» há dias escreveu o ultimo:

«O Governo americano tenciona executar, até 1960, o programa de fabricação de bombardeiros estratégicos B-52, incorporando estas unidades no S. A. C., o qual, no final daquele ano (1963), terá ao serviço, na melhor hipótese, 500 unidades de raio de acção intercontinental, ás quais há que juntar 1.400 aviões de raio médio. Os primeiros podem voar directamente das bases americanas ao território inimigo, atacando-o. Os segundos precisam de utilizar as bases americanas situadas no estrangeiro para desempenharem a sua missão».

«Os primeiros bombardeiros B-58, modelo aperfeiçoado do qual muito esperam os chefes da nossa aviação, começarão também a sair das fábricas em série naquele ano de 1960 e prevê-se a fabricação rápida de 70. A utilização de aviões-cisterna permitirá dispensar algumas das bases actuais mas não em numero suficiente para modificar, sensivelmente, a situação estratégica. Tendo em conta a depreciação de parte do nosso material aeronáutico, existente ou a sair das fábricas, os numeros que exprimem a nossa capacidade de represália nos anos criticos (1960-63) são os seguintes: 500 bombardeiros B-52; 70 B-5; 500 B-47. Os ultimos não tardarão a considerar-se obsoletos».

Quais são, para o mesmo período, os numeros que exprimem a capacidade correspondente dos sovietes, no domínio dos bombardeiros estratégicos (para transportar cargas nucleares)? Segundo a versão de Joseph Alsop, que colhe habitualmente as suas informações nas melhores fontes, são os seguintes: 350 bombardeiros intercontinentais (grande raio de acção) sendo 100 do tipo «Urso» e 250 do tipo «Bisão»; 1.000 aparelhos de raio de acção média, do tipo «Texugo». Quer dizer: os Russos estarão em condições, durante os anos criticos, de opor aos 570 bombardeiros intercontinentais americanos 350 dos seus, e 1.000 aos 500 bombardeiros de raio médio de acção.

«Estas revisões fundamentadas, continua Joseph Alsop, bastam para justificar a nossa inquietação, quanto ao futuro da capacidade de represália dos Estados Unidos, já amputada de grande parte da sua eficiência pela desproporção entre a produção de projécteis balisticos nos dois paises, com vantagem para os nossos competidores. Acontece, porém, que há noticias concretas de que os Russos começaram a fabricar, em série, um novo modelo de bombardeiro pesado de seis motores e velocidade supersónica, unanimemente considerado pelos nossos peritos aeronáuticos como incomparàvelmente mais eficaz do que o B-58 americano que começa a ser produzido. Esse novo modelo soviético, ainda segundo o parecer dos peritos, destina-se a revolucionar os cálculos dos estrategas do S. A. C. quanto á capacidade de represália da força que comandam. A sua fabricação em série acentuará a superioridade de que os nossos adversários gozam e tende a aumentar em todos os capitulos da fabricação de armamentos modernos sem excluir os nucleares».

Entre esses armamentos, a aviação de caça e a artilharia antiaérea (armas defensivas com papel decisivo num eventual conflito travado pelas grandes potências) avultarão nos anos do «gap», pois a sua fabricação na União Soviética se fará a um ritmo mais rápido do que nos Estados Unidos. Os numeros citados pelo senador Kennedy e pelo jornalista Joseph Alsop, pelo que a elas se refere, são igualmente sugestivos e a sua revelação, como a daqueles que já citámos, causou sensação dos dois lados do Atlantico. Todos demonstram que o desequilibrio da balança de forças mundial — a questão fundamental a ter em conta para prever as alternativas diplomáticas a que assistimos — se agravou depois de 1956 e com esse fenómeno se alteraram as condições da competição entre as nações ocidentais e o bloco comunista.

A Misericórdia

fez o funeral

à pobre velhinha

que morreu no Manicómio

Foi hoje a enterrar, no cemitério do Lumiar, aquela pobre nonagenaria Maria da Conceição que, durante 52 anos, esteve internada no Manicómio Miguel Bombarda, caso a que ontem nos referimos. Ficou sepultada no coval n.º 1.786, primeira secção.

Os artistas da Companhia Brasileira de Revistas que está a trabalhar no Coliseu dos Recreios, ao tomarem conhecimento do triste fim da velhinha, abriram uma subscrição para custear as despesas do funeral, tendo sido encarregada a artista secretária da empresa, sr.ª D. Pepa Rois,de entregar o produto da subscrição no «Diário de Lisboa».

Sucede, porém, que, quando aquela senhora nos entregava o produto da subscrição recebiamos da Agência Funerária Salgado a informação de que a Misericórdia de Lisboa se havia prontificado a fazer o funeral, pelo que restituímos o dinheiro momentos antes recebido.

A sr.ª D. Pepa Roiz tomou então a resolução de comprar um ramo de flores e acompanhar o funeral, o que fez, em nome de todos os artistas da companhia, sendo a unica pessoa presente no préstito funebre, além dos empregados da agência funerária.

Recebemos também a quantia de 50$00 do sr. Manuel da Silva Pereira para custear as despesas do funeral, importancia esta que se encontra á sua disposição, visto já não ser necessária. Também nos telefonou um nosso leitor, que pediu que ocultássemos o seu nome, prontificando-se a concorrer com o que faltasse para a despesa a fazer com o funeral.

A todos, pois, os nossos agradecimentos pela sua generosa colaboração.

DÔRES DE CABEÇA ?

tome Alka-Seltzer*

Alivia Dôres de cabeça!

Melhora o Estômago!

PARA ALÍVIOS RÁPIDOS

Milhões de indivíduos, em mais de 100 países, confiam no Alka-Seltzer! *Faça o mesmo!*

* Marca Registada

PRATAS ANTIGAS

GRANDE VARIEDADE

Vende e compra

Ourivesaria Santa Filomena

(frente portão Jardim Zoológico)

NOVIDADE LITERÁRIA :

«SOBRE A DECLARAÇÃO DE VOTO DE SUA EX.ª REVM.ª O SENHOR BISPO DO PORTO»

POR

MANUEL ANSELMO

Uma obra sensacional, destinada a esgotar-se em breves dias, e á venda, desde já, em todas as livrarias do País

Preço: Esc. 15$00

Pedidos ao depositários exclusivos:

ORGANIZAÇÕES, LD.ª
EDITORIAL

Largo Trindade Coelho, 9-2.º
Telefone 27507 — LISBOA

posições

las Corporações

e Turismo,

e Pesca e Conservas

rodução
es orga-
, a Fe-
dutores
Viniculi-
Casa do
iniculto-
Produto-
de Vila
os da la-
o ainda

a é pes-
publico,
exercer
ntes aos
u insti-
nar, re-
nteresses
se inte-
bem co-
o desen-
com o
ções, no
periores
em espi-
social e
inio de
ses. Em
poderá

utilizar ou ceder a sua sede ou contribuir com os seus meios de acção para qualquer espécie de actividade política ou social contrária aos interesses da Nação ou á Constituição do Estado.

São suas atribuições exercer as funções políticas conferidas pela lei; coordenar a acção dos organismos corporativos que a constituem e regular as relações sociais ou económicas entre eles, tendo em vista os seus interesses próprios e os fins superiores da organização; representar e defender, nomeadamente na Camara Corporativa e junto do Governo e dos órgãos da Administração, os interesses da lavoura; promover a reorganização e o aperfeiçoamento das convenções colectivas de trabalho e intervir, sempre que necessário, nas negociações que lhes digam respeito; coordenar a acção e regular as relações sociais, nos aspectos de pura representação profissional, das Casas do Povo e das suas federações, coajuvá-las na organização e desenvolvimento da previdência e das obras sociais e culturais em benefício dos trabalhadores do campo; promover, em estreito entendimento com a Comissão Coordenadora do Serviço Social Corporativo e do Trabalho, a criação e a expansão do serviço social nas Casas do Povo e nas empresas agrícolas; propor ao Governo normas de observancia geral sobre quaisquer assuntos de interesse para a Corporação e, em es-

(Continua na 14.ª página)

BRILHANTES

De qualquer tamanho e preços, compramos.
Pagamos muito bem.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
Rua da Prata, 257

DESPORTOS

(Continuação da 7.ª página)

que promete um empate rijo e entusiástico. Do rendimento das duas linhas avançadas depende a vitória. A ideia do empate é hipótese a considerar, se Arsénio estiver pelos ajustes.

Formação das duas equipas:

C. U. F. — Gama; José Luís e Abalroado; Orlando, Palma e Vale; Rodrigues, Oliveira, Arsénio, Quaresma e Uria.

BARREIRENSE—Bráulio; Faneca e Silvino; Lança, Pinto e Vasques; Oñoro, Correia, José Augusto, Faia e Pimenta.

Os Vimaranenses recebem o Belenenses. E' naturalíssimo que o grupo local se reabilite do desaire de domingo, mas isso não invalida as melhores possibilidades dos visitantes, cujo ataque demonstra maior poder realizador.

Prováveis formações:

V. GUIMARÃES—Sebastião; Virgílio e Daniel; Augusto Silva ou Vaz (ex-Benfica), Silveira e João da Costa; Bártolo, Edmur, Ernesto, Carlos Alberto e Rola.

BELENENSES — José Pereira; Carlos Silva; Moreira, Figueiredo e Vicente; Abdul, Iaúca Tonho, Mateu e Tito.

O Benfica é um dos quatro grandes com saída difícil, mesmo que o Caldas não atravesse o seu melhor momento. Prevê-se um encontro emocionante, disputado palmo-a-palmo. O empate talvez seja uma hipótese, mas os «encarnados» reunem condições para vencer.

Constituição das equipas:

CALDAS—Vítor; Amaro e Anacleto; Orlando, Saraiva e António Pedro; João, Romeu, Janita, Mateus e Lenine.

BENFICA—Costa Pereira; Ferreira e Angelo; Alfredo, Artur e Salvador; Vieira Dias, Coluna, Águas, Mendes e Cavém.

Em Coimbra, os «estudantes» recebem os Covilhanenses. E' natural que os visitantes não possam marcar tantos golos como no domingo passado. A defesa local será um obstáculo sério. Prognóstico difícil.

Prováveis formações:

ACADÉMICA—Cristóvão; Bento e Araujo; Gil, Wilson e Abreu; Jorge Humberto, Miranda, André, Samuel e Bentes.

SP. COVILHÃ—Rita; Helder e Couceiro; Lázinha, Lourenço e Cabrita; Manteigueiro, Lorenzi, Suarez, Martinho e Óscar Silva.

III Troféu Turístico do Clube Shell

Encerra hoje a inscrição para a grande prova de automobilismo «III Troféu Turístico do Clube Shell» — um dos «rallies» mais importantes que se disputam no nosso País — a realizar nos dias 27 e 28 do corrente mês. As partidas serão dadas de Lisboa, Porto, Castelo Branco, Coimbra, Figueira da Foz, Santarém e Marinha Grande. A ultima prova complementar de perícia realiza-se na Figueira da Foz, após o que os concorrentes serão homenageados com um almoço, recebendo então os vencedores os troféus respectivos.

A inscrição pode ser feita até ás 18 horas, na sede da A. C. P. e até ás 24 horas, no Clube Arte e Sport; no Porto, na secção regional do A. C. P. e para outros concorrentes nas estações de serviço Shell existentes nos locais de partida.

O Atlético

comemorou o seu 16.º aniversário

Sob a presidência do sr. dr. Salazar Carreira, inspector-geral dos Desportos, em representação da D. G. D., realizou-se ontem, á noite, uma sessão solene comemorativa do 16.º aniversário do Atlético Clube de Portugal, que decorreu em elevado ambiente de unidade clubista.

Discursaram os srs. dr. Correia Guedes, presidente da direcção; Belarmino Esteves Magalhães, do Oriental; Alfredo Candido, da Federação das Sociedades de Recreio; Francisco Mega, presidente da A. F. L.; Sáfera da Costa, vereador da Camara Municipal de Lisboa; Jaime Franco, vice-presidente da assembleia geral do Atlético; e dr. Salazar Carreira que fez também a entrega de medalhas de dedicação a alguns sócios do clube alcantarense e aos jogadores da equipa de voleibol.

Todos os oradores se manifestaram a favor da união de todos os sócios, enaltecendo as tradições do clube que mais do que nunca terão de ser cada vez mais prestigiadas.

FUTEBOL

A Comissão Central de Árbitros é empossada na 3.ª feira

Os novos dirigentes da Comissão Central de Arbitros tomam posse na D. G. D., na próxima terça-feira, ás 18 horas.

O Desportivo da Cuf instalou o «Lar do Jogador»

Começou a funcionar o «Lar do Jogador», iniciativa da direcção da Cuf, do Barreiro. O edifício está situado no lugar denominado de Barra-á-Barra e será utilizado para concentração dos jogadores após a preparação de cada semana.

HIPISMO

O «Raid Vendas Novas-Praia das Maçãs»

está a despertar grande interesse

Tem despertado grande interesse no meio hípico português a organização da prova «Raid Hípico Vendas Novas-Praia das Maçãs», patrocinada pela Sociedade Hípica Portuguesa, que se realiza em 27 e 28 do corrente para a disputa de dezoito taças, entre elas as oferecidas pelo S. N. I. e pelas Camaras Municipais de Benavente, Vila Franca e Sintra, e pela Comissão de Melhoramentos de Mem Martins. Além destes trofeus, mais oito serão atribuidos aos classificados na prova.

Encontram-se já inscritos para disputar a prova os seguintes cavaleiros: Vicente Caldeira, Julio Borba, Manuel César Rodrigues, David Ribeiro Teles, Nuno Neto, José Pedro Neto, Eduardo Santos Silva Jorge Neto, Joaquim Tojal e Joaquim César Rodrigues.

A inscrição, aberta na S. H. P., encerra-se no dia 24, ás 18 horas e espera-se que, até lá, se inscrevam muitos mais cavaleiros civis e militares.

Presidirá ao juri de honra o sr. dr. César Moreira Baptista, sendo presidente do juri técnico, o eng.º Moniz Galvão.

A distribuição dos prémios efectuar-se-á na «boite» da Piscina da Praia das Maçãs, na noite de 28.

HOJE, À NOITE

BASQUETEBOL — Em S. Bento, ás 22 horas, jogo da 2.ª «mão» da taça «Irmãs Nieto» entre as equipas femininas do Belenenses e Galitos de Aveiro.

HANDEBOL — Campeonato Nacional, na variante de sete: Campo de Ourique-Universitário do Porto e Benfica-F. C. Porto (juniores), em Campo de Ourique, ás 21,30 e 22,45 horas. Na Constituição, ás mesmas horas, defrontam-se Salgueiros-Sporting (juniores) e F. C. Porto-Belenenses.

HOQUEI EM PATINS — Em Algés, para o regional da II Divisão, defrontam-se, ás 22,30 horas, Liga de Algés-Educação Física.

TÉNIS DE MESA — O Arroios homenageia os seus jogadores juniores e infantis, campeões nacionais, ás 21,30 horas.

VOLEIBOL — Na casa da Mocidade, ás 22 horas, «1.ª mão» dos jogos de passagem da 2.ª á 1.ª Divisão, entre o Académico e o Nacional de Ginástica.

ATLETISMO

Manuel Faria corre hoje em Barcelona

Pela terceira vez, Manuel Faria toma parte no Grande Prémio de Barcelona, correndo a prova dos 5.000 metros, que já ganhou por duas vezes. A corrida realiza-se esta tarde e nela participam os espanhóis, Mollins, Carlos Perez e Alonso; o italiano, Ambi; o alemão, Frosbak e o inglês, Clark, quarto classificado no Campeonato da Europa.

CINEGÉTICA

Novas restrições entram em vigor

na próxima época venatória

A Comissão Venatória Regional do Sul tornou conhecidos os locais onde, na sua área e na próxima época venatória, fica restringida ao sistema a «corricão» a caça das lebres nos concelhos de Beja, Campo Maior, Chamusca, Coruche, Elvas, Estremoz e Serpa.

Também em virtude do repovoamento de espécies indígenas não é permitida a caça a estas mesmas espécies, em determinadas zonas dos concelhos de Evora, Santiago do Cacém, Setubal e Tavira. Na freguesia da Luz, deste ultimo concelho, não é autorizada a caça da perdiz na zona compreendida entre a estrada nacional e o rio e na quinta da Casa Ramos Passos.

O uso do furão, sem redes, na caça dos coelhos, é permitido durante a próxima época venatória nos prazos e regiões a seguir indicados:

De 1 a 30 de Outubro, no Valado denominado «Vale de Figueira», do concelho de Alcochete; de 1 de Outubro a 30 de Novembro, em toda a área dos concelhos de Arruda dos Vinhos e Sobral de Monte Agraço; no concelho de Portalegre nas áreas discriminadas no respectivo edital; de 1 de Outubro a 31 de Dezembro no concelho de Arronches numa área de 500 metros em volta da propriedade denominada «Baldio de Arronches e na propriedade conhecida por «Alfeirão», situada na freguesia de Assunção. No concelho de Barrancos nas propriedades muradas designadas «Ferragiais». Nos concelhos do Cadaval, Elvas, Fronteira, Lourinhã, Óbidos, Peniche, Porto de Mós e Sousel, nas áreas designadas no edital respectivo. De 1 a 30 de Novembro em toda a área do concelho de Elvas.

A referida Comissão Venatória torna publico que a abertura geral da caça é no dia 1 de Outubro e que a venda das perdizes só é autorizada a partir de 15 do mesmo mês.

Entrega de medalhas da União Zoófila

Em 4 de Outubro, dia de S. Francisco de Assis, padroeiro dos animais, a União Zoófila leva a efeito, pelas 21 horas, no Ateneu Comercial de Lisboa, uma sessão zoófila, durante a qual serão entregues medalhas daquela instituição, entre as quais uma de ouro, destinada á rainha D. Isabel II — que será recebida pelo embaixador da Grã-Bretanha — e uma de prata ao «Diário de Lisboa».

As referidas medalhas são destinadas a «homenagear as pessoas e as entidades que se tenham notabilizado pelos serviços prestados á causa zoófila».

Concurso Nacional da Empresa Agrícola

Na sede da Federação Nacional dos Produtores de Trigo deram já entrada inumeras inscrições de lavradores para o Concurso Nacional da Empresa Agrícola Predominantemente Cerealífera. O prazo de inscrição termina no dia 31 de Outubro, e os lavradores que ainda não se inscreveram, têm vantagem em dirigir-se ao respectivo Grémio da Lavoura.

Policlinica do Intendente

AV. ALM. REIS, 27, 2.º — T. 45587

Dr. Abel Alves—Ouv. nariz e garganta 14 h.
Dr. Anastácio Gonçalves—Doenç. olhos. 18 h.
Dr. Armando Valle—Anál. clin. e vacinas, 11 h.
Dr. Armando Luzes—Rins e vias urinárias, 14 h.
Dr. Benard Guedes—Raios X, 16
Dr. Camara Leme—Boca e dentes, 10 ás 13 e 17 ás 19 h.
Dr. E. de Miranda Rodrigues—Doenças nev. mentais (2.ªs, 4.as e 6.as), 16 h.
Dr. Fernnado Castro Amaro—Med. geral, 14 h.
Dr. Formigal Luzes—Ag. Fisicos, 15 h.
Dr. João Marques Pinto—D. das crianças, 18 h.
Dr. Juvenal Esteves—Doenças da pele e sifilis (2.as, 4.as e 6.as), 14 h.
Dr. Mário Rosa—Cl. méd. est. e intest 15 h.
Dr. Souto Soares—Cirurgia geral, ortopedia, operações 14 h.
Dr. Pedro da Cunha—Partos e doenças das senhoras (3.as, 5.as e sáb.), 15 h.
Dr. Vasco de Lacerda—Cl. méd., coração e pulmões, 18 horas.

DE LUTO

Avelino Conceição Guimarães

Faleceu o sr. Avelino Conceição Guimarães, de 52 anos, natural de Santarém, subtenente engenheiro maquinista naval, reformado, casado com a sr.ª D. Ivone de Paiva Veiguinha Guimarães, pai dos srs. Vítor Manuel de Paiva Veiguinha Guimarães e Fernando Paiva Veiguinha Guimarães. O funeral, a cargo da Casa A. G. Magno, Ld.ª, da Av. Almirante Reis, realiza-se amanhã, ás 11 horas, do Pátio do Aljube, 3, 2.º, esquerdo, para o cemitério do Alto de S. João.

RIV

ROLAMENTOS E CHUMACEIRAS PARA APLICAÇÕES INDUSTRIAIS

★

ESMERADO FABRÍCO ITALIANO

REPRESENTANTE EXCLUSIVO:

AUTO-LUSITANIA

AVENIDA DA LIBERDADE, 73-79 LISBOA

Joaquim Miranda

Faleceu o sr. Joaquim Miranda, de 69 anos de idade, natural de Coimbra, funcionário da Companhia das Águas, que era casado com a sr.ª D. Julia Pereira Alves de Miranda e pai do sr. Álvaro Pereira Miranda. O funeral, a cargo da Agência Barata, realiza-se amanhã, ás 9 horas, da Avenida Elias Garcia, 77, r/c., direito, para o cemitério do Alto de S. João.

Vicente José da Costa

Faleceu o sr. Vicente José da Costa, de 82 anos, proprietário, natural de Nossa Senhora do Rosário — Cabo Verde, casado com a sr.ª D. Elisa Martins da Costa e pai das sr.as D. Cesaltina Costa e Silva, Maria Luzia da Costa Pinto de Andrade, D. Maria das Dores Martins Costa, D. Maria Madalena Martins Costa Teixeira, D. Maria Elisa Martins da Costa Sales da Silva, e dos srs. Carlos Costa e Vicente José da Costa Junior. O funeral, a cargo da Agência Magno, realiza-se amanhã, ás 11 horas, da Av. Duque de Ávila, 8-2.º. Esq.º para o cemitério do Alto de S. João.

Alberto Carlos Simões

Realizou-se hoje, para o cemitério da Ajuda, o funeral do sr. Alberto Carlos Simões, 2.º oficial da secretaria da Assembleia Nacional. Desportista distinto, dirigiu durante anos a secção de motociclismo do «Belenenses», e conquistou dezenas de taças e de medalhas na modalidade de acrobacia. O extinto, cuja morte causou profundo pesar, era casado com a sr. D. Maria Teresa Simões, irmão do sr. Leopoldo Simões, funcionário superior dos Serviços Florestais, cunhado da sr.ª D. Henriqueta Duarte Simões, e tio da sr. D. Maria Emilia Ribeiro Sereno escriturária dos Serviços Florestais, e do jornalista Armando Sereno.

AGÊNCIA MAGNO

FUNDADA EM 1874

Não tem qualquer sucursal na Av. Almirante Reis

TELEFONES 43189—43180—55301—66 27 72—08 00 22

Vicente José da Costa FALECEU

Elisa Martins da Costa, Cesaltina Costa e Silva, seu marido e filhos, Maria Luzia da Costa Pinto de Andrade e filhos, (ausentes), Carlos Costa, (ausente), Maria das Dores Martins Costa, Maria Madalena Martins Costa Teixeira, seu marido e filhos, (ausentes) Vicente José da Costa Junior e sua mulher, Maria Elisa Martins da Costa Sales da Silva seu marido e filha (ausentes) e mais família cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu querido marido, pai, sogro, avô, e parente e que o seu funeral se realiza amanhã ás 11 horas, saindo da Av. Duque de Avila, 8-2.º-Esq.º, para jazigo no cemitério do Alto S. João.

AGÊNCIA MAGNO

Avelino Guimarães FALECEU

Ivone de Paiva Veiguinha Guimarães, Victor Manuel de Paiva Veiguinho Guimarães, Fernando Paiva Veiguinho Guimarães e mais família, participam o falecimento do seu muito querido marido, pai, irmão, cunhado, tio e parente, e que o seu funeral se realiza amanhã, ás 11 horas, do Pátio do Aljube, n.º 3-2.º Esq.º, para o cemitério do Alto de S. João.

A. G. MAGNO, LD.ª
Av.ª Almirante Reis, 129
Telf.: 51586

SINDICATO NACIONAL DOS CAIXEIROS

Sede própria
Avenida da Republica, 29

ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO PROFISSIONAL

Encontra-se aberta na Secretaria deste Organismo, das 9 ás 12 — 14 ás 17, ou das 21 ás 22 horas, até ao dia 30 do corrente, a inscrição para ambos os sexos, dos cursos de Português, Francês e Inglês, nos primeiro, segundo e terceiro anos. Curso de Expositores (Em estudo), inscrição provisória, na mesma Secretaria, mesmo período e horas.

A DIRECÇÃO

ATENÇÃO — DACTILOGRAFIA — GUARDE

Curso completo 300$

Largo Chão Loureiro, 1-2.º

Circuito Turístico DA REGIÃO DOS 3 CASTELOS

visitando: — Cabo Espichel, Sesimbra e Castelo, Arrábida e Portinho, Setubal e Castelo, Castelo de Palmela e Azeitão

Preço de 60$00

Partida de Cacilhas ás 8.30

Concessionários Exclusivos:

JOÃO CANDIDO BELO & C.ª LDA.

Vila Fresca de Azeitão

CONSULTE A SUA AGENCIA DE VIAGENS ou em Almada — T. 970188 e Azeitão — T. 028029/028062

Estes Circuitos são realizados nos melhores autocarros e acompanhados por guia.

O objectivo da Conferência Diplomática de Lisboa

é rever a Convenção da União de Paris para a protecção da propriedade industrial

(Continuação da 1.ª página)

prieté industrielle» que expressamente se deslocou de Paris, para tomar parte na referida conferência.

Estavam também presentes os outros membros da comissão organizadora, srs. dr. Tavares de Almeida, chefe da Repartição de Informação do Secretariado Nacional da Informação; dr. João Monteiro de Mendonça, chefe da Repartição dos Congressos e Conferências Internacionais, do Ministério dos Negócios Estrangeiros; eng.º Alexandre Bobone, chefe da Repartição da Propriedade Industrial da Direcção-Geral do Comércio; e dr. Vítor Hugo Fortes Rocha, adido de legação; e o agregado á comissão, como delegado da Direcção-Geral da Contabilidade Publica, o adjunto do chefe da 1.ª Repartição da mesma Direcção-Geral, Joaquim das Neves Santos.

O dr. Tavares de Almeida, em nome do dr. César Moreira Baptista, secretário nacional da Informação, agradeceu aos jornalistas o terem correspondido a mais este convite, e deu a palavra ao autor da comunicação.

A importância da Conferência

O dr. Afonso Marchueta, Director-Geral do Comércio e presidente da comissão organizadora começou por cumprimentar os representantes da Imprensa nacional e estrangeira, e por lhes agradecer em seu nome pessoal e no da comissão encarregada pelo Governo de organizar a Conferência Diplomática de Lisboa sobre Propriedade Industrial, cuja presidência lhe foi confiada, terem aceitado o convite para a reunião:

— Nunca me pareceu demasiado — disse — destacar a importante função que á Imprensa cabe, função que a própria Constituição Política define e que tem sido por diversas vezes posta em devido relevo por quem de direito. Sabido é, portanto, como se considera imprescindível a sua colaboração sempre solicitada quando questões de interesse publico de natureza excepcional aconselham o mais amplo esclarecimento. E é o caso presente.

Explicou que, de facto, com início em 6 de Outubro próximo vai realizar-se em Lisboa a Conferência de Revisão da Convenção da União de Paris de 20 de Março de 1883, para a protecção da propriedade industrial e Acordos das Uniões restritas:

— A conferência é de natureza diplomática e, portanto, com funcionamento e objectivo diferentes dos dos congressos. Na verdade, nestes os resultados finais traduzem-se, em geral, pela aprovação de determinadas conclusões, que assumem relativamente aos vários países o valor de desejos, de aspirações, melhor dizendo, de votos. De modo diverso, nas conferências diplomáticas os representantes dos vários países intervêm como plenipotenciários, no uso de poderes que lhes permitem não só alterar mas também aprovar e assinar novos textos legais que apenas precisam de ser ratificados pelos Governos para entrarem em vigor nos respectivos Estados. Embora tenhamos um diploma sobre propriedade industrial — o Código da Propriedade Industrial — que do ponto de vista técnico-jurídico pelo seu equilíbrio, pela nitidez de conceitos que exprime se pode considerar um dos melhores até hoje publicados, apesar de os nossos tribunais serem já chamados com certa frequência a julgar questões sobre propriedade industrial e de se verificar um aumento, sempre crescente, de interesse pelos respectivos serviços — em 1941, primeiro ano completo em que vigorou o Código, deram entrada 7.394 requerimentos, ao passo que em 1957 foram registados 23.750 — a verdade é que se tem de reconhecer que esta noção é ainda pouco conhecida do publico em geral. Mal não fica portanto recordar que segundo a nossa legislação «a propriedade industrial desempenha a função social de garantir a lealdade da concorrência, pela atribuição de direitos privativos sobre os diversos processos técnicos de produção e desenvolvimento da riqueza».

Afirmou que se a esta noção lapidar acrescentar que o conceito de produção industrial se tem sempre entendido na mais lata acepção, isto é, abrangendo não só «a ludustria e comércio próprimente ditos, mas também as industrias agrícolas, florestais, pecuárias e extractivas bem como os produtos naturais ou fabricados», desde já se pode concluir que a protecção da propriedade industrial, atingiu uma inegável importancia e constitui mesmo, e cada vez mais, uma necessidade do nosso tempo:

— Essa protecção, porém, só poderá ser eficaz no caso de se verificar não apenas no país em que o interessado vive e labuta, mas também nos outros. Efectivamente, não basta conferir aos inventores, industriais, comerciantes ou produtores em geral de um país direitos que os protejam da contrafacção, da imitação ou mesmo da usurpação do seu invento, modelo ou desenho, marca, nome de estabelecimento, indicação de proveniência dos seus produtos, enfim, de todos os actos de concorrência desleal. E' necessário, para que a protecção não fique incompleta, estender esses direitos aos outros países. Por isso é que desde há muito se tem procurado — e diga-se de passagem que bastante se tem já conseguido — regular esses direitos por legislações quer do ambito nacional quer de ambito internacional.

Um pouco de história:

—Foi em Viena em 1873, por ocasião da Exposição Internacional realizada naquela cidade, que se registou a primeira iniciativa a favor da fundação de uma União que garantisse aos nacionais de um dos países a ela pertencentes o direito de gozar em todos os outros, em matéria de propriedade industrial, dos mesmos direitos que os naturais desses países. Porteriormente, em Novembro de 1880, realizou-se uma conferência preparatória em Paris, e nesta capital, em 20 de Março de 1883, foi assinada a Convenção da União de Paris, instrumento de criação da chamada União Internacional para a protecção da propriedade industrial. Para dar a V. Ex.as uma ideia do interesse que a Portugal sempre mereceu esta matéria direi que o nosso País é um dos onze membros fundadores da União e que esta hoje abrange, num total de 47 países, os mais diversos e distantes, espalhados pelas cinco partes do Mundo.

Salientou que o princípio fundamental da Convenção é, como se disse, em síntese, este: Qualquer pessoa natural de um dos países da União, e estabelecido num desses países, goza, em todos os outros, em matéria de propriedade industrial, dos mesmos direitos que os naturais desses países.

— Em realização deste princípio, cada país, por meio da sua legislação própria, compromete-se a assegurar os direitos dos interessados que a ele recorrerem, como se de naturais desse próprio país se tratasse. Assim, a Convenção não se traduz num simples acordo entre os diferentes países que a ratificaram. E' um instrumento jurídico que tem por fim regular no plano internacional a defesa dos interesses e o respeitao da reivindicações das pessoas cuja actividade ultrapasse as fronteiras do seu país. Pela Convenção verificamos estarem protegidos, não só nós próprios países mas nos outros onde poderá haver concorrentes de boa ou má fé, os interesses daqueles que inventaram novos produtos ou novos processos de fabrico que serviram para melhorar as condições de vida, daqueles que inventaram novos desenhos para ornamentar ou embelezar os produtos, dos que adoptaram marcas de fábrica ou de comércio, nomes de estabelecimentos ou insígnias, para assinalar as suas mercadorias e, simultaneamente, garantir a sua qualidade. Mas a Convenção — e permito-me salientar este ponto — protege também o publico consumidor, em geral quanto á autenticidade do produto, evitando que seja vítima de fraude ou de simples confusão. Finalmente, a Convenção defende interesses de ordem social e jurídica dos vários países, que seriam fortemente afectados se não se protegesse o espírito de invenção e de criação e, ao contrário, se permitisse a concorrência desleal, com todas as consequências que daí adviriam e que, em síntese, se traduziriam por cada um poder apropriar-se do que os outros descobriram e criaram.

Reconhecido que a protecção da propriedade industrial não visa defender a penas os interesses dos particulares mas os da colectividade e, mais ainda, que abrange hoje toda a actividade económica, não será ousado afirmar — disse — que todo o país que tolerar a concorrência desleal corre o risco de ver diminuidas as suas possibilidades económicas:

— Do que fica dito resulta que, fundamentalmente, o que se pretendeu foi criar um conjunto de regras jurídicas tendentes a harmonizar os direitos dos vários países em matéria de propriedade industrial e a dar uma solução uniforme aos problemas levantados, na mesma matéria, para além das fronteiras de cada um dos países.

Falou depois dos Acordos das Uniões restritas:

— Nos termos da Convenção de Paris, os países da União reservaram-se o direito de celebrar separadamente entre eles acordos particulares para a protecção mais eficaz de qualquer modalidade de propriedade industrial. Assim — e, refiro-me apenas aos acordos que também serão revistos em Lisboa, pois o de Madrid de 14 de Abril de 1891 relativo ás marcas foi revisto em Nice no ano passado — pelo outro Acordo de Madrid da mesma data foi constituída a União restrita para a repressão das falsas indicações de proveniência nas mercadorias, e pelo Acordo de Haia de 6 de Novembro de 1925 foi criada a União restrita para o depósito dos desenhos ou modelos industriais. Portugal não faz parte desta ultima União mas aderiu ao primeiro dos citados acordos, que já foi assinado por mais 27 países e que tem por principal objectivo evitar a concorrência ilícita aos produtos de certas regiões considerados de reputação internacional. Bastará pensar no inigualável vinho do Porto para se avaliar devidamente o alcance deste Acordo e o muito especial interesse que nos merece. Como órgão central da União institui-se em Berna e foi colocado sob a alta autoridade do Governo da Confederação Suiça, com a designação de *Bureau international pour la protection de la propriété industrielle*, a Secretaria Internacional, que tem por funções principais proceder ao estudo das questões que interessam á União, reunir e publicar todas as informações relativas á protecção da propriedade industrial e transmiti-las aos vários países membros, conservar-se á disposição destes e prestar á Administração do país em que deva reunir-se a Conferência para efeitos de ser revista a colaboração necessária durante a sua preparação.

E' que nos termos da própria Convenção, esta será submetida a revisões periódicas com o fim de se lhe introduzirem as alterações necessárias para o aperfeiçoamento da organica da União e dos princípios consagrados no seu diploma estatuário.

Em obediência a esta regra, a Convenção foi revista em Bruxelas em 1900, em Washington em 1911, na Haia em 1925 e em Londres em 1934. Por sua vez, os acordos das Uniões restritas a que aludi foram também objecto de revisão: o de Madrid em Washington, na Haia e em Londres, e o de Haia em Londres.

— Todas essas revisões — salientou — traduzem nos seus resultados a evolução progressiva da regulamentação jurídica dos interesses para além das fronteiras dos diferentes Estados, evolução essa determinada pelos progressos técnicos registados nos vários campos. A próxima revisão efectuar-se-á, conforme comecei por dizer, a partir de 6 de Outubro em Lisboa, pelo facto de a nossa capital ter sido para tal designada por aclamação durante a Conferência de Londres de 1934. Nunca o intervalo entre duas Conferências foi tão longo como agora, que é de 24 anos. Esta circunstancia, por si só, bastaria para justificar a enorme expectativa com que é aguarda a Conferência de Lisboa e que se manifesta, quer pelo numero de países, unionistas ou não — como o Vaticano —, que enviarão as suas delegações, quer pela categoria intelectual das personalidades que as constituem (diplomatas, professores universitários e altos funcionários), quer ainda pelo numero de organizações intergovernamentais, como a Organização Internacional do Trabalho, a F. A. O., o Conselho da Europa, e não governamentais, como a Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores, a Camara de Comércio Internacional, a Associação Internacional para a Protecção da Propriedade Industrial, que se farão representar.

Os poderes dos vários representantes, as suas possibilidades de intervenção nos trabalhos da Conferência, são diferentes:

— Assim, os membros das delegações dos países unionistas podem tomar parte nas deliberações e têm o direito de voto; os dos países não unionistas e das organizações intergovernamentais só podem intervir nas deliberações e os representantes das organizações não governamentais têm apenas a qualidade de observadores com a possibilidade, todavia, de poderem pronunciar-se desde que convidados, nesse sentido, pelos presidentes das comissões.

A Comissão organizadora procurou realizar a Conferência no local que julgou mais apropriado, «o Pavilhão da Feira das Industrias Portuguesas, cuja cedência obteve devido á costumada amabilidade, sempre colaborante, da Associação Industrial Portuguesa».

Explicou que estão em curso nesse Pavilhão as "adaptações necessárias, que são de certa importancia, visto que os gabinetes existentes não chegariam para a instalação da secretaria-geral da Conferência, dos serviços da Secretaria Internacional e do pessoal técnico necessário (intérpretes, tradutores, *procès-verbalistes*, ou seja, redactores especializados, estenógrafos, dactilógrafos, operadores das máquinas duplicadoras, etc.). Além disso, tornou-se necessário construir um numero de divisórias que permitisse o trabalho ao mesmo tempo de três comissões. Todas as salas disporão de um sistema de tradução simultanea e que em todas se fará a gravação dos discursos e dos debates.

— Por outro lado, para que V. Ex.as façam uma ideia do ritmo que se torna necessário imprimir aos trabalhos para que a Conferência, que começa a 6, possa terminar no dia 31, conforme foi sugerido pela própria Comissão Organizadora e aceite pela Secretaria Internacional, bastará dizer que no primeiro dia, além da sessão inaugural preparatória em que se nomeará a Comissão de Verificação dos Poderes, se aprovará o Regulamento da Conferência, se elegerá o presidente desta e se preencherão outros altos cargos, haverá sessão solene de inauguração presidida por um membro do Governo, e nesse mesmo dia a Conferência terá a sua primeira sessão plenária e reunirá, também pela primeira vez, em Comissão Geral, dando assim início aos trabalhos propriamente ditos.

Fala o sr. Charles Magnin

Usou, então, da palavra o sr. Charles Magnin, Saudou os representantes da Imprensa que são, para o «Bureau» Internacional, amigos ficis e constantes.

Acentuou o importancia do trabalho efectuado pela comissão organizadora, em especial pelo seu presidente, que é uma garantia do êxito que vai ter a Conferência de Lisboa que marcará uma data na história dos direitos da propriedade industrial.

Salientou que é obrigação de todos proteger e defender os inventores, procurando o equilíbrio entre os vários interesses legítimos em jogo:

— Essa vai ser — disse — a grande missão da Conferência de Lisboa.

Afirmou, por fim, esperar «que o sol de Lisboa consiga dissipar ás brumas de certos espíritos».

Estão previstas sessões todos os dias, de manhã e á tarde, e a parte social ficou reduzida ao mínimo imposto pelas regras de cortesia internacional ao Estado que alberga a Conferência. Nos estudos a que a comissão organizadora tem procedido em colaboração com a Secretaria Internacional, prevê-se que a Conferência funcione em regime de comissões, em comissão geral e em reuniões plenárias. Pensa-se assim construir seis comissões, de forma a distribuir por elas os vários assuntos constantes da ordem do dia, que já é do conhecimento de todos os países. A primeira incumbirá entre outros, o exame das questões relativas aos emblemas de Estado, á língua oficial da Convenção e á conveniência de se confiar a um órgão judiciário a competência para resolver divergências de interpretação e de aplicação das regras constantes da Convenção e dos Acordos das Uniões restritas. A segunda apreciará todas as questões relativas ás invenções susceptíveis de serem objecto de patente. Nesta se discutirá se deve ser protegido, no que se refere aos produtos químicos, a substancia obtida quimicamente, o produto *per se* ou o processo de fabrico desses produtos, se os dois, como alguns pretendem, se nenhum, como outros têm defendido. A terceira comissão ocupar-se-á dos assuntos respeitantes ás marcas de fábrica e de comércio, e nela podem considerar-se de relevante importancia as questões relativas á protecção das marcas de serviço — um sinal do progresso — das marcas notoriamente conhecidas e das marcas de alto renome e do emprego simultaneo da mesma marca por várias pessoas. A quarta comissão será encarregada de todas as questões que interessem á concorrência desleal e ás falsas indicações de origem ou de proveniência. Conforme já salientei, temos especial interesse pelos trabalhos desta comissão, que discutirá o Acordo de Madrid e apreciará um projecto de acordo sobre as denominações de origem e seu registo internacional. A quinta comissão terá na sua competência a discussão de matérias relativas aos desenhos e modelos industriais que constam do já citado Acordo da Haia. A sexta comissão será a Comissão de Redacção e, conforme o seu titulo indica, redigirá os textos definitivos da Conferência.

E concluiu assim:

—Enfim, meus senhores, é indiscutível o valor de uma reunião desta natureza, em que se pretende — nas mais favoráveis condições de trabalho que nos foi possível criar e, estamos certos de que com a vossa ajuda, perante o interesse e compreensão do publico em geral — que seja estudada e discutida pelos delegados dos mais diferentes países, com o mais elevado espírito de colaboração, a forma de actualizar a definição de direitos que respeitem aos industriais, agricultores e comerciantes de todo o Mundo, e de assegurar, cada vez mais eficazmente, a sua defesa.

Pequenas notícias

BAILE DOS ANTIGOS ALUNOS DO ENSINO TÉCNICO

Organizado por antigos alunos do Ensino Técnico, efectua-se, esta noite, no Centro de Recreio Popular do Bairro da Calçada dos Mestres, um baile abrilhantado pelo conjunto «Abril em Portugal».

FESTAS ASSOCIATIVAS

Nas noites de hoje e amanhã, efectuam-se, na Sociedade «Amigos de Apolo», movimentados bailes. Também amanhã, á noite, a Sociedade Guilherme Cossoul promove um baile com a presença do conjunto «Tony e companheiros». Na Liga do Regional Cojense, amanhã, á tarde, haverá um baile abrilhantado pelo conjunto musical «Os trocistas».

QUEM PERDEU?

Da relação dos objectos achados ontem em Lisboa e entregues na P. S. P. (Governo Civil) constam: um pombo e uma rola; um saco de tecido com um lenço de seda, um chapéu de criança, um cubo de roda de automóvel, dois sapatos de criança, desirmanados; dois óculos graduados, documentos em nome de Manuel Sousa Gomes, um passe da C. P., uma nota de Banco, documentos de Lourenço Cunha Rodrigues, ferramenta, louça de alumínio, uma guarnição de automóvel e diversas chaves.

Reclamações locais

Falta um marco postal no Bairro Municipal da Covilhã

COVILHÃ, 18.—Os moradores do populoso Bairro Municipal, o primeiro que foi construído na cidade, pedem que numa das artérias seja colocado um marco postal, que muita falta faz, pois o que se encontra mais perto fica á distancia de 600 m. do local, o que causa transtorno aos seus habitantes.

AUSTIN A 40

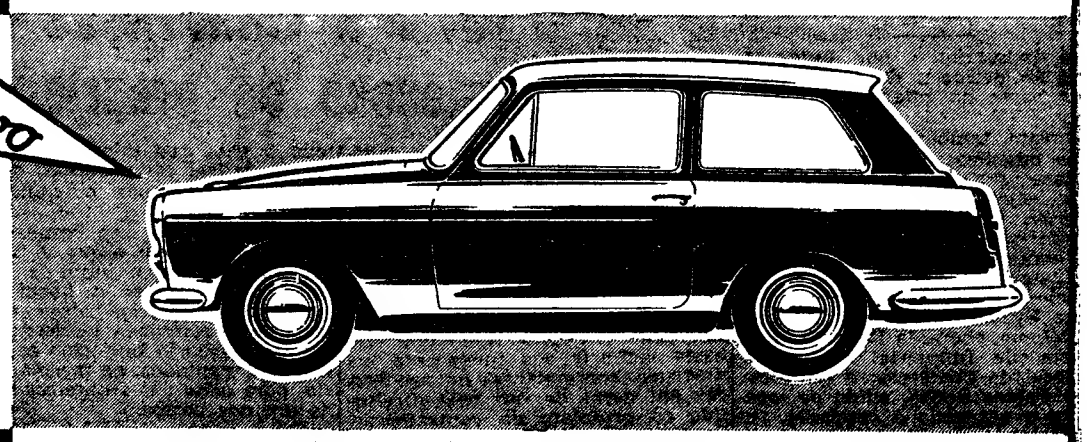
Estilo — *FARINA um dos maiores estilistas do Mundo desenhou o novo AUSTIN A 40*

Espaço — *Generoso espaço para 4 adultos e toda a bagagem necessária.*

Velocidade — *Pode atingir ràpidamente 115 K. P. H. em menos de um minuto graças ao espantoso motor AUSTIN de 948 c. c.*

Economia — *De consumo reduzidissimo consegue percorrer mais de 100 kms. com 6 litros de gasolina*

novo



DESENHO DE PININ FARINA

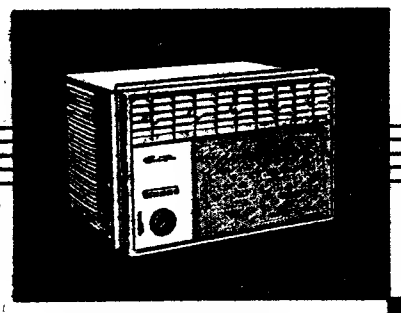
APROVEITAMENTO INTEGRAL DO ESPAÇO

MOTOR ECONÓMICO E PODEROSO

SUBMETA ESTE CARRO A QUALQUER EXPERIÊNCIA
—É A MELHOR COMPRA DO MERCADO

EM EXPOSIÇÃO — R. ALEXANDRE HERCULANO, N.º 4
(STAND ABERTO ATÉ ÀS 23 H.)

DISTRIBUIDORES GERAIS: J. J. GONÇALVES SUCRS. • LISBOA • ÉVORA • PORTO • AGENTES EM TODOS OS DISTRITOS



Condicionadores de ar Remington, monoblocos de fácil colocação em janelas ou paredes.

O «Incremental System» da Remington tornará util também no Verão, o seu actual sistema de aquecimento central.

A Remington possui aparelhos móveis permitindo a fácil deslocação para qualquer sala a utilizar de momento.

Centrais de condicionamento de ar para instalações hospitalares.

Centrais de grande potência para lugares publicos.

Os Remington têm garantia, e mais de 50.000 horas de vida util.

Remington
AIR CONDITIONING

SOCIEDADE COMERCIAL MATTOS TAVARES, LDA.
RUA DOS SAPATEIROS, 39 - TEL. PPCA 31101/4 — LISBOA

BONS SONHOS!

numa almofada de espuma de borracha Dunlopillo.

Sim! Você poderá ter sempre um sono profundo e repousante com uma almofada DUNLOPILLO feita de espuma de borracha.
Note bem que todas as almofadas DUNLOPILLO têm a etiqueta DUNLOPILLO.

COLCHÕES • ALMOFADAS • ASSENTOS

Dunlopillo

ESPUMA DE LATEX — FABRICO INGLÊS

Representantes em Portugal
CASA GRAHAM • LISBOA • PORTO

DINHEIRO

COLOCA SOBRE AUTOMÓVEIS OU PRÉDIOS EM 1.ª HIPOTECAS
RAPIDEZ E SIGILO
A FINANCIADORA
EM LISBOA - AV. DA LIBERDADE, 3
NO PORTO - P. DA LIBERDADE, 12

Em SETUBAL é o «Diário de Lisboa» vendido pelo sr. Augusto Carlos, Irmão, Ld.ª.

"ITALIA"

SOCIETÀ DI NAVIGAZIONE

PARA:

AMÉRICA DO SUL

CONTE BIANCAMANO	26 Setembro	Dakar, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo, Buenos Aires
CONTE GRANDE	23 Outubro	

PARA:

MEDITERRÂNEO

CONTE GRANDE	5 Outubro	Barcelona, Cannes, Génova, Nápoles
CONTE BIANCAMANO	26 Outubro	

OS AGENTES:

Em Lisboa: AGÊNCIA MARÍTIMA TRANSATLANTICA, LDA. Rua do Alecrim, 20-A, 1.º Telefone 27264

No Porto: KENDALL, PINTO BASTO & C.ª, LDA. Rua Nova da Alfandega, 12 Telefone 26146

CONTA MILHAS
CONTA ROTAÇÕES
COLETES DE SALVAÇÃO
VARIADOS ACESSÓRIOS

PARA BARCOS

SOCIEDADE VICTOR, L.DA

A. António Augusto Aguiar, 25-A

TELEF. 51223 TELEG.: ROTCIV

REDEX
PROTECÇÃO ECONOMIA SEGURANÇA FORÇA
SERVICE

SE O SEU MOTOR AQUECE
USE SEMPRE
REDEX
NA GASOLINA

DIRIJA-SE AO SEU GARAGISTA OU À AGENCIA GERAL
ROMA, LDA.
R. do Salitre, 84-5.º-Dt.º - T. 46541
LISBOA

Lãs a Peso

Para tricotar á máquina e á mão
GRANDE SORTIDO
PREÇOS DE FÁBRICA
CASA GRILO
RUA DA CONCEIÇÃO, 71-73

ANTES E DEPOIS DO BANHO DE SOL
use **APYROL**
O produto preferido desde 1933

Leiam o «SEMPRE FIXE»

Teatros e Cinemas

(Continuação da 4.ª página)

que conta uma história mais inverosímil e infantil, do que as que figuram nessas impossíveis «histórias aos quadradinhos», nesses nefandos «comics».

O mais divertido, em toda a realização de Francis D. Lyon, é a tentativa de produzir um filme de «suspense» e horror, que vem quase a redundar em farsa.

Na interpretação de a mulher-serpente assistimos á imitação de Foith Domergue em perigosa víbora. — *Visor K.*

VIDA ARTISTICA

Missão Internacional de Arte

EVORA, 19 — Deslocou-se a Vila Viçosa a missão internacional de arte, organizada pelo Grupo Pró-Evora, que foi acompanhada pelo director, sr. arquitecto Raul David, e pelo sr. dr. Mário Chicó, director do Museu Regional de Evora. Naquela vila foi visitado o palácio ducal, onde foram recebidos pelo sr. dr. Figueiredo, sendo-lhes oferecido pela Fundação da Casa de Bragança um almoço regional, servido no castelo. De regresso a Evora, visitaram Alandroal e Terenas.

VIDA MUSICAL

Curso de dança

Na sede da Juventude Musical Portuguesa, estão já abertas inscrições para o curso de iniciação coregráfica, fundado no ano passado, pela Juventude Musical Portuguesa, e destinado aos seus sócios, que funcionará no estudio de Wanda Ribeiro da Silva. As aulas têm início no dia 13 de Outubro.

Uma medalha de ouro para a Cruz Vermelha Portuguesa

Na próxima segunda-feira, pelas 17 e 30 o Ministro da Austria, em Portugal, Dr. Klaus Winterstein, visita a Cruz Vermelha Portuguesa para entregar ao presidente Nacional, prof. Dr. Leonardo de Castro Freire, a medalha de ouro da Cruz Vermelha Austríaca.

Feiras e romarias

A Santa Eufêmea em Albergaria-a-Velha

ALBERGARIA-A-VELHA, 17 — Nos dias 20 e 21 do corrente, celebram-se aqui os tradicionais festejos em honra de Santa Eufêmia e do Mártir S. Sebastião, com procissão, missa solene, arraial nocturno e vistosas iluminações.

Os festejos têm este ano a colaboração das bandas Alba e Carregosa.

Bailado

Wanda Ribeiro da Silva

Está em Londres, onde volta a frequentar os cursos de especialização do Royal Ballet Scool (o antigo Sadler's Wells) a bailarina Wanda Ribeiro da Silva. Além desses cursos, a nossa jovem compatriota frequenta, ainda, outros cursos particulares, devendo mais tarde seguir para Paris, onde frequentará alguns dos melhores estudios de «ballet».

Wanda Ribeiro da Silva, que é professora de dança nas classes da Juventude Musical Portuguesa, reabre o seu estudio particular no dia 1 de Outubro, das 15 ás 19 horas, para inscrições de alunos.

No São Jorge

«A Torre de Vidro»

O filme que se estreou no São Jorge é uma obra vigorosa do conhecido realizador Harald Braun, que assenta nos moldes realistas do moderno cinema alemão, que está de novo a firmar a sua posição. Forte e emocionante expõe-nos um problema humano com uma sinceridade que quase espanta, pois é necessário abandonar certos preconceitos para abordar um assunto que visa directamente os homens de hoje, poderosos e cônscios desse poder, que tentam passar por cima de tudo e de todos.

Harald Braun escolheu um esplêndido assunto mas, teve também a preocupação de chamar para seu lado três grandes artistas: Lilli Palmer, Otto E. Hasse e Peter Van Eyck, para se assegurar do êxito do seu trabalho.

Reposição

No Império

Título — «As noites de Cabíria».
Produção — Italiana.
Realização — F. Fellini.
Intérpretes — Giulietta Masina, Amadeo Nazzari, François Perier.
Argumento — Um alarmante fresco humano do qual emerge a ingenuidade e a candura deu ma jovem que insiste em acreditar na alegria de viver.
Processo — Normal.
Classificação — Maiores de 17 anos.

Madrinhas de guerra

Os 1.ºs cabos milicianos João Jacinto Paulo Morais, José Cruz de Oliveira e João Ferreira, do A. 286, em Santa Margarida, solicitam madrinhas de guerra com quem possam trocar amável correspondência.

LEITURA DE SABADO LEITURA DE SABADO LEITURA DE SABADO

ANTOLOGIA DO CONTO POLICIAL

LEITURA DE SABADO LEITURA DE SABADO LEITURA DE SABADO

Tráfico de estupefacientes com poesia e amor

TEXTO INTEGRAL DO CONTO DE CARL HAPPEL

ASSIM que ouviu o apito, á hora do meio-dia, Joe despiu o *macaco* e foi a correr para a loja de MacBride, para se encontrar com Marjory, pois estava muito preocupado pela zanga, havida durante a noite, quando ela lhe disse que gostava dos homens romanticos. Eram aqueles camaradas que sabiam falar de pinturas, de versos e coisas dessas. Embora não o soubesse, ela gostava dele, Joe Burnes, que já não podia esperar mais. Ia, pois, decidido a pedir-lhe que se casassem, embora não soubesse lá muito bem como havia de pôr-lhe a coisa.

Uma vez na secção de máquinas de escrever, onde a rapariga trabalhava, viu que ela atendia um cliente, um rapaz elegante, que vestia um fato de flanela clara, com gravata amarela, e escrevia numa das máquinas, sorrindo e falando, ao mesmo tempo, com Marjory, a qual tinha para ele aquele languido olhar que Charles Boyer lhe inspirava no cinema. Joe engoliu em seco. As coisas não lhe corriam bem. Aproximou-se do balcão, precisamente quando o outro se despedia:

— Então, até breve!...

Vendo-o, ela voltou a máquina e leu o que o desconhecido escreveu no papel de experiência, suspirando, ao mesmo tempo que os seus grandes olhos azuis se tornavam sonhadores. Joe puxou, então a máquina para si e leu também:

Oiço o som de muitos passos...
Ao longo dos passeios de South [Stret.—L.

— Olha, olha! — exclamou Joe—. Mas que diabo quer esse pintalegrete dizer com isto?

— Esse *cavalheiro* — disse ela — está a experimentar uma das nossas máquinas de luxo. Fica sabendo que é o senhor Lee, um escritor formidável!... Que vieste cá fazer?

Joe mergulhou o olhar embevecido nos cabelos castanhos da namorada e começou a pensar como havia de começar aquilo.

— Olha, Marjory: não gosto que fales com tipos como este... Não gosto, mesmo, que converses com alguém, a não ser comigo!...

— Sim? — volveu ela, irónica e exasperada, faiscando-lhe os olhos.

— Joe: isto tem de acabar!

E afastou-se, começando a explicar a uma senhora idosa as vantagens do teclado internacional.

Joe ficou acabrunhado, pensando que estragara tudo, mas teve uma ideia e sentou-se á máquina, começando a escrever atabalhoadamente: *qUer%ida Ma§rorY queres ca4sar comigo/.*

Quando ia a sair esbarrou num homenzinho, na secção de doces, e nem lhe ocorreu pedir-lhe desculpa, tão contante se sentia por, no fim de contas, lhe ter dado seu recado... Ela, agora, havia de compreender...

No dia seguinte, á hora do almoço, correu logo, outra vez, para o estabelecimento de McBride. Marjory fez que não o ouviu quando ele lhe pediu para se encontrarem depois do trabalho e foi atender um cliente. Jos compreendeu, então, que ela não estava a brincar. Era certo, pois, que nada mais quereria com ele. Olhou para a máquina das experiências e viu que lá estava escrito: *Surgiu da noite Samuel Wright. — L.*

Assim, que admirava que ela andasse de cabeça no ar! Aquele poetastro tornara a passar por ali... Ele talvez não soubesse fazer versos, mas era capaz de escrever á máquina como outro qualquer. De resto, era essa a unica maneira de comunicar com a rapariga. Escreveu: *qUeda Ma%rjory po/des eSc%lHer a mOb/ilia e a C&asa on8De qu%izEr(s.* Ela que lesse aquilo e havia de ver-se!...

Ela continuava a não lhe ligar importancia e, de cada vez que ia á loja, Joe descobria que o outro já lá estivera. Contudo, durante uma semana inteira não se cansou de lhe fazer propostas. Disse-lhe que não se preocupava com o dinheiro que gastasse, que gostava muito dos seus cozinhados e até, uma vez, lhe perguntou, de chofre:

— Ouve lá: queres que te compre um canário?

O resultado era sempre o mesmo, mas ela ficava com os olhos mais sonhadores.

Um dia, Joe viu isto escrito no papel da máquina:

Dá-me a minha bengala
Tenho que ir ver um homem cha- [mado Fane
Mas depois de uma semana de trabalho estou livre
minha querida, e você

Ele arrancou a folha da máquina e perguntou-lhe:

— Que quer isto dizer?

— Dá cá esse papel!

Joe recusou-se e ela disse-lhe suavemente:

— Isso quer dizer, Burnes, que me convidou para ir com ele, de automóvel, ao palacete da irmã, na praia, para passar o fim de semana. Vamos amanhã á tarde, logo que feche a loja!

Joe amarrotou o papel, frenéticamente, e jogou-o tão longe quanto pôde, tal era a sua raiva, mas foi-lhe dizendo em tom súplice:

— Escuta, Marjory: tu não podes ir com esse *tipo*, que nem ao menos conheces... Ouve (aquilo era agora ou nunca): bem sabes que te adoro!...

Ela respondeu friamente:

— Nestes ultimos dias tenho tido pena de ti, mas agora aborreces-me! Não tornes a pôr aqui os pés!

— Pois não torno, não! Também estou farto!

No dia seguinte, á tarde, ele ocultou-se num portal, perto da saida da loja, com um embrulho debaixo do braço e os olhos fixos num carro parado á esquina, ao volante do qual estava Lee, também á espera. Daí a pouco, Marjory saía, toda fresca e risonha, com um vestido amarelo, casaco no braço e na mão uma pequena mala.

Joe dirigiu-se para o automóvel, atrás dela, mas, antes de qualquer deles o poder alcançar, dois homens aproximaram-se do carro, um de cada lado. O mais alentado apontou uma pistola a Lee, mas foi o outro que espantou Joe, pois aquele era o individuo com o qual esbarrara na secção de doces. Esse homem revistou Lee e tirou-lhe uma arma.

— O plano não era mau, Frank — disse ele a Lee —. O diabo foi este rapaz ter-lhe estragado a coisa!

— Eu? — disse Joe, surpreendido.

— Pois claro! Frank é o chefe de uma quadrilha de traficantes de estupefacientes. Andava-lhe na cola já há dias. Vía-o a namoriscar a rapariga, mas nunca imaginei que estivesse a combinar os negócios com o prazer. Para nós a dificuldade era descobrir qual dos seus distribuidores estava em exercício. Frank conseguia iludir-nos e não podiamos prendê-lo sem provas. Contudo, ontem apanhei um papel e vi o nome do velho amigo Fane. Fomos logo revistar-lhe a casa e conseguimos arranjar as provas, além de termos descoberto o sistema da manobra.

— Não acredito!—exclamou Marjory, com os olhos rasos de lágrimas —. Ele escreveu aqueles versos para mim!

— Qual para si, menina! O truque era escrever na máquina de experiências o nome de um dos distribuidores ou da rua onde se podia comprar a droga. Assim, todos os viciados da cidade poderiam ir á sua loja e ler aquela indicação.

E voltando-se para Lee, e afastando-o do volante:

— Vamos lá, seu espertalhão!

Os agentes subiram para o carro e abalaram.

Desesperada, a rapariga olhou para Joe e disse-lhe ásperamente:

— Vieste aqui para te vingares dele!... Ficam-te muito bem esses sentimentos!...

— Está bem!... — replicou Joe—. Mas fica sabendo que se vim aqui foi para me medir com ele, de luvas nas mãos... E ganharia o melhor!...

Marjory abriu os olhos, com incrédulo espanto.

— Luvas de boxe — explicou ele, apontando para o embrulho —. A minha tenção era desafiá-lo a ir comigo ao clube... O vencedor é que decidia se tu ias para a praia ou não!

— Um duelo! — exclamou a rapariga, com os olhos brilhantes de entusiasmo —. Mas isso é maravilhoso!... Assim como o Errol Flynn ou o Tyrone Power, com a diferença de ser com luvas de boxe em vez de espadas!...

E, desatando a rir, a encantadora Marjory, exclamou:

— O' Joe! gosto tanto de ti!

— Que dirias tu se fôssemos comer uma costeleta!... — arriscou o moço, sem saber bem o que dizia.

REPRESENTANTE:
ESTABELECIMENTOS Sida, LDA.
RUA DE S. NICOLAU, 46 — LISBOA

DE VEZ EM QUANDO...

«Mas caballos»...

Por JOÃO PATRICIO

Um povo é um vetusto crisol de seculares manifestações étnicas onde se fundem, como num só corpo anímico, os mais variados sentimentos humanos — reunidos para objectivos comuns e promanados de comuns tradições. Cada povo é uma «personalidade» colectiva; e essa «personalidade» é tanto mais vincada quanto mais esse povo se distingue, se individualiza dos restantes povos.

O povo espanhol é, nesse capítulo, um dos de mais forte «personalidade». Ortega y Gasset, em toda a sua obra — mormente na magistral «Espanha Invertebrada»—, dá-nos a cada passo, filosófico testemunho desse fenómeno psico-histórico. O seu exacerbado egotismo, pleno de contrastes, leva a esse povo original (em que eu tanto admiro a esfusiante comunicabilidade e o incomparável característico dos costumes) a pendular os seus actos entre um misticismo, tocado pela mais fervorosa crença, e as exteriorizações de publica alegria pagã, como as dessas coloridas e semi-bárbaras touradas com touros de morte, nos quais antigamente nem os pobres cavalos escapavam.

* *

Certa noite, em Barcelona, levaram-me a visitar um típico recanto de um bairro «bas-fond», recanto denominado «Retiro dos Artistas Falhados». De que se tratava, afinal? De uma pequena e sórdida sala, na qual actuavam grotescamente, desumanamente, falhados artistas do teatro ligeiro, que um publico frenético (batendo de forma ensurdecedora com as mãos, os pés e, ao mesmo tempo, com os copos e as garrafas sobre as mesas, assobiando, gritando) deles ria, escarnecia — exigindo que bisassem a exposição daquela triste miséria moral. Um piano roufenho, martelava ao fundo, naquela «arena» pseudo teatral, lindas musicas do folclore espanhol ao som das quais uma pobre velha e um pobre velho, e outros desgraçados de destino idêntico, mostravam áquele publico alucinado, as suas degradantes habilidades negativas. E quanto mais essas aviltadas criaturas se esganiçavam, quanto mais se ridicularizavam pelos trajos — mais o publico pedia «más caballos...» morais. E eu visionei então de repente, por lá, a paleta genial de Goya a recolher, nas suas telas imortais, as figuras truanescas e delirantes desses seres humanos, com a sensibilidade embotada pela precisão e pelo prazer mórbido de um espectáculo violento.

✠

Poucos dias volvidos, assistia, na Monumental e com a casa á cunha, a uma tourada. E quando gritavam os «olés» da praxe, tinha a desagradável impressão de estar ainda a ouvir os desumanos «bis» do «Retiro dos Artistas Falhados» E eu, que gosto da alacridade e da policromia das touradas, detestei aquela...

A GALINHA

dos ovos de oiro está no Entroncamento

ENTRONCAMENTO, 19. — Uma galinha pertencente ao sr. Manuel Maria Mateus Ventura, casado, de 47 anos, forneiro e aqui residente, na Rua Elias Garcia, 168, já há vários meses que, com espantosa regularidade, vinha pondo ovos de duas gemas. Porém, num destes ultimos dias a mulher do sr. Ventura verificou, espantada, que a sua galinha tinha pôsto um ovo monstruoso. Ou antes, dois ovos enormes, mas ligados um ao outro por uma cartilagem cálcica, constituindo assim, um exemplar unico, como nunca ninguém vira, pois, de facto, não há memória de se ter visto um ovo com tais características, ou seja, um ovo duplo, tanto exterior como interiormente. O fenómeno em questão foi logo levado para uma montra de um «café» local, onde os curiosos o têm admirado.

3.ª e 4.ª Classes
ESCOLA DE ADULTOS
EXAMES c/ dipl. garantidos
Largo Chão do Loureiro, 1-2.º
Tel. 862244

O regime corporativo

Os regimentos das corporações recentemente instituídas

(Continuação da página central)

pecial, sobre a disciplina das actividades agrícolas e dos seus mercados; ou, com assentimento do Estado, estabelecer essas normas, designadamente para promover a colaboração entre o capital e o trabalho, o aperfeiçoamento da técnica e o aumento da produtividade e conseguir os preços e os salários mais favoráveis para os interesses da economia do País e a realização da justiça social; desenvolver a consciência corporativa e o espírito de cooperação social, bem como o sentimento da solidariedade de interesses entre todos os elementos que a compõem, colaborando activamente na execução da lei n.º 2.085, de 17 de Agosto de 1956; fomentar e realizar o estudo dos problemas técnicos, economicos e sociais da actividade agrícola e da vida rural, bem como impulsionar e desenvolver a cultura e a preparação profissionais; patrocinar, ou organizar congressos, exposições e feiras de produtos e representar as actividades agrícolas em reuniões e certames internacionais; dar parecer ao Governo sobre todos os assuntos que lhe sejam submetidos; conhecer dos recursos interpostos das decisões disciplinares aplicadas pelos organismos corporativos que a integram; e tentar, quando solicitada, a conciliação nas controvérsias entre patrões e trabalhadores

A organização e o funcionamento

A Corporação tem um presidente, eleito pelo respectivo Conselho, entre os indivíduos de mais de 35 anos com capacidade para serem membros do mesmo Conselho, e os seguintes órgaos: O conselho da Corporação; os conselhos das secções; a direcção; e a junta disciplinar.

Na Corporação, há as secções correspondentes ás seguintes actividades diferenciadas: azeite; cereais; frutas e produtos hortícolas; pecuária; produtos florestais; e vinhos.

Nos termos da base IV da lei n.º 2.086 funcionarão, enquanto forem julgados necessários, como elementos de ligação entre o Estado e a Corporação da Lavoura: a Junta Nacional do Azeite; a Comissão Reguladora dos Cereais do Arquipélago dos Açores; a Comissão Reguladora do Comércio de Arroz; a Comissão Reguladora das Moagens de Rama; o Instituto Nacional do Pão; a Junta Nacional das Frutas; a Junta dos Lacticínios da Madeira; a Junta Nacional dos Produtos Pecuários; a Junta Nacional da Cortiça; a Junta Nacional dos Resinosos; a Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes; o Instituto do Vinho do Porto; e a Junta Nacional do Vinho.

Quando o Governo o determinar, as secções da Corporação passarão a constituir os órgãos representativos dos organismos de coordenação económica da lavoura.

Sempre que a Corporação da Lavoura funcione como órgão consultivo, nos termos da base VI da lei n.º 2.086, serão convocados para as reuniões em que sejam apreciados assuntos submetidos por qualquer Ministério á Corporação os representantes dos serviços publicos e das entidades especializadas interessadas que para o efeito, lhe hajam sido agregados, ao abrigo da referida base.

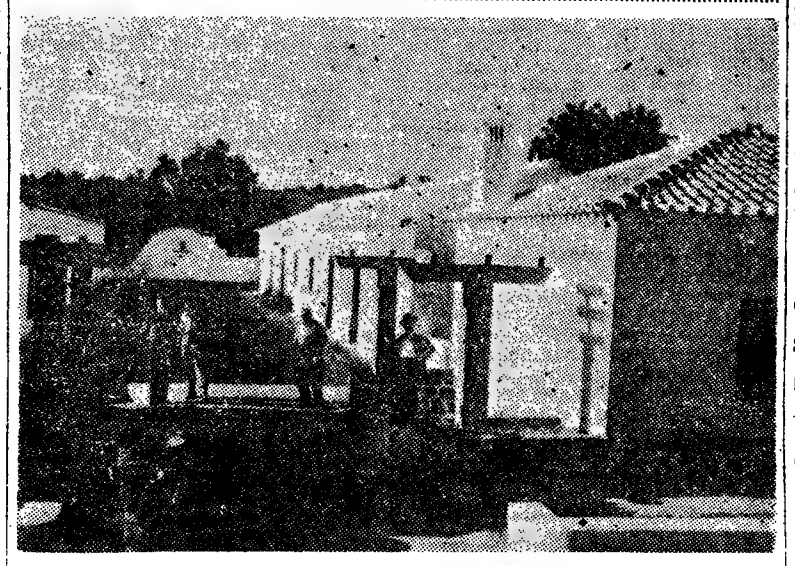
A direcção da Corporação é composta pelo presidente da Corporação, pelo vice-presidente por ele designado de entre os vice-presidentes dos conselhos das secções e por quatro vogais, eleitos pelo conselho da Corporação de entre os seus membros com voto deliberativo, devendo dois representar a produção e dois o trabalho. Além dos vogais efectivos o conselho elegerá dois suplentes.

O desempenho dos cargos electivos da Corporação é obrigatório. Podem escusar-se do exercício de qualquer cargo: os que tenham completado 70 anos de idade; os que, por motivo de saude ou outro, se achem impossibilitados do desempenho regular do cargo; os que tiverem exercido qualquer dos cargos no quadriénio anterior áquele a que o provimento diga respeito. Salvo caso de força maior, a escusa deve ser apresentada ao conselho da Corporação no prazo de dez dias, a contar da eleição; se o conselho não estiver a funcionar, a escusa será apresentada á direcção, que resolverá. A recusa ou o não exercício injustificados dos cargos de eleição serão comunicados ao organismo corporativo primário de que o infractor seja sócio para efeitos do disposto no capitulo III do decreto-lei n.º 41.204, de 24 de Julho de 1957.

A Corporação é assistida por um representante do Estado, ao qual compete a defesa dos interesses da comunidade e dos consumidores, sendo gratuito o desempenho das respectivas funções. O representante do Estado deve acompanhar a actividade da Corporação e opor-se ás deliberações e aos actos do conselho da Corporação, dos conselhos das secções e da direcção que repute contrários á lei, ao presente regimento ou aos interesses que lhe cumpre defender nos termos deste artigo. A oposição deduzida pelo representante do Estado contra as deliberações do conselho da Corporação ou da direcção importará necesáriamente suspensão da sua executoriedade.

As receitas das Corporações

Constituem receitas da Corporação: as contribuições das federações dos grémios da lavoura, das federações das Casas do Povo e dos outros organismos corporativos representativos da produção e do trabalho agrícolas; as contribuições dos organismos a que se refere o artigo 7.º; os subsídios do Estado e de outras entidades publicas ou particulares; as doações, legados ou heranças aceites por deliberação da direcção; as quotizações voluntárias; os juros das importancias capitalizadas; o produto de empréstimos autorizados por dois terços dos membros efectivos do conselho da Corporação; e quaisquer outras receitas que possam resultar do legítimo exercício da sua actividade.



O grupo de casas de S. Brás de Alportel

Um Português do Brasil ofereceu dez casas aos pobres de S. Bras de Alportel

S. BRÁS DE ALPORTEL, 19. — Discretamente, por expressa determinação do seu proprietário, sr. Aníbal Rosa da Silva, natural desta vila e joalheiro no Rio de Janeiro, foram entregues a dez famílias pobres deste concelho, dez moradias, construidas a expensas daquele benemérito, num terreno adquirido nos suburbios desta vila. Cada moradia compõe-se de dois quartos, cozinha e sala de jantar, casa de banho, dispensa e quintal, de um estilo harmonioso e de acordo com as tradições e costumes da terra. O bairro recebeu do seu fundador, o nome de «Tudo por Deus».

VIDA MUNDANA

CASAMENTO

Realizou-se hoje na Basílica dos Mártires o casamento da sr.ª D. Maria Manuela Figueiredo Coutinho, filha do sr. Manuel de Araujo Coutinho Junior e da sr.ª D. Sara dos Santos Figueiredo Coutinho com o sr. Álvaro Barros Marques de Figueiredo, filho do sr. Elisário Marques de Figueiredo e da sr.ª D. Irene Barros de Figueiredo.

Apadrinharam o acto por parte da noiva o sr. coronel Candido Pinheiro e sua esposa a sr.ª D. Laura Pinheiro e por parte do noivo os seus pais.

Em ALGÉS o «Diário de Lisboa» e o «Sempre Fixe» vendem-se na Agência Cultural, Avenida Combatentes da Grande Guerra.

Melhoramentos locais

Electrificação duma freguesia do distrito de Bragança

BRAGANÇA, 16. — Estão em curso os trabalhos de instalação do posto de transformação e da rede de baixa tensão da vizinha freguesia de Santa Comba de Rossas, a primeira na região, a ser electrificada pela Shenop, com subsidios da Junta de Freguesia do Municipio e do Estado.

No próximo ano, e pelos mesmos meios, proceder-se-á á electrificação das freguesias de Quintela de Lampaças, Rebordãos e Paredes. Pena é, na verdade, que não se proceda, rápidamente e de igual forma, em relação a todo este vasto concelho brigantino, constituido por nada menos de 49 freguesias e uma centena ou mais de povoações anexas, todas mergulhadas na maior escuridão. E, entretanto, temos, neste distrito, as já afamadas barragens hidroelectricas de Picote e Miranda do Douro a abastecer — a primeira, pelo menos, e, em vias disso, a segunda — os grandes centros populacionais do País.

O PORTO pelo telefone

Vigésimo quinto aniversário do Estatuto de Trabalho Nacional

PORTO, 20. — A fim de presidir ás comemorações do 25.º aniversário da promulgação do Estatuto do Trabalho Nacional desloca-se a esta cidade o sr. ministro das Corporações que amanhã acompanhado de diversas autoridades do distrito, inaugura pelas 10 horas, em Gondomar, um bairro residencial, mandado construir pela Caixa Sindical de Previdência dos Oficiais de Ourives e Ofícios Correlativos. Pelas 12 e 30, o sr. dr. Veiga de Macedo inaugurará também outro bairro residencial na Rua Godinho de Faria, em S. Mamede de Infesta, edificado pela Caixa Sindical de Previdência do Pessoal da Industria Textil. Esta importante construção, constituída por 82 imóveis que comportam um total de 155 moradias de vários tipos, representa um investimento de capitais superior a seis mil contos.

Na segunda-feira, aquele membro do Governo reunir-se-á, no Grémio dos Ourives, com os representantes da Imprensa para lhes fazer uma comunicação sobre a constituição das corporações do comércio e da industria.

Noite do Cégo

Hoje, pelas 21 e 30, efectua-se, no teatro da Feira Popular, a Noite do Cego, promovida pela Associação dos Invisuais do Norte de Portugal. Colaboram na festa conjuntos artísticos de amadores. Durante o espectáculo serão sorteados trabalhos manufacturados por senhoras invisuais.

Caíu da bicicleta

Por ter caído da bicicleta em que seguia, recolheu ao Hospital de Santo António o operário Manuel Rodrigues Vieira, de 23 anos, residente em Pedroso, Gaia, que sofreu ferimentos pelo corpo.

Cartaz do Porto

Para amanhã dia 21

COLISEU — Ás 15 e 30 e 21 e 30 — «A fonte dos amores».
SÁ DA BANDEIRA — Ás 15 e 30 e 21 e 30 — «Que sejas feliz».
BATALHA — Ás 21 e 30 — «Escada de caracol».
TRINDADE — Ás 21 e 30 — «A pé, a cavalo e de automóvel».
OLIMPIA — Ás 15 e 30 e 21 e 30 — «A Ladra».
NUN'ALVARES — A's 21 e 30 — «O pintor e os modelos».
VALE FORMOSO — A's 21 e 30 — «A família Trapp».
ÁGUIA DE OURO — Ás 15 e 30 e 21 e 30 — «A arma de um bravo».
S. JOÃO — Ás 21 e 30 — «O sonho de Cinderela».
JULIO DINIS — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «O fundo da garrafa».

Livros novos

«A Restauração e o Brasil» pelo dr. Herlander Machado

O sr. dr. Herlander Machado foi, há tempos, ao Palácio da Independência, para falar, a convite da Sociedade Histórica da Independência de Portugal, de alguns aspectos da história, relacionados com a Restauração e o Brasil de 1640. A Pátria, de luto, vira a Holanda instalar-se nas alas litoraneas do Brasil e lá fixar as bases da sua ambição, sob pretexto de combater a Espanha.

Apoiado nos melhores textos, o sr. dr. Herlander Machado reconstituiu o clima moral e politico da época, enquadrado não apenas nos factos nacionais mas, ainda, nos fenómenos exteriores. E, aqueles que hoje se fixam perplexos sobre certas reacções do povo, sentir-se-ão reintegrados nas congénitas e arraigadas tradições populares, recordando a citação do conde da Ericeira, ao verificar que o povo, manietado durante sessenta anos, não vai para a rua, aderir ao movimento libertador. E', então, que o Brasil, já lançado no desenvolvimento económico do ciclo do açucar, aparece, no trabalho do dr. Herlander Machado, com os seus problemas «sui generis». A tentativa de ocupação de Villegagnon, dos bretões e dos normandos que ali querem fundar a Nova França; de Cavendish e Lancastre dois corsários ingleses que aliavam ao cavalheirismo aventureiro intuitos de rapina; e, sobretudo, a experiência holandesa na Baía, a mais séria, fecunda e enraizada.

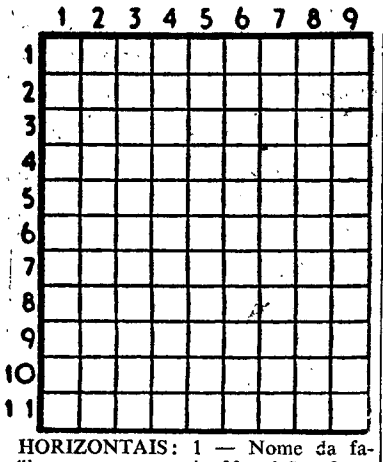
O trabalho do sr. dr. Herlander Alves Machado credita-se, assim, pelo que tem de elucidativo e de interpretativo.

DIARIO DE LISBOA

PALAVRAS CRUZADAS

NOVA MODALIDADE

Problema n.º 3452



HORIZONTAIS: 1 — Nome da família a que pertencia Napoleão. 2 — Balela. 3 — Reis. Rio do Estado de Mato Grosso, Brasil. Virtude Teologal. 4 — Chefe abissínio. Chegar. 5 — Líquido gorduroso. Cidade de França. 6 — Montões. 7 — Ovário dos peixes. Cantiga. 8 — Anel. Consentimento. 9 — Batráquio. Para barlavento. Letra grega. 10 — Amarrem. Comparecer. 11 — Vê. Grande povoação da Nigéria. Catedral.

VERTICAIS: 1 — Freguesia do concelho de Vila Verde. Lago Salgado do Turquestão. 2 — Chiste. Louco. 3 — Em a. Criado. 4 — Pedra de altar. Freguesia do concelho de Oliveira do Bairro. Estimo muito. 5 — Sucessor de S. Pedro. O mais. 6 — Navega. Oxido de cálcio. Origem. 7 — Reis. Receptáculos. 8 — Venda a crédito. Serra de Portugal. 9 — Deus. Habite.

Solução do problema n.º 3451

HORIZONTAIS: 1 — Quem. Adem. 2 — Ui. Bem. 3 — Cerra. 4 — Sei. Lê. 5 — Sob. Ain. 6 — Preopinar. 7 — Obi. Aro. 8 — Oó. Gnu. 9 — Medra. 10 — Tires. Ir. 11 — Ouve. Asma.

VERTICAIS: 1 — Que. Spoor. 2 — Ui. Morbo. Tu. 3 — Bei. MIV. 4 — Mães. Gere. 5 — Responde. 6 — Abri. Ursa. 7 — Dea. Ana. 8 — Em. Liara. Im. 9 — Genro. Grã.

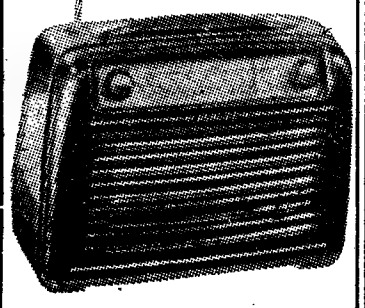
HÁ TRINTA ANOS

Norberto de Araujo dedicava a Alexandre Rey Colaço a sua «Página de Quinta-Feira» do dia 20 de Setembro de 1928 que terminava assim: «Não me atrevo a pedir, para que esta Página feche bem, que toquem ao piano um trecho de Rey Colaço que a minha alma saiba entender. Mas tenho diante dos meus olhos o retrato de uma petizita, que tem uns olhos muito vivos, que parece que se metem pelos meus dentro, mas de modo que a não magoe muito: «Olha, amorzinho, acabei agora de escrever uma carta que leva dentro um beijo teu para a alma do teu avô».

SCHAUBLORENZ

AMIGO

O portátil de pilhas e todas as correntes para o campo, praia e lar; o amigo de todas as horas



Esc.: 2.370$00

ainda outros modelos á escolha

PROGRAMAS DE RADIO

EMISSORA — A's 18: Noticiário e danças; 18 e 40: Trechos de operetas; 19: Desdobramento; 21: Noticiário; 21 e 15: Desdobramento; 23 e 45: Noticiário, boletim meteorológico e fecho.

Programa «A» — A's 19: Emissão infantil; 19 e 30: Trechos em piano; 19 e 45: Aguarela brasileira; 20: Jornal sonoro; 20 e 15: Musica ligeira sinfónica; 20 e 30: Que quer ouvir?; 21: Junção dos emissores; 21 e 15: Trechos em viola espanhola; 21 e 30: Comentário político; 21 e 45: Variedades; 22 e 30: Vozes do Mundo; 22 e 45: 2.ª parte do programa de variedades; 23 e 30: Danças; 23 e 45: Junção dos emissores.

Programa «B» — A's 19: Aspectos da musica moderna, por José Carlos Picoto; 19 e 50: Noticiário regional; 20: Concerto de camara; 21: Junção dos emissores; 21 e 15: 4.º e 5.º actos da ópera «Manon», de Massenet, pelo soprano Michèau, tenor Christoper Benoit, outros artistas, coro e orquestra da Opera Cómica de Paris, sob a direcção de Albert Wolf; 21 e 45: Radiodrama «Antony», de Alexandre Dumas; 22 e 45: Que quer ouvir? Sonata n.º 23 «Apassionata», de Beethoven, por Backhanss; «Trio em mi bemol maior», opus 70, n.º 2, de Beethoven, pelo trio Santolíquido; 23 e 45: Junção dos emissores.

RADIO CLUBE — A's 18: Ritmos de baile; 18 e 30: Fados e guitarradas; 19: Quer um conselho?; 19 e 15: Cançonetas; 20 e 15: Apontamento do dia; 20 e 20: Solistas; 20 e 30: Onda desportiva; 21: Imagens por musica; 21 e 30: Língua portuguesa; 21 e 45: Brasil; 22: Trechos recreativos; 22.30: Cultura espanhola; 22 e 45: Cançonetas; 23: Concertos; 23 e 15: Ritmos de baile, do Casino Estoril; 23 e 45: Agenda; 23 e 50: Conjuntos; 0 e 30: Noticiário; 0 e 40: Ritmos de baile.

ESTAÇÃO DE MIRAMAR — 18: Paisagem infantil; 18 e 45: Recital de composições de Cruz e Sousa; 19: Palestra de língua portuguesa; 19 e 15: Motivos portugueses; 19 e 30: Isto é Portugal; 20: Boletim informativo; 20 e 10: Conjuntos vocais e intrumentais; 20 e 30: Vida desportiva; 21: Noticiário; 21 e 15: Margarita Sanchez; 21 e 30: Orquestras ligeiras; 22: Programa para a mulher; 22 e 5: Brasil; 22 e 30: Conjuntos instrumentais; 22 e 45: Melodias; 23: Trechos de operetas; 23. e 30: Artistas portugueses; 0: Ritmos de baile.

RADIO RENASCENÇA — A's 18 e 30: Terço e bênção; 19 e 25: Boletim do S. C. R.; 19 e 30: França, horizonte do Mundo; 19 e 45: O pianista Robert Valentino; 20: Musica para o seu jantar; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21 e 5: As ultimas novidades; 21 e 30: Canta Agostinho dos Santos; 21 e 50: Melodias; 22: No reino das musas; 22 e 20: Musica sinfónica; 22 e 45: Noticiário; 22 e 57: Boletim religioso; 23: Serão familiar.

POSTOS CENTRALIZADOS — Das 14 e 30 ás 19 e 30: Rádio Peninsular; 19 e 30 ás 22: Voz de Lisboa; 22 á 1: Clube Radiofónico de Portugal.

TELEVISÃO

Hoje, ás 21 horas: Abertura; 21 e 2: Noticiário; 21 e 10: «Tele-Desporto»; 21 e 40: Recital de piano por Sequeira Costa; 21 e 55: Jornal de actualidades internacionais; 22 e 5: «Café-Concerto», realização de Fernando Frazão; 22 e 55: Actualidades nacionais e ultimas notícias; 23 e 10: Na rua e na estrada; 23 e 30: Fecho.

SEMANA DO CONTRIBUINTE

DECRETO-LEI N.º 31.948
Imposto sobre a aplicação de capitais

Artigo 10.º — A falta de pagamento do imposto sobre a aplicação de capitais, secção B, ou a sua realização, fora dos prazos estabelecidos no artigo 47.º do decreto n.º 8.719 é punida com a muita do dobro do imposto que for devido.

SECÇÃO B — Multa por falta de pagamento.

Consultar: «Revista de Direito Fiscal», ano VII, pág. 209; «Compilação de Acórdãos», vol. 58.º, n.º 5.769; «Diário do Governo», n.º 294, de 1952, Rec. n.º 11.496; «Diário», cit., n.º 284, de 9 de Dezembro de 1955, Rec. n.º 12.763; «Boletim da D. G. das Contribuições e Impostos», ano de 1955, parte III, pág. 597.

Anotações:

...*A falta* de cumprimento de um dever fiscal só é punida quando a lei estabelecer expressamente a sanção para essa falta.

«Diário do Governo», n.º 294, 2.ª série, ano de 1952.

...transgrediu a alínea b) do artigo 47.º do decreto n.º 8.719 e está sujeito á sanção do artigo 10.º do decreto n.º 31.948 (1 de Abril de 1942), *não entrando, porém, no cálculo da multa a* taxa de compensação *do imposto sobre sucessões e doações criada pelo artigo 10.º da lei n.º 2.022, por não estar o pagamento tardio ou a falta de pagamento dela sujeito a qualquer sanção.*

Acórdão do S. T. Administrativo de 9 de Fevereiro de 1955.

Observações:

Para a falta de pagamento da *taxa de compensação* do imposto sobre sucessões e doações *devida pela realização de aumentos de capital nominal de sociedades anónimas e por quotas foi, pelo artigo 2.º e seu § unico do decreto-lei n.º 39.125, de 6 de Março de 1953, estabelecido o seguinte:*

Artigo 2.º — O imposto sobre aplicação de capitais, secção B, e a taxa de compensação devidos pela realização dos aumentos de capital serão entregues nos cofres do Estado, na totalidade, até ao fim do mês seguinte ao da efectivação do aumento autorizado (*a*).

O pagamento destes impostos não pode, no entanto, utrapassar os *noventa dias* posteriores ao despacho que concedeu a autorização.

§ unico — A falta de pagamento dos impostos referidos neste artigo, ou a sua realização fora do prazo estabelecido, é punida com multa igual ao dobro dos impostos devidos.

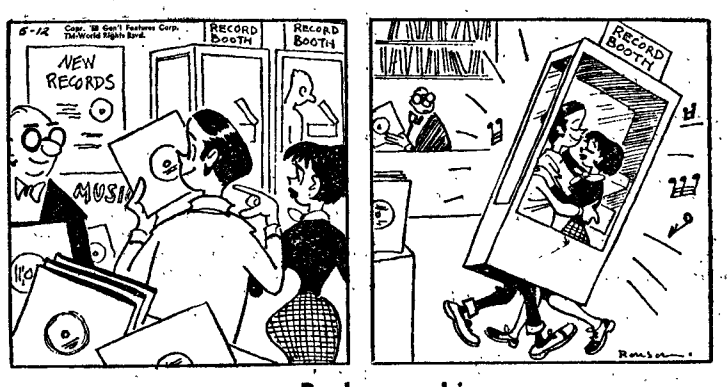
«Diário do Governo», n.º 44, ano de 1953.

(*a*) «Compilação de Acórdão» vol. 58.º, n.º 5.761. «Diário do Governo», n.º 298, Dezembro de 1955, Rec.º n.º 12.748.

FARMACIAS DE SERVIÇO

TURNO C — União — Estrada de Benfica, 592-594, Tel. 780092; Vitex—Estrada de Benfica, 373-B, Tel. 780548; Curie—Avenida Madame Curie, 15-A, Tel. 778439; Leal de Matos—Rua Neves Costa, 33-35 Carnide, Tel. 780181; Laranjeiras (Das)—Rua Filipe da Mata, 160-162, Tel. 761035; Central do Lumiar, 77, Tel. 779480; Brasil—Avenida Rio de Janeiro, 66-66-A, Tel. 722368; Sanex—Avenida da Igreja, 31-C, Tel. 776905; Belmar—Avenida de Roma, 53-A, Tel. 776314; Algarve — Avenida de Roma, 7-B Tel. 777478; Garantia — Avenida Padre Manuel da Nóbrega, 5-A-B á Praça do Areeiro, Tel. 727300; Onilda—Avenida João XXI, 13-A Tel. 726848; Campo Pequeno (Do) Avenida da Republica, 58-D-E, Tel 771661; Vale—Avenida Marquês de Tomar, 45-49, Tel. 773043; Universal—Rua Actor Taborda, 5-7, Tel 44158—A— Novais—Avenida Luís Bivar, 11-13, Tel. 44324; Ascenso—Rua 27, 41, Bairro da Encarnação Tel. 389216; Olivais (Dos) — Rua Alves Gouveia, 19, Tel. 389237; Conceição—Calçada D. Gastão, 30-32, Tel. 381279; Pereira, Suc. — R. do Paraiso, 98-100, Tel. 863224; Silva—Calçada de Santo André, 16, Tel. 862074; Branquinho—Rua dos Sapadores, 87, Tel. 842725; Luzmar — Rua 2, 16, Bairro de Santa Engrácia, Tel. 728395; Ibéria —Rua Barão de Sabrosa, 235-A, á Alameda, Tel. 728277; Bastos — R. Morais Soares, 91-D, Tel. 844350; Castro—Avenida Almirante Reis, 76-A-B, Tel. 44373; Peninsular — Campo dos Mártires da Pátria, 117-118, Tel. 53308; Vicente de Jesus — Largo do Rato, 3-C-D, Tel. 681947; Salutar — Rua B, 75-A-B Bairro da Liberdade, Tel. 683694; Júdice de Oliveira—Rua de Campolide, 54-A, Tel 684424; Pinheiro —Rua de Campo de Ourique 131-133, Tel. 663640; Janeiro—Avenida Alvares Cabral, 100, ao lado do Liceu Pedro Nunes, Tel. 661453; Tagus—Praceta Possidónio da Silva, lote 3, Tel. 669485; Ocidental—Rua D. Jerónimo Osório, JPM, 3, Tel. 610256; Gomes, Suc. (Gonçalves)—Rua da Junqueira, 326, Tel 638193; Costa—Rua dos Lusiadas 32, Tel. 636704; A. César — Rua Prior do Crato, 74, Tel. 660187; Guerreiro da Costa—Rua das Janelas Verdes, 90, Tel. 662327; Mota Capitão—Rua de S. Félix, 45-A-B Tel. 660720; Fénix—Rua da Cruz dos Polais, 52, Tel. 21031; Sanitas —Praça Luís de Camões, 24, Tel 22798— A — Liberal—Avenida da Liberdade, 217-219, Telef. 43641; Ferrão—Rua da Mouraria, 12, Tel 860464; Portugal — Rua Augusta, 216-218, Tel. 22073 — A —.

ELE & ELA



Rock na cabine

CARTAZ DO DIA

TEATROS

MONUMENTAL — Ás 21 e 45 — «A rainha do ferro-velho».
COLISEU — Ás 20,30 e 22,45 — «Ai mexe... e remexe!».
ABC — Ás 20,45 e 22,45 — «Vira o disco».

CINEMAS

TIVOLI—«Paixões que escaldam».
SÃO LUIZ — «Escola para casadas».
SÃO JORGE — «A torre de vidro».
IMPERIO — «Noites de Cabiria».
EDEN — «Incidente no Yangtse».
POLITEAMA — «O homem que não queria matar».
ALVALADE — «Escola para casadas».
MONUMENTAL — «legião de atiradores».
ROMA — «O médico e o charlatão»
CONDES — «Jovens maridos».
AVIS — «A serpente».
CAPITOLIO — No salão: «Coração selvagem». No Terraço: «Um grito na noite».
RESTELO — «Como matar um tio rico».
ESPL. PORTUGALIA — «Ao princípio foi pecado».
OLIMPIA — «Tambores ao longe».
PAVILHÃO—Irene e o mordomo».
IDEAL — «O Sol nasce amanhã».
PROMOTORA — «O Egípcio».

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional

SITUAÇÃO GERAL ÁS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE—No continente português, a Norte do sistema Montejunto-Estrela, o vento era fraco de Sul, o céu estava muito nublado. A Sul daquele sistema, o vento era fraco, a moderado, de Norte, e o céu estava geralmente limpo, por acção de uma massa de ar transportada na circulação conjunta de uma depressão de origem térmica centrada nas imediações de Madrid e de um anticiclone centrado a Sudoeste dos Açores.

Temperaturas ás 9 horas: Porto e Coimbra, 19°; Lisboa, Ponta Delgada e Funchal, 22°; Faro, 24°.

PREVISÃO ATÉ ÁS 24 HORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ—Céu muito nublado a Norte do sistema Montejunto-Estrela, pouco nublado a Sul, aumentando progressivamente de nebulosidade durante a noite. Vento fraco de vários rumos tornando-se fraco, a moderado, de Sudoeste. Possibilidade de chuva e chuviscos, em especial, nas regiões a Norte do Tejo.

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

Sociedade Anónina de Responsabilidade Limitada
Sede—Calçada do Duque, 20—Lisboa

ADMINISTRAÇÃO

Pagamento do juro de obrigações relativo ao 1.º semestre de 1958.

São avisados os portadores de obrigações da Emissão Mirandela e Viseu», 4 1/2 % — 1889 de que o pagamento do juro, relativo ao 1.º semestre de 1958, será efectuado a partir de 1 de Outubro p. f.º, ao preço de:

Esc. 1$60 — para títulos ao portador e nominativos

O pagamento do juro destas obrigações efectuar-se-á:

Em Lisboa, na sede da Companhia;

No Porto, na Tesouraria da Companhia, estação de S. Bento.

O pagamento na sede da Companhia efectua-se todos os dias uteis desde as 10 ás 13 e das 14 ás 16 horas e aos sábados desde as 10 ás 12 horas.

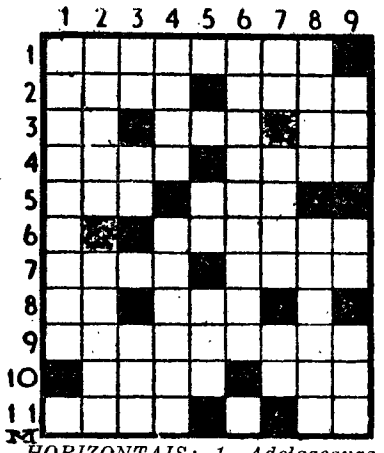
Lisboa, 10 de Setembro de 1958.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVERBIO)

Problema n.º 1366



HORIZONTAIS: 1—Adelgaçavas. 2—Por o. Bonança. 3—Artigo antigo. Animal doméstico. Pronome reflexo. 4—Receia. Luz solar reflectida pela Lua. 5—Ena! Ilha inglesa no mar da Irlanda. 6—Caspa miuda. 7—Ressoa. Intimas. 8—Estrépito de desmoronamento. Cólera. 9—Tornara magro. 10—Pronome pessoal. Sadio. 11—Empregues. Artigo (pl.).

VERTICAIS: 1—Desejará. 2—Descasquei. Cimos. 3—Outra coisa. Imperfeita. Olá! 4—Toque de leve. Bocetas. 5—Estragada. Chefe etíope. 6—Infringiriam. 7—Atmosfera. Ligam. Campeão. 8—Imposto de transmissão. Amo. 9—Ente. Carta de jogar. Preposição e artigo (pl.).

Resolveu completamente este problema?

Procure agora em segundo passatempo o provérbio nele inscrito.

Solução do problema n.º 1365

HORIZONTAIS: 1—As. Polir. 2—NÃO. Don. 3—Tó. Teatro. 4—Aro. Rás. 5—BRINQUES. 6—COM. Sue. 7—Oneroso. 8—Id. Alista. 9—COISAS. Ad. 10—Esfera. Pó. 11—Só. SÉRIAS.

VERTICAIS: 1—Ante. Coices. 2—São. Bondoso. 3—Arme. If. 4—Tri. Rases. 5—Odeon. Olaré. 6—Loa. Sisar. 7—Intrusos. 8—Raeu. Tapa. 9—Sossegados.

(Provérbio: NÃO BRINQUES COM COISAS SÉRIAS).

Bibliotecas Municipais

As Bibliotecas ao Ar Livre que a C. M. L. mantem em funcionamento nos principais jardins da cidade, registaram no mês de Agosto do corrente ano a frequência de 5.737 leitores.

Estes leitores requisitaram 1.634 obras e 7.023 jornais e revistas.

As Bibliotecas Municipais de S. Lázaro, Alcantara e Encarnação, que funcionam respectivamente, no Largo da Escola Municipal, na Avenida 24 de Julho e no Bairro da Encarnação — Quartel do B. S. B., mantêm-se em funcionamento, continuando a registar-se uma grande afluência de leitores.

Estas bibliotecas encontram-se abertas ao publico das 9 ás 12 horas e das 14 ás 17 horas.

QUINTA

Vende-se no lugar das Olas, freguesia de Inguias, concelho de Belmonte, entre Covilhã e Guarda. Verdadeiro sanatório, bela moradia com água encanada, muita fruta, vinha, olival, aeromotor, estrada até á porta. Mostra-se no local onde pode ser negociada. Informações pelo telefone 729209.

A Grã-Bretanha e o Japão
combinaram defender na O. N. U.
o direito de Pequim à posse das ilhas costeiras

TÓQUIO, 20. — O ministro dos Negócios Estrangeiros nipónico, Aiichiro Fujiama, e o ministro dos Negócios Estrangeiros inglês, Selwyn Lloyd — diz hoje o jornal japonês «Mainichi» — concordaram em defender conjuntamente o ponto de vista de que as ilhas Quemoy e Matsu pertencem á jurisdição de Pequim e preparam-se para defender, nas Nações Unidas, uma acção com o objectivo de fazer prevalecer a sua opinião.

O jornal informa que os dois estadistas se entenderam sobre o assunto numa reunião conjunta realizada em Nova York, no dia dezoito — (ANI).

Surpresa em Londres

LONDRES, 20. — Circulos autorizados britanicos acolheram hoje com surpresa a notícia, publicada por um jornal japonês, de que a Grã-Bretanha havia concordado em tentar exercer pressão junto do Governo de Washington, para que seja reconhecido ao Regime de Pequim o direito á posse das ilhas Quemoy e Matsu. — (ANI).

A atitude de Fujiama causa sensação na América

WASHINGTON, 20. — Funcionários da Secretaria de Estado mostraram-se hoje surpreendidos com a notícia de que o ministro japonês dos Negócios Estrangeiros apoiara, como foi afirmado, o ponto de vista do Governo britanico, de que as ilhas Quemoy e a Matsu pertencem, de direito, á China Continental.

Os mesmos funcionários disseram que, durante as conversações que tivera, na semana passada, em Washington, com o Secretário de Estado, Foster Dulles, o ministro japonês nada dissera que fizesse supor ser essa a sua atitude, quanto á questão daquelas ilhas costeiras, e frisaram que Fujiama fez, juntamente com Foster Dulles, uma declaração a afirmar que a China Continental era responsável pela actual crise no Estreito da Formosa.

Um dos funcionários declarou que, se se confirmar a veracidade da notícia, é de surpreender que Fujiama tenha resolvido tomar uma atitude susceptível de comprometer o êxito das conversações para um acordo sobre o estabelecimento de tréguas, que estão a ser entabuladas em Varsóvia, entre os embaixadores dos Estados Unidos e da China Continental.

Ontem, um funcionário da embaixada do Japão, em Washington, declarou não ser provável que o Governo japonês resolva desempenhar papel preponderante nas diligências a efectuar pelas Nações Unidas, a fim de se encontrar uma solução para o conflito da Formosa. — (ANI).

Sugere-se o recurso ao Tribunal da Haia

WASHINGTON, 20. — O antigo governador e senador democrático Herbert Lehman afirmou ontem que «nenhuma vida americana deveria ser sacrificada para defesa das ilhas Quemoy e Matsu».

Numa declaração escrita, o antigo governador diz que a defesa dessas ilhas costeiras não assenta em nenhum princípio legal ou moral e que a América não tem qualquer interesse vital que a justifique. Quanto á questão da soberania sobre esses ilhas, sugeriu que o caso seja levado á Assembleia Geral das Nações Unidas ou ao Tribunal Internacional de Justiça. — (F. P.).

Conferências militares em Taipeh

TAIPEH, 20 — O almirante Harry Felt, comandante-chefe das forças americanas no Pacífico, chegou hoje a esta cidade onde se avistará com o general Chang Kai Chek e várias personalidades americanas e chinesas, a fim de trocar impressões sobre a crise no estreito da Formosa. — (F. P.).

Torpedeiro comunista afundado numa batalha naval

TAIPEH, 20 — O Ministério da Defesa da Formosa comunicou que em novo recontro naval travado perto das ilhas Quemoy, dois barcos de guerra nacionalistas destruiram um torpedeiro comunista. Este foi directamente atingido, incendiando-se e afundando-se.

O combate, que durou quarenta minutos, foi travado entre duas canhoneiras nacionalistas e três torpedeiros da China Continental. Os outros dois torpedeiros ficaram danificados, e um dos barcos de guerra nacionalista sofreu «ligeiras» avarias — segundo afirma o comunicado oficial. — (A. N. I.).

Prossegue o bombardeamento das Quemoy

TAIPEH, 20 — Anuncia-se oficialmente que os canhões da China Continental, prosseguindo o seu sistemático bombardeamento ás ilhas Quemoy, iniciado em 23 de Agosto findo, lançaram sobre elas 1.401 granadas, entre as 15 e as 21 horas de ontem.

Há notícias de vinte e um mortos e feridos e da destruição total ou parcial de mais quinze casas.

Explodiram nas Quemoy mais de 310.000 granadas desde que os comunistas iniciaram o bombardeamento contra aquelas ilhas — declarou o Ministério da Defesa. — (A. N. I.).

Estudantes
de Litlle Rock
pedem a reabertura do liceu

LITTLE ROCK, 20 — Um grupo de estudantes do liceu afirmou, numa petição enviada ao governador Faubus, o seu desejo de poder frequentar as aulas «mesmo se estudantes negros qualificados» tiverem de ser admitidos nos cursos.

«Receamos — declara — que o encerramento do liceu ponha em perigo a nossa educação ou venha a atrasá-la inutilmente. Cremos que o nosso interesse e o de Little Rock reclamam a reabertura imediata do nosso liceu, visto ser um estabelecimento publico» — (F. P.)

O reconhecimento pelos países árabes
do Governo argelino no exílio
ameaça deitar por terra
a política de amizade seguida por de Gaulle

PARIS, 20 — «A França está aqui, na Argélia, para sempre» — afirmou ontem, ao chegar a Argel, o ministro francês da Informação, Jacques Soustelle. Recusando-se a fazer comentários acerca da formação do Governo argelino no exílio, o ministro limitou-se a declarar que se tratava apenas de uma «mudança de rótulos».

A primeira reacção em Paris e em Argel, em círculos oficiais, foi a afirmação de que a criação de um Governo rebelde em nada interferirá com a decisão da França, de prosseguir na luta por uma «Argélia Francesa».

Entretanto, círculos autorizados parisienses salientam as consequências que poderão advir, se outras nações resolverem reconhecer o Governo argelino no exílio.

Até agora, o Governo da F. L. N. já foi reconhecido por seis países: Iraque, Republica Arabe Unida, Líbia, Iémen, Paquistão e Marrocos. Espera-se, a todo o momento, que a Turquia lhes siga o exemplo.

Os mesmos círculos frisam que o que preocupa, neste momento, o Governo francês, não são as repercussões que a proclamação do Governo rebelde possam ter entre os 3 milhões de muçulmanos argelinos, pois há a convicção de que a grande maioria votará, no dia 28, a favor de de Gaulle e da manutenção dos laços com a França, mas, sim, a atitude que as outras nações árabes decidam adoptar.

O reconhecimento do Governo rebelde, pelo Marrocos e pela Tunísia é encarado, nos círculos de Paris, como uma aliança, tácita, com o regime da F. L. N., que está em luta contra a França, desde há quase quatro anos.

Uma das consequências será, possívelmente, um novo rompimento das relações diplomáticas entre a França e os seus dois antigos protectorados, precisamente num momento em que o Governo de de Gaulle está a pôr em prática uma política para reforçar os laços de amizade com ambos. Foi, por exemplo, em obediência a essa política, que já começaram a ser retiradas tropas das guarnições francesas no Marrocos e na Tunísia. Esse rompimento, se for total, virá a afectar gravemente os dois antigos protectorados, visto que a própria existência económica do Marrocos e da Tunísia depende do auxílio financeiro da França, que, em tais circunstancias, seria suspenso imediatamente.

Por outro lado, poderá agravar, também, as relações da França com outros Governos árabes, fazendo soçobrar, assim, as esperanças do general de Gaulle de restabelecer laços diplomáticos, íntimos e amistosos, com os países do Próximo e Médio Oriente. — (A. N. I.).

Desmente-se o reconhecimento pelo Paquistão

CARACHI, 20 — «A questão do reconhecimento do «Governo provisório da Republica Argelina» ainda não foi estudada» — declarou um informador do Ministério dos Negócios Estrangeiros. Recusou-se a comentar as informações que dizem que o Governo do Paquistão já teria reconhecido aquele «governo». — (F. P.).

Contentamento na Jordânia

AMÃ, 20 — A Imprensa jordana sauda com entusiasmo a formação do Governo argelino no exílio e publica a notícia nas primeiras páginas das edições desta manhã, sob grandes parangonas.

De acordo com os meios autorizados, a Jordania reconhecerá, em breve, o novo Governo. A F. L. N. possui instalações nesta cidade e a Jordania tem apoiado a actividade dos rebeldes argelinos, contribuindo com fundos para a manutenção da luta. (— A. N. I.).

A América manter-se-á fiel à França

WASHINGTON, 20 — A situação criada pela constituição do «Governo argelino no exílio», foi apreciada numa conferência que o embaixador de França, Hervé Alphand, teve com o secretário de Estado adjunto, Burke Elbrich.

Ao sair da Secretaria do Estado, o embaixador, respondendo a perguntas dos jornalistas, declarou poder «afirmar oficialmente ter sido informado, da forma mais clara, que era evidente que o Governo dos Estados Unidos não reconhecia, de maneira nenhuma, um tal governo». — (F. P.).

A Liga Árabe pode agora admitir a Argélia

CAIRO, 20 — Ao afirmar que a Liga Arabe aceitaria com certeza a Argélia como membro, o informador da organização explicou: «Embora o estatuto da Liga só permita a aceitação como membro, de Estados independentes, a admissão do nóvel Governo argelino é possível, considerando-o como Governo independente em guerra com o ocupante do país... O Governo agora proclamado tem soberania sobre vastas regiões do território argelino, de que assegura plenamente a administração, independentemente das forças ocupantes». — (F. P.).

A guerra atómica
seria uma catástrofe sem precedentes
e tem de ser evitada
— afirmam os cientistas reunidos em Viena

VIENA, 20. — Cientistas de todo o Mundo, reunidos no Palácio dos Desportos de Inverno de Kitsbuehel, exprimiram o seu desejo de o homem poder subtrair-se aos horrores de uma guerra atómica e de se poder construir um mundo novo.

A guerra atómica seria uma catástrofe mundial de magnitude sem precedentes, e a espécie humana deve procurar organizar-se de molde a evitar qualquer guerra, mesmo as guerras locais — foi acentuado na reunião magna dos cientistas.

Uma declaração, aqui publicada ontem, diz que a corrida aos armamentos é o resultado do estado de desconfiança entre as nações, e qualquer que seja a medida tendente a minorar essa corrida, numa base equitativa, e sujeitá-la a uma fiscalização efectiva, deve ser desejada. Mais adiante, a declaração salienta que os grandes fornecimentos de armas nucleares tornou difícilima a possibilidade de um desarmamento nuclear em grande escala, mesmo quase impossível, pelo que se requer medidas tendentes a evitar, pelo menos, o seu uso. — (A. N. I.).

Ultimas notícias

O «caso Acúrsio»
dá que falar

LOURENÇO MARQUES, 20. — O Clube Ferroviário enviou ao F. C. do Porto um telegrama, a repudiar a atitude deste clube, que está a tratar directamente com o jogador Acursio, do seu regresso ao Porto, sem ter tido a atenção devida para com a direcção do clube a que está ligado o discutido jogador. O Ferroviário está na disposição de só consentir a transferência de Acursio, após terminada a época em Lourenço Marques, e mesmo assim, depois de determinadas condições e serem tratadas na devida altura, e desde que o F. C. do Porto reconsidere do seu procedimento. — (L.).

Tratado de comércio
com o Benelux

HAIA, 20 — Portugal concordou com os países do Benelux em prolongar o tratado comercial existente entre os quatro Governos para mais um ano. O presente acordo devia expirar no dia 1 de Outubro. — (A. N. I.).

Achados arqueológicos
considerados valiosos

CAIRO, 20. — Anuncia-se que um grupo de trabalhadores, ao escavar um terreno nas proximidades de Helispolis, deparou com os restos soterrados de uma série de tumulos romanos e com um fosso onde se encontravam duas avestruzes mumificadas.

Investigações realizadas mais tarde por ordem das autoridades, revelaram novas riquezas históricas: um sarcófago coberto de inscrições rituais e de baixos-relevos, representando o julgamento de uma alma por quarenta e dois juizes; camaras mortuárias com despojos humanos que ostentam máscaras artísticamente pintadas; vários vasos de faiança e outras preciosidades. — (ANI).

Temporal trágico
nos mares da Coreia do Sul

INCHON (Coreia do Sul), 20. — Devido ao temporal, dois rebocadores colidiram próximo da ilha de Wolmi e afundaram-se. Morreram afogadas quinze pessoas.

Há notícias de se terem perdido muitas embarcações de pesca e de terem morrido afogados os seus tripulantes. Ignora-se, porém, o numero de vítimas. — (A. N. I.).

ESCOLA LUSITANIA FEMININA
EXTERNATO
RUA D. ESTEFANIA, 126 (á Av. Duque de Avila)
CURSO DOS LICEUS

RESTAURANTE CASTANHEIRA
LUMIAR
AOS DOMINGOS — Das 13 ás 17 e das 20 ás 24 horas
DOMINGOS — Das 13 ás 17 e das 20 ás 24 horas
Serviço normal de lista
CINEMA — CAFÉ BAR — SALA DE CHÁ — TELEVISÃO
(Maiores de 15 anos)

Restaurante Montes Claros
Informa os seus Ex.mos Clientes que se encontra **reservado** ao almoço e chá de amanhã **domingo**, para lanche de casamento.

RIBATEJANO
Salvaterra de Magos — Telf. 14
• TODOS OS DIAS •
Aos Almoços — Chás e Jantares
Exibições: Ranchos Folclóricos
Cozinha Portuguesa
(6 anos)

Diario de Lisboa

magazine

SUMARIO

Um homem sorri á morte com meia cara
J. RODRIGUES MIGUÉIS
História maravilhosa da escrita e dos meios de expressão
ANTONIO JOSÉ SARAIVA
Crónica de Londres
LUÍS DE SOUSA REBELO
O Menino da Mamã
KURT SINGER
Bilhetes paulistanos
MIG. URBANO RODRIGUES
Elogio das Férias
ALFREDO PINTO BRAS
Fim de semana feliz
CICERONE
Apontamentos para os tempos futuros
DIOGENES
Ganhe 100$00 com um sorriso nos lábios
Transmigração das almas
Pelo menos o prémio da simpatia
As primeiras eleições portuguesas
AUGUSTO DA COSTA DIAS
Ouvindo bater o coração do Mundo
WILLIAM SIMPSON
Postal ilustrado
MANUEL AGRA
M.ª CAROLINA FREITAS
Sim ou não?
OLGA SANTOS
Eduquemos o nosso filho
M.ª LUCIA DA SILVA ROSA
Comentário humorístico ilustrado
CARLOS SILVA
Página da Mulher

N.º 10

FIM DE SEMANA FELIZ

Para onde vai amanhã?

Aposto dobrado contra singelo que o leitor fiel apreciou devidamente o conselho que lhe dei aqui no ultimo sábado.

Confesse que gostou da praia da Areia Branca (a tal que já anda por aí na boca dos poetas...) e da paisagem que se desfruta no alto das suas falésias — o cabo Carvoeiro, para Norte, o batel sombrio da Grande Berlenga ancorado no Atlantico, as povoações disseminadas nos vales e nas montanhas. Confesse que tirou do alforge, enquanto remava na foz do rio que ali morre, a tal canção romantica que todos nós, realistas dos quatro costados, vergonhosamente guardamos para esta ocasiões...

Pois, já que lhe tomou o gosto, bom será que aceite e cumpra o conselho que lhe venho dar. Uma vez mais, posso garantir-lhe, vai ter um fim de semana feliz. A nossa sugestão de hoje chama-se:

Caldas da Rainha

Se for dono de automóvel e não apreciar velocidades desconformes chega lá em menos de noventa minutos. Se «ainda» não for, determine, como nós, confiar-se á automotora e empregará no percurso pouco mais de duas horas. Fica-lhe, assim, uma razoável margem de tempo para gastar a seu bel-prazer na linda cidade.

Ora bem! Eu ia começar logo por lhe dizer os monumentos e os museus e os parques que não deve deixar de honrar com a sua visita. E ainda bem que o não fiz. Se não, teria, a esta hora, de bater no peito, com força, o «minha máxima culpa»!, dos grandes pecados.

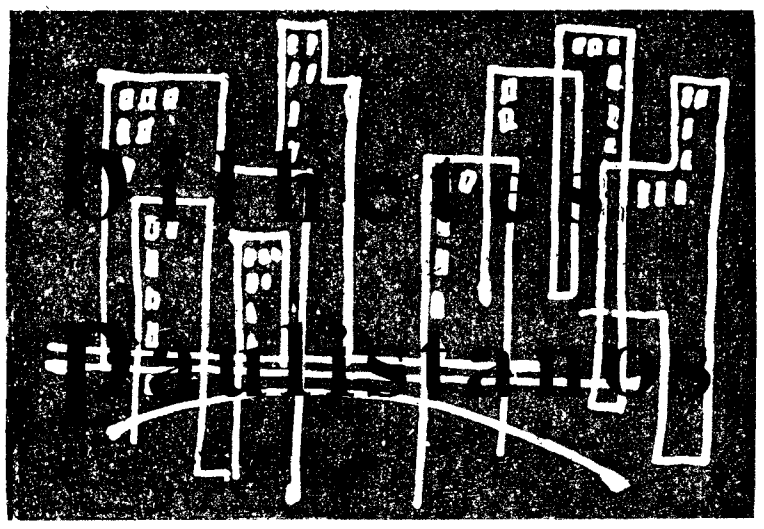
E' que o principal monumento das Caldas da Rainha reside no seu mercado. Monumento á riqueza da terra que se desentranha em frutos de sabor inigualável, em hortaliças, em flores. Monumento á cor, á graça, á harmonia, ao movimento. Monumento ao labor do homem, ao trabalho pacifico.

Repare, leitor. Camponeses e camponesas chegam de todos os lados, tangendo o burrico bem tratado ajoujado ao peso dos produtos de que se faz estendal no próprio coração da cidade. Como se, assim, a cidade quisesse significar

(Continua na página seguinte)

Encontro com Aldous Huxley

por MIGUEL URBANO RODRIGUES



S. PAULO, Agosto — Aldous Huxley esteve há dias em S. Paulo. Uma semana antes viera John Passos. O autor da «Trilogia U. S. A.» passou quase despercebido: o criador de «A Brave New World» polarizou as atenções dos meios literários e artísticos da capital bandeirante. O primeiro deu uma conferência de Imprensa; o segundo teve um encontro com os intelectuais de S. Paulo.

Nunca tão estranhas perguntas e respostas se terão cruzado no auditório da Biblioteca Municipal. Huxley foi tão profundo no debate das ideias como elegante, quase rebuscado mesmo, na maneira de as exprimir. Talvez porque, como afirmou, «uma das principais funções dos homens de letras durante os próximos cinquenta anos será a de encontrar uma forma e um vocabulário adequados para expressar, em termos compreensíveis para o homem comum, as implicações dos progressos da técnica e da ciência». Falou sobre a marcha das ideias, os perigos e as maravilhas da técnica, o Homem e a sua preocupação do absoluto. Houve quem o interrogasse sobre a sua célebre e negra utopia, sobre o «soma» e a decadência do «homo sapiens». O autor de «Geração Perdida» mantém-se fiel á sua visão do Mundo. Certos tranquilizadores á venda nas farmácias têm propriedades semelhantes ao «soma»; a «lavagem do cérebro» obtida através da aplicação sistemática dos reflexos condicionados pavlovianos transformou-se na China em temível arma política; e as vitrolas automáticas são utilizadas com êxito nos Estados Unidos para gravar impressões no subconsciente dos que dormem... Defende as suas previsões ainda que lamentando que o tempo as tenha confirmado em vez de as desmentir.

Huxley, cujos olhos azuis e álgidos, uns olhos quase sem vida, me deixam regelado, continua «pessimista nas grandes coisas — como esclareceu em resposta a uma pergunta que lhe fiz — mas optimista nas pequenas». O céptico de «Jessling Pilate» e o místico de «A Eminência Parda» não são incompatíveis. Um pouco de cinismo é por vezes indispensável, ou pelo menos util — afirmou com um sorriso triste a iluminar-lhe o rosto ascético e ossudo. As contradições da sua obra não lhe parecem essenciais. E talvez tenha razão. Talvez elas encerrem, afinal, muito da explicação da sua vitória sobre o tempo. Poucos escritores terão influenciado mais uma geração do que o autor de «Contraponto» e terão contribuído tanto para a levar ao desespero e á convicção de que nada vale a pena num Mundo absurdo e decadente onde o homem deixará progressivamente de ser aquilo que é ainda, mercê dos progressos alucinantes de uma técnica cujo alcance e significação ultimos não está apto a controlar. Aos que o liam entre 1920 e 1940, Huxley tudo tirou, dando em troca um mero e estéril prazer intelectual... Contudo, essa mesma geração que no rescaldo de uma guerra planetária recuperou a esperança admira-o como antes. Pelo que me toca, descobri que o admirava ainda mais mais. Ao olhá-lo e ouvi-lo considerei-o, porventura, mais do que nunca errado. Mas também (o que é afinal estar-se errado ou certo?) mais perfeito do que nunca o imaginara, longínquo como os seus «yoguis» das montanhas hindus, impenetrável como os índios dos planaltos mexicanos que o iniciaram no uso de estranhas drogas que produzem um delírio lucido que abre as portas do conhecimento universal...

Hoje como ontem, para ele, «o homem é um edifício de três andares, o ultimo dos quais — o subconsciente — aberto para o alto». Hoje, como ontem, é um homem capaz de dizer com humildade, como o fez — em puríssimo castelhano — no final do «encontro» de São Paulo: «Aún puedo aprender».

CASOS CÉLEBRES DAS POLÍCIAS DE TODO O MUNDO (2-A)

O MENINO DA MAMÃ

Os Powell haviam festejado naquela noite o seu nono aniversário de casamento. O jantar prolongou-se até por volta das dez e meia. Pelo menos a essa hora já tinham saido todos os convidados. A filha mais pequena dormia profundamente e o rapaz, na sala ao lado, via televisão. Fazia um calor tórrido. Leonardo Powell foi á cozinha beber um refresco e sentiu que alguém batia á porta. Ao abrir surgiu-lhe pela frente Carpenter, de pistola em punho.

— Já sabe quem sou, não é verdade? — perguntou o «gangster».

Powell acenou que sim.

— Acabo de matar um outro «chui». Se fizer aquilo que lhe vou dizer nada lhe acontecerá. Se recusar, atiro. Vamos, abra e deixe-me entrar.

Ouvindo vozes, a senhora Powell aproximou-se e o marido explicou-lhe calmamente o que se passava, recomendando-lhe, sobretudo, que não gritasse.

Ouvindo o barulho da televisão quis saber quem estava em casa.

— Apenas os meus miudos — respondeu Leonard. — A pequena dorme e o rapaz não tarda a vir despedir-se. Se guardar a pistola, nós poderemos dizer que se trata de um amigo... vá lá... que bebeu um bocadito... Caso contrário ele terá medo e será capaz de gritar.

Carpenter obedeceu, imitou a voz arrastada dos bebados e a criança foi-se deitar sem qualquer desconfiança. Nessa altura, Carpenter pediu uma ligadura para tratar da perna ferida. Leonard teve uma esperança e ofereceu-se para trazer da farmácia alguns antissépticos. Carpenter não caiu na ratoeira e lembrou a sua ameaça. A televisão fez uma pausa para anunciar o ultimo «feito» do «gangster» e dava sobre o caso vários pormenores. Pela cabeça de Powell passou a hipotese de dominar pela força o bandido, mas Carpenter parecia ter adivinhado os seus pensamentos e disse-lhe em tom ameaçador:

— Não experimente fazer qualquer asneira. Pense na sua mulher e filhos...

Depois ordenou que descessem as persianas. Na sala havia um calor de forno. Lá fora as patrulhas de polícia passavam e repassavam incessantemente,

— Acredito — começou Carpenter como se falasse consigo próprio — que farão uma triste ideia de mim. Não fui quem atirou primeiro, mas de qualquer forma perdi a cabeça... Só há uma coisa que lamento: nunca na vida fiz qualquer coisa que orgulhasse minha mãe e minhas irmãs... Vivi sempre como um indecente... Agora, porém, já é tarde. Ou os «chuis» darão cabo de mim ou irei parar á cadeira eléctrica. Em todo o caso espero poder tornar a ver minha mãe...

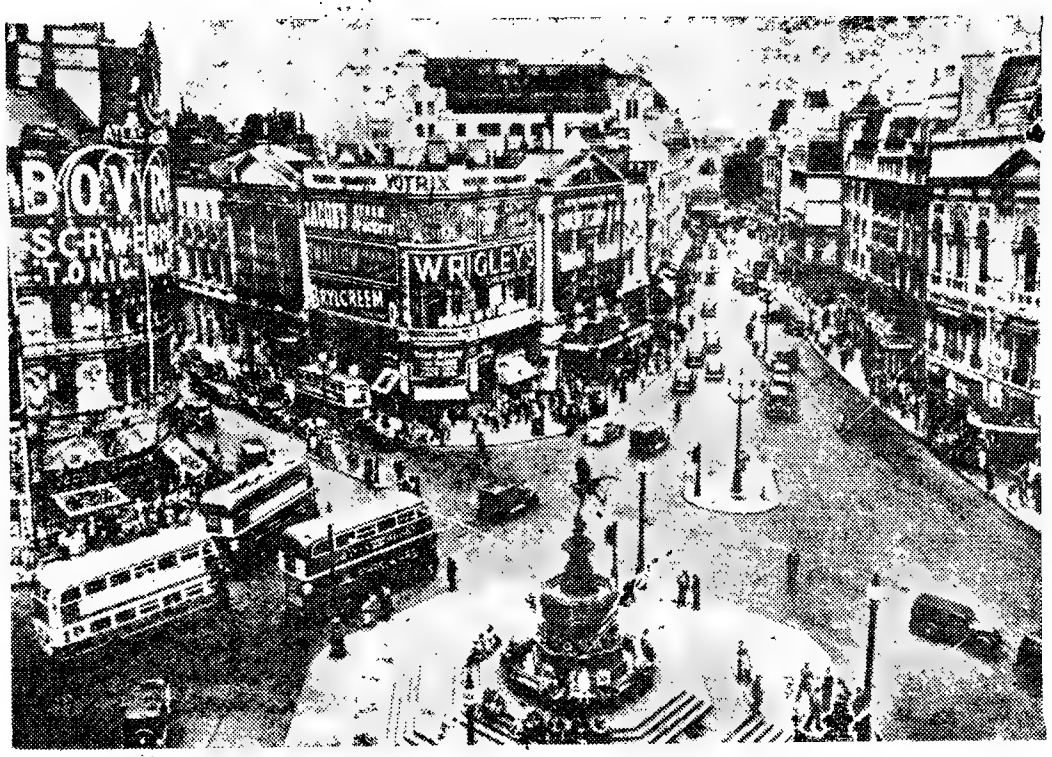
— Se você quisesse, estou certo de que ainda voltaria a ser um bom rapaz — disse Leonard.

Carpenter teve um suspiro de alivio. Powell tinha dito justamente o que era preciso — uma pequena palavrinha de bondade. Então, mais descontraído, Carpenter disse:

— Amanhã á noite, quando fizer escuro, partirei. Agora tenho sono...

(Continua na página central)

CRÓNICA DE LONDRES



Picadilly Circus, centro do Império, onde as elegantes lançam o desafio da moda e os turistas buscam um momento de repouso junto á estátua de Eros...

por LUÍS DE SOUSA REBELO

leitor da Universidade de Londres

A mulher inglesa foi quase sempre julgada ou com rendido enlevo admirativo, ou com uma severidade mal refeita de certa pontinha de desilusão. Viciados lá pelo Continente — como aqui se chama á trapalhada geográfica que se estende para além da Mancha — por uma educação romantica retardada e adolescente, em que nós Portugueses respiramos ainda a levêza etérea da Jenny do Julio Dinis, começámos por visioná-la, num misto de bruma candida, como uma loira fada do lar, mais anjo do que mulher, e acabámos por aborrecê-la nas turistas escanifradas de largo chapeirão de palha e jeito grotesco que nos visitam.

No século dezanove, os nossos escritores mais viajeiros travaram-se de razões sobre a pobre criatura, sem chegarem a qualquer acordo, e, nos nossos dias, um francês, Pierre Daminos, fez dela um virago desportivo horroroso. Para Ramalho ela era a olímpica amazona de Hyde Park. Oliveira Martins via nela a «beleza do diabo», que a tornava encantadora até aos vinte e cinco e assustadoramente feia daí em diante. Eça, devido á sua permanência demorada em terras inglesas, compreendeu-a melhor e notou-lhe uma graça suave, gestos mansos de enfermeira, ou de «nurse» a acamar amorosamente o travesseiro a algum querubim irrequieto. Descobriu-lhe até uma sábia coqueteria e uma sensualidade forte, robusta, anglo-saxónica, nutrida a cerveja e rósbife em sangue.

Uns contactos ocasionais com as meninas da colónia inglesa da Foz do Douro ou de Carcavelos, a experiência directa do «flirt», de que ouvíramos falar a Garrett, os idílios desenhados com o dedo na areia — «I love you» — tão saudosamente lembrados pelo António Nobre, de Leça de Palmeira, e, depois, a exaltação da vida saudável da mulher do Norte nos versos de Cesário — mesmo assim ameaçada não ser de que perigos («Mylady, é perigoso contemplá-la...») — foram formando lentamente a nossa concepção da rapariga inglesa. A sua desenvoltura, o seu á-vontade em companhia masculina, as suas maneiras de jovem emancipada, que nos olha direito, nos olhos, de igual para igual, capaz de ter opiniões próprias e bem definidas sobre política, arte, religião, causaram-nos surpresa e levaram-nos a conjecturas brejeiras sobre um inocente beijo dado ao luar ou meigas liberdades de uma cálida noite de Verão.

Habituados ao olhar contrafeito e ao sorriso tímido, criados na leiseca do amor, educados na compostura dos gestos e na moral que se põe na barra da saia, velhas abencerragens do namoro de gargarejo e do «chaperon» em vagas sortidas nocturnas, — o qual é geralmente a mãe ou alguma tia em seguras de climatérico e aziumes de flatulência, dada a cochilar no cinema —, nós não pudemos compreender tanta liberdade e imaginámos toda a Europa para cima dos Pireneus em completo estado de devassidão. E quando os nossos costumes se transformaram um pouco e começaram a civilizar-se, gritámos alarmados contra uma influência nociva que só nos podia vir lá de fora.

Ora, moldados por esta nossa formação ibérica, que afirma a superioridade do macho e lhe concede o privilégio da iniciativa amorosa, sentimo-nos como que desorientados e um tanto estarrecidos pela igualdade dos sexos que reina na Inglaterra.

Durante a guerra a mulher inglesa revelou capacidades invulgares de trabalho, substituindo os homens nas fábricas, participando na defesa civil do território, servindo nos hospitais e até nas forças armadas. O seu esforço e o seu sacrifício para a vitória nacional foram dos mais importantes. Ela mostrara-se, de facto, á altura do homem e seu par em todos os sectores da vida social. Daí que a posição que ela hoje ocupa seja um direito conquistado, com sangue, suor e lágrimas.

Em Londres vemo-la trabalhando um pouco por toda a parte ao lado do homem. É condutora de autocarros, empregada de escritório, professora, advogada, médica, operária, e até agente de Polícia. Fardada, entalando os caracois revoltos sob a pala do quépi, os lábios avivados por um discreto traço de batom, de meia de seda preta e sapato raso, ela dirige o transito, polícia os lugares escusos da capital, vigia os bairros suspeitos e espreita o silêncio das docas. A sua colaboração é preciosa, indispensável, e respeitada pelo publico, que a admira no seu uniforme elegante.

Mas a guerra deixou fundas cicatrizes não só por toda a cidade, onde ainda se vêem escombros enegrecidos, casas esventradas e áreas desoladas, mas também nos corações e nas finezas da existência. Com as restrições impostas pelo conflito, sobreveio o racionamento do vestuário e uma redução nos cosméticos, que o Governo se esforçou por não deixar desaparecer, a fim de manter o moral da população feminina. O fato de ganga levou ao esquecimento da moda e do encanto que ela pode emprestar á beleza natural de uma mulher. De modo que, quando a guerra terminou, a Inglesa, devido ás privações heroicamente suportadas e a uma tradicional singularidade insular, se sentiu mais do que nunca distanciada da sua companheira europeia. Agora que a industria textil atingia o nível de pleno rendimento — e até já acusa os primeiros sinais de recessão — existiam as condições materiais para remediar uma situação excêntrica. Por outro lado a mediania económica que o «Welfare State» oferece á juventude garantia um certo poder de compra. Ter dinheiro para ir duas vezes ao cinema e bailar três vezes por semana, comprar na drogaria do bairro o «sex-appeal» de Marilyn Monroe e de Brigitte Bardot, adquirir aquela blusa que a tentara na vitrina, tornou-se para uma grande maioria de jovens inglesas a meta da sua ambição, ainda que o orçamento fique completamente esgotado. Mas elas são felizes e sorriem á vida numa doce inconsciência de bonecas de luxo.

Assim deu-se de repente uma profunda revolução na moda e no porte das Londrinas. Nos bairros chiques como South Kensington, as grã-finas ressuscitam com uma nostálgia perturbante a graça um pouco bebé e brincalhona dos anos de Vinte. Penteados sábiamente alteados, caindo em madeixa como duas grandes asas sobre as orelhas — estilo «cão-de-água» — acentuam a forma ampla da linha-saco. Ou então castas e brancas golas de adolescente afogam o colo róseo em alvuras de renda, que se perdem na linha-trapézio e deixam adivinhar tentadoras intimidades. O rosto maquilhado procura sempre servir o tom e o lume dos olhos, marcando a carnação dos lábios. Depois envolve-as um delírio de cores — o lilás terno, o roxo macerado, o vermelho de fogo — morrendo no traço negro do sapato fino e pontudo, de salto estilado e presilha atacada. Sob a luz esverdeada e irreal dos cafés-expresso elas são maravilhosas criaturas de sonho no seu porte altivo, figuras exóticas de um reino distante em que o rei de Tule cantou a sua ultima triste balada.

Esta é a rapariga «sofisticada» — «sophisticated» — uma beleza «fabricada» com imensos vagares e requintes de «boudoir», em face de eruditas revistas femininas. As outras, aquelas cujos meios são mais modestos, desdenham do tipo e travam a saia acima do joelho, alteiam desmesuradamente o salto do sapato e seguem no seu passinho miudo e laborioso num meneio de provocação. Se o Sol esquivo brilha nestes tépidos dias de Setembro, passam, como andorinhas gárrulas, nos seus vestidos ligeiros e em chapelinhos de palha precintados de uma larga fita escarlate — os chapelinhos da Elisa Doolittle do «Pigmalião» — atirando ao ar um rastro de frescura e saudades floridas.

Há em todas estas raparigas um amor intenso da vida, um desejo de atordoamento e esquecimento dos horrores bélicos que os jornais lhes prometem diáriamente. Por agora elas tentam suplantar em encanto, modas e maneiras, as suas rivais do Continente, acabando de uma vez para sempre com a lamentada inferioridade nacional. É como que um protesto de beleza num mundo prosaico.

Só as mais velhas, aquelas a quem o tributo de sangue de duas guerras privou de um marido e de um noivo, aquelas a quem todos chamam cruelmente as «velhas virgens», só essas se abandonarão ao passado, e procurarão, com as suas economias de solteironas, o lenitivo soalheiro do doce grau do Sul...

Setembro, 58.

GANHE 100$00

com um sorriso nos lábios

Hoje vamos dar os resultados do concurso relativo á definição da palavra **AMOR.** Isso sugeriu-nos o motivo do concurso desta semana Julgam que vou falar da palavra Odio? Estão enganados. Isso era fugir para demasiado longe. E eu não quero ir para tão longe. Quero ficar pela porta. Vou, pois, propor aos nossos caros leitores a definição da palavra.

PAZ

Como sempre recomendamos, esta definição deve ser simples como as dos nossos ditados populares. As respostas devem ser enviadas a **MAGAZINE** até ao dia 29 de Setembro.

E vamos agora ao vencedor do concurso acima aludido.

O vencedor, aliás a vencedora, foi Maria Helena Duarte Tavares, moradora na Rua Carlos Mardel, 10, em Lisboa. Mandou-nos a seguinte definição:

● **AMOR — Sentimento QUE, PARA SER IDEAL, DEVE TER TODAS AS CARACTERISTICAS DUM DISCO MODERNO — INQUEBRAVEL, DE LONGA DURAÇÃO E DE ALTA FIDELIDADE.**

Parabéns. Esperamos, no entanto, que não se verifique uma outra das características dos discos modernos: o elevado preço...

A Maria Eugénia Pinto dos Santos (Figueira da Foz) ia arranjando um... «par de botas» com esta sua definição:

● **O Amor é uma bota que só quem a calça é que sabe onde ela aperta».**

Não lhe parece vantajoso arranjar uma bota mais... folgada?

Pertencente também ao Clube dos Pessimistas, Kátia (?) considera que

● **«Amor é a palavra que significa geralmente: aos 20 anos, um capricho; aos 30, um fracasso; aos 40, uma mentira; aos 50, um hábito; e aos 60, um... frete».**

Já teria a Kátia passado por todas estas idades? Ou está a fingir que pertence aos «Amigos da Onça»?

De Coimbra chegou-nos igualmente outro negro pessimista. E' o Orestes Abílio da Silva Ferrão. Pensa nada mais e nada menos que Amor

● **E' o unico crime que em Portugal leva um individuo á forca».**

E. Lass, esta semana enveredou pela botanica. Entre muitas definições diz-nos que:

● **«Amor é o maior inimigo dos... malmequeres...».**

Mas a palma (a seguir do vencedor) vai para os economistas.

O primeiro deles, João Manuel Guerra, do Porto, afirma o seguinte:

● **«O Amor é a moeda que depois do casamento se troca em «miudos».**

O segundo, Rui..Gross, de Lisboa, estava com certeza a lembrar-se de uma velha professora de infancia, senhora muito virtuosa, mas a severidade em pessoa em questões de tabuada. Escreveu:

● **«Amor — sistema de multiplicação mais agradável que o da matemática».**

Fim de semana feliz

(Continuação da página anterior)

ao visitante, que o recebe com o coração nas mãos...

Desde já lhe digo que deve prevenir-se com uma larga mochila, ou um balaio de respeito antes de se dirigir ao mercado. Quem o avisa... E' que a fruta, além de ser abundante e de boa qualidade, faz sua diferença no preço da que encontra na capital aí de meio por meio. No ano passado, recordo-me eu de tratar doença de um familiar, a maçã reineta que da bondosa cidade me mandavam. Numa época em que, ao preço por que ela corria nestes sitios, seria o mesmo, com perdão de vossas senhorias, que alimentar um burro a pão-de-ló!

Claro está, por muita conveniência, muita cor, muita alegria que possa encontrar no mercado, não vou ao ponto de lhe aconselhar um fim de semana a apreçar dálias e maçãs reinetas.

Assim, não deve deixar de visitar o Museu Malhoa, onde poderá admirar algumas das melhores obras do grande pintor e de outros artistas; o Parque, com os seus formosos plátanos, dos mais belos que pode admirar na bela terra lusitana, onde certa ocasião encontrei o grande actor brasileiro Procópio Ferreira desvanecido e grato por tanta beleza; a mata, extensa e bem tratada, com o seu acolhedor Parque das Merendas a oferecer um banco e uma mesa ao forasteiro sem poiso certo.

E ainda lhe restarão, há-de ver, alguns minutos para dar um salto á Foz do Arelho, que dista da cidade meia duzia de quilómetros, para ver a praia, o sol, o mar. Para sorver, até á gota derradeira, o licor mágico deste Verão que está razando o fundo da garrafa.

CICERONE

OS DISCOS DO FIM DE SEMANA

THE GOLD RECORD

disco Capitol, T 830 - 33 rotações 30 cm.

Sixteen tons (T. Ernie For) — Mañana (Peggy Lee) Vaya com Dios (L. Paúl & M. Ford) — The poor people of Paris (Les Baxter) — Memories are made of this (Dean Martin) — Too young (Nat K. Cole) — Lisboa Antiga (Nelson Riddle) — Young love (Sonny James) — Wheel of fortune (Kay Starr) — 12th Street Rag (P. Wee Hunt)

Existe nos Estados Unidos. a Terra Prometida dos amantes das estatísticas, o hábito curioso de assinalar a venda dum milhão de exemplares dum disco com a oferta, ao intérprete, duma reprodução em ouro do disco milionário. Simpática, reluzente e compensadora oferta, esta, especialmente se considerarmos que são já vários os artistas «repetentes».

A Capital reuniu agora num «long-play» alguns dos ultimos trechos milionários do seu repertório.

O resultado é uma selecção felicíssima de numeros que todo o Mundo cantou e canta, num unico disco cheio de interesse e que é muito capaz de vir a atingir a ambicionada cifra dos sete algarismos. Se tal sucedesse, sempre gostavamos de saber como é que os homens da Capitol iam repartir o disco de ouro do «*Disco de Ouro*»!

DEAN MARTIN

NEL BLU DI PINTO DI BLU (VOLARE)
FORA DE MIM

disco Capitol 45CL 14910

Exactamente no momento em que nos Estados Unidos se encontra em n.º 1 nas listas de êxitos das grandes revistas americanas da especialidade (Billboard-Variety-Cash Box etc.) a felicissima canção de Modugno .Nel blu di pinto di blu» é publicada entre nós na sua versão mais espectacular: a de Dean Martin.

O famoso galã-cantor tem em «Volare» uma das mais felizes interpretações da sua carreira. Aproveitando os seus conhecimentos de italiano (seu pai é napolitano) Dean canta com muita graça o «refrain» no belo idioma.

Estamos certos, de que, nas devidas proporções, «Volare» vai alcançar, entre nós, um êxito tão completo como o obtido internacionalmente.

Apontamentos para os tempos futuros

SUPER-TURISMO PARA SUPER-HOMENS

Neste interregno de férias que o Chefe de família procura oferecer aos seus, mas de que, normalmente, não pode usufruir — habitueime a frequentar um restaurante popular recentemente aberto lá para os meus sítios, onde um cozinheiro de epopeia convence qualquer casal sem ambições com uma dose de bife de vitela por catorze escudos... Como Você calcula, a casa tem abundante freguesia — jovens empregados de escritório, casais de funcionários que aparentam ou vivem ainda os encantos da lua de mel e um outro sujeito pacífico e avulso.

Como se estivesse numa encruzilhada do Mundo, chegam-me aos ouvidos as conversas mais dispares — um remoque para De Gaule, um elogio para os filetes de garoupa, uma queixa aguda sobre o nosso nivel de vida, coisas do Médio Oriente, o ansiado banho de sol, na praia, aos domingos, ou a compra de qualquer objecto ou peça de roupa a prestações... Tudo questões quotidianas que preocupam os homens comuns.

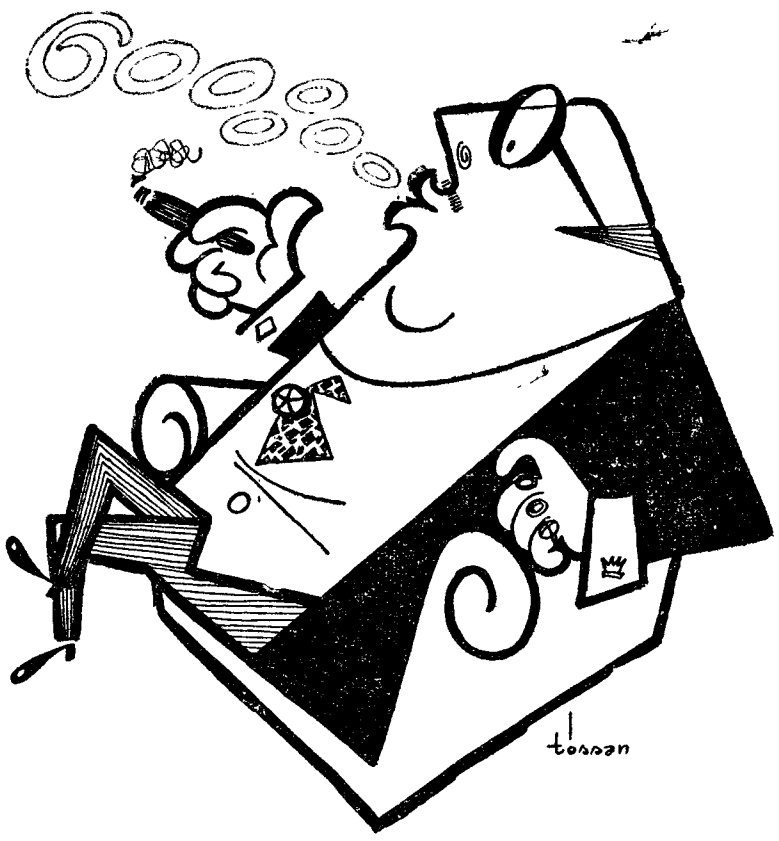
Nem você, calcula, todavia, como é especialmente instrutivo ouvir os meus colegas de restaurante falar de férias, de viagens, de passeios... De vez em quando a conversa prolonga-se e ganha dramático relevo nuns segundos de silêncio. E' quando presto mais atenção. Naquelas tréguas em neio. E' coisa quase tão bicuda como que a boca nada afirma — os olhos ganham a tremenda eloquência da fome, ou dos poetas. Desfivelam-se os sonhos: ás vezes apenas o pacato repouso no campo, com sestas debaixo da ramada duma árvore ati-burocrática e longe das mangas negras da burocracia; outras, o alegre, o moderno, o desportivo girar pelas estradas do país com inteira carta de prego; em certos olhos, porém, a emoção é mais funda e dramática — quase consciente do **impossivel,** pois Paris fica insaciávelmente longe...

Esta experiência dos ultimos tempos levou-me a dedicar especial atenção ás conversas em que suspeite existir qualquer referência a férias, a viagens ou passeios. Vale a pena. Vale muito mais a pena do que Você pode supor. Nós andamos as mais das vezes na procissão e não vemos a procissão. Este é um dos tais casos.

Nunca, efectivamente supuz que fossemos dos povos onde o mais pequenino sonho de repouso e férias demora uma vida inteira a transformar-se em realidade e nem sempre se transforma como se se tratasse da obra-prima que o artista acalenta, amadurece, altera, refunde até a poder trazer á luz do dia... Não sei se Você já orçamentou uma expedição de verão. E' coisa quase tão bicuda como o desembarque na Normandia. Quando o Chefe de família, em frente do mapa de operações, consulta a tabela de tiro dos hoteis é certo e sabido que pensa na fábula que aprendeu nos tempos de infancia — aquela da raposa e dos cachos de uva...

Para qualquer pessoa desprevenida ou sem problemas deste tipo, eu devo parecer assaz lamuriento. Então não é verdade que se erguem por todo o lado hoteis como nunca se viu no nosso País? Hoteis magníficos, com todos os requisitos modernos, desde a casa de banho á carteira recheada? Tudo isso é verdade. Multiplicam-se os hoteis. Modernos. Confortáveis. Repousantes. Verdadeiros sonhos a partir de 250$00 a bandeirada (quando não é mais). Mas para que género de humanidade? Ou, se prefere, para que género de desumanidade? A nossa gente ao passar pelas aventemas, mira-lhes os oito, dez, catorze andares e diz uma palavra que nã ovem agora ao caso repetir. Se o hotel já funciona, ás vezes pára: é a altura em que desce os degraus um imponente sapo de charuto que, na realidade, vale bem dois minutos de basbaque. A' beira do passeio onde o colosso irá desaguar estende-se, um aquário de quatro rodas com duas enormes rabonas de bacalhau na retaguarda. O sapo de charuto vai ser exportado para outro hotel tão alto ou mais alto do que este. As férias, para ele, são uma eternidade. O céu antecipado, cá na terra.

Foi congeminando nestas coisas que outro dia o nosso excelente Amigo A. C. me disse que estava quase



disposto a ir passar umas férias ao Hospital do Ultramar. Nem que, para isso, tivesse de partir uma perna. Cinquenta escudos a diária, calcule! Cinquenta! Vale a pena inventar uma moléstiazinha todos os anos.

DIÓGENES

O ELOGIO DAS FÉRIAS

Por ALFREDO BRÁS

Agora que a época de ferias dolorosamente se aproxima do seu inevitável fim e as primeiras chuvas trazem já ao ambiente um cesado e nostálgico tom outonal, quereriamos fazer o elogio desse curto e sossegado tempo de semi-irresponsabilidade em que o ser humano se sente temporáriamente liberto da terrível tirania do despertador e da pesada clausura do escritório, da repartição, da loja, da escola ou da oficina. Tempo em que um sisudo guarda-livros é bem capaz de esquecer as cruciantes agruras do Deve-Haver na leitura amena dum romance, um honesto comerciante pode mesmo chegar a folhear um livro de poesia, o caixeiro consegue abandonar o profissional sorriso para tomar o sério aspecto duma pessoa normalmente feliz, o estudante limpa cuidadosamente o pó da sua bicicleta e deixa-o acumular-se salutarmente sobre o livro e nas ferramentas começam a aparecer alguns leves pontinhos de ferrugem.

Epoca radiosa essa em que um austero chefe de família vê complacente os corpos semi-nus de sua esposa e de sua filha torrarem-se ao Sol de qualquer das nossas lindas praias, o sr. Sousa deixa o automóvel na garagem e vai dar um passeio montado num desses simpáticos burros que, pobre deles (os burros) não têm férias e a madame Lopes, aquela senhora que toma habitualmente um táxi para ir da Praça do Comércio até ao fim da Rua Augusta, é muitissimo capaz do supremo heroísmo de palmilhar mais de dois quilómetros para olhar extasiada um «lindissimo panorama».

Confessamos aqui entre nós, caríssimo leitor, que estivemos muito tentados a dar ao nosso artigo o nome de «elogio da ociosidade», mas tivemos medo de malévolas interpretações, hesitámos algum tempo e acabámos por optar por este título mais inócuo, embora menos sincero. Quem se atreveria, porém, a ter a audácia de fazer o elogio da ociosidade? Não seremos certamente nós e se confessamos particularmente esta nossa tentação ao amigo leitor é talvez porque ainda estamos sob a impressão dessa semi-irresponsabilidade das férias (as nossas ainda não terminaram de todo, embora estejam mesmo por um fio!) e também porque temos a secreta esperança de que o nosso chefe de escritório não seja leitor habitual do «Magazine». Já houve, é certo, quem a isso se atrevesse, mas tratava-se, que nós saibamos, dum poeta e dum filósofo e as pessoas «sensatas», género a que o prezado leitor e nós felizmente pertencemos, sabem bem o que há a esperar de poetas e de filósofos... E note-se que mesmo assim o Fernando Pessoa intitulou de «Liberdade» a poesia onde se atreveu a fazer tão nefando elógio e o filósofo Bertrand Russel deu ao seu atrevido ensaio o título de «In praise of idleness», título este que, com alguma boa vontade, pôde ser traduzido para a nossa língua por «Elogio do lazer», conseguindo-se assim, de certo modo, salvar as aparências.

Não sabemos se o leitor conhecerá a tal poesia do Fernando Pessoa e, muito embora tenhamos plena consciência de irmos praticar um acto socialmente reprovável, estamos tentados a transcrever, pelo menos um pedaço dele. Talvez porque a trazemos obsessivamente na lembrança desde o princípio das férias e vezes sem conto a declamámos enfáticamente (quando estávamos sózinhos, note-se bem). Chegámos mesmo, confessamo-lo com certa vergonha, a adaptar-lhe uma musica em voga para podermos trauteá-la (em surdina, já se deixa ver). Esperamos que a sua passagem para o papel nos sirva de indispensável «catharsis», pois ainda agora, no fim das férias, a sentimos estrebuchar teimosamente no inconsciente e receamos muito que ela nos siga sub-repticiamente á nossa reentrada no escritório. Desculpe o amigo leitor, mas aí vai:

«Ai que prazer
Não cumprir um dever,
Ter um livro para ler
E não o fazer!
Ler é maçada,
Estudar é nada.
O Sol doira
Sem literatura,
O rio corre, bem ou mal,
Sem edição original.
E a brisa, essa,
De tão naturalmente matinal,
Como tem tempo não tem pressa...
... ...

E' de mais, não vos parece? E pensar que o sr. Pessoa teve, como muitos dentre nós, a decente profissão de guarda-livros!

Que teria pensado o chefe do escritório se soubesse que ele, muito embora só nas horas vagas, escrevia poesias... e destas! Com que então é um prazer não cumprir um dever? Estes poetas!!!

Mas o caso do tal filósofo é muito pior ainda e o que ele escreveu, não servindo para declamar-se ou trautear-se, é muitissimo mais perigoso. Tanto mais tratando-se dum Lorde, uma pessoa com certas responsabilidades, idosa, respeitável e que, por conseguinte, deveria evitar dizer em publico certas coisas, mesmo sabendo-as verdadeiras. Todos nós, embora felizmente não sejamos filósofos, sabemos bem da existência de certas verdades que não podem dizer-se. Calcule-se que um patrão dizia ao seu empregado: — «meu amigo, você está trabalhando demasiadamente! Vejo-o pálido, arfante, com olheiras... Olhe que o seu ordenado não justifica tanto esforço! Cuidado com a saude! O senhor tem mulher, tem filhos ainda pequenos... Poupe-se!, poupe-se!». E' verdade que qualquer patrão pode ver muito bem tudo isto, mas não pode nem deve dizê-lo. Ora o sr. Russel age como um patrão que usasse de tal franqueza para os seus empregados e isso, sinceramente, não nos parece atitude muito recomendável.

O tal filósofo, depois de afirmar «que um mal imenso tem sido causado pela crença de que o trabalho é uma virtude», leva a sua perigosa franqueza ao ponto de dizer que «há trabalho de duas espécies: a primeira consiste em alterar a posição da matéria na Terra... a segunda em dizer aos homens que façam isso» e continua com toda a irreverência: «a primeira espécie é desagradável e mal paga, a segunda agradável e bem remunerada. Esta ultima é capaz de ilimitada extensão — não há sómente aqueles que dão ordens, mas os que dão conselhos sobre coisas que devem ser ordenadas. Usualmente, as corporações organizadas dão duas espécies opostas de conselhos — é o que se chama política. A habilidade necessária para essa espécie de trabalho não é o conhecimento dos assuntos a respeito dos quais são dados conselhos, mas a arte de falar e escrever persuasivamente, isto é, a arte de propaganda».

Se transcrevemos tão extenso trecho do ensaio de Bertrand Russel é para mostrarmos ao amigo leitor até onde vai a imprudência deste filósofo. Pois não parece mesmo que ele, após ter negado a virtude do trabalho, chega ao ponto de duvidar da própria utilidade dos que têm a árdua e honrosa missão de dirigir o trabalho alheio? E, o que seria ainda mais grave irreverência, não terá o mesmo sr Russel chegado ao extremo de levantar suspeitas sobre a competência dos próprios governantes em geral? Estes senhores filósofos, mesmo quando são lordes, não nos parecem nada melhores do que os poetas!

Impõe-se avisar entretanto o leitor para que não esgote desde já toda a sua capacidade de indignação, porque ainda há mais e muitissimo pior.

O sr. Bertrand Russel, depois de ter a audácia de afirmar que «a moralidade do trabalho é a moralidade dos escravos e o mundo moderno não tem necessidade da escravidão humana», sugere a redução das horas de trabalho para quatro (*quatro*, note-se bem!) e declara-se convencido de que isso seria o bastante para satisfazer as necessidades e o conforto de todos os homens, podendo o resto do tempo ser empregado em coisas «uteis». E di-lo com seriedade, podemos garanti-lo! Tanto mais que apresenta em defesa da sua tese dois exemplos aparentemente irrefutáveis, embora neles se ocultem certamente quaisquer erros fundamentais que a nossa ignorancia em assuntos desta natureza nos impede de descortinar.

Alega em primeiro lugar o sr. Russel (e sempre de, já se deixa ver, a inteira responsabilidade de tão audaciosas afirmações) «que a guerra demonstrou, de modo explicito que, pela organização científica da produção, é possivel manter as populações modernas, com regular conforto, numa pequena parte do trabalho do mundo moderno». E acrescenta que se, no fim da guerra, quando a parte dos trabalhadores ocupados na chacina e na fabricação de engenhos bélicos teve de ser novamente encaminhada para o trabalho produtivo, as horas de trabalho tivessem sido diminuidas para quatro tudo ficaria muito bem.

O segundo exemplo, capciosamente apresentado pelo mesmo filósofo com a tenebrosa intenção de defender o regime de quatro horas de trabalho, é também duma tão diabólica habilidade que, penosamente o declaramos, nos faltam elementos para rebatê-lo, embora não duvidemos da existência de pessoas muito capazes de reduzirem a estilhas uma tal argumentação.

Desta vez é-nos apresentado o caso hipotético duma empresa, onde, trabalhando-se oito horas por dia, se fabricariam todos os pregos de que o Mundo necessita e somos depois convidados a prever o que aconteceria se, nessa industria, fosse introduzida uma inovação técnica capaz de fazer duplicar a produção. Num mundo que o sr. Russel classifica de «sensato» bastaria diminuir a jornada de trabalho para quatro horas e tudo o mais seguiria como dantes. No mundo real, diz o mesmo filósofo, os homens continuarão a trabalhar oito horas por dia, haverá pregos de mais, alguns patrões irão á falência e metade dos operários será despedida, isto é, lançada na miséria e na total ociosidade, enquanto a outra metade continuará sobrecarregada de trabalho.

Não há duvida, amigo leitor, de que esta argumentação tem bastante peso, embora não possa deixar de estar errada. Porque a aceitá-la como verdadeira, teriamos de concluir que a actual organização do Mundo é inteiramente insensata, o que nem por sombras pode ser admitido.

Além destes argumentos, concernentes ao aspecto social dos lazeres, outros ainda, relativos á felicidade pessoal que adviria da ociosidade, são apresentados no referido ensaio. E, confessamo-lo contritos, são estes os que mais profundamente nos impressionaram, talvez por estarmos sob a nefasta influência das nossas três semanas de férias.

Como ficarmos indiferentes á ideia de que, num regime de quatro horas de trabalho, todos os homens teriam tempo para desenvolver as suas virtualidades e haveria desse modo um maior aproveitamento de talentos? E será também impossível não reconhecer como aliciante o argumento segundo o qual menos tempo de trabalho significaria maiores probabilidades de educação e, por conseguinte, a possibilidade dum aproveitamento mais inteligente dos lazeres. Chega mesmo o sr. Russel a sugerir que os prazeres das populações urbanas se têm tornado passivos — ir ao cinema, assistir a um desafio de futebol, ouvir um programa de rádio — em consequência de as suas energias terem sido absorvidas inteiramente pelo trabalho. «Se eles tivessem uma vida de mais «lazer», concluiu o filósofo, poderiam usufruir prazeres nos quais tomassem parte activa».

Ora nós estamos gozando os derradeiros dias desse maravilhoso e exíguo período do ano a que se dá o nome de férias. Durante três semanas, três escassas semanas, pudemos pôr e dispôr do nosso tempo, contactar intimamente com a natureza, passar os dias inteiros perto das pessoas que nos são queridas, ler bons livros e deitarmo-nos com a consoladora certeza de sermos despertados no dia seguinte pelo canto alegre e simpático dos pássaros e não pela estridente e antipática campainha do despertador. Apesar dos banhos do mar e das longas caminhadas pelos campos engordámos um pouco, ganhámos cores e apetite, sentimos maior alegria de viver. Os nervos melhoraram bastante, o fígado aquietou-se, largou-nos a dispepsia, conseguimos olhar coum mais simpatia os nossos semelhantes e estamos certamente dispostos a uma maior solidariedade humana. Como, pois, não nos sentirmos aliciados pelo poema de Fernando Pessoa e pelo ensaio de Bertrand Russel?

Mas apesar de toda esta melhoria verificada e do bem-estar sentido, duvidamos de que nesta ociosidade possa haver sombra de virtude. Talvez porque nos ensinaram em pequenos e ainda contínuamente nos repetem que o trabalho, a árdua tarefa quotidiana, é uma fonte de alegria e de dignidade. E' verdade que raramente os trabalhadores se expressam dessa maneira e que uma parte dos que tal afirmam parece dispensar muito bem essa alegria e essa dignidade. Nós, porém, como todas as pessoas respeitadoras da ordem e da tradição, preferimos seguir os ensinamentos das pessoas sensatas, em vez dos equívocos devaneios dos poetas e dos filósofos. Além disso sempre nos habituaram á ideia de que a virtude é incompatível com a alegria e nós sentimo-nos tão alegres assim...

Não há outro remédio, meus amigos! Nós voltaremos ao escritório, o caixeiro voltará a afivelar o seu profissional sorriso, o estudante limpará cuidadosamente o pó dos livros e o operário a ferrugem das ferramentas. O sr. Sousa concederá longas férias ao simpático burrico e tirará o automóvel da garagem, a madame Lopes chamará um táxi para a levar da Praça do Comércio ao fim da Rua Augusta, os nossos nervos voltarão a andar em franja, o nosso fígado piorará, voltaremos a mostrar uns aos outros o mesmo convencional e rancoroso sorriso e arrumaremos nas estantes e nos desvãos do inconsciente os romances, a poesia do Fernando Pessoa e o ensaio de lorde Russel. E, quanto mais não seja para nos consolarmos mutuamente, continuaremos a proclamar bem alto que o trabalho é a maior das alegrias e a suprema das dignidades, enquanto ficamos aguardando ansiosamente as próximas férias.

Diario de

A TRANSMIGRAÇÃO DAS ALMAS

Em certas religiões é matéria assente que as almas, além de imortais, mudam de residência lá de quando em quando. Nós, simples mortais, fazemos o mesmo — apenas com uma diferença: escolhemos moradia consoante as nossas posses. Aquelas almas não sucede o mesmo: a sua residência é função do comportamento que tiveram na anterior. Se acumularam muitos pecados, na vida seguinte recebem, como castigo, uma residência mais ordinária. Por exemplo: se habitaram um corpo humano, pode acontecer-lhes ter de viver, em expiação dos seus pecados, na carcaça de um animal de quatro patas — um cão, um porco, um gato...

Muitos crentes estarão a esta hora supondo que isto se passou com o gato cuja fotografia hoje publicamos. Seu dono, em vista das semelhanças que apresenta com o falecido chefe do nacional-socialismo alemão, pôs-lhe o nome de Adolfo. Feito isto, passou a exibi-lo de feira em feira. Cada vez com mais êxito. Cada vez com mais lucros. O povo gosta de ver um super-homem reduzido a gato. E paga para vê-lo. «Sic transit gloria mundi»! Se calhar, antigamente pagaria para não o ver.

Pelo menos o prémio de simpatia

Adalgisa Colombo é a sua graça. Um nome que todo o Brasil já conhece pois pertence á sua representante no campeonato mundial... de Beleza Feminina.

Possuidora de uma plástica invejável, Adalgisa Colombo tem um lugar de honra garantido no difícil concurso onde acontecem verdadeiras maravilhas de harmonia e equilíbrio de formas — como é o caso, por exemplo, da representante da Inglaterra, da Grécia e da Polónia.

Um pormenor está, porém, chamando para ela a atenção dos observadores atentos que os há (pudera não...) em elevado numero. Além de bela, Adalgisa possui uma cultura nada comum. Rebelde ás solicitações comercialistas que um empreendimento desta natureza sempre levanta, os jornalistas, repórteres da T. V. e da Rádio não podem contar com a colaboração de Adalgisa para os sensacionais «sketchs» com que alimentam a curiosidade mórbida dos seus quarenta milhões de clientes ianques.

Tendo um jornalista perguntado as razões do seu afastamento, os motivos por que não entrava no jogo Miss Brasil 58 respondeu:

— É fácil, meu amigo: porque não gosto do jogo...

Além disso, recusou-se a aparecer de «maillot» numa recepção e a acompanhar as suas companheiras numa entrevista colectiva á Imprensa.

Na ilha de Trindade deixou-se entrevistar por jornalistas negros, para os quais, além de palavras, teve sorrisos e acenos de simpatia.

Durante a sua visita ao bairro do Harlém, todos registaram o á-vontade (escandaloso á-vontade...) da sua convivência com os negros. A nossa foto mostra um pormenor dessa visita. Adalgisa Colombo oferece o melhor do seu sorriso e a maior ternura do seu coração de mulher para um bambino de cor. E voltando-se para alguém que lhe chamou a atenção para o facto, Miss Brasil respondeu:

— As crianças não têm raça. São «crianças», pura e simplesmente...

Por todos estes motivos, compreende-se que em determinados sectores ianques Miss Brasil tenha sido considerada .snob», pedande e não sei que mais. Mas os Brasileiros orgulham-se dela. E não ganhando o prémio — Internacional de Beleza — ganhará, por certo, o Prémio Internacional da Simpatia.

A VIDA QUOTIDIANA EM

Há 138 anos — As pr

O Programa da Revolução

A revolução de 24 de Agosto de 1820 rebentara, como o leitor sabe, no Porto. Não se tratava, porém, dum fenómeno isolado: doze anos antes, a mesma cidade gozara a alegria patriótica dum movimento vitorioso contra os opressores franceses (1.ª invasão de Junot). A população do grande burgo nortenho, a sua elite de comerciantes, industriais, funcionários, militares, intelectuais — era estruturalmente liberal e possuia uma firme noção da luta que se impunha travar até que se expulsasse do País um tirano estrangeiro (Beresford) e, com ele, a tirania absolutista que asfixiava a vida da Nação. Aquelas camadas sociais queriam instaurar um regime que libertasse a terra dum sistema feudal de impostos e de servidão á sombra do qual engordava e parasitava uma casta de grandes ou pequenos morgados; queriam acabar com as fronteiras económicas que obrigavam os comerciantes a pagar impostos de portagem á entrada das terras de cada privilegiado; queriam reintegrar o Brasil no bloco económico português, donde o arredara a influência inglesa, força estrangeira sobre que asentava o trono absolutista do senhor D. João VI; queria destruir um regime de privilégios e criar leis iguais para todos os Portugueses, em toda a parte do País; queria tornar a justiça independente e expedita; queria assumir as responsabilidades da governação, se assim fosse desejo dos eleitores livremente chamados a escolher dirigentes, e desta forma, ao mesmo tempo que instituia um regime liberal representativo, garantia a todas as minorias o indispensável direito de pensar.

Mas era apenas no Porto que se manifestava a consciência liberal?

Já sabemos que não. Vimos no artigo anterior como a juventude universitária de Coimbra demonstrara invulgar actualização política e assegurara, com pronta decisão, o direito de contribuir para o progresso do País.

A tradição Lisboeta

Lisboa estava no mesmo caso. Apesar de, como capital do reino, nela cair todo o peso das organizações policiais, em especial as de natureza política, que, desde o famigerado Manique a Junot e a Beresford, viviam para perseguir o homem de ideias novas, *o liberal, então baptizado com o nome de* Jacobino — *Lisboa sempre fora um centro de conspiração patriótica. Aí se ergueram os primeiros movimentos clandestinos contra os Franceses; aí se gorara a trágica conspiração que levara ao cadafalso o ilustre Gomes Freire de Andrade. Esta ultima manifestação de vitalidade revolucionária foi a grande inspiradora da revolução portuense de 1820.*

Ao saber-se dos acontecimentos do Norte, a capital animou-se de intensa vida. Nos estabelecimentos, «cafés», lojas de bebidas levantavam-se, ás claras, brindes pela revolução. Os patriotas, numa larga frente não sectária, conspiravam, uniam-se, alargavam a sua rede de influência, convenciam os mais timoratos — e em 15 de Setembro de 1820 rebenta finalmente o movimento que afogaria as ultimas esperanças reaccionárias. As tropas que, do Porto, desciam em triunfo através do País, encontraram em Lisboa, um ambiente de apoteose que atingiu o rubro á chegada da Junta Suprema instituída na Cidade Invicta como governo provisório. O centro dos acontecimentos políticos deslocava-se para o Sul; Lisboa ia ser durante três anos teatro de acontecimentos extraordinários, hoje injustamente esquecidos.

O senado camarário tomara a seu cargo a propaganda das eleições. Em 9 de Dezembro saiu para a rua um grupo de homens festivamente acompanhado pelas bandas de todos os regimentos de Lisboa. Rua após rua, foi distribuindo o edital em que se convidava a população a votar. Os que não sabiam ler, juntavam-se, aos cachos, em torno de qualquer benemérito que lhes transmitia as instruções escritas. Fervilhavam por todo o lado

Alegoria á entrada, na capital, do

apoios e «vivas» suscitados pelos passos mais generosos ou romanticos do edital:

«Levantou-se junto das margens do Douro a voz do cidadão livre; o eco a repetiu a um tempo em todas as cidades, vilas e lugares até aos limites do reino; ouviu-se nesse momento a voz geral da nação, do

O MENIN

(Continuação da 1.ª página)

Mas só dormirei no quarto dos miudos. São os meus refens.

A senhora Powell, desesperada, lembrou que a criança ao acordar gritaria e o homem rendeu-se ás evidências. Passaram então, os três, uma noite horrivel naquela salinha quente como um forno. Carpenter lutou toda a noite para não fechar os olhos e manteve sempre na mão a pistola.

Ao outro dia de manhã Powell lembrou-lhe que tinha de ir para o trabalho:

— Se eu não aparecer, meus patrões e meus vizinhos estranharão...

Carpenter fixou atentamente o interlocutor e disse lentamente:

— Está bem... Mas não se esqueça que sua mulher e os seus filhos ficarão comigo... Entendido?

Powell concordou e partiu. «Claro — pensou — não posso fazer outra coisa senão esperar. Amanhã ele ir-se-á embora..».

Na sua ausência, Carpenter dormiu algumas horas, certo de que a senhora Powell, aterrorizada, nada reagiria. Quando a mãe da dona da casa a veio visitar, ao meio dia, Carpenter escondeu-se no quarto dos miudos até que a senhora se fosse embora. Leonard chegou ansioso a casa. Mas nada acontecera. Depois de ler os jornais, Carpenter disse:

— Afinal não posso sair antes de dois dias. Não vos farei nenhum mal se souberem comportar-se. Mais tarde mandar-vos-ei o dinheiro suficiente para vos indemnizar.

A' hora do jantar, como as crianças se intimidassem por comer em frente de um estranho, Carpenter passou á sala do lado. Rapidamente, Leonard trocou com a mulher

1820 — (4)

imeiras eleições portuguesas

pobre e do rico, do proprietário e do lavrador, do negociante e do artista: «Constituição, Constituição»! Aqui tendes a nossa Constituição; este é o primeiro fruto da nossa regeneração: entrarmos todos na posse de nomearmos, nós mesmos, os nossos representantes; é portanto do nosso primeiro interesse o acudirmos a todas as nossas paróquias, para elegermos os compromissários e os primeiros eleitores; ninguém se escuse, pois que um tal acto é a primeira base da eleição dos nossos procuradores; não se pode esperar fruto perfeito duma planta viciada na sua raiz; o acto a que somos chamados é para nós de tanto interesse, que será grande imprudência o descansarmos sobre os ofícios de outrem.

.....

Compatriotas ilustres! Abracemo-nos e congratulemo-nos, pois que todos somos irmãos, todos somos iguais em direitos, prerrogativas e privilégios; já não existem odiosas diferenças; vede que os grandes e os pequenos têm iguais sufrágios, pesam igualmente na balança da razão as suas vozes!»

.....

Pensai qual seria o contentamento de nossos avós se, podendo levantar as campas que os ocultam aos nossos olhos, pudessem considerar as nossas luzes e admirar o sossego, prudência e harmonia com que determinamos e executamos a nossa regeneração».

Como os leitores já bem observaram, os nossos antepassados de há 138 anos consideravam estas eleições como o princípio da regeneração da Pátria, liberta finalmente da tirania interna e externa; nestas condições, votar era um dever imperioso e ninguém se poderia recusar a ele.

Acentuando o carácter nacional e festivo das eleições, o Senado da Camara ordenou que se iluminassem todos os edifícios dele dependentes nos dias 10, 17 e 24 de Dezembro, data das eleições de freguesia, de comarca e de provincia.

Habla Carnero!

No dia 10 as igrejas paroquiais encheram-se de eleitores que, pela primeira vez, gozavam uma das maiores alegrias do cidadão: contribuir com o seu voto para os destinos do País. Os resultados confirmaram o que em toda a parte se passava (excepto na Beira): a maioria dos eleitos compunha-se de negociantes, magistrados e proprietários de inspiração liberal. A freguesia da Encarnação elegeu o grande jurisconsulto Borges Carneiro, um dos mais ilustres membros do futuro Parlamento. O seu prestígio veio a tornar-se tão grande que, em Espanha, os jornais portugueses se esgotavam quando os jornaleiros corriam as «calles», gritando:

—Habla Carnero! Habla Carnero!

«Carnero» deixou de «hablar» nas masmorras miguelistas de São Julião da Barra. Aí morreu com efeito. Uma das sevícias que mais satisfaziam o célebre Teles Jordão era obrigar o ilustre sexagenário a ajoelhar, sob ameaça de morte, e dar «vivas» a D. Miguel!

Podia haver quem não aceitasse?

Na freguesia de S. Nicolau deu se um incidente extremamente revelador. Um cidadão designado como compromissário, isto é delegado da freguesia na escolha dos homens que a representassem na Comarca — recusou-se a aceitar a grande tarefa cívica. Tal recusa constituiu uma ofensa para o povo, que se amotinou em frente da casa do referido cidadão. Custava-lhe a crer que, nas conjunturas em que viviam, alguém pudesse rejeitar tão honroso encargo... Foi este o unico incidente das eleições.

Entre os 24 eleitores apurados em 17 de Dezembro como representantes do concelho de Lisboa — contava-se uma maioria esmagadora de liberais ilustres, como Fernandes Tomás, Simões Margiochi, Borges Carneiro, Bento Pereira do Carmo, Silva Carvalho, Ferreira de Moura, Pimentel Maldonado, Hermano Braancamp.

Com um solene Te-Deum *em acção de graças terminaram as eleições concelhias. Restava eleger os deputados da província da Estremadura. Tal como já sucedera no Porto com as comarcas minhotas, Lisboa vitoriou a chegada dos representantes de todos os concelhos estremenhos. No dia 24, pelas 10 horas da manhã, reuniram-se nos Paços do Concelho a fim de apresentar as suas procurações. Consideradas estas em ordem, fez-se um cortejo em direcção á Sé. Duas bandas, uma á frente, outra na retaguarda, tocavam o hino constitucional. Estrondeavam os «vivas» populares. Depois, finda a missa, voltaram aos Paços do Concelho. Ás 6 horas da tarde estava apurada a lista dos deputados pela Estremadura. O facto foi anunciado por girandolas de foguetes. Os nomes dos deputados andavam de boca em boca. Á noite todas as casas particulares e edifícios publicos puseram luminárias. As ruas eram percorridas por bandas de musica que paravam em frente das casas dos deputados, para os homenagear. Por todo o lado a população manifestava o seu regozijo.*

Lisboa vivia um dos dias mais felizes da sua história secular.

Lisboa tinha razão. Os deputados que a cidade e a província enviavam ao primeiro Parlamento português constituiam um grupo de homens excepcionalmente dotados, ilustres pelo saber, ilustres pelo carácter. Eles abriram a tradição daqueles politicos que, apesar de passarem pelas alturas do poder, morriam pobres.

Governo provisório revolucionário do Porto (Gravura da época)

OUVIR BATER O CORAÇÃO DO MUNDO

Escândalo na T.V. (—8 caderno de capa preta

Ja lá vai o tempo em que todos os grandes milionários e «business men» da América começavam a carreira vendendo jornais. Isso aconteceu nos tempos heróicos dos pioneiros... Hoje, há maneiras mais simples de enriquecer. Uma delas, por exemplo, consiste em concorrer aos programas «Quem sabe, sabe» de TV. Garantido. Robert Strom (seis mil contos...), o «jockey» que sabia tudo sobre arte (cinco mil contos...), o outro que percebia de finanças (três mil contos...), provam que na América, para enriquecer, basta ter valor... e concorrer á TV.

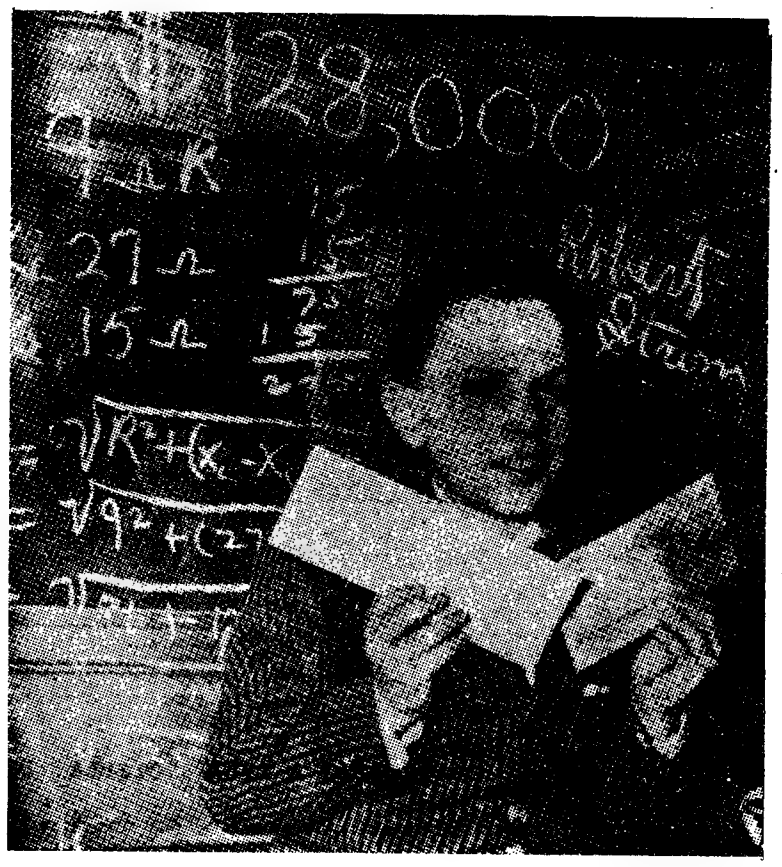
Assim pensou Edward Hilgemeier, «barman», pai de dois filhos, afogado em dificuldades económicas. E se ele tentasse a sua «chance», naquele programa oferecido pela conhecida pasta dentífrica? Edward sempre gostou de ler, chegara mesmo, na sua juventude, a ter uma verdadeira paixão pelo livro. Devorava tudo. Daí lhe veio uma razoável cultura geral, aquela cultura geral que ia agora permitir-lhe, sem duvida, libertar o seu lar das preocupações quotidianas... E lá foi. Inscreveu-se na longa, interminável bicha. E na certeza de que a sua hora havia de chegar lá estava efetodos os dias, como suplente...

Certo dia reparou que determinada concorrente estudava por um caderno de capa negra antes de entrar na sala. Um relampago de desconfiança passou pela cabeça de Edward. E quando viu a concorrente distraida — surripiou-lhe o caderno... O que viu deixou-o abismado. Aos concursos da TV não presidia o espírito de justiça que ele supunha — e o seu desejo de dar aos filhos melhor educação e melhor futuro caia por terra. E' que no caderno de capa negra estavam todas as respostas certas ao questionário da sessão...

Protestou junto da companhia financiadora. Esta, temendo escandalo, faz-lhe uma série de promessas tentadoras. Mete-lhe na mão, só de uma vez, quarenta e cinco contos. Edward aceita. Mas esse dinheiro queima-lhe as mãos. Sabe que, a continuar nesse caminho, ficará sepúltado no atoleiro até ao pescoço...

E apresenta queixa ao procurador-geral de Nova Iorque. Todos os programas do género «Quem sabe, sabe» foram suspensos. A palavra «escândalo» começou a andar de boca em boca... O inquérito, que prossegue a esta hora, alarma o publico americano pela revelação de sérias irregularidades... Reclama-se completo saneamento das ondas «que devem ser utilizadas unicamente no interesse do publico», como escreve John Crosby no «New York Herald Tribune».

...E tudo porque um simples «barman» resolveu seguir o caminho recto da consciência...



O DA MAMÃ

nas rápidas palavras e foi reu- r-se ao hóspede forçado. Disse-lhe ıtão que todas as noites a mulher os filhos tinham o hábito de des- r até ao portão para falar um ıuco com os avós. Se faltassem, coisa tornar-se-ia notada. Carpen- r encolhendo os ombros lembrou:

— Têm dez minutos de demora, té lá terei sempre sua mulher e lhos ao alcance da pistola, ali la janela.

Powell apenas se apanhou na cada, desceu os degraus a qua- o e quatro. Em baixo fez sinal á ulher para se pôr a salvo com filhos e os pais. Depois lançou- e numa corrida, ao mesmo tempo ıe gritava a todas as crianças que a:

— Fujam para casa! está ali um gangster» que é capaz de tudo!

Respondendo ao apelo telefónico e Powell, nós avisámos pela Rádio trinta carros da Polícia que imediatamente se dirigiram para o local. Alguns minutos mais tarde ouvi a voz do sargento Micklas que chamava:

— Carpenter... Carpenter... Sai de casa... Estás cercado... Não te podes escapar...

Carpenter assomou á janela e atirou sobre o polícia. Micklas bradou a toda a gente para se deitar por terra, pois a Polícia ia atirar sobre o «gangster». Então Carpenter teve um ultimo lance de audácia: atirou-se para o prédio vizinho entrando por uma janela aberta e caindo sobre os pobres ocupantes que jaziam no soalho, aterrorizados. Embora ferido nas mãos e no rosto, saiu logo do apartamento e penetrou noutro, a cuja janela espreitou. Logo uma rajada de metralhadora fez voar os vidros. Alguns segundos depois os polícias encontraram Carpenter estendido no solo. Pretendeu enganá-los:

— Não é a mim que procuram — disse —. Eu habito aqui.

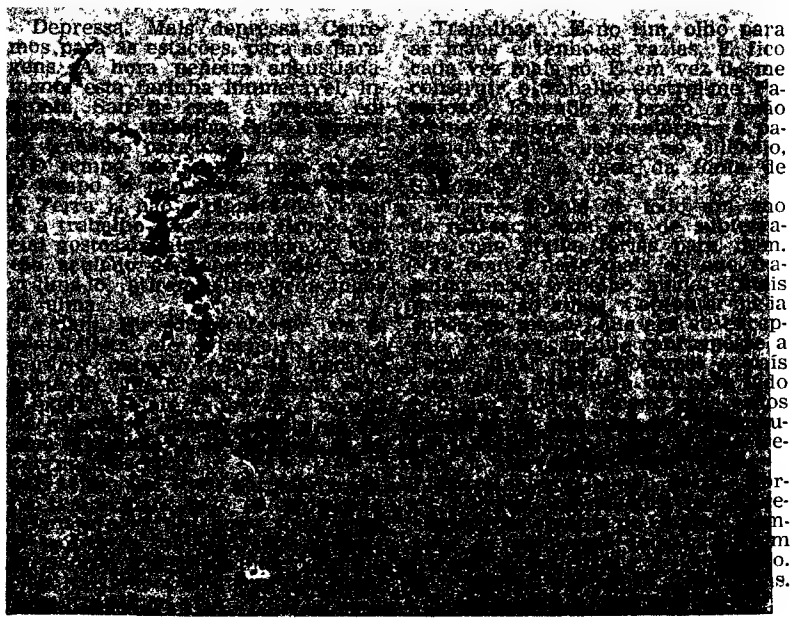
De nada lhe serviu.

No decorrer do processo Carpenter teve de ser levado ao tribunal de mãos e pés atados e fortemente preso pela cintura. Metia dó — com a barba crescida, por pentear e vestido de penitenciário. Conversava incoerentemente com a familia. O tribunal e os psiquiatras consideraram-no, porém, na posse das suas faculdades mentais e assim foi condenado á cadeira eléctrica, em 16 de Março de 1956, o jovem Richard D. Carpenter, vitima talvez do divórcio dos pais e da consequente falta de afectos familiares.

Comunicado ao jornalista Kurt Singer por John Flannegan, tenente da Polícia de Chicago.

POSTAL ILUSTRADO

por *Manuel Agra*

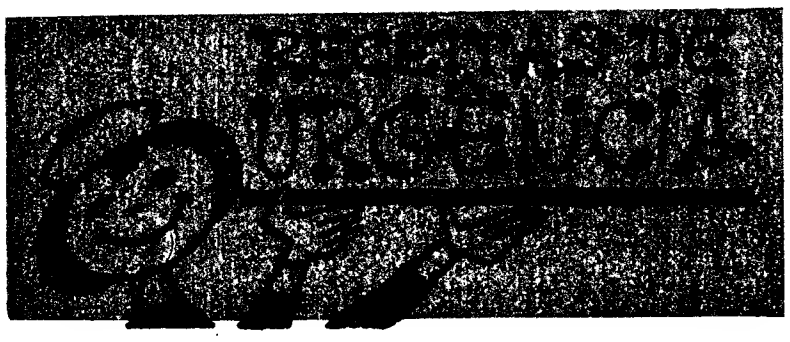


SABA COMER SAIBA COMER

Sim ou não?

—AS MULHERES GRÁVIDAS DEVEM COMER MAIS DO QUE AS OUTRAS?

Não, em caso nenhum. Nos primeiros meses de gravidez, as necessidades não se modificam em nada. Durante os quatro ou cinco ultimos, devem comer um pouco mais, mas nunca «por dois». Por exemplo as necessidades de proteinas aumentam, assim como de calorias. É pois necessário que a mulher grávida coma mais repetidas vezes, em vez de comer muito, pois é preciso evitar toda a gordura desnecessária e a perda dos movimentos. É preciso, sobretudo, consumir produtos lacteos e, em menor quantidade, carne, legumes e frutos frescos.



SOPA RÁPIDA

Num litro de água fervente, temperada de sal, deitar, vagarosamente, quatro ou cinco colheres de sopa de tapioca. Ferver durante 15 minutos. Enquanto ferve, dissolver uma gema de ovo num pouco de água morna e picar, no almofariz, uma porção de agriões. Retirar a sopa do lume, deixar arrefecer um pouco e deitar-lhe, mexendo sempre, a gema do ovo e os agriões. Se lhe deitar um pouco de leite condensado não açucarado, ainda será melhor.

SALADA DIVINA

Assar, no forno, tomates inteiros, cebolas grandes e pimentos cortados ao meio horizontalmente, e limpos de sementes. Antes de ir ao forno, temperar com sal, azeite, um pouco de margarina (tirar os olhos dos tomates e das cebolas), um pouco de caldo de carne (dos que se encontram no mercado), e alourar, sem que se desfaçam. Retirar, com cuidado, para um prato ou travessa grande. Alternar com carnes frias, salsichas rápidamente cozidas em banho Maria. Cobrir com pequenos montinhos de «mayonnaise», e ramos de salsa bem verde. Polvilhar com clara de ovo cozido, finamente partida. As gemas podem pôr-se inteiras, como decoração, nos sítios dos olhos dos tomates. Verá que lindo efeito.

MAÇAS A BELA MOLEIRA

Esvaziar as maçãs das sementes, fazendo-lhe um buraco redondo, ao centro. Encher esse buraco com uma mistura de açucar baunilhado e manteiga. Faça dourar pequenos cubos de pão de forma, em quantidade mais ou menos igual á das maçãs. Num prato de ir ao forno, bem barrado de manteiga, colocar os cubos torrados e colocar, sobre estes, as maçãs já preparadas. Borrifar, ligeiramente, com água e um pouco de rum, e cozer em forno médio. Logo que retire do forno, deitar em cada maçã, uma colher de qualquer compota. Servir frio.

A alimentação das pessoas anémicas

Por Maria Carolina Freitas

O que é para o anémico uma alimentação sã?

Em duas palavras é aquela que promove o enriquecimento sanguineo.

Nos indivíduos saudáveis a taxa de glóbulos vermelhos orça por 4 milhões e meio ou 5 milhões. Esses glóbulos estão constantemente a ser destruidos — e as anemias resultam precisamente ou duma deficiência na produção de novos glóbulos, ou da sua destruição exagerada (caso, por exemplo, de hemorragias).

Quando se trata de deficiências de produção — a alimentação deve ser rica em proteinas e matérias azotadas. Onde encontrá-las? No fígado, nos ovos, na carne em sangue, no queijo e no leite. A caseina do leite possui a mais forte concentração alimentar em matérias azotadas; por isso serve de base á maior parte das medicações anti-anémicas. A levedura de cerveja também é rica em azote — e tem excepcional importancia na síntese da hemoglobina.

Em certas anemias nota-se uma falta de pigmentação nos glóbulos. Diz-se então que o doente tem uma «carência marcial», isto é que tem falta de ferro. O ferro não se encontra, decerto, nos carris dos comboios... E' de dificil digestão... Onde encontrá-lo então? No fígado, nos miolos, nos ovos, nas ostras, espinafres, lentilhas, cereais e frutos secos.

O papel das vitaminas, na maioria dos casos, não reside no estímulo que possam dar á formação de novos glóbulos. A sua importancia está em que evitam ou combatem as hemorragias. Tal é o caso das vitaminas C, A, B² e K. O mesmo, porém, não se dá com a vitamina B¹². Esta é fundamental para a regeneração globular. A sua carência provoca fadiga, perturbações respiratórias e sobretudo uma anemia grave.

Quais são as fontes de vitamina B¹²?

Os legumes, os cereais, a levedura de cerveja, o leite e seus derivados, a gema de ovo e sobretudo o fígado de vaca ou de vitela, o maior armazem desta vitamina básica.

Os «trucs» da boa cozinheira

Sopa muito salgada	Deitar dentro 1 ou 2 batatas cozidas. O gosto a sal desaparece.
Para pelar fácilmente os tomates	Mergulhá-los um minuto em água fervente.
Para evitar que o arroz se pegue	Deitar-lhe uma colher de doce de azeite na água da cozedura.
Para evitar que os ovos rebentem	Deitar na água da cozedura uma boa pitada de sal.
Para conservar o queijo ralado...	Guardá-lo embrulhado num pedaço de seda embebida em água avinagrada; ou num saco de plástico.
Para evitar o cheiro de cebolas nas mãos	Pelar as cebolas debaixo da torneira de água fria.
Para fazer subir as claras em neve	Pôr no fundo da vazilha em que se batem uma pitada de sal grosso.
O segredo dos fritos	Metê-los no azeite quente, mas não fumante; retirá-los, deixar escorrer e voltar a metê-los no azeite fumante.
O azeite das frituras.....	Não deve conservar-se muito tempo. E' prejudicial.
Para conservar a cor verde dos legumes	Cozê-los destapados e rápidamente.
Para que o molho da carne fique brilhante	Deitar um pouco de açucar no molho dos assados.
Para tornar coradas as carnes brancas	Escalopes, costoletas de vitela ou de porco, passe-as por farinha antes de as pôr na frigideira.
Para dar mais sabor ao fígado e aos rins	Mergulhá-los em leite cru, no momento em que os vai fazer.
Para descascar os ovos cozidos...	Mergulhá-los em água fria logo que se retiram da água fervente.
Faça você o pão ralado	Quando assar no forno, aproveite para secar os restos de pão, bem louros, sem queimar; pise-os com o rolo da massa, ou passe-o pela máquina dos picados; guarde em frasco bem fechado.
Para partir o gelo que vai á mesa	Colocar sobre ele uma ferramenta ponteaguda e martelar. Partir-se-á fácilmente, sem esmagar.

N. B. — Não deixe de ter em casa quadrados de pão torrado para as sopas. Para os obter, corte uma forma em fatias e estas em quadrados; aproveite o forno quando faz qualquer assado. Guardados em frascos de vidro, conservam-se estaladiços por muito tempo. Tenha, também sempre prontas a servir, tostas. Há muitos pratos em que ficam bem.

Não deixe de ter em casa: sopas, salsichas em lata, vinho branco, «rhum», açucar, sal, manteiga, ovos, azeite, queijo ralado, cebolas, alhos, especiarias ao gosto, batatas, chocolate e café.

...E as nossas «Receitas de Urgência».

(Continua)

Não

MASCARE o verdadeiro sabor da COMIDA com temperos picantes!

Exija

uma alimentação sadia e saborosa

AJI-NO-MOTO®

produto purissimo extraído do trigo
não é um tempero
não ilude o paladar
antes o desperta, estimulando as nossas papilas gostativas.

Experimente

uma pequena pitada na sopa, no peixe, na carne, nas saladas.

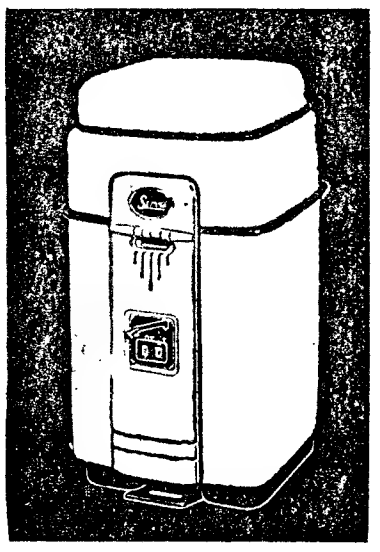
Eis a ECONOMIA que encontrei na máquina

SERVIS

1.ª **ECONOMIA DE DINHEIRO :** o agitador não molesta a roupa, imprimindo à água um movimento de turbilhão em todos os sentidos.

2.ª **ECONOMIA DE TEMPO :** a lavagem pelo sistema de de turbilhão compensado é rapidissima.

3.ª **ECONOMIA DE ESFORÇOS :** espremedor eléctrico, aquecimento e despejo de água automáticos.



Comprei, claro, a **minha SERVIS** na

Agência Comercial Sueca

Av.ª Fontes Pereira de Melo, 45

a preço fixo

NÃO LÊ COM LAMPARINA DE AZEITE

Você LAVA com

SABÃO ACTIVADO CUF

Lava melhor com menos dinheiro e mais comodidade

Você nao VAI de diligência
Você não FUNGA rapé
Você não CALÇA bota de elástico
Você não ESCREVE com pena de pato

Não VAI
Não FUNGA
Não CALÇA
Não USA
Não ESCREVE

Com dois séculos de atrazo...

NEM LAVA COM UM SABÃO QUALQUER
LAVA COM UM SABÃO DOS NOSSOS DIAS

PRÁTICO — lava mais rápido
ECONÓMICO — gasta menos sabão
EFICIENTE — desencarde como nenhum sem desbotar os tecidos de cor

PONTO

UM SECULO DE EXPERIENCIA NO FABRICO DE SABÃO

SORVETE EM PÓ

SAUDÁVEL • NUTRITIVO • PASTEURIZADO

LIDANO

O PRAZER E A SAUDE DOS SEUS FILHOS

prepara-se em casa, a qualquer hora, sem leite nem sorveteira.

É UM ALTO PRODUTO DINAMARQUÊS

esquerda, ou de se aprestar para o trespasso de inevitável brevidade, como Paul, o cozinheiro: a uma espécie de egoísmo.

O unico que parecia não acatar ali esta regra do jogo, era o homem da cicatriz abdominal: continuava apegado ás leis da vida normal, á «mamã» que o estragara com mimo, e de que éle falava constantemente, rebelado contra a sua condição sem esperança, os médicos, a comida, as enfermeiras, tudo o qué, para ele, era a doença e a morte em perspectiva. O seu egoísmo era o dos **vivos**, ou dos que teimam em parecê-lo; o nosso, o daqueles que se entregaram á tarefa de morrer, ou de dialogar com a Morte.

Por isso, já nada parecia afectar-nos suficientemente para alterar a posição de cada um ante o seu problema pessoal. A familiaridade da morte tira-lhe todo o «romance», e o próprio sofrimento, quando estamos a braços com ele, é uma questão pessoal, que cada um procura resolver por si, a sós consigo, num **tête-à-tête** que pode parecer trágico, de fora, mas é para o doente um jogo empolgante e decisivo.

Esta solidão do homem consigo mesmo, com o seu combate e o seu destino, este ensimesmento ou alheamento do Mundo, é uma das coisas mais pasmosas e, a um tempo, mais consoladoras que a doença nos oferece. Cortam-se as relações com o Mundo, todos os factores da vida são desprezados, que não digam respeito á salvação física. Para alguns, essa solidão tem lá no cimo Deus. Para outros, apenas o negrume. Mas há muitos, decerto, os perdidos, os que zarparam da vida, e descem á deriva o grande rio da morte, e para os quais não há mais do que indiferença, passividade, expectativa, e no fim talvez a paz.

O Hospital de Bellevue, imensa mole de tijolo vermelho e rosado, tem uma capela «não-sectária»: católica, protestante e judaica. Passam ali todas as raças do Mundo, num pêle-mêle indiferente, que não tem nada que ver com o apregoado «cadinho de raças». O rabino vinha conversar com o meu vizinho da esquerda, e oravam juntos, num murmurio. O pastor protestante aparecia á porta, de longe em longe, e lançava um olhar de irado áquela **gehenna** onde uma ralé sem descrição agonizava: não havia ali consciências capazes de erguer-se á contemplação directa e pessoal de Deus. O cura, inquieto e tímido, ainda ousava indagar: «Alguém precisa dos meus serviços?» A's vezes saía vexado... (Pode dizer-se que a imensa maioria da população de New York é formada por católicos: Italianos, Irlandeses, Polacos, hispanos de várias matizes, etc.)

* * *

Não sei quantas vezes, bem meia duzia, fui radiografado: o «chefe» queria estudar as imagens do meu caso. Ao longo do corredor esperavam sempre duzias de doentes em macas e cadeiras de rodas. Colocavam-me nas posições mais fantasistas, apontando-me a objectiva ao gasnete, para surpreender os segredos da base do cranio. Era quase sempre o dr. Dewey que se ocupava disso. Um dia, estava eu na mesa do aparelho de Raios X, fazendo uma espécie de «ponte» de acrobata, de cabeça em baixo virada para trás, com o aparelho apontado á cavidade esfenoidal, quando chegou outro doente: uma mulher nova, de feições regulariśsimas e olhos fechados, imóvel debaixo dum lençol, deixava escapar uma espécie de uivo prolongado e estremecido, talvez inconsciente, que podia ter sido registado para efeitos de som dum filme de fantasmas em castelos da Escócia: uma coisa

Por esse tempo — estava em 1945, ano da bomba atómica, da morte de Roosevelt, do fim da guerra, de mil entusiasmos gorados, dificuldades e negros pressentimentos, — eu apoquentava-me com o destino dum livro remetido para o Brasil em 1940-41, á guarda dum amigo querido que tomara a peito, generosamente, fazê-lo publicar. A esse livro dera eu um título simbólico das minhas intenções — **Onde a noite se acaba.** Agora, naquela cama de hospital, eu ponderava ás vezes se a minha «noite» ia realmente começar, em vez de findar; se, ainda que dali saísse com vida, teria energia, cérebro, imaginação, para dar realidade ao sonho obstinado que me sustentara durante tantos anos.

Estava sem notícias dele havia quatro anos, e apoquentado. Sabendo-o, minha mulher telefonou um dia em segredo para o Rio de Janeiro, e voltou com a resposta, que não podia deixar de me causar jubilo: «O Dr. Jaime Cortesão manda-te dizer que não morras, porque o livro está pronto, e estão já a imprimir a capa!» Com que ternura e bom-humor a beijei, e que gratidão a minha ao amigo distante e solícito!

Mas quando ela saiu, voltei-me para as janelas e, pela primeira vez, a emoção venceu-me. Não teria vivido inteiramente em vão, deixava ao menos no Mundo a modesta mensagem, promessa quase só, apenas, do escritor que desejaria ter sido! E pensei com terror no que seria a minha existência se, escapo da morte, ficasse mentalmente inepto, estéril ou impotente. Nestes pensamentos soltos e sombrios — primeiro e talvez unico instante de desanimo, desde a agonia das primeiras horas — notei que alguém estava de pé junto de mim: era o dr. Galen. «Que temos? — disse. — Alguma má notícia?» Contei-lhe, ainda a titubear e enxugando as lágrimas, o que se passara, e a duvida que me amargurava.

«O dr. Foster Kennedy ainda ontem nos assegurou que o senhor está «salvo», e voltará a ser quem era. Não sofra!» Havia nele tanta paz, tanta simplicidade, que não pude deixar de acreditá-lo. Ainda há gente boa neste Mundo, pensei agradecido. Neste estado de confiança, até morrer seria fácil...

(O livro apareceu algum tempo depois, e um dia, em Junho de 1946, outro amigo querido veio correndo, através de areias e pinhal, á Praia da Costa, onde tinha oferecido hospitalidade ao convalescente de retorno, a agitar por cima da cabeça o primeiro exemplar chegado do Brasil: a rainha «noite» tinha-se acabado, e o dia recomeçava talvez para mim.)

* * *

Um antigo paciente da enfermaria veio uma tarde visitar o Paul: era um Russo enorme e turbulento, que ali tinha passado muitos meses estendido, com um peso atado á cabeça, para repor no seu lugar não sei que osso delicado que tinha fracturado uma noite, ao cair da cadeira com um gesto imprudente.

Estes dois homens que, do outro lado do Atlantico, se teriam afrontado como implacáveis inimigos, tinham-se tornado ali amigos íntimos. O Russo vinha carregado de presentes para o «irmão de armas». Correu a enfermaria, a saudar todos os seus contemporaneos, abraçando as enfermeiras e enchendo os altos tectos dos ecos do seu vozeirão. Paul apresentou-o a todos os novatos da casa. Conversaram muito tempo, animadamente, lembrando a boa camaradagem de outros tempos, e quando o Russo se retirou, entre gestos largos e brados atroadores, Paul ficou ver-

MARAVILHOSA HISTORIA DA ESCRITA

por ANTÓNIO JOSÉ SARAIVA

5.º • O LIVRO IMPRESSO

FOI no seio deste artesanato medieval que surgiu Gutemberg, ourives de profissão. Já muito antes dele existiam livros impressos em madeira ou metal onde se recortavam as letras, como na gravura, de modo que os caracteres não se podiam separar do bloco onde estavam desenhados; existiam também carimbos soltos com marcas e letras, e já o pergaminho começava a recuar diante do papel, vindo do Oriente. A acção do inventor — como em geral a das grandes individualidades —, consistiu em fazer a síntese de diversas invenções parcelares, criando os caracteres móveis que ficavam disponíveis, após cada impressão, para novos textos. Ademais servindo-se das suas mãos adestradas e pacientes de artífice, Gutemberg conseguiu fabricar a tinta própria para as impressões, desenhar as letras imitando as dos manuscritos, e adaptar a prensa. O papel de Gutemberg não está de resto esclarecido, e é provável que a invenção dos caracteres móveis se tivesse dado noutros pontos da Europa, pouco antes e pouco depois dele. O certo é que a invenção da Imprensa é a grande proeza do artesanato medieval.

Os primeiros livros impressos foram lançados no mercado como manuscritos. Oferecidos ao mesmo preço ou a preços pouco mais baixos que os manuscritos autênticos traziam obviamente ao produtor uma margem de lucro muito maior. A história do livro insere-se assim, desde as origens, na história do capitalismo industrial.

Reflitamos um pouco sobre esta convergência de factos de que sai a invenção da Imprensa. Este novo e revolucionário meio de difusão da cultura não teria sido possível sem um artesanato empreendedor que está promovendo uma transformação rápida das técnicas tradicionais; sem por outro lado uma fase de expansão económica criadora de uma burguesia que assegura o comércio de grandes tiragens de exemplares; e sem, finalmente, a elevação do nível cultural de amplas camadas. São três coisas distintas, mas afinal uma só verdadeira, porque o progresso técnico só é possível em fase de expansão económica, porque a existência de uma burguesia em crescimento é incomprensível sem uma produção industrial também crescente, e porque sem meios de cultura não é possível nem o progresso técnico nem a expansão comercial. A Imprensa é apenas um meio, um instrumento de difusão da cultura — pode pensar-se. De facto ela é o produto de uma economia, de uma sociedade e de uma cultura. Ela é, retenhamos isto, não apenas um instrumento da cultura, mas um produto, uma criação da cultura.

Um produto que vai por sua vez intervir na cadeia de causas e efeitos, ser ele próprio um elemento transformador da cultura, da ciência, e da sociedade em geral. Tocarei apenas alguns aspectos daquilo a que poderíamos chamar a fase civilizacional do livro impresso, ou, talvez melhor, do livro simplesmente, porque o livro manuscrito nunca chegou a ser uma forma generalizada de difusão da cultura.

O primeiro e mais evidente é a criação de uma cultura laica, abrangendo não só a literatura de ficção, mas também a ciência e a teoria filosófica. Isto verifica-se já com o grande movimento da Reforma na 1.ª metade do século XVI. A reforma é fundamentalmente um movimento de emancipação religiosa da burguesia, visando a destruir a religião ritual identificada com o sacerdócio medieval. E' a ultima de uma série de grandes ou pequenas vagas cujas cristas se sucedem do século XII ao século XV. Mas todas estas se tinham confinado a limites locais (o Sul da França, o Sul da Inglaterra, a Boémia, etc.), porque era limitado o alcance do magistério oral dos pregadores heréticos que não conseguiam medir-se com a poderosa organização sacerdotal. O fulminante êxito de Lutero á escala de toda a Europa deve-se á tipografia. Vitemberga, sede da heresia, tornou-se também um grande centro editorial; e só do Apelo á Nobreza Cristã *de Lutero, de 1520, esgotaram-se em 5 dias 4.000 exemplares. Da Bíblia traduzida em alemão esgotaram-se em poucas semanas 5.000 exemplares e nos dois anos seguintes esta mesma tradução foi reeditada mais de 100 vezes tro grande movimento de laicização (1). E paralelamente a Lutero ou ção religiosa, o erasmismo deve a sua expansão em toda a Europa á extraordinária difusão dos livros de Erasmo, lidos em latim ou em tradução por gente de variadas classes.*

Do mesmo passo a filosofia deixa de ser uma mera disciplina auxiliar da ciência dos mitos, reservada como tal ao sacerdócio e entra no domínio comum do burguês. A tipografia impulsiona esta evolução, que em 1636 é consagrada por Descartes, ao publicar em língua francesa — língua falada e não língua ritual — o Discurso do Método *que é a carta de alforria da cultura laica, proclamada na famosa frase da abertura: «O bom senso (isto é o poder de bem julgar e distinguir o verdadeiro do falso) é a coisa do mundo mais bem distribuida». E' por isto mesmo, e para abrir as janelas sobre as caves sombrias da ciência hermética que fora o pensamento escolástico que ele publica o seu livro, e o publica na sua língua materna:*

«E se escrevo em francês, que é a língua da minha terra, e não em latim que é a língua dos meus preceptores, é porque espero que aqueles que só se servem, puramente, da sua razão natural, julgarão melhor das minhas opiniões, do que aqueles outros que só acreditam nos livros antigos». (Discurso do Método).

(1) Stei berg, págs. 103-104.

Teria sido descoberto o homem terciário?

O professor Johannes Hurzeber, de Basileia, descobriu no terreno terciário de uma mina de Baccinello, região de Grosseto (Itália), um esqueleto de aparência humana ao qual não hesita em atribuir uma antiguidade de doze milhões de anos. O referido professor pretende ver na descoberta deste fóssil uma confirmação da sua teoria de que o homem teria aparecido na Terra no eoceno, primeira grande divisão da era terciária.

O esqueleto de Baccinello é completo e, segundo as primeiras observações, trata-se de um ser semelhante ao homem, mas cujo sexo é ainda impossível determinar.

Se a hipótese do director do Museu de História Natural de Basileia se confirmar, a descoberta do «homem de Baccinello» revolucionará toda a pré-história, visto que ainda não se tinha descoberto até agora qualquer fóssil verdadeiramente humano com mais de 600.000 anos e a quase totalidade dos sábios fixou o começo do quaternário como data da aparição do homem.

Impõe-se, entretanto, a maior reserva em relação á descoberta do professor Hurzeler, pelo menos até que surjam relatórios cientificos detalhados. Recordemos que a paleontologia humana é uma ciência onde abundam erros, voluntários ou não. O homem de Pitdown — um cranio humano associado a um maxilar simiesco — enganou os especialistas durante quarenta anos e, por natural reacção, o pitecantrop do dr. Dubois levou sessenta anos para convencer os mais céptico da sua autenticidade.

Será o fóssil de Baccinello um ser humano ou sómente um ser antropomorfo? Breve o saberemos.

Leia OS THIBAULT

Edição de LIVROS DO BRASIL

a comovente, profunda e humanissima obra-prima de ROGER MARTIN DUGARD,

uma obra-prima da literatura de todos os tempos

dadeiramente sózinho: e este homem jovial, que era o exemplo vivo do bom-humor na desgraça, rompeu num pranto lamentável, de criança, e foi difícil consolá-lo: «E' o meu irmão, o meu irmão! — bradava. — Eu não tenho outro! E não o torno a ver, não duro até o Natal do ano que vem!»

* * *

Naquela manhã, logo após a agitação do costume, deu ali entrada em maca um homem de trinta e poucos anos, robusto e musculoso, um autêntico tipo dos mercados de New York. Vinha seguido da mulher que eu teria tomado por uma das nossas varinas em cheiro de prosperidade. Foi logo para a cama, em frente da minha, no canto oposto das janelas. Urrava de dor, debatia-se como um demente, com os olhos turvos e desvairados, cegos rolando da mais lugubre maneira, e gritando sempre: «Água! Dêem-me água! Molly! Dá-me de beber! Onde estás tu?» Cuspia em todas as direcções uma substancia esverdinhada e espessa. «Acudam! Esta cabeça mata-me!» e rolava exasperado no travesseiro, virava-se para a gente invisível e compungida que o rodeava. A enfermeira escocesa tentou acalmá-lo em vão. «Esta cabeça mata-me!», urrava ele a debater-se. «Molly! Molly! Dá-me água!»

O dr. Bigby correu a fazer-lhe a punção espinal, e o líquido, sob a tremenda pressão interna, esguichou até quase ao tecto, mal dando tempo ao médico para esquivar a cara ao jacto. Era a cérebro-espinal, e em fase desesperada. Por que tinha esperado aquela gente até tão tarde? Molly, de braços cruzados ao lado da cama, olhava o seu homem, esperando. «**Nurse! Nurse!** Chamem o médico, depressa! Esta cabeça mata-me!»

Depressa o transferiram, cuspindo sempre, lá para o pé da entrada. Os seus gritos chegavam-me de longe, mas foram abatendo até que deixei de ouvi-lo. Não tardaram a rodeá-lo de biombos, fez-se o silêncio da praxe, e em breve o levaram como tinha vindo, na maca de rodas, mas agora calado. Houve doentes que assobiaram de alívio. Aquela presença turbulenta tinha-os incomodado...

Nessa tarde, quando voltou, minha mulher contou-me que tinha visto a viuva, Molly, de saco de oleado preto no braço, tranquilamente olhando não sei que mercadorias na montra duma loja da Primeira Avenida: calma, como se nada lhe tivesse acontecido e andasse a apreçar aquelas cortinas para o quarto, que há tempos pensava em comprar... «Os mortos vão depressa!» — comentei mal-humorado. E lembrei-me não sei de que conto do Zola, creio eu, chamado «Como se morre»...

* * *

Estes **faits-divers** da enfermaria, término e esgoto de tanta miséria humana, resolução de tantos conflitos e incidentes que aos vivos e normais passam despercebidos; este acotovelar-se quase diário com a morte, e pior do que isso: com os derradeiros e degradantes aspectos da miséria humana: que influência, benéfica ou deprimente, podiam eles ter no espírito dum doente ameaçado na vida ou integridade mental? Pois bem — **nenhuma!**

Cada um de nós, hóspedes da Dona-Morte, estava ali, suponho eu, entregue á sua própria batalha, a uma decisão já tomada, ou ao simples e elementar negócio de continuar a viver, como o semi-paralítico á minha

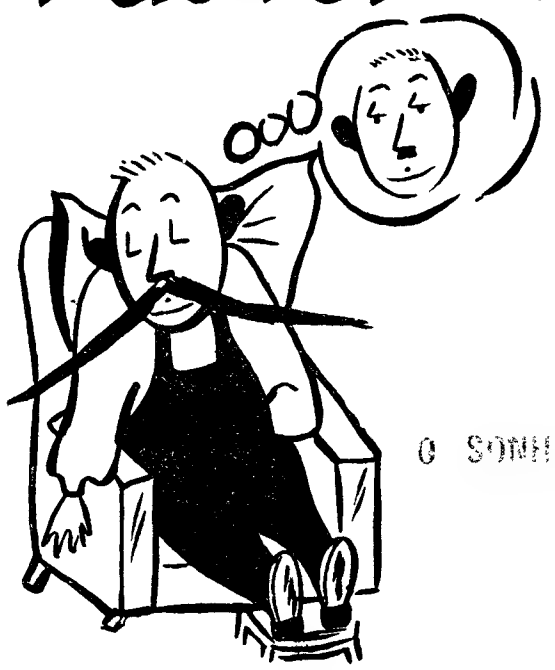
UM CASO POR SEMANA

Uma página de humorismo nacional

ESTES NÃO TÊM BARBAS... mas têm bigodes.

por Carlos Silva

O BRINCALHÃO



O SONHADOR

O CAPADRIO

O ENCANTADOR DE SERPENTES

O ASSEADO

O CEGUINHO

O PRÁTICO

O COMODISTA

OS ESPERTALHÕES

Não ria com RISO AMARELO!
Ria com o RISO BRANCO E SAUDAVEL da pasta DESSUBRIMIL

PAGINA DA

OS DITADORES DA MODA

PIERRE CARDIN
lançou a "linha cogumelo"

Pierre Cardin, que tem o seu publico fiel e entusiasta nos mais elegantes meios parisienses, dá-nos, como nota de sensação para o Outono-Inverno 1958-1959 a linha «cogumelo». os seus casacos são trabalhados com franzidos, nervuras ou «gaufrages». Os «tailleurs», em alguns modelos, não têm golas; noutros, tomam a forma de romeiras, «colerette» ou «chale». Os meus vestidos — também de cintas muito curtas como acontece nas colecções doutros criadores de modas — apresentam grandes decotes redondos, alguns com interessantes franzidos. As saias em baixo são, nalguns modelos, tufadas á maneira de balão.

Nos casacos de noite, notam-se as golas «Pierrette». Os vestidos são muito curtos de «mousseline» ou ricamente bordados, mas lembrando, sempre, a forma arredondada dos cogumelos.

Alguns casacos de noite são verdadeiramente sumptuosos, de «lamé» japonês, forrados de peles preciosas — «zibelines», «visons» e «chinchilas» que lhe foram fornecidas por Maurice Kotler.

Pierre Cardim acentua a «linha Império» nos compridos vestidos de noite com longos panos presos na parte superior.

Não devemos esquecer que Pierre Cardin percorreu «recentemente» o Japão onde foi inspirar-se colhendo ideias de linhas e tecidos para a sua ultima colecção...

Vem aí o Outono

Este conjunto simples, de morim castanho e cinzento, em tons neutros, faz-nos pensar no Outono que aí vem. Confortável, marca desde já a linha da moda, ao gosto das leitoras, certamente.

Elegância e Beleza pelas Especies Vegetais
OBESYL chá
Combate as gorduras
Regula o intestino, normalisa o figado, activa a função renal.
A venda nas bôas Farmácias

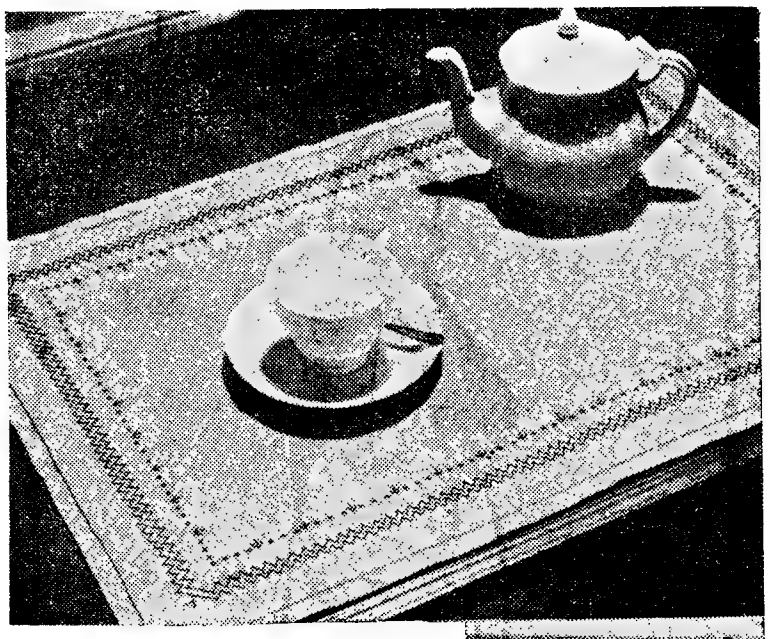
Contra a calvicie

UMA RECEITA DE 1782

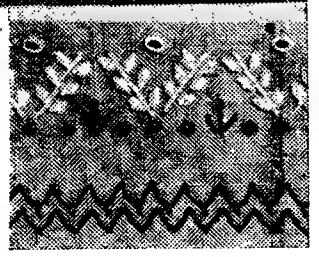
No museu de Wakefield, na Virginia, expôs-se ao publico um almanaque de 1782 onde se encontra esta receita: «Para curar a calvicie, corta-se uma cebola ao meio e com ela esfrega-se a cabeça até o coiro cabeludo ficar vermelho. Esta operação deve realizar-se duas vezes por dia, de manhã e á noite. No fim de seis meses desaparece completamente a calvicie».

Se a leitora é calva não perde em experimentar... e, desde já, agradecemos que nos diga se dá resultado.

Máquina de TRICOTAR BUSCH
APENAS POR 115$ MENSAIS
CHEGOU NOVA REMESSA DA MAIS SIMPLES, ECONÓMICA E SENSACIONAL MÁQUINA DE FAZER "TRICOT"
REPRESENTANTES:
AGÊNCIA COMERCIAL SUECA, Lda.
Avenida Fontes Pereira de Melo, 37
Telefs. 58181-2-3 - LISBOA



Pano de tabuleiro



Pano para tabuleiro de chá, executado com rioplex azul-claro, bordado a ponto de pé-de-flor, ponto de ilhó, ponto de mosca, ponto lançado e ponto baixo, com «filoselle», Ancora branca e azul-escura.

A gravura ampliada reproduz um pormenor do bordado. O desenho deste modelo importa em 7$00 que podem ser enviados em selos. A' cobrança, mais 2$00. Pedidos á Página da Mulher. «Diário de Lisboa». Rua da Rosa 57, 2.º, Lisboa.

V. Ex.ª deseja comprar um relógio ?

Peça um ENICAR ULTRASONIC

O ENICAR ULTRASONIC oferece-lhe :

absoluta garantia
modelos elegantes
acabamento ultramoderno
Preços modestos

ENICAR ULTRASONIC

O relógio Enicar Ultrasonic é o único relógio que não precisa de lubrificação durante três anos.

Cada relógio Enicar Ultrasonic tem um boletim de garantia. Há centenas de fabricantes de relógios na Suica. Mas a Fábrica Enicar fabrica 8 % da produção total na Suiça, ou seja perto de um milhão de relógios por ano.

Também fabrica toda a relojoaria moderna em:

Automáticos, com os últimos aperfeiçoamentos.
Calendários, com a lente de aumento.
Impermeáveis: 100 % — caixa SEA - PEARL
Extra-planos: sensacionalmente planos.

O relógio Enicar esta à venda nos cinco continentes.

Em **PORTUGAL** encontra-se á venda nas seguintes ourivesarias:
LISBOA — Ourivesaria Correia — R. Ouro, 245
» da Guia — R. D. Duarte, 4
» Pimenta — R. Augusta, 253
» e Relojoaria do Império — R. Coelho da Rocha, 99-B
» Suissa — R. Ouro, 252
M. Vieira & Filhos — R. da Palma, 13
Oliveira & Jacome, Ld.ª — Pavilhão dos Ourives — Largo Martim Moniz
PORTO — Carlos Rodrigues — R. Alexandre Herculano, 366
BRAGANÇA — Manuel dos Santos
LOULÉ — Laginha & Ramos
GUARDA — Carlos Pires Correia
VILA REAL — Daniel Salgueiros, Ld.ª
AMARANTE — Silva Pereira, Sucs.
MERTOLA — António Romba
TRAFARIA — Joaquim Almeida Botas
MADEIRA-FUNCHAL — Relojoaria Suissa — R. João Tavira, 38
» Big-Ben — Avenida de Zarco, 24

Variedades

Dedalus, o arquitecto e escultor célebre a quem se deve o famoso labirinto de Greta, foi, também, o inventor dos barcos de vela.

*

A razão por que se perdem frequentes vezes as opalas está no facto de estas pedras se dilatarem com o calor, mais do que quaisquer outras, e alargarem os próprios engastes.

*

As aranhas têm um instinto especial para prever as mudanças atmosféricas.

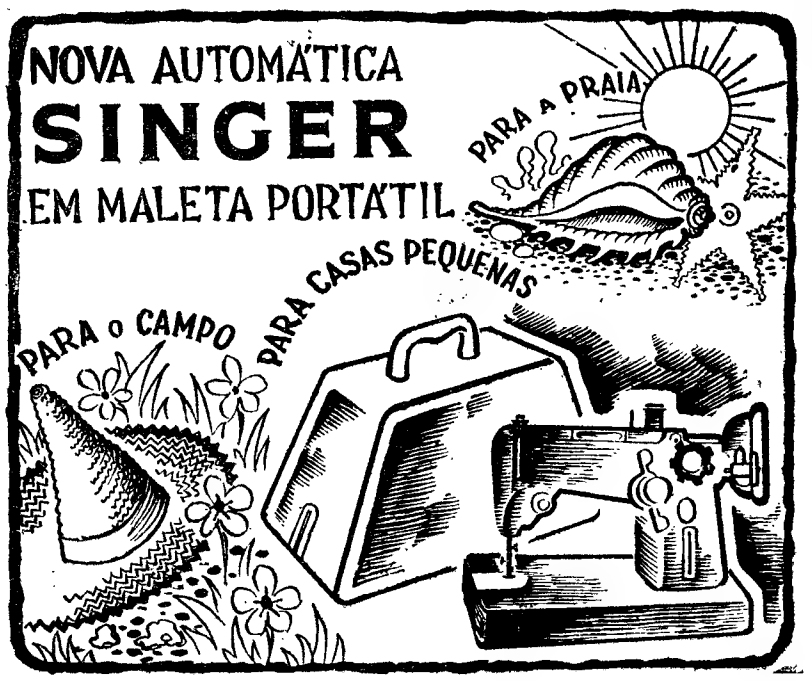
Quando vai chover ou fazer vento encurtam os filamentos dos quais pende a teia e assim permanecem enquanto os barómetros acusam tempo variável. Quando a aranha alarga esses filamentos podemos ir para a rua sem levar o guarda-chuva.

*

— Sabes quem se casou? A filha do Sousa!
— Sim? E quem é o felizardo?
— O Sousa...

Vibrette
sensação maravilhosa na face da mulher.
10 minutos com «Vibrette» iguala a uma hora de massagem de dedos

NOVA AUTOMÁTICA SINGER EM MALETA PORTATIL
PARA A PRAIA
PARA CASAS PEQUENAS
PARA O CAMPO



A MULHER

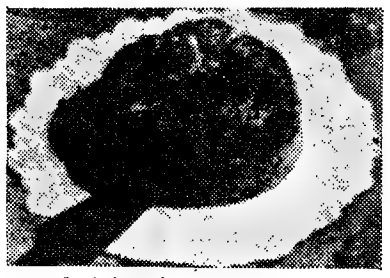
CULINÁRIA

Coelho com molho de vilão á portuguesa

Numa caçarola levam-se ao lu-e, a ferver, três decilitros de vi-igre, igual porção de caldo de rne, uma cebola, dois dentes de ho. Limão ás rodas, salsa em ra-inhos, meia folha de louro e anteiga. Deixa-se ferver até redu-r o molho a metade, deita-se-lhe fígado pisado e passa-se, depois lo por uma peneira. Àparte, ga-se o coelho e corta-se em pe-ços que se põem a aquecer no olho acima descrito, mas sem dei-r ferver de novo. Fica deli-oso.

Serve-se, quente ou frio, como imeiro prato de almoço.

sumo de meio limão. Batem-se -lhes o sumo de limão, a farinha e por ultimo as claras batidas em castelo. Deita-se em forma lisa untada com manteiga e polvilhada



com farinha. Leva-se a cozer em forno regular. Depois de cozido retira-se da forma e unta-se por cima com calda de açucar em ponto de xarope espesso para ficar brilhante. Não querendo aplicar-se a calda pode polvilhar-se com açucar.

ARA O VOSSO CHÁ

Tomem-se 4 ovos, igual peso de ucar, metade do peso de farinha gemas com o açucar, junta-se

Saúde e beleza

PARA NÃO ENGORDAR DEPOIS DOS 40 ANOS

Segundo Gimpert, em «Les maladies de l'âge», o regime que vamos apontar é o ideal para quem, depois dos quarenta anos, queira emagrecer ou não queira engordar e, acima de tudo, queira gozar de boa saúde:

PEQUENO ALMOÇO — Chá com açucar. Duas fatias de pão integral. Uma fatia de carne magra. Um ovo quente.

ENTRE O PEQUENO ALMOÇO E O GRANDE — Duzentos e cinquenta gramas de frutos frescos, não muito doces.

ALMOÇO — Um prato de sopa sem farináceos. Cem gramas de carne magra com legumes cozidos. Salada verde com azeite e sumo de limão. Frutos crus ou em compota. Uma chávena de chá com açucar.

MERENDA — Um copo de leite.

JANTAR — Carne magra. Salada verde temperada com azeite e sumo de limão. Queijo. Frutos.

Eles pensam delas...

Duas mulheres que se beijam fazem-me pensar em dois competidores desportivos que apertam as mãos antes do combate...

MENCKEU

PERGUNTE para saber

PROFESSORA DE LAVORES — São setenta e oito as várias amostras explicativas dos pontos de bordados que temos para fornecer ao preço de seis escudos cada.

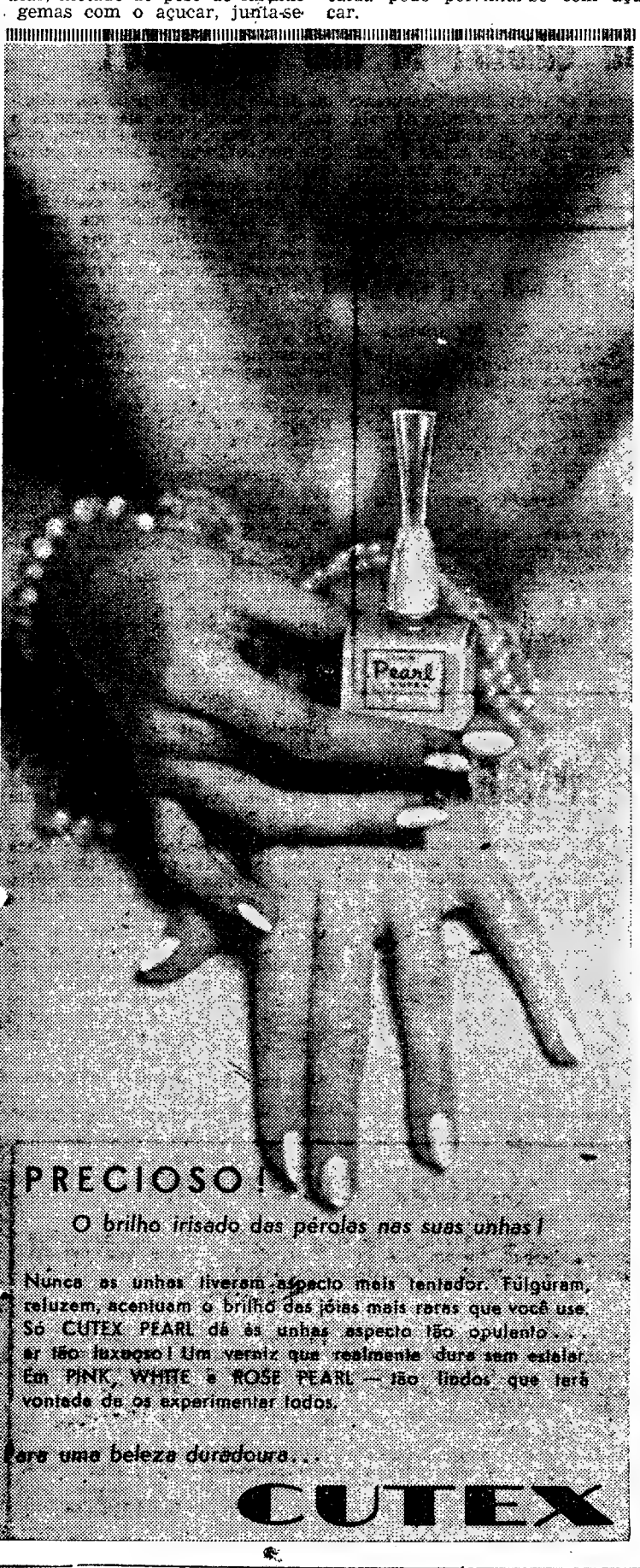
Algumas, referem-se a determinados bordados regionais portugueses ou estrangeiros, compreendendo todos os diversos pontos que em cada um se empregam; outras, referem-se a um só ponto de bordado, clássico ou moderno, explicando-se detalhadamente a sua técnica e sendo, alguns, acompanhados de desenhos ilucidativos.

Calculando que nem todas as amostras lhe interessem damos-lhe relação das que temos ao seu dispor esperando que nos diga quais deseja obter: bordado de Castelo Branco, feito com sedas; bordado de Viana do Castelo, feito com algodões; bordado de Viana do Castelo, feito com lãs; bordado de S. Miguel; bordado de Assis; ponto de cruz; ponto de crivo; ponto de sombra; ponto de grilhão; ponto «à jour» turco, acompanhado pela agulha com que se executa; ponto de Paris em aplicações de tecido; ponto lançado; ponto matelassé; ponto «repoussé»; ponto de matiz antigo; ponto de matiz moderno; ponto de canutilho; ponto dos tapetes de Arraiolos; ponto dos tapetes de Smirna; malha de franja, fornecida na régua em que é executada; ponto de cruz de Malta; ponto ondulado simples e duplo; ponto romeno; ponto de nó corrido; ponto de Bolonha; ponto de asna; ponto de galo, pesponto duplo desencontrado; ponto de mosca; ponto de Diabo; ponto de Rodi; ponto de Pequim; ponto de Creta ponto de recorte espaçado; ponto de espinha simples e duplo; ponto de cadeia simples; ponto de cadeia duplo; ponto de cadeia em xadrez; ponto de cadeia torcido; ponto de cadeia em ziguezague; ponto desfiado; ponto de nó; ponto de escada; ponto de areia; ponto de galão; ponto de corrente; ponto Holbein; ponto de roseta; ponto de estrelas; ponto de recorte simples; ponto de recorte duplo; bordado de Maiorca; bordado das Caldas da Rainha; bordado da Jugoslávia; ponto de margarida; ponto de malmequer; ponto baixo desencontrado; ponto adiante guarnecido; renda de gancho; ponto de brocado; ponto de cordão; bordado de Florença; ponto de Bolonha sobre ponto de cadeia; bordado de Guimarães; ponto baixo; ponto pé de flor; ponto de crivo sem tirar fios; bordado da Moldávia; pesponto sobre ponto de cadeia; ponto de trigo; ponto entrelaçado sobre pesponto; ponto de casear duplo; ponto de Creta aberto; ponto de cobertor passajado; ponto de rebentos; ponto de conchas.

Não costumamos cobrar qualquer importancia pelos portes de correio, salvo nos casos de remessas á cobrança em que acrescentamos dois escudos ao valor total de cada encomenda.

Blusa de «tricot»

De corte moderno, esta blusa feita de malha de liga, pode, nos dias muito frios que se aproximem, ser usada debaixo dos casacos «tailleur» que, por imposição da moda, serão também curtissimos.



PRECIOSO!

O brilho irisado das pérolas nas suas unhas!

Nunca as unhas tiveram aspecto mais tentador. Fulguram, reluzem, acentuam o brilho das jóias mais raras que você use. Só CUTEX PEARL dá ás unhas aspecto tão opulento... ar tão luxuoso! Um verniz que realmente dura sem estalar. Em PINK, WHITE e ROSE PEARL — tão lindos que terá vontade de os experimentar todos.

Para uma beleza duradoura...

CUTEX

massas dão forças...

O ALIMENTO FAMILIAR POR EXCELÊNCIA DADA A SUA ECONOMIA. FACIL E RÁPIDA PREPARAÇÃO E ALTO VALOR ENERGETICO.

UM BOM PRATO DE MASSAS TEM LUGAR EM QUALQUER MESA.

É bom... é saudável, por isso... o Homem das Massas aconselha:

RECEITA 2

Sopa à Pescador com Cotovelos

Põe-se ao lume, numa caçarola, um decilitro e meio de azeite, duas cebolas medianas, cortadas miúdas, e dois dentes de alho esmagados. Quando a cebola estiver estalada, juntam-se 4 cenouras e 4 batatas, descascadas, cortadas aos bocados, dois litros de caldo de cozer a cabeça de qualquer peixe, um bom copo de vinho branco seco, salsa inteira, sal e pimenta.
Estando tudo cozido, junta-se 500 gramas de peixe prèviamente cozido, que ferverá mais 3/4 de hora. Passa-se depois tudo por peneiro metálico e o caldo volta ao lume com 250 gramas de «cotovelos». Logo que a massa esteja cozida, rectificam-se os temperos e serve-se em seguida.

ovie

COM MASSAS... A VIDA É MAIS GOSTOSA

OIÇA TODOS OS DIAS EM RÁDIO CLUBE PORTUGUÊS O «HOMEM DAS MASSAS»

Eduquemos o nosso filho!

As mães devem ser as grandes conselheiras dos filhos

Chegam as crianças a uma certa idade e, muitas vezes sem nós darmos por isso, tomam consciência de si mesmas, e de tudo que as rodeia. Quando tal descobrimos, quando nós, mães, constatamos que aqueles pedacinhos de gente, até então muito nossos, começam a ter vontade própria, tendências diferentes daquelas que quisemos incutir-lhes, quando, enfim, vemos claramente que o filho possui a sua personalidade, muito nos admiramos e até sentimos uma certa tristeza...

Não devemos, no entanto, ver nesta descoberta motivo para apreensões ou desgostos, porque o que se passa é natural, e, se é certo que a criança deixa em parte de precisar de nós, se ela começa a viver a «sua» vida, não é menos verdade que a nossa missão de conselheira requer ainda maiores cuidados, inteligência e intuição. Daí em diante não somos só a mãe, temos de ser também a irmã afectuosa, a amiga que sabe guiar e proteger sem despotismo, procurando sempre ser benevolente e compreensiva, para que as confidências do filho venham sem temores nem subterfugios que tanto deformam o carácter, roubando-lhe a franqueza e a espontaneidade, que são os maiores atractivos de uma criança.

A base de toda a boa formação moral é sempre a verdade. Essa verdade devemos nós, mães, cultivar com carinho, e para isso é necessário não pintarmos com negras cores qualquer pequena falta que nos seja contada pelos nossos filhos, nem usarmos de intransigências e puritanismos excessivos que servem apenas para cavar um abismo entre ambos, estabelecendo um limite na convivência, que deve ser sempre o mais íntima e franca possível. Só assim, só possuindo a confiança dos nossos filhos, poderemos ser a sua conselheira e confidente imprescindível, aquela que eles procurarão insensivelmente, mesmo sem nós o provocarmos. Para que tal se consiga é necessário ainda sabermos explicar-lhes inteligentemente os inconvenientes de tal ou tal conduta, desviá-los dos perigos pela persuasão e, principalmente, manifestar sempre um interesse compreensivo por tudo que lhes diga respeito.

O Mundo necessita urgentemente de dezenas de milhares de enfermeiras e visitadoras sanitárias competentes, como esta enfermeira de Saúde Pública do Peru, que vemos aqui conversando com uma das crianças que tem a seu cargo. A confiança mútua é a base indispensável para um trabalho frutífero

A educação dos rapazes

Mães! A educação dos rapazes não é menos importante nem deve merecer menos cuidados do que a das raparigas. E' preciso que os rapazes sejam, de pequeninos, educados no respeito pelas raparigas, suas companheiras do futuro. E' preciso encaminhá-los por caminhos dignos e honestos. E' preciso fazer desaparecer o conceito imoral e único de que «os rapazes são para a vida», de que «aos homens nada fica mal».

Mães! Está em grande parte nas vossas mãos o destino do Mundo! Fazei que os vossos filhos e as vossas filhas sejam, em tudo, dignos de se chamarem irmãos.

Quando os pais discutem na presença dos filhos

Discussões entre os pais! Triste espectáculo que devemos evitar a todo o custo que se desenrole ante os olhinhos assustados da criança! Se é certo que nem todos podemos possuir uma educação impecável nem nervos fácilmente dominàveis, a verdade é que, pela graça de Deus, o nascimento dos filhos desperta nos corações das mães e pais um amor tão profundo, que podemos sempre recorrer a ele para nos amparar e até ajudar nos momentos em que nos parece não termos forças para cumprir os nossos deveres para com os filhos.

Que nuvem negra, se acastela sobre a cabecinha da criança que vê, transida, expressões de revolta e intransigência em rostos onde só está habituada a ver ternura e compreensão! Afinal o pai e a mãe que tanto lhe ensinam a procurar compreender, perdoar e ver o lado bonito de tudo, também não sabem cumprir as regras que ensinam. E, se se zangassem de vez, que seria dele, filho? Que horror! Toda a segurança que a existência dos pais lhe garante se desmorona naquele momento.

Pobre pequenino que se sente perdido, suspenso sobre um abismo! E tantas vezes a nossa discussãozinha é motivada por pequenas coisas futeis, embora com o poder de fazer transbordar a taça já cheia de pequenos aborrecimentos longamente acumulados. Afinal, reflectindo um pouco, tudo se pode resolver com um pequeno encolher de ombros e um «falaremos nisso mais tarde», ou, ainda melhor, numa tróca de palavras cheias de boa vontade e compreensão, ditadas pelo nosso amor de esposos, e especialmente pelo amor que temos aos nossos filhos.

Em momento algum devemos esquecer que as rianças copiam, instintivamente, as atitudes dos adultos, sendo os pais os seus modelos preferidos, por serem aqueles que mais amam. Se tivermos sempre a preocupação de proceder com correcção, compreensão e amor; se tentarmos sempre a perfeição em todos os nossos actos, quer no que diz respeito ás relações com os nossos sentimentos, quer em todas as actividades inerentes á vida, — a nossa tarefa de educadores estará largamente facilitada. Porém, pior do que o mau exemplo que constitui uma discussão entre os pais na presença dos filhos, nos parece traumatismo moral sofrido pela criança ante tão triste e doloroso espectáculo. Façamos um esforço, que ás vezes terá que ser imenso, mas não deixemos quebrar nunca, nem embaciar, a magnífica torre de cristal que os pais constituem para os filhos, refugio seguro de todos os perigos e infelicidades deste Mundo.

Que, pais já velhinhos, largadas já das mãos trémulas as rédeas da vida, mas com o coração cada vez mais rico de compreensão, amor e ternura, saibamos conservar a preciosa torre de cristal para que os nossos filhos possam vir procurar junto de nós o conforto ou resignação para as contrariedades e infelicidades, agora já reais, que a vida, por vezes, tão pródigamente proporciona.

MARIA D OROSARIO

Está quieto! Aí não se mexe!

A mãe tem um livro, porventura bonito, sobre a mesinha da sala. O menino, que já anda, tenta alcançá-lo e pegar-lhe. Acode a mãe, que impede a criança de lhe tocar, talvez ralhando-lhe, ameaçando-a ou dando-lhe um sopapo na mãozita, com receio que ela estrague o livro. A criança chora e teima, porque não compreende a razão dos ralhos.

A mãe cometeu um erro. Passou-lhe despercebido esse maravilhoso trabalho do menino que consiste em tentar realizar o que ó adulto realiza, e conhecer as coisas que o rodeiam. Porque, evidentemente, a criança veio a um mundo desconhecido para ela, e está a tomar contacto com esse mundo. Os adultos têm um medo exagerado das pequeninas mãos que avançam para os objectos, e defendem-nos da criança.

Neste caso, além de desejar conhecer o que é um livro, o menino quer utilizá-lo como o pai e a mãe, quer sentar-se a folheá-lo, fixando as páginas e fingindo ler. E é capaz de o fazer sem danificar o livro; será até capaz de ter imenso cuidado e de o tratar com esmero.

Conheço crianças que são proibidas pelas mães de tocar seja no que for. Qual é o resultado? A criança sente-se repelida, contrafeita, manietada, porque não a deixam expandir-se quando afinal é capaz de fazer o mesmo que o adulto faz, embora para cada tarefa precise de mais tempo; e então, mal agarra qualquer objecto, foge com ele para um canto, mirando-o e remirando-o fazendo-me lembrar um cachorrito esfomeado. Ao passo que a criança a quem é permitido «conhecer» o que a rodeia, se porta normalmente e se habitua a realizar tudo sem esforço e com habilidade.

Mais uma vez friso: — Não há razão para se não deixar a criança tocar em coisas que não têm valor algum á vista do valor que consiste no desenvolvimento perfeito e completo de uma criança.

Devemos até sacrificar-nos, se criança, porque ela precisa da nossa ajuda e nos ama dedicadamente. Devemos até sacrificarmo-nos, se necessário for. Neste caso trata-se apenas de a deixarmos mover-se á vontade. E' a sua actividade mais necessária.

MARIA DE LOURDES FIALHO

A alimentação das crianças e dos adultos

Dos quatro aos dezoito anos a alimentação deve ser simultaneamente abundante, variada, simples e regular.

Abundante *porque a criança, em pleno crescimento, em actidade física e intelectual permanente, necessita de maior quantidade de alimentos, proporcionalmente ao adulto.*

Variada, *porque a criança, para o seu desenvolvimento, exige os materiais necessários á constituição do seu esqueleto, dos seus musculos, das suas vísceras, etc., materiais muito diferentes que ela encontrará, não em três ou quatro alimentos, sempre os mesmos, mas numa alimentação sempre variada.*

Simples, *quer dizer com um mínimo de preparos químicos ou condimentos.*

Regular, *porque a criança não suporta nem refeições, nem jejuns prolongados. A irregularidade das horas das refeições ou a abundancia destas conduz sempre a desordens fisiológicas.*

Naturalmente que alimentação abundante não significa excessos alimentares; alimentação variada não é sinónimo de cozinha picante; alimentação simples não quer dizer mal cuidada; alimentação regular é muito diferente das refeições monótonas e sem alegria.

CHARLES RICHET

A curiosidade infantil

Os seus filhos são curiosos? Regozije-se. A curiosidade infantil, em vez de defeito, é excelente factor educativo. Nunca nos devemos aborrecer com as perguntas das crianças. A boa educadora sabe que cada pergunta lhe oferece oportunidade para lançar no cerebrozinho ou no coração a boa semente. Em lugar do vulgar, infelizmente muito vulgar «deixa-me, não sejas maçador», cada pergunta infantil merece resposta inteligente que vá despertar na alminha em botão o sentimento da beleza, a noção da justiça, do dever e da bondade, o amor do trabalho e do próximo, um sentimento, uma virtude; assim se molda um carácter.

A criança é curiosa? Tanto melhor. Quer saber como as coisas são, como se fazem, para que servem? Excelente! Na menina que quer ver como se arruma a gaveta e o que se deita nos bolos, está o embrião da boa dona de casa. No menino que quer saber como é por dentro o «bonito» e por que brilham as estrelas, desperta o profissional consciencioso e entusiasta...

Esperar pela idade escolar para a criança começar a «aprender», declinar nos professores todo e qualquer ensino — que lamentável erro! Educação é instrução caminham a par, e os pais têm como ninguém o dever e a possibilidade de ensinar, esclarecer e orientar os filhos. No dia a dia surgem inumeras ocasiões de bem ensinar, de bem educar sem fadiga. E são essas pequeninas lições despretenciosas, entre dois sorrisos ou duas lagrimazitas, que ficam pela vida fora.

O velho papão da educação, carrancudo e fastidioso, já morreu. Hoje sabe-se que, se educar não é tarefa fácil, é, pelo menos, agradável e cheia de interesse. Hoje aprende-se sem constrangimento nem fadiga, longe da monotonia e da severidade, como se se tratasse de passatempo risonho, para quem aprende e para quem ensina.

Concurso-relâmpago da boa educadora

IX

Zèzinho teve um desgosto. Corre para a mãe, lavado em lágrimas, e conta o que se passou e enche de tristeza o seu coraçãozinho. A mãe acha sem importancia o desgosto do Zèzinho, tão sem importancia que lhe dá vontade de rir.

Que lhe parece, leitora? A mãe do Zèzinho procedeu como boa educadora? Diga tudo o que lhe ocorrer acerca desta pequena cena. Assine o seu nome, e indique a sua morada. Querendo, acrescente um pseudónimo. Envie o seu trabalho até ao próximo dia 29 para — «Diário de Lisboa» — Magazine — Página «Eduquemos o nosso filho» — Rua Luz Soriano, 44—Lisboa. O melhor trabalho será publicado e a sua autora receberá, como lembrança, uma assinatura da Revista «Os Nossos Filhos».

A MELHOR SOLUÇÃO DO SEXTO PROBLEMA

O prémio do sexto problema —«Está quieto! Aí não se mexe!»— foi atribuido ao trabalho da sr.ª D. Maria de Lourdes Fialho, de Lisboa. Parabéns.

Caixa do correio

CHIQUITA — MILÚ — MARIA DOS ANJOS — FLORA: Obrigada pelas vossas palavras de simpatia. Aguardo os vossos trabalhos. Porque não serão capazes? Nós somos capazes de tudo o que queremos verdadeiramente. Digam com simplicidade o que pensam e verão que afinal não é dificil. O que é preciso é tentar, com boa vontade e persistência. Até breve.

Oiça, mãezinha

Quando uma criança não ri, o cuidado maior dos pais deve ser investigar porque não ri e dissipar as causas que possam explicar a ausência de tão natural expansão.

*

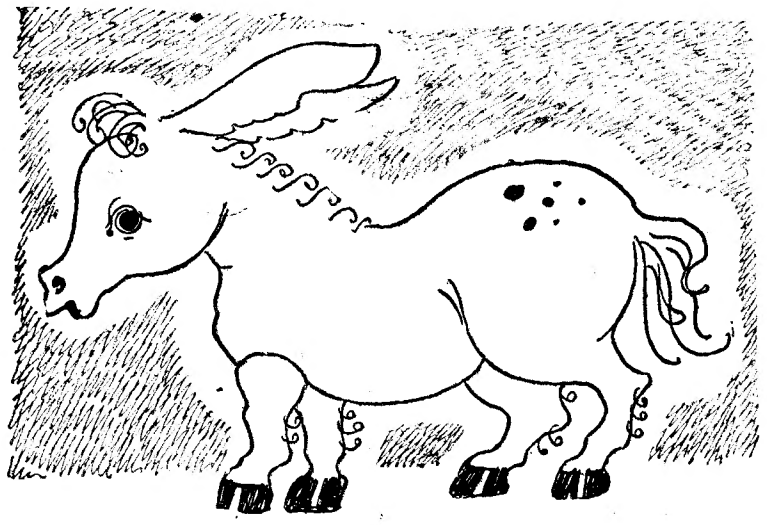
É fora de duvida que não convém alimentar a timidez na criança, mas combatê-la gradualmente e com inteligência. Em geral a criança não é tímida; fazem-na tímida os processos errados de educação que lhe dão a desconfiança e o medo, e a privam de toda a espontaneidade.

*

Estudemos o pensamento da criança, diligenciemos colocar-nos no seu ponto de vista e compreender as emoções que fazem vibrar a sua alma.

VIRGINIA DE CASTRO E ALMEIDA

QUEM QUER O MANJERICO?

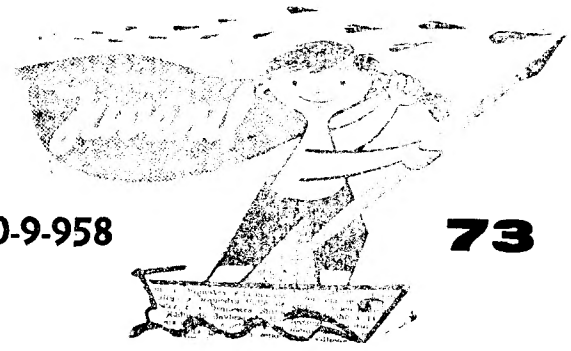


A nossa Amiguinha Louise Briar Russel deseja oferecer a um leitor do «JUVENIL» o seu dedicado companheiro de infância — o burrinho «Manjerico». **Tem sete anos, sabe zurrar em vários tons, dá coices às moscas, mas não gosta que lhe chamem burro, pois o homem estragou a beleza que a palavra tinha. Só responde, portanto, quando houve a palavra** «Manjerico».

A Louise Russel entregará o «Manjerico» **a quem for capaz de o tratar com verdadeira amizade, sem lhe pôr muitos carregos em cima, nem lhe bater.**

Esperamos as respostas dos candidatos.

Diario de Lisbôa



20-9-958 **73**

Textos
Augusto da Costa Dias, Mario Castrim e Manuel Salgueiros
Ilustrações
Tóssan e Figueiredo Sobral

Toda a correspondência deve ser dirigida para a Rua Luz Soriano, 44 a 48 — LISBOA

CONCURSO
GIGANTES DA HUMANIDADE

Pioneiro dos espaços superior e inferior — subiu a inexploradas alturas, antes de ele, e a profundidades oceanicas que poderiam encher de pavor o homem que não fosse corajoso... E' belga, mas todos o consideram um cidadão do Mundo, pois tem dedicado a sua vida á ciência, ao destemido conhecimento de tudo quanto nos rodeia.

E' justo relembrá-lo, nesta hora em que o Homem se prepara para vencer a força da gravidade e partir á conquista dos espaços.

As respostas devem estar no «JUVENIL» até ao próximo dia 29 de Setembro, acompanhadas dos seguintes elementos: data do nascimento, morada e nome completo dos concorrentes e bem assim, o seu numero de ficheiro, no caso de já o terem. Ao mesmo tempo devem indicar-nos os artigos que mais apreciaram no «JUVENIL» desta semana.

OS PROBLEMAS DOS JOVENS VISTOS PELOS JOVENS

• TABÚ •

Por Maria Luisa Rodrigues (18 anos)

Deixou-se arrastar pela multidão como se tivesse musculos de corda. Não só musculos de corda como sentidos enferrujados. Era sempre assim: parecia ter bebido demais. O ar pesava-lhe sobre a cabeça, denso que nem chumbo, e os olhos, turvados de vermelho, viam, num céu cinzento, laivos sangrentos como verdadeiros horizontes de Africa. Africa... o solo que cheirava a carne queimada, os pretos landins, a erva alta que escondia mundos — e sobretudo os ocres luminosos do poente. Isso fora há muito tempo, já, em menina — mas teria sido alguma vez menina? Decerto, porque hoje tinha 20 anos. «No entanto uma coisa pode excluir a outra» — pensou, com um pouco de amargura. Doía-lhe a cabeça. Dores que se contorciam entre os miolos como palhaços num circo. Deu mais uns passos e o salto ficou-lhe preso em qualqur reintrancia. Era uma coisa de tal modo deprimente, ficar descalça no meio da rua, sob os olhares maliciosos de meio mundo, que se pôs a maldizer intimamente aquela velha mania dos saltos de alumínio, dos buracos da rua e o hábito de ir sempre a pensar em coisas diferentes do que devia. O certo é que pensava em nada, mas isso era o bastante.

Entrou no ascensor, carregou num botão errado. Sentindo vergonha de subir e descer como um menino, galgou a pé dois lances de escada. As distracções acabavam sempre por prejudicá-la — só se curaria se pudesse ter um despertador ligado ao subconsciente que a acordasse no momento preciso. Na verdade, a mania de pensar ou recordar a propósito de ideias novas não a deixava. Estava farta daquela vida siamesa com o pensamento, com as sensações velhas, consigo própria. Escrevera, uns anos atrás, lá pelos dezoito. Veio a largar tudo. Enchia cadernos perguntando o que fazia no Mundo, que era o Mundo, que pensava, porque pensava... Respondia com paradoxos que redundavam em novas interrogações, o círculo apertava-se, círculo vicioso de impalpáveis e acabava com pachos frios na cabeça, ou, no melhor dos casos, com óculos escuros a esconder cavas olheiras. Ninguém acreditava que ela, menina ajuizada como no resto parecia ser, sentisse tudo o que escrevia. Criaram-lhe qualquer doença para justificar as manias. Odiou a doença imaginária e criou, por sua vez, uns complexos por sua causa, como aquele, tristíssimo, de nem sequer poder pensar ou endoidecer um bocado, a sós, sob pena de a levarem ao psiquiatra.

Entrou no quarto, onde as janelas tinham as persianas corridas. Como sempre, quando sentia medo, entrou, para surpreender e talvez assustar o próprio medo. Depois ergueu as persianas. Entrou o céu cinzento pelo quarto — e as manchas vermelhas tornaram a aparecer, desenhando poentes nas cortinas da janela. Sentou-se e... «Espera-me o regresso, a mãe, os amigos, as amigas...» pensou. «Posso agrupá-los numa classe pôr-lhes um letreiro por cima. Porém eu, sou eu. Com dezoito anos considerava isso a minha característica mais honrosa... Hoje, estou cansada. Moralmente cansada com esta qualidade de ave rara, que nenhum caçador conseguiu por muito tempo ter na mão... A' força de me esconder, perco-me. Procuro reacções, repito ideias, forjo ofensivas, como se tentasse definir-me por ciência experimental. Para cada facto, uma interpretação: mas quando surgem duas semelhantes, desconfio da coincidência que me faz agir duas vezes igual... Sinto-me pequena no espaço dum mundo monstruoso. Pequena demais, porque nem me resta a própria consciência de que existo e sou alguém... Estranha insatisfação. Queria compreender-me... ou que alguém me compreenda? Vinte anos — e nunca ninguém se abeirou de mim e disse «Fala...». A mãe? Não posso julgá-la; é minha amiga, não há duvida, mas... falta qualquer coisa. Não posso julgá-la e retalhar-lhe a indiferença a bisturi... Dinheiro, dinheiro, dinheiro e... «confio em ti, minha filha»: que se esconde por detrás da confiança? O egoísmo? Tenho medo de saber. As amigas alimentam-se das minhas histórias exteriores — e eu que sempre tive uma longa, uma difícil história interior para contar!»

Tocou no botão branco duma campainha negra incrustada na porta. «Uma bebida fresca» — pediu, num inglês titubeante. A língua estranha (embora tivesse levado a vida com explicadores, a aprendê-la) deu-lhe a noção asfixiante de estar só no Mundo. Sorri udistraídamente ao criadito negro; e logo, numa grande curiosidade, apontou-lhe o pulso. Jazia pendurada duma pulseira de cobre uma, máscara grosseira, espécie de fetiche de algumas tribos africanas. —«Que é isso, pequeno?» — «Tabu». Ela corou; no mesmo instante se sentiu ridícula e mandou sair o miudo com um gesto de cabeça. Não podia fugir ao encanto subtil da palavra. Tabu era ela própria — ou a miragem de algum espírito estranho que a encarnara. E recordou-se, semicerrando os olhos, que o seu unico namoro sério se acabara com uma discussão estupida. E amara. Mas porquê todos os outros a enraizarem-lhe a ideia de que era infalível? A criarem-lhe o gosto da indiferença, do desprezo, do orgulho, a ansia de agradar e viver com os sentidos na ponta dos dedos? Daí aquelas suas palavras — «Não fujas... de que te vale fugir, meu tonto? Não vês que, através de mim, o meu feitiço te olhou nos olhos, te roçou as mãos e penetrou em ti no cantico da minha voz?»

Hoje, a lembrança da frase dava-lhe náuseas. Como pudera acalentar aquele seu ridículo Tabu omnipotente, falso ídolo de pés de barro? Sonhos cor-de-rosa, só isso.

—«Minha pobre rapariga!» — respondera ele. «O que tu pensas! Se é verdade que somos uma reincarnação de outra vida, o que não acredito, podes ter a certeza de que, nessa, nunca adorei. Amon-Ra ou o Boi Ápis, e agora muito menos adorarei o teu quimérico Tabu. Isso é uma fantasia de negros e, quando muito, uma marca de perfume... Se ele te fica bem a perfumar a pele, vai-te horrívelmente envenenar as ideias... Tu, que és inteligente, não vês o ridículo desse mito que arranjaste? O teu feitiço é muito precário. Tão vão, tão frágil, que se pode evaporar ao menor sopro... Sabes que todos têm o «seu» Tabu? Este Tabu é a nossa Juventude, a nossa furia de viver, de amor, de ideal, que dá brilho aos olhos, magia á fala. E, mais tarde, o juízo sensato, a bondade, a compreensão, o altruismo... Porém é o «feitiço mau», o «espírito raivoso», como dizem os negros, dos que dele fazem uma religião, como tu. Supõe, querida — isto num exemplo comezinho— que os teus olhos perdiam o brilho ou o teu corpo a graciosidade... Será necessário dizer mais? Não há um Tabu eterno — e nós, que hoje somos jovens, amanhã seremos velhos. O Tabu morre — nós é que podemos perdurar ainda para além dele, se, na velhice, soubermos ser jovens».

—«A unica coisa que creio ter fielmente amado foi a minha essencia, eu própria, a minha maneira de pensar, de agir, de querer; de ver os outros e de me ver sob o meu prisma, como melhor me apraz e satisfaz a imaginação...» — pensou.

«...E ele quebrou o meu ídolo de pés de barro... E fiquei só, só comigo...»

Poderia erguer nova felicidade sobre os alicerces da outra? Mas esse fim fora uma fantochada, um jogo de palavras, de perguntas e respostas sem pés nem cabeça! Todo o fim, afinal, é isso. Só de o lembrar patenteava-se-lhe a irreverencia da Juventude, o seu gosto de acalentar ideias absurdas, sem receio das consequências e da sua repercussão no futuro. Hoje, porque sofreu, compreende.

Ergueu-se. De pé, tomou a bebida que já não estava gelada. Pegou na mala, nas luvas e saiu. Vinha-lhe um desejo de se atordoar nessa cidade estrangeira. Iniciou pela trigésima vez, senão mais, a ronda pelas lojas. Sorriu, de repente, para a montra da ourivesaria e, lá dentro, experimentou a pulseira. Era precisamente igual á do pretito do hotel. Pagou uma exorbitancia: — «Tem de ser — consolou-se. Agora os Tabus só se conquistam com muito dinheiro. Por isso Tabu já não é Felicidade. De resto, isso não se coaduna com pulseira de ouro... Que inveja vão ter as amigas quando a virem!...»

(Amigo n.º 449)

FLASH

Um sonho desde o rio

A' beira da rua larga onde moramos, onde tudo ignoramos, mesmo á ilharga destas árvores a cuja sombra materna nos acolhemos, corre o bairro pobre comido pelo Sol, de Verão, pelas enxurradas, em Janeiro.

Quase ia jurar ser eu o unico habitante desta rua burguesa que sabe da existência do bairro ingreme, ás cavalitas na colina ocidental derreado, tal um cavaleiro sem forças. De vez em quando, vou por aí fora, a ver mundo. Não preciso de muito. Alguns passos adiante, descidas umas escadas de quebra-costas, estou no subterraneo, diante das barracas cheias de cicatrizes como se acabassem de sofrer um bombardeamento, das bodegas esconsas cheirando a mofo e a ratos, das mulheres que, apesar das doenças e dos filhos ranhosos apegados ás saias, têm um porte orgulhoso, uma expressão severa e digna.

Não me perguntem que vou eu lá fazer. Eu próprio não o sei. Talvez para me temperar da realidade, talvez para habituar os meus olhos a terem sempre presentes motivos de solidariedade, razões de viver — e de lutar.

Estive lá ontem e saltou-me logo á vista um automóvel enorme, aquilo a que chamamos um «espada». Fiquei tão admirado como se visse uma guardadora de perus vestida á princesa, o dono dele era um sujeito alto e magro, com um casaco branco, de linho, chapéu branco também, ligeiramente tombado para a direita. O homem tinha ar de pessoa doente, a pele escura, sardenta ou manchada. Uma veia azul, com um nódulo roxo bem visível, latejava-lhe na fronte branca — ainda não atingida pela cirrose. Carregou na busina dois sinais breves — e em menos do que levo a contá-lo (como se diz nos romances de capa e espada) a rua ficou coalhada de meninos zaranzas, esfolados e rotos.

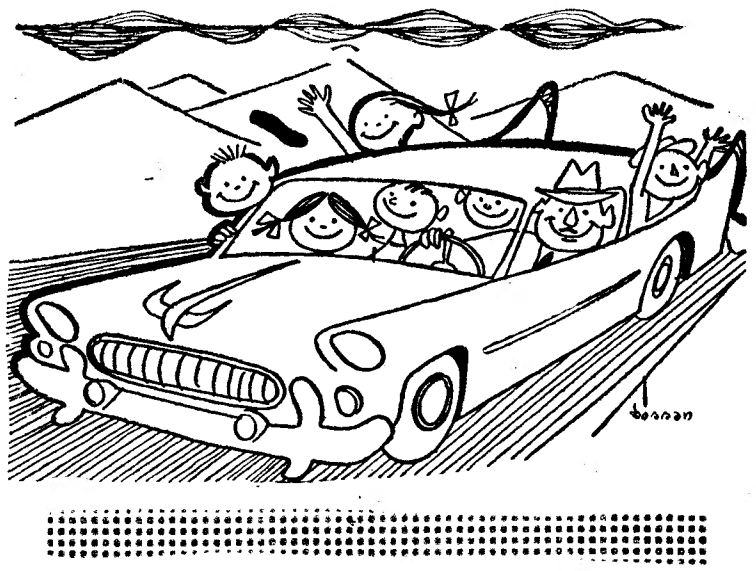
—Vamos, mininos, vamos dipressa, qui si está fazendo tarde.

Não sei que automóvel foi aquele que levou quantos meninos despejou o bairro e mais as maletas de um. O dono, ao volante, sorria — vão-lhe dar cabo de tudo! — dizia uma mulher, no passeio.

—Deixe o mininos, não tem mal não. Si soubesse como eu sonhei com isto lá no Rio...

Vão dali com carta de prego. Praia, campo, bolos, chocolates., Voltam já noite, todos lambuzados e felizes. Em casa, os pais, a família toda, cercam os «mininos», ouvem, pasmados, o relato de outro mundo em que há pinheiros, bolas ás cores, balancés, pão com fiambre. E aquilo dura já uma semana...

Longe, no seu hotel de primeira classe, um sorriso amacia o rosto glabro queimado pela cirrose.



Gramática de meio palmo para gente de palmo e meio

Décima terceira história:

«ASSIM NASCEU O PORTUGUÊS!»

Hoje, és menino. Amanhã, serás homem. Hoje, és filho. Amanhã, serás pai... Tal qual o que acontece com as palavras. Como nós, as palavras nascem, crescem, casam (ou ficam solteiras...), têm filhos, morrem...

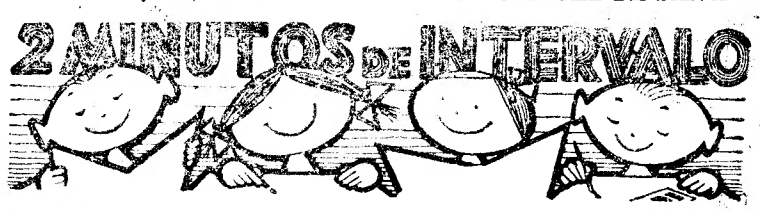
A mamã da língua portuguesa foi o *Latim*. O Latim foi a língua escrita e falada pelos Romanos, que habitaram, há muitos séculos, na actual Itália e que se tornaram, por conquista, senhores do mundo de então. Os Romanos chegaram até á Península Ibérica e cá deixaram a língua, a cultura, a civilização. E foi precisamente desta mistura do Latim com a língua falada pelos naturais que surgiu o Português. As palavras portuguesas são, na sua maioria, filhas de palavras latinas. A palavra-mãe chama-se *étimo*. Queres saber como nasceu a *Lua?* Os Romanos diziam *lunam;* depois, pelo contacto natural, as nasais *n* e *m* «eclipsaram-se» (os «eclipses» têm os nomes de *síncope* e de *apócope*, respectivamente...). ...E a menina Lua viu a luz do Sol!

Tu tens na escola colegas cujos papás são alemães, franceses ou espanhois, não tens? Os papás desses meninos vieram para o nosso País e cá lhes nasceram os filhos... Pois bem: como sabes, os Celtas, os Fenícios, os Gregos, os Visigodos, os Árabes também invadiram a Hispania, cá deixando um pouco dos seus usos e costumes... Assim, temos palavras de origem *céltica* (cerveja...), de origem *fenícia* (purpura...), de origem *grega* (otorrinolaringologista...), de origem *visigótica* (guerra...) e de origem *árabe* (quase todas as palavras principiadas por *al* — Algarve, alguidar, alcagoitas...).

No século XV, porém, Portugal «deu novos mundos ao Mundo», que é como quem diz descobriu novas terras e novas gentes. Estas gentes de novas terras falavam, naturalmente, as suas línguas... Claro que, em convívio com os Portugueses, receberam termos da nossa terra, dando em troca termos seus. Foi assim que da *China*, por exemplo, nos veio uma linda palavra, impregnada de musica e mistério orientais, *bambu;* que da *Pérsia* chegou até nós *xá, damasco*...

Ainda hoje, a língua se está enriquecendo com novos termos e novas expressões que o povo, na sua ansia de se fazer compreender e de se expressar, a cada momento inventa. Os escritores, também. Assim, vão aparecendo os *neologismos*. Em compensação, há palavras que vão ganhando bafio, que vão ficando no esquecimento, como pertença do passado, guardadas no bau das coisas velras; são os *arcaismos*. É certo que alguns vocábulos novos são horrivelmente feios, autenticos monstros, impróprios para andarem na boca dos meninos educados. São as palavras de *calão*, isto é, da gíria popularucha. Por outro lado, os meninos-bem, têm igualmente uma linguagem muito característica: é uma «salada russa» de Português, Inglês, Espanhol, Italiano, Chinês, Francês (eu sei lá)», a que eu, servindo-me da designação do prof. Vasco Botelho do Amaral, costumo chamar «asneirês-disparatês». Esta «salada russa» tem *galicismos*, palavras e expressões vindas da França, *anglicismos*, vocábulos oriundos da Inglaterra, *italianismos*, termos importados da Itália, *castelhanismos*, modos de expressão nascidos em Espanha, *germanismos*, palavras naturais da Alemanha. Infelizmente, muitos destes *estrangeirismos*, á força do hábito que se transformou em vício, ganharam raizes e floresceram dentro do Português. O mundo desportivo está cheio de exemplos, quase todos de origem inglesa — futebol, voleibol, basquetebol, etc., etc. Não temos outro remédio senão aceitá-los. Na medida do possível, contudo, cumpre-nos evitar estes termos estrangeiros, quase sempre com correspondentes portugueses. Ao menos, saibamo-los dizer e escrever «á portuguesa». Como acontece com o *cinemascópio*. A fauna moderna, de rabo-de-cavalo e penteado «á diabo», das danças desengonçadas, diz «cinemascope», «á inglesa curta». Quando ouvires esta asneira, pergunta a quem na disse se costuma ver as estrelas pelo «telescope» ou os micróbios pelo «microscope». Tu, menino de palmo e meio, ensina Português a quem não tem meio palmo de amor pela lingua madona...

LUIS MANUEL DA SILVA



Pensamentos que fazem pensar

O prémio desta semana — Um Livro — coube ás nossa Amiga Olga Maria Alves Correia Martins, de Lisboa, que nos mandou os pensamentos que seguem. Em especial o pensamento de Henrique IV vou copiá-lo para o meu caderno. Obrigado, Olga.

«As boas resoluções são como as agulhas. Seguram-se com dificuldade».

(Alexandre Dumas)

«A lisonja — eis um tóxico cujo veneno é perigoso, exactamente por ser doce e insensível».

(Saint-Cyran)

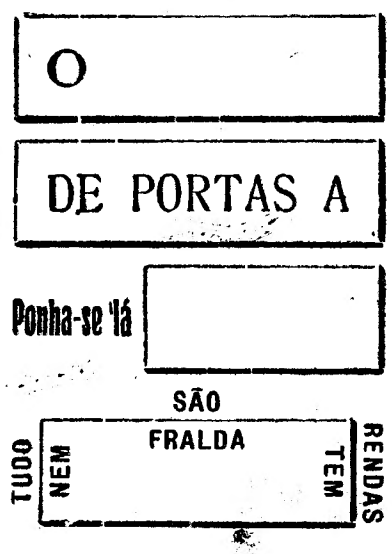
«Um espírito leviano esquece; um espírito generoso, perdoa».

(Valfour)

«A melhor maneira de nos libertarmos de um inimigo é transformá-lo num amigo».

(Henrique IV)

Hieroglifos comprimidos



Teste de inteligência para os teus irmãos mais novos

4) X... namora Y... Nas férias separaram-se. Cada qual, naturalmente, teve de seguir os pais. Mas escreviam-se quase diáriamente.

X... punha nas cartas toda a sinceridade, toda a poesia, toda a intimidade do seu primeiro amor. Passado algum tempo, soube que Y... mostrava essas cartas a diversas pessoas amigas (ou simplesmente conhecidas). X..., embora sofresse com isso terminou o namoro.

Achas que procedeu bem ou mal! Porquê?

5) «Não há tempo! Não há tempo!» gritam os Americanos nervosamente.

E criaram as selecções, os digestes, os resumos de obras-primas.

Achas que esses resumos constituem uma degradação da arte, do espírito, ou achas, pelo contrário que eles favorecem o espírito, a arte, a cultura? Porquê?

6) A civilização mercantil e industrial em cujo seio vivemos concentra seus principais focos (bancos, fábricas, oficinas, lojas) nas cidades. A cidade, campo de lutas impiedosas, é assim execrada por certos espíritos que pregam, em oposição, o retorno ao campo, á inocência, á paz das aldeias «made in Julio Dinis».

Concordas com eles? E' isso viável — ou desejável? Porquê?

Soluções

Perguntas á espera de resposta:
Rubinstein, piano; Guilhermina Suggia, violoncelo; Paganini, violino.

Para os «ursos»
Corvo, Edgar Poe; melro, Guerra Junqueiro; boi, Afonso Lopes Vieira; urso, Vitor Hugo; cavalo, Cervantes; cigarra, Miguel Torga; cão, Jack London.

As capitais disfarçadas:
Madrid, Londres, Lisboa, Berlim. Bruxelas.

Enigma figurado:
Por sol que faça, nunca deixes a capa em casa.

AVÓ

—Avó, por que tens uns olhos tão cansados?

—De tanto chorar, meu filho. Não reparaste ainda que, quando chove, os vidros ficam embaciados?

—E por que tens os cabelos todos brancos?

—De tanto sofrer. As folhas amarelecem quando vem o Outono. E eu já vivi tantos outonos...

—É verdade. Mas por que tremem tanto as tuas mãos?

—Estão fatigadas. Embalaram quatro filhos e amortalharam dois.

—E o teu coração, avó, por que bate tão devagarinho?

—Porque já está pertinho da terra. As velas dos moinhos andam mais velozes no cimo dos montes.

—Compreendo, avó. Mas por que arrastas tanto os pés?

—Andei muito e por maus caminhos. E sabes? Nunca tive outros pés para andar senão os maus.

—Afinal, avó, para que viveste? Os teus olhos arderam de tanto chorar; os cabelos destingiram com o sofrimento; amortalhaste dois filhos e as mãos ficaram trémulas; arruinaste os pés por maus caminhos. A vida foi má para ti, avó!».

—Não meu filho. Tu existes, tu vives — e só para isso teria sido bom viver e para dizer à vida: Obrigado! A um elo enferrujado e gasto vem juntar-se um elo de prata. Não é maravilhoso?

—Sim, avó. Mas o elo de prata — és tu.

MÁRIO CASTRIM

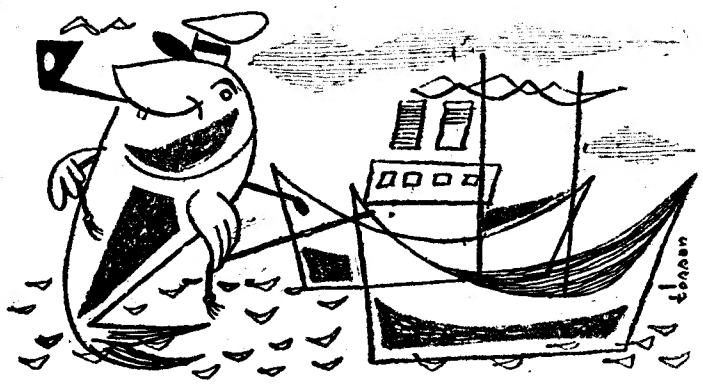
O «Diário de Lisboa Juvenil» publica-se para ti, aos sábados!

ANIMAIS ESSES DESCONHECIDOS

UMA HISTORIA VERDADEIRA QUE PARECE MENTIRA

por Maria Helena Costa Dias

As costas do Norte da Nova Zelandia são, sem duvida, das mais perigosas para a navegação — uns 5 quilómetros, formando um braço de mar traiçoeiro, cheio de baixios e rochedos disfarçados pelas águas. E' chamado este braço de mar, o Pelorus, um verdadeiro pesadelo para os navegantes. Quando o mar costume, dirigir o barco. Ao aproximar-se do costado, dizem os marinheiros, rápidamente mergulhou e não mais foi visto. O nevoeiro estava cerrado... e não tardou que o navio encalhasse e se afundasse. Isto foi em 1905 e até 1912 nenhum naufrágio se registou, mais porque também o golfinho não mais faltou.



se enevoa, mal se pode caminhar a passo, metendo a sonda aqui e ali, em busca de um perigo sempre iminente: encalhar nos escolhos que se não vêem, por entre as águas e a névoa; os olhos inquietos perscutam o silêncio, sempre á espera do choque fatal.

Um dia, em 1871, o «Brindle» seguia a medo por entre os escolhos encobertos pelas águas e envolto tudo em espesso nevoeiro. De repente, á frente do barco salta um corpo escuro, um grande corpo escuro. Por entre a fraca visibilidade que o nevoeiro permitia aos homens julgou-se, primeiro, que era uma baleia ou um cachalote. Mas o capitão sabia que a baleia habita as grandes profundidades. Não podia ser aquilo que corria, saltava, brincava, na frente do navio. E o capitão não fez mais que segui-lo, na certeza de não chocar com escolho algum.

Poucos instantes depois de passar a zona perigosa, o animal mergulhou e não mais foi visto em toda a viagem. O barco seguiu a sua rota, não sem que no coração dos seus homens se erguesse um coro de gratidão por aquele piloto improvisado.

Piloto improvisado, sim, porque durante mais de quarenta anos, este animal — um golfinho — parecia saber quando chegaria um navio ao difícil canal; e por entre os inumeros escolhos o guiava, deixando-o logo que o perigo havia passado.

Assim que os marinheiros avistavam aquele piloto de mais de quatro metros de comprido, não se preocupavam mais com as dificuldades, com a extrema necessária cautela: bastava seguir o golfinho, pois sabiam que ele não se aproximaria dos rochedos, antes saltava, sempre, em águas profundas. O golfinho é um dos animais marinhos mais velozes; e o barco seguia-o a todo o vapor, sem receio de abalroar.

Um ano depois daquela viagem do «Brindle», em 1871, todo o Mundo já sabia da existência do golfinho amigo dos marinheiros e todo o Mundo o venerava pela segurança que oferecia á navegação. Ele não escolhia os navios, escoltava-os a todos e parecia, mesmo sentir, pelas embarcações um amor especial; quando avançava um pouco mais, voltava atrás e esfregava-se no costado do navio.

Um dia, trágico dia foi esse para a navegação, um passageiro ébrio atirou sobre o golfinho e atingiu-o, perto da cabeça. O animal, dorido, mergulhou e desapareceu. Não é preciso dizer que o criminoso levou uma justa correcção e só não foi lançado borda fora, por intervenção do comandante.

Semanas passaram, barcos passaram a medo, e o bom do «piloto» não aparecia. O coração dos marinheiros voltou a ensombrar-se. Sentiram saudades e tristeza.

Uma manhã brumosa, eis o golfinho de novo no seu posto. Urros de alegria saudaram a sua reaparição. O Governo promulgou uma lei de protecção do mamífero benfazejo castigando severamente quem lhe fizesse mal. E estes quarenta anos desfilaram, e os barcos passaram o estreito sem receio, vigiados pelo «piloto». Só há notícia de um naufrágio, durante tão longo espaço de tempo; foi, precisamente o do barco de onde, num dia funesto, um passageiro ébrio atirou sobre o golfinho. Aqui é que a história parece mentira, mas todos os jornais da época relataram aquele caso estranho. O golfinho viera, como de

Mas esta data foi fatal para a navegação. Depois que os pescadores de baleias vieram para levar um grande carregamento delas, o «piloto» não mais apareceu no seu posto. Os jornais de todo o Mundo falaram e lamentaram a sua morte. Nunca mais se soube se havia sido apanhado pelos pescadores que, perante o ódio mortal dos marinheiros se deslocaram para outras paragens. Porém, era tarde demais. (Ou porque tivesse sido apanhado na traição dos homens ou porque a desilusão o havia afastado, o certo é que o amigo dos marinheiros não mais voltou. E deixou no coração destes, uma sentida e justa saudade...

RAMALHO ORTIGÃO

Conhecer qualquer coisa apenas «por ouvir falar» **não interessa. E' o ideal do papagaio. E que dizer ainda se falamos de cor acerca de um grande escritor do passado?**

Os nossos leitores maiores de 17 anos já conhecem as «Farpas», de Ramalho Ortigão? Eis um livro que devem ler, por variadas razões. Primeiro, aprenderão a espevitar o espírito crítico, a olhar com inteligência aquilo que os rodeia. Ramalho, como todo o ser humano, não é infalível; pode errar nas suas apreciações; mas o que interessa é o seu esforço, a sua atitude mental de não aceitação submissa das «verdades» que lhe apresentam.

Vem a seguir o exemplo de verdadeiro amor pela Pátria. Denunciar os erros que nela se praticam, ajudar, construtivamente, a modificá-los, esclarecer, estimular os nossos compatriotas — é um exemplo que deveremos sempre seguir.

Finalmente, Ramalho Ortigão é um belo escritor de prosa simples, directa, isto é sem arrebiques, saudável.

A' Livraria Clássica Editora se deve a reedição de toda a obra do grande escritor e a preços acessíveis. Cada volume custa, com efeito, 20$. Eis um programa que lhes apresento: a compra das «Farpas», de Ramalho Ortigão. Todos os meses um ou dois volumes.

OBRAS-PRIMAS

Numa das ultimas semanas referimo-nos a uma obra-prima do grande romancista recentemente falecido, Roger Martin du Gard: «Os Thibault». A propósito, um dos nossos leitores pediu que indicássemos sempre que possível uma obra-prima acessível a jovens maiores de 17 anos.

Vamos começar a satisfazer tal pedido. Hoje falaremos de Thomas Mann, também Prémio Nobel da Literatura e autor de verdadeiras obras-primas. Em Portugal estão editados os seus principais romances: «Montanha Mágica» e «Brudenbrook». O primeiro, obra verdadeiramente excepcional, só pode ser recomendada a espíritos bastante amadurecidos, isto é com preocupações adultas. Não porque o assunto seja escabroso; mas porque os problemas que levanta exigem uma forte formação intelectual, pois é um livro pouco acessível. Os «Brudenbrook» contam a história de uma família alemã, e são, no bom sentido, uma verdadeira obra histórica.

Aqui têm a obra-prima que lhes recomendamos esta semana. Trata-se de uma edição de Livros do Brasil, Ld.ª e pertence á sua Colecção «Dois Mundos».

Concurso da semana

As vogais estão de férias

As férias, tu bem vês,
quase que não são mais.
Porém, inda uma vez
nos faltam as vogais

Para os livros merecer
que há para prémios, lembro
que deves responder
até seis de Setembro.

Descansa, mareante!
E' noite, mas o Sol
acorda, vigilante
na luz deste FRL!

Prato vai, prato vem...
E só termina a dança
quando justiça é feita
nos pratos da BLNÇ.

Com os astros que se somem
entramos em despique.
Bip, Bip... «Glória ao Homem!»
Canta o SPTNK!

São mais de oito mil metros
tocando o azul celeste.
Seja a tua Bondade
alta como o VRST!

Rica e tão pobrezinha
E que lição tamanha!
Cantando mói farinha
no rio, a voz da ZNH.

SOLUÇÕES DOS CONCURSOS DO SUPLEMENTO N.º 71: I — AS VOGAIS ESTAO EM FÉRIAS: Pirilampo, raposa, condestável, esperança, semente. II — GIGANTES DA HUMANIDADE: José Haydn.

Vencedores

1. — Amigo n.º 182 — António Maurício Estêves (Figueira da Foz).

2. — Amigo n.º 945 — Haria Helena Nunes Correia (Queluz).

3. — Amigo n.º 1.077 — Manuel Godinho de Matos (Alcobaça).

4. — Amigo n.º 1.210 — Adão Oscar Alvarenga (Mesão Frio).

5. — Amigo n.º 1.267 — Herculano Santos Ferreira (Lisboa).

6. — Amigo n.º 1.289 — José Henrique Duarte Mendes (Lisboa).

7. — Amigo n.º 1.297 — José Manuel Vieira Parraca (Aljustrel).

8. — Amigo n.º 1.298 — José H. D. Mendes (Lisboa).

Prémios

1. — «A PISTA DA NEVE», por Albert Bonneau — «Os MELHORES ROMANCES DE AVENTURAS» — Livraria CLASSICA EDITORA.

2. — «DEZ MULHERES EXCEPCIONAIS», por Américo Faria — Livraria CLASSICA EDITORA.

3. — «A CARAVELA AZUL», por A. Bonneau — «OS MELHORES ROMANCES DE AVENTURAS».

4. — «A PEROLA DE MINDANAU», por A. Bonneau — «OS MELHORES ROMANCES DE AVENTURAS».

5.—«A MARCA DO LEOPARDO», por A. Bonneau — «OS MELHORES ROMANCES DE AVENTURAS».

6. — «OS GIGANTES DA FLORESTA», por A. Bonneau — «OS MELHORES ROMANCES DE AVENTURAS».

7. — «A PISTA DA NEVE», por A. Bonneau — «OS MELHORES ROMANCES DE AVENTURAS».

8. — «O DOMADOR DE POTROS», por A. Bonneau — «OS MELHORES ROMANCES DE AVENTURAS».

9. — Amigo n.º 962 — Maria Alzira S. Seixe (Moita do Ribatejo).

PRÉMIO ESPECIAL PARA O MELHOR TRABALHO SOBRE HAYDN

9. — «O MISTÉRIO DA ESTRADA DE SINTRA», por Ramalho Ortigão e «CRONICA DE D. FERNANDO», por Fernão Lopes.

FIM

Hoje termina aquela grande aventura de Max e de Porter através da milenária História do Homem. Durou vinte e sete semanas. Vinte e sete semanas em que todos assistimos a factos de que nem suspeitávamos a existência. Chegados ao fim, não podemos deixar de aplaudir as palavras do nosso amigo Max. Ao oferecer aos jovens Portugueses esta primeira edição da «História e Pré-História do Sabão», a Companhia União Fabril faz votos para que os jovens leitores do «Diário de Lisboa Juvenil» queiram escrever um novo capítulo da «História do Asseio Humano».

A MENINA E A ROSA

Por MARIA EXALTINA GIL

Uma menina passou.
–Tão airosa !...
Ao passar olhou a rosa
–Que linda ! – murmurou
E passou...

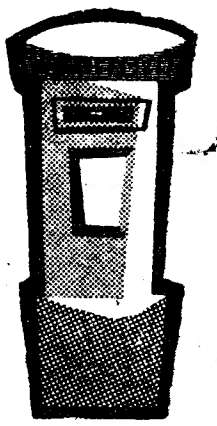
Depois voltou a passar
E a olhar a rosa.
–Tão formosa ! – pensou.

Vi a menina parar,
O seu corpinho inclinar,
E a mãozinha estender
Para a rosa ir apanhar.

Mas não a chega a colher...
E ouço-a mormurar :
–É pena. Pode morrer !...

A menina passou
a saltitar...
A rosa lá ficou.
E nela a borboleta
foi pousar...

Amigo N.º 984



DIÁRIO DE BORDO

Amigos novos perguntam-nos o que é necessário para se entrar na grande família do JUVENIL:

1.º — ter o máximo de 20 anos;

2.º — indicarem-nos a sua data de nascimento, o nome completo, a morada, e em que se ocupam.

3.º — tendo em vista a atribuição de prémios, convém que nos indiquem também as suas habilitações.

O resto é comprar e ler o JUVENIL.

Quanto aos concursos, pelo próprio facto de serem amigos do JUVENIL, não lhes é exigido mais nada.

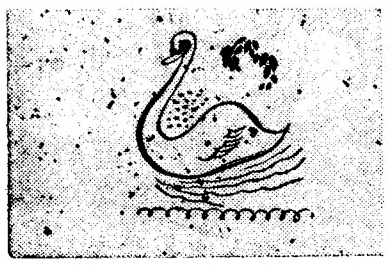
Eis a lista dos Amigos novos entrados nesta semana:

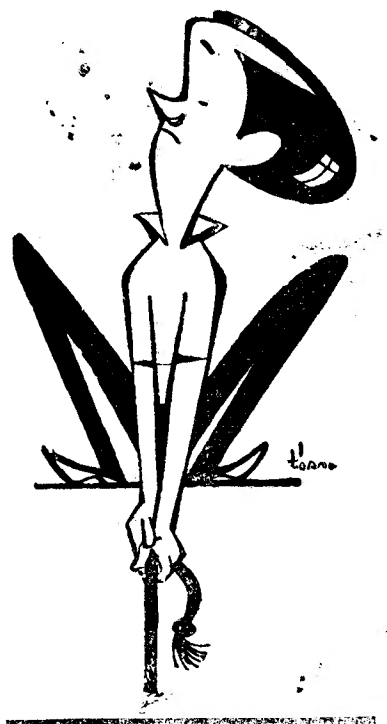
1249 — Maria Teresa Baptista Ganho (Coimbra); 1250 — Maria Teresa Chaves Gonçalves (Trás-os-Montes); 1251 — Maria Angelina Holbeche (Peniche); 1252 — Henrique Fonseca Rodrigues (Lisboa); 1253 — Alberto Cardoso de Matos (Queluz); 1254 — Amadeu Lopes Sabino (Elvas); 1255 — Ana Maria Sande e Silva (Lisboa); 1256 — Maria de Fátima Monteiro Guerra (Lisboa); 1257 — Maria Amélia da Silva Chagas (Lisboa); 1258 — Augusto José do Carmo Pereira (Lisboa); 1259 — Saturnino Raposo Lopes (Aljustrel); 1260—Maria Eduarda Nogueira Cavaco (Aljustrel); 1261 — Teófilo Valente Araujo (Almada); 1262 — Maria Candida Leal (Coimbra); 1263 — Carlos Manuel Ladeiras da Silva (Moscavide); 1264 — Maria Cristina Pereira (?); 1265 — Manuel José Guedes Vieira (Lisboa); 1266 — Raul Folhas Ventura (Lisboa); 1267 — Herculano Santos Ferreira (Lisboa); 1268 — Euclides Marques da Silva (Lisboa); 1269 — Isabel Freire Galveias (?); 1270 — Teresa da Cunha Telles Hall (Lisboa).

1296—Manuel P. Santos da Costa Oliveira (Lisboa); 1297 — José Manuel Vieira Parraca (Aljustrel); 1298 — Margarita Ibañez Lanz (Peniche); 1299 — José H. D. Mendes (Lisboa); 1300 — Maria Leonor Rebelo de Macedo (Lisboa); 1301 — António Freire (Lisboa); 1302 — José Manuel (Amadora); 1303 — Fernando Barjona de Freitas de Moura (Alcanhões); 1304—Fernando Pereira da Silva Miguel (Lisboa); 1305 — Maria Lucinda Verdim (Santarém); 1306 — Maria Julia de Brito Barbosa (Olhão); 1307 — Isabel da Costa Pinto (Cascais); 1308 — José Santos Marques Ferreira (Lisboa); 1309 — Fernanda Julieta Lopes (Lisboa); 1310—Manuel José Valadas Gonçalves (Estremoz); 1311—António Augusto Maurício (Sintra); 1312 — Maria Emília da Silva Bandeira (Lisboa); 1313 — Carlos Alberto Alexandre Cruz (Belas); 1314—Maria Helena Moreira de Sá (Lisboa); 1315—Mário Seixas Louçã (Lisboa); 1316—Luís Filipe Pereira (Elvas); 1317—José Joaquim Mota (Algés); 1318—Vitor Manuel Lopes Sabino (Elvas); 1319—Maria Madalena Santos (Parede); 1320—Lícinio Julio Dominguez (Pampilhosa); 1321—Fernando Manuel Soares (Mirandela).

A todos os novos Amigos, muito boas vindas.

TROTE





HOJE

ROMA

GRÉCIA

TERRA SANTA

PRÉ-HISTÓRIA

ALMA SÃ EM CORPO LIMPO

XXVII — A CHEGADA À META

Naquela manhã todos os membros do Clube Japonês receberam um cartão de visita em que se liam os seguintes dizeres:

V. EX.ª DECLARA QUE TEM TODO O PRAZER EM CONVIDAR UNS POBRES PEREGRINOS PARA A FESTA QUE HOJE PIEDOSAMENTE LHES DEDICA NOS SALÕES DO CLUBE JAPONÊS, PELAS 17 HORAS

Trajo impecávelmente limpo

Claro que um convite redigido em termos tão exóticos suscitou o espanto de todos. Nunca tinham visto uma coisa assim: eram eles que recebiam o cartão; e no entanto eram também eles que faziam o convite... E a despesa? Não houve nenhum que não se lembrasse de telefonar para o clube a saber quem pagaria a festa. E a resposta deixou-os embasbacados: *eram eles!* Perguntaram ainda quem fizera o convite. E a resposta continuou a deixá-los embasbacados: *eram eles!*

E que dizer daquela estranha recomendação: «*Trajo impecávelmente limpo*»?

Calcula-se, pois, o alvoroço com que todos se prepararam para comparecer no clube. Ás 16 horas já ninguém faltava.

Para cúmulo da curiosidade, encontraram o salão nobre pejado de malões fechados a sete chaves e ainda com grandes selos de lacre... O arquitecto Funcional e o advogado Rábula tentaram violar alguns dos cofres, mas disso os dissuadiu o velho mordomo do clube:

— V. Ex.as desculparão, mas estas bagagens só poderão ser abertas na presença dos Ex.mos Proprietários...

— Mas quem são esses *Ex.mos Proprietários?* — perguntou o engenheiro Obras Publicas, já com a mostarda a chegar-lhe ao nariz. — Estou farto de mistério!

— V. Ex.ª terá muita razão, senhor engenheiro, mas eu é que não estou em condições de poder responder-lhe. Cumpro ordens, senhor engenheiro, e V. Ex.ª sabe quanto sou rigoroso em cumprir ordens.

— É o Max! É o Porter! — gritou o advogado, a quem a inspiração fez dar um salto portentoso. — Já nos tinhamos esquecido deles. Vocês vão ver que acertei! Querem uma aposta?

— Lá estás tu com a mania das apostas!...

— É verdade! — lembrou-se o arquitecto. — É verdade!...

— É verdade, o quê? — inquiriu o engenheiro, que andava sempre em questão com o arquitecto.

— É verdade que fizemos uma aposta com eles, aliás com Porter...

O «*ah*» de espanto que todos soltaram ao mesmo tempo fez o ruido de uma camara-de-ar que subitamente se esvazia... E iam a embrenhar-se em conjecturas quando Max e Porter entraram solenemente no salão. Houve aplausos, vivas e depois todos crivaram os amigos recem-chegados com um tremendo espingardear de perguntas. Foi Porter quem, erguendo a mão sapuda, conseguiu serenar os animos.

— Eis-nos de volta, prezadíssimos consócios! — começou ele. — Acabámos de realizar a nossa extraordinária volta ao mundo da História. Começámos na Idade das Cavernas. Estivemos com o faraó Ramsés II. Vivemos no palácio de Nausica. Falámos com Aristófanes e Péricles, o democrata. Hospedámo-nos em casa de Juvenal, que nos levou ás termas. Ricardo Coração de Leão deu-nos os mais altos títulos de nobreza e permitiu que o acompanhássemos á Terceira Cruzada. Feitos prisioneiros por Saladino, gozámos os esplendores de Bagdad. Voltámos á Europa no tempo de Joana d'Arc. Depois conversámos, em Inglaterra, com o grande Francisco Bacon e com Isabel I. Suscitámos a cólera de Luís XIV. Tivemos amáveis relações com os dois democratas americanos Silas Deane e Benjamim Franklin. Passámos na Grã-Bretanha os ultimos anos do século XIX e os primeiros do presente. Tudo fizemos, nada poupámos para cumprir a aposta aqui feita. Tem a palavra o orador seguinte...

— Eu — bradou Max — eu não posso deixar de começar as minhas palavras com a confissão seguinte: *perdemos, ilustríssimos consócios, a nossa aposta com Porter! A Limpeza não é uma qualidade natural do homem, mas sim uma resultante de três factores:*

1.º — as descobertos científicas no domínio da química;

2.º — o avanço das técnicas;

3.º — o desenvolvimento da industria, que permite tornar mais acessível qualquer produto;

4.º — o bem-estar económico-social, os regimes democráticos que permitem a todos os cidadãos o gozo das melhores conquistas da inteligência humana!

Ora vede, prezados colegas, a diferença que existe hoje, em grau de asseio, nos diferentes povos do Mundo. Vede como os técnicamente e económicamente mais avançados são mais limpos, consomem mais sabão. Reparei que o sabão vem a seguir ao comer e vestir. Aquele que não tem dinheiro para comer não pode pensar em limpeza. Vejamos o mapa do consumo de sabão nos anos de 1950-1951.

Países com um consumo de 11,600 gramas por habitante:

Bélgica, Holanda, Suécia, Inglaterra e Estados Unidos da América.

Países com um consumo de 6,900 gramas por habitante:

Argentina, Austrália, Canadá, Cuba, Dinamarca, França, México, Nova Zelandia, África do Sul, Suíça, Uruguai, Alemanha.

Países com um consumo de 2,500 gramas por habitante:

Brasil, Columbia, Republica Dominicana, Eire, India, Itália, Jamaica, Japão, Java, Panamá, Filipinas, Porto Rico, Venezuela.

Como estão notando, prova-se que os países onde a população tem mais elevado nível de vida são também aqueles onde o consumo de sabão é maior. Mas este facto ainda melhor se revela através dos numeros seguintes:

Nas regiões onde o consumo de sabão se eleva a 11,600 gramas por cabeça, a população distribui-se da seguinte maneira:

28,3 % — operários; 18 % — camponeses.

Nas regiões onde esse consumo baixa para 6,900 gramas já a população se reparte de outra forma:

22,4 % — operários; 36 % — camponeses.

Finalmente nas regiões cujo consumo é mais baixo (2,500 gramas por cabeça) o panorama é este:

11,6 % — operários; 58,1 % — camponeses.

Como sabem os camponeses vivem ainda pior que os operários e por isso o seu consumo de sabão é menor.

Que me dizem agora? Trazemos dentro daqueles malões objectos recolhidos em todos os povos com quem convivemos e que documentam o grau de asseio a que chegaram. Daremos a todos os consócios uma narrativa das nossas aventuras; mas mais importante do que ela são os objectos que aqui trazemos, os quais provam irrefutávelmente aquela tese justíssima de que

HISTÓRIA E PRÉ-HISTÓRIA DO SABÃO

O ASSEIO É UM FRUTO DA CIVILIZAÇÃO

Meus senhores! É preciso lutar para difundir a civilização em toda a parte. É preciso contribuir para o avanço dos quatro factores a que atrás me referi. Podemos contar desde já convosco?

— Sim! — gritaram.

— Viva o bem-estar! Viva o asseio! Viva a civilização!

AQUI TERMINA A HISTÓRIA DA LIMPEZA. COMPETE AOS JOVENS CONTINUÁ-LA E ESCREVER MAIS UM BELO CAPÍTULO INSPIRADO NA JUSTIÇA E NA FRATERNIDADE HUMANAS

Perguntas... que esperam resposta

1—Qual é o mais célebre sorriso que jamais se viu pintado numa tela?

2—Quem pediu a Herodes a cabeça de S. João Baptista?

3—Que diferença existe entre um emigrante e um imigrante?

4—Durante a conflagração mundial 1939-45, várias cidades foram destruidas pela aviação. Nesse tempo de horror nasceu um verbo: conventrizar. *Sabes o que ele significa e de onde deriva?*

5—Que palavras se usam, na linguagem marítima para indicar a direita, a esquerda e a rectaguarda duma embarcação?

PORTUGAL E A JUVENTUDE

Concurso de Reportagens de Férias

Pergunta-nos um nosso amigo alentejano se pode fazer um trabalho geral sobre a sua terra, incluindo modo de viver do povo da região, as suas canções, os seus bailados, a sua maneira de falar, o seu nível de vida, etc.

Pois decerto que pode. O nosso amigo tem inteira liberdade para escrever. Só o aconselhamos a não fazer um trabalho superior ás suas forças. Desta forma, o que poderia e deveria ser muito bom sairá fatalmente mais fraco.

Isto não significa que não realize o belo projecto que tem em mente. Somos os primeiros a apoiá-lo. O que queremos é que poupe esforços e realize um trabalho que nos ajude a todos nós a conhecer mais (e portanto a amar ainda mais) o Alentejo.

Respondendo a este amigo aproveitamos a ocasião para lembrar a todos os restantes que estamos inteiramente á sua disposição para qualquer esclarecimento de que necessitem.

Curso elementar de estenografia

Por Natália da Fonseca

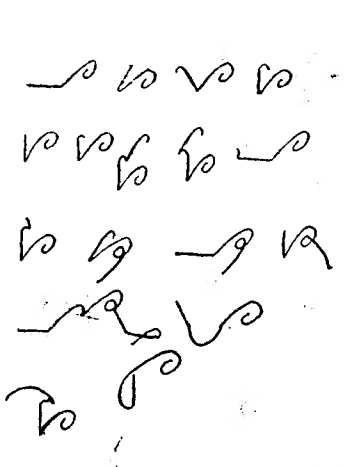
Para continuação do nosso estudo sobre Estenografia vamos hoje aprender o som *AXO*, que não oferece qualquer dificuldade, como já vão ter ocasião de verificar:

Axo

Representação fonética deste som que, como todos os precedentes, inclui o singular, plural, feminino, masculino, formas verbais e formas semelhantes.

Acho, echo, icho, ocho, ucho
aseo, eseo, iseo, oseo, useo
aiseo, eiseo, oiseo, uiseo
archo, erchо, irchо, orchо, urchо

Alguns exemplos de ligação:



(Da esquerda para a direita: mocho, rixa, tacho, peixe, caixa, despacho, repuxo, relaxe, ameixa, apache, rochedo, machado, cocheiro, frouxidão, debaixo, trapiche, cartuxo.

Palavras que os nossos amigos devem estenografar e enviar depois para a correcção, que fazemos sempre sem quaisquer encargos para eles: frouxo, mecha, tocha, eixo, fixe, encaixa, encaixado, trapiche, seixo, marcha,, escorcho, murchar, puxar, jarche, roxo, repuxado, fecho, cacho, trouxa, cochim, fechadura, tachista, cartucheira, moxico.

E ainda as seguintes frases, com os sons já divididos, para dar uma pequena ajuda.

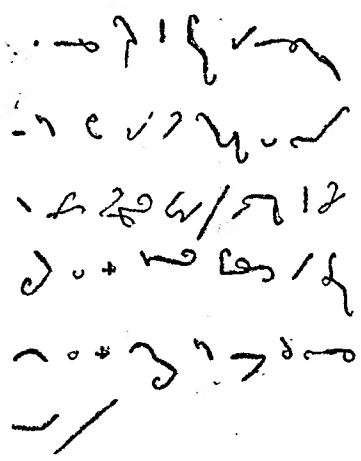
A/s c/r/ianças b/r/inc/avam (e)m r(e)d/o/r d/o r(e)p/uxo n/o j/ardim.

D(e)b/aixo d/o m/ocho acha/se o t/acho com o p/eixe.

A m/archa era f/r/ouxa, d(e)b/aixo d/a água.

O c/och/eiro f/o/i f/az/er o des/p/acho d/a c/aixa.

Correcção do Exercício do Juvenil n.º 71.



Tradução:

Há muito tempo que pedimos as mercadorias e até hoje ainda não tivemos o prazer de receber notícias suas.

Esperamos que nos digam o mais depressa possível se podemos contar com elas o mais tardar até meados do próximo mês.

Colaboração dos leitores

Um dos grandes motivos de justificado orgulho do nosso JUVENIL é este: dar aos nossos leitores e Amigos dedicados possibilidade de verem os seus trabalhos publicados e reconhecido o seu valor literário. Neste numero, por exemplo, pode ler-se colaboração de vários Amigos que merecem, amplamente, essa honra.

Pois bem, Amigos! Ficamos aguardando poesias, contos, artigos, não ultrapassando 600, 700 palavras de vossa autoria. NÃO É NECESSÁRIO DACTILOGRAFAR. Se o merecerem, publicá-lo-emos.